

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BIBLIOTECA ESCOLAR:
DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Katiane Crescente Lourenço

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração de Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Dr. Vera Teixeira de Aguiar
Orientador

Porto Alegre
2010

KATIANE CRESCENTE LOURENÇO

BIBLIOTECA ESCOLAR:
DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

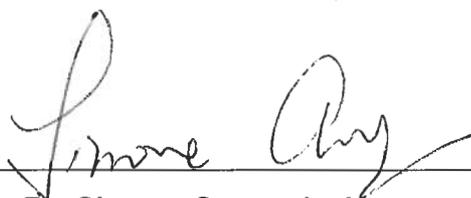
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 07 de janeiro de 2010

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dr. Vera Teixeira de Aguiar - PUCRS



Profa. Dr. Simone Souza de Assumpção - UNISINOS



Profa. Dr. Maria Tereza Amodeo - PUCRS

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES, pela concessão da bolsa de pesquisa;

À Profª Vera Teixeira de Aguiar, pela orientação criteriosa durante o trabalho, com colocações que foram essenciais para a minha qualificação profissional. Obrigada pela atenção e pelo carinho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), pelas referências durante as disciplinas, que foram e estão sendo muito importantes para a minha formação.

À Secretaria de Educação, Esporte e Lazer de São Leopoldo, pela acolhida e pelo interesse que demonstraram na realização do Curso de Formação. Em especial, à secretária Maria Luiza da Cunha Sedrez e à coordenadora pedagógica Leocádia Inês Schoffen, pela aceitação da pesquisa. Agradeço também à Lucrécia Raquel Fuhrmann e Sandra Lanzoni, pela atenção e apoio dispensadas e por estarem presentes em todos os encontros do Curso, representando a SMED.

Às professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares de São Leopoldo, pela recepção e pela troca durante o Curso, pois foram momentos muito significativos para mim.

Ao Celso Sisto e à Paula Mastroberti, pela disponibilidade de ministrarem uma palestra às professoras durante o Curso.

À Profª Simone Assumpção, por incentivar a minha continuidade acadêmica.

À Talita Félix Schneider, pela amizade e pelo apoio.

A todos os meus familiares, pela compreensão durante o trabalho, com destaque para os meus pais, Pedro João Crescente e Elga Ana Crescente.

Em especial, ao meu marido, Luís Fernando Lourenço, que esteve presente com suas opiniões, apoiando e compartilhando deste momento tão importante para a minha formação profissional.

*“Os livros, penso que são
Como portas encantadas,
Que levam a lindas terras,
Onde moram anões e fadas.*

*Lugares longe e tão belos
Aonde eu não podia ir,
Mas, agora, com esta porta
É só ter cuidado e... abrir.”
(Adelaide Love)*

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar a criação de uma proposta para a formação do mediador de leitura literária fundada nos resultados de uma experiência empírica de pesquisa, por meio de um Curso de Formação, tendo como amostra 25 professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares do município de São Leopoldo/RS. O Curso de Formação, **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**, apresentou diversas temáticas, por meio de oficinas, palestras, debates e grupos de estudos, com o intuito de sensibilizar as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares a repensarem a sua prática. Como material de pesquisa, adotaram-se as produções feitas pelas professoras, bem como as observações registradas durante o Curso, as quais permitiram identificar os seguintes itens, em relação ao mediador: perfil de entrada, qualificação e perfil de saída. A partir de então, formularam-se as conclusões dessa experiência, verificando-se, assim, as contribuições do Curso de Formação para o desempenho profissional do grupo envolvido no processo. A fundamentação teórica do trabalho e do Curso disse respeito aos estudos sobre o histórico e os gêneros da literatura infantil, bem como da leitura no ambiente escolar, com destaque para o papel do mediador de leitura na formação de leitores.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Formação do professor. Mediação de leitura.

ABSTRACT

This paper intends to present a proposal for the training of a literary reading mediator based on the results of an empiric research experience through Courses, having 25 librarian teachers from São Leopoldo, RS, as sample. The course **School Library: from mediation to practice** presented various themes in workshops, lectures, debates and study groups, aiming to sensitize librarian school teachers to rethink their practice. As research material, teachers' writings and observations made along the courses, were used, and those allowed one to identify the following items, related to mediator: entrance profile, qualification and exit profile. From that on, the implications of this experience were analyzed, and the contribution of the Course for the professional performance of the group involved in the process was verified. The theoretical groundings for this paper and for the Course are related to Children literature genre and history, as well as to school environment, with highlights for the role of the reading mediator in readers' training.

Key-words: School Library. Teacher training. Reading mediation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A LEITURA PARA CRIANÇAS	14
1.1 A LITERATURA INFANTIL EM SEU PERCURSO	14
1.2 OS GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL	21
1.2.1 A tradição das narrativas populares	21
1.2.2 O mundo encantado dos contos de fadas	24
1.2.3 A ilustração nos livros de imagens e nas narrativas curtas	27
1.2.4 O lúdico na poesia infantil	30
1.3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS.....	36
2 A LEITURA E A BIBLIOTECA ESCOLAR	39
2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA	39
2.2 A LEITURA NA ESCOLA	45
2.3 O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR	48
2.4 O PAPEL DO MEDIADOR DE LEITURA	52
2.5 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO	55
3 A PESQUISA EMPÍRICA.....	60
3.1 A DELIMITAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	60
3.2 O CURSO DE FORMAÇÃO: INSTRUMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA	64
4 OS MEDIADORES E SUA VOZ	71
4.1 AS PRÁTICAS DE LEITURA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS	71
4.2 A LEITURA NA ESCOLA E NA BIBLIOTECA	76
4.3 AS IMPRESSÕES EM RELAÇÃO AO CURSO	85
4.4 A BIBLIOTECA DOS MEUS SONHOS	88
5 A MEDIAÇÃO LITERÁRIA	92
5.1 O MEDIADOR COMO LEITOR	92
5.2 O MEDIADOR COMO FORMADOR DE LEITORES.....	96

CONCLUSÃO.....	105
REFERÊNCIAS	111
APÊNDICES	119
APÊNDICE A - Modelo de autorização para as professoras	120
APÊNDICE B - Modelo de autorização para as escolas.....	122
APÊNDICE C - Modelo de ficha de observação	124
APÊNDICE D - Observações dos encontros do Curso	126
APÊNDICE E - Modelo de produção textual inicial e final "Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças..."	141
APÊNDICE F - Cronograma do Curso de Formação	143
APÊNDICE G - Modelo de produção textual "Participando deste Curso, eu busco..."	147
APÊNDICE H - Material teórico sobre literatura infantil.....	149
APÊNDICE I - Material prático sobre os contos populares	156
APÊNDICE J - Material prático sobre os livros de imagens e as narrativas curtas	159
APÊNDICE K - Modelo de produção textual "Na minha escola, a leitura..."	162
APÊNDICE L - Material teórico sobre a leitura na escola	164
APÊNDICE M - Material teórico sobre os contos de fadas	168
APÊNDICE N - Modelo de produção textual "Na biblioteca da minha escola, eu..."	180
APÊNDICE O - Material teórico sobre a biblioteca escolar	182
APÊNDICE P - Material teórico sobre as histórias em quadrinhos	189
APÊNDICE Q - Modelo de questionário - obras trabalhadas	200
APÊNDICE R - Material teórico sobre os critérios para selecionar um livro infantil	202
APÊNDICE S - Modelo de questionário - interesses e hábitos de leitura.....	208
APÊNDICE T - Material teórico sobre a poesia infantil.....	210
APÊNDICE U - Material teórico para a elaboração de um projeto de leitura	219
APÊNDICE V - Modelo de produção textual avaliativa "O que mais me marcou no Curso foi..."	222
ANEXOS	224
ANEXO A - Autorização da SMED para uso do material	225
ANEXO B - Análises de obras infantis	227
ANEXO C - Projetos de leitura elaborados pelas professoras	235

ANEXO D - Respostas do questionário - interesses e hábitos de leitura	242
ANEXO E - Respostas da produção textual "Na minha escola, a leitura..."	258
ANEXO F - Respostas da produção textual "Na biblioteca da minha escola, eu..."	264
ANEXO G - Respostas do questionário - obras trabalhadas	271
ANEXO H - Respostas da produção textual "Participando deste Curso, eu busco..."	278
ANEXO I - Respostas da produção textual "O que mais me marcou no Curso foi..."	283
ANEXO J - Respostas da produção textual inicial "Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças..."	288
ANEXO K - Respostas da produção textual final "Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças..."	293

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como enfoque a criação de uma proposta para a formação do mediador¹ de leitura literária, fundada nos resultados de uma experiência empírica de pesquisa, tendo como amostra as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares municipais de São Leopoldo.

Esse estudo se justifica, na medida em que se entende a importância da mediação de leitura na escola, por meio de atividades como a contação de histórias, pois é através de uma história envolvente que as crianças irão adquirir o gosto pela leitura, desenvolverão a imaginação e enriquecerão a linguagem, tornando-se, assim, leitores. Portanto, é necessário que os professores responsáveis pelas bibliotecas escolares sejam mediadores de leitura, oportunizando às crianças contato com obras literárias de qualidade. Nesse sentido, é fundamental que o professor seja um leitor, para que, assim, possa incentivar a leitura na escola.

Como a temática é a formação do mediador de leitura literária, fez-se um levantamento no Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) em várias Instituições de Ensino Superior no Brasil², e, por meio dessa pesquisa, verificou-se que há trabalhos envolvendo a questão da mediação de leitura literária, porém nenhum, especificamente, com o profissional responsável pela biblioteca escolar. Assim, levando-se em conta o foco da pesquisa, destacam-se os cinco mais relevantes que envolveram a questão da mediação de leitura.

A dissertação *Leitura e escritura: olhares sobre mediação*, de José Wanderley Alves de Sousa, orientada por Neide Medeiros Santos, foi defendida na Universidade Federal da Paraíba, em 1997. A pesquisa trata da contextualização da situação atual dos mediadores de

¹ Entende-se como mediador aquele que realiza um trabalho significativo de leitura com crianças e jovens, como o professor responsável pela biblioteca, o bibliotecário, o professor titular da turma e demais agentes culturais.

² Universidades pesquisadas: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Universidade Estadual de Maringá (UEM), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

leitura formados pelos Cursos de Licenciaturas, Letras e Pedagogia, do Centro de Formação de Professores - CEP, da Universidade Federal da Paraíba, sediado em Cajazeiras, cidade do Alto Sertão Paraibano, apresentando o relato de uma experiência desenvolvida numa oficina de leitura e produção textual com esses profissionais.

A dissertação *Leitura de literatura e sua relação com a consciência social do sujeito*, de Baiard Ibaté Brocker da Rosa, orientada por Vera Teixeira de Aguiar, foi defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2004. Nessa pesquisa, o autor analisa a relação entre a leitura de literatura e a constituição do sujeito social, tendo como público-alvo um grupo de formação de mediadores de leitura, organizado pelo Programa de Políticas Públicas de Leitura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Destacou em sua análise a necessidade de uma adequada mediação entre o texto literário e o seu receptor, por meio do planejamento de ações que visem à promoção da leitura de literatura.

A dissertação *A formação do leitor em cidades de pequeno porte: o caso Luiziana*, de Isaias Munis Batista, orientada por Alice Áurea Penteadó Martha, foi defendida na Universidade Estadual de Maringá, em 2004. Nessa pesquisa é feito um estudo, com base na Sociologia da Leitura, sobre como têm atuado as instâncias mediadoras de leitura no contexto escolar e extraescolar, na cidade de Luiziana. O levantamento foi feito por meio de questionários e entrevistas; de posse dos registros, procedeu-se à análise da situação, evidenciando os pontos de influência das instâncias mediadoras de leitura.

A dissertação *Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros*, de Carlos Eduardo de Oliveira Klebis, orientado por Lilian Lopes Martin da Silva, foi defendida na Universidade Estadual de Campinas, em 2006. Nessa pesquisa o autor procurou investigar os determinantes de algumas práticas de leitura entre sujeitos e textos no interior das escolas e bibliotecas escolares, com o objetivo de melhor compreender as práticas escolares voltadas à formação de leitores, buscando investigar as reais condições em que se dá a construção das relações entre leitores e livros na escola pública.

A tese *Um CLIC para perpetuar a felicidade clandestina: reflexões sobre mediação de leitura*, de Cristine Lima Zancani, orientada por Vera Teixeira de Aguiar, foi defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 2008. Nessa pesquisa o objeto de estudo foi a mediação de leitura, a partir da figura do mediador que atua no CLIC, projeto de pesquisa inserido no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS. Foram feitas entrevistas com os mediadores e as respostas foram examinadas relacionando as histórias de

leitura dos mediadores com as histórias do CLIC, visando contribuir para a criação de parâmetros para a formação e atuação de mediadores.

A partir desses estudos, entende-se a necessidade de se repensar a prática de mediação de leitura do profissional que está à frente de uma biblioteca escolar. Acrescente-se que esse estudo sobre a formação de mediadores de leitura relaciona-se com a linha de pesquisa Teorias Críticas da Literatura, que faz parte do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na Área de Concentração de Teoria da Literatura, dado esse que legitima e justifica a pesquisa proposta.

Os objetivos da pesquisa dizem respeito à criação de uma proposta para a formação do mediador de leitura literária, tendo como foco os professores responsáveis por bibliotecas escolares, instigando-os a repensarem a sua prática e a conscientizarem-se do papel fundamental que exercem na formação de leitores; bem como à análise do perfil dos profissionais responsáveis pelas bibliotecas escolares municipais de São Leopoldo.

As questões que norteiam a pesquisa são as seguintes: Qual a base teórica no planejamento das atividades das professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares? Com quais obras literárias as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares trabalham? Como as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares veem sua prática como mediadoras de leitura? Que atividades são desenvolvidas na biblioteca escolar para a formação de leitores? Como qualificar a ação dos mediadores de leitura no espaço da biblioteca escolar?

Para isso, o primeiro capítulo faz um estudo sobre a teoria, a história e os gêneros da literatura infantil, abrangendo os contos populares, os contos de fadas, os livros de imagens, as narrativas curtas, a poesia infantil e as histórias em quadrinhos; pois se entende a importância desses estudos para quem se propõe a mediar atividades de leitura com crianças e jovens. Dentre os teóricos que embasaram esse capítulo, estão Jesualdo Sosa, Nelly Novaes Coelho, Vera Teixeira de Aguiar e Regina Zilberman.

No segundo capítulo é feito um estudo partindo de uma perspectiva sociológica da leitura, tendo como foco o ambiente escolar, e uma abordagem do espaço da biblioteca escolar, para se chegar ao papel do mediador de leitura na formação de leitores. A base teórica diz respeito aos escritos de Ezequiel Theodoro da Silva, Teresa Colomer, Michèle Petit, Isabel Solé, Roger Chartier, Magda Soares, entre outros. Esse capítulo é fundamental para a análise dos resultados da experiência empírica.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia da pesquisa, que é bibliográfica e de campo, tendo como amostra 25 professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares municipais de São Leopoldo, que fizeram parte do Curso de Formação – **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**. O método utilizado na pesquisa é de caráter qualitativo, tendo como base os seguintes instrumentos: as produções textuais feitas pelas professoras e as observações registradas pela pesquisadora durante o Curso. Tais informações serão organizadas por categorias, de acordo com a temática enfocada nas produções.

O quarto capítulo diz respeito à análise dos dados referentes às produções textuais feitas pelas professoras responsáveis pelas bibliotecas e as observações registradas durante o Curso, tendo como base as categorias elaboradas. Vale ressaltar que, para que haja uma comprovação dos resultados obtidos, são descritas as respostas das professoras.

Finalmente, o quinto capítulo tratará da interpretação dos resultados à luz do referencial teórico, comparando os estudos realizados com as respostas dadas, verificando, assim, se houve um crescimento teórico e prático das professoras, por meio da participação no Curso. A partir dessas análises são confrontadas as questões norteadoras com os dados obtidos a fim de se chegar às conclusões da pesquisa. Assim, comparam-se os perfis de entrada e saída e chega-se ao cerne desse trabalho, verificando se o Curso contribuiu para o mediador realizar um trabalho significativo na biblioteca escolar. A partir dessas constatações, podem-se traçar coordenadas que contribuam para a efetiva qualificação das práticas de mediação.

1 A LEITURA PARA CRIANÇAS

Ah! tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu, sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal.

Cecília Meireles

Neste primeiro capítulo é apresentado o percurso histórico da literatura infantil, bem como os gêneros que a compõe, como contos populares, contos de fadas, livros de imagens, narrativas curtas e poesia infantil. As histórias em quadrinhos têm um capítulo à parte, por ser considerado um material de leitura que está à disposição das crianças, porém não especificamente dirigido a elas, mas que, cada vez mais, ganha espaço no âmbito da literatura infantil.

Assim, trata-se de uma explanação da teoria, como forma de legitimar o Curso de Formação – **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**, que teve o intuito de expor, de forma sucinta, a teoria sobre os temas referidos, priorizando as atividades práticas com esses gêneros da literatura infantil.

1.1 A LITERATURA INFANTIL EM SEU PERCURSO

A literatura infantil surgiu entre os séculos XVII e XVIII, com a ascensão da burguesia na sociedade europeia. Antes disso, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, pois compartilhavam, junto com os adultos, da vida social, política e religiosa da comunidade (ZILBERMAN, 2003). Esse crescimento econômico e político resultou numa nova ordem social e cultural, a qual impunha um sujeito “apto para exercer seu trabalho com eficiência e dele obter lucros” (AGUIAR, 2001, p. 23). Portanto, foi a partir desse novo

modelo burguês de família que a infância foi compreendida como um período de interesses próprios:

Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação – a criança havia assumido um lugar central dentro da família (ARIÈS, 1981, p. 164).

Com essa valorização da infância, que particularizava a criança como um indivíduo que merecia uma atenção especial, determinou-se sua dependência em relação aos adultos. Portanto, a escola, por meio das suas ações pedagógicas, tornou-se o local onde a criança, com sua falta de experiência e sua inocência natural, era preparada para os duros embates com a realidade (ZILBERMAN, 2003).

Como a escola foi a aliada desse novo modelo, teve um duplo papel, o de introduzir a criança na vida adulta e o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior. Essa aproximação também se deu pelo fato de os primeiros textos terem sido produzidos por pedagogos e por professores com o intuito educativo de preconizar valores (ZILBERMAN, 2003).

Jean-Jacques Rousseau defende a ideia de que “a natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens”, pois “a infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas” (1999, p. 86), ou seja, o autor critica os adultos que acreditavam que as “suas maneiras” seriam as melhores para a criança, usufruindo, muitas vezes, da literatura infantil para esse feito. Para Regina Zilberman:

O problema pode-se agravar quando o livro é introduzido na escola. Porque, nesse caso, as forças se conjugam no projeto de doutrinar os meninos ou então seduzi-los com a imagem que a sociedade quer que assumam – a de seres enfraquecidos e dependentes (2003, p. 24).

Com base nessa afirmação, entende-se por que a literatura infantil era caracterizada pela escola como uma forma literária menor, pois era atrelada a uma função utilitária que a fez ser mais pedagogia do que literatura, tornando problemática a relação entre a literatura e o ensino (ZILBERMAN, 2003).

Como a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades e de impor sua ideologia, “careceu de imediato de estatuto artístico, sendo-lhe negado a partir de então um reconhecimento de valor estético, vale dizer, a oportunidade de fazer parte do reduto seletivo da literatura” (ZILBERMAN, 2003, p. 34).

No entanto, Jesualdo Sosa (1978) destaca os quatro elementos que levam a criança a sentir prazer na leitura de livros infantis: o **caráter imaginoso**, que é o interesse da criança por essa vida mais imaginativa do que real, através de desenhos ou ilustrações que mais sugerem do que dizem, sendo essa “qualidade imaginosa” que afirmará, em primeira instância, o máximo interesse da expressão para a criança; o **dramatismo**, que centraliza toda a atenção da criança, pois ela tem esperança no drama vivido, expressando alegria ou aflição no desenrolar das cenas da narrativa; a **técnica do desenvolvimento**, que é a maneira como o autor desenvolve o trecho dos acontecimentos, por meio das descrições das personagens; e, por fim, a **linguagem**, que tem uma importância vital para a “degustação” da obra e resume a habilidade do criador, pois é através de uma escrita agradável e simples, o que não significa ser trivial, que o autor conquista o seu leitor.

Por sua vez, Cecília Meireles afirma que a “Literatura” é uma só, e a dificuldade está em delimitar o que se considera, especialmente, do âmbito infantil. A autora ressalta que as crianças é que deveriam fazer essa delimitação, expondo a sua preferência, pois “costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil *a priori*, mas *a posteriori*” (1984, p. 20). Nesse sentido, Lígia Cademartori é categórica:

A principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem quer que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já se sabe, *a priori*, o que interessa a esse público específico (1987, p. 8).

Segundo Teresa Colomer, a polêmica sobre o caráter literário da literatura infantil diz respeito a uma contradição: “os livros são escritos, comprados e avaliados por adultos” (2003, p. 46). A autora salienta que houve teóricos que acreditavam numa seleção pela qualidade literária e outros que preferiam textos que agradassem às crianças:

A tensão entre as duas posições extremas, quer dizer, entre a avaliação do texto ou a consideração ao leitor, teve momentos de maior ou menor inclinação para um dos dois pólos, mas mantém um equilíbrio estável, já que dificilmente alguém pode pretender anular totalmente um dos critérios. O problema, portanto, se apresenta sempre sob forma de como selecionar os livros de maneira que exijam um esforço de interpretação, mas sem que esta literatura se torne distante para aqueles que se supõe sejam seus destinatários (2003, p. 46).

Assim, foi a partir dos anos setenta que “os esforços se centraram então, mais do que em procurar marcas literárias, em definir os traços específicos da literatura para crianças” (COLOMER, 2003, p. 51), por meio de histórias protagonizadas por crianças e por determinados elementos que eram recorrentes na trama, como provas, viagens no tempo e formas distintas de iniciação à idade adulta.

Diante dessas prerrogativas, a literatura infantil universal, mesmo com seu início vinculado à pedagogia, apresentou obras que permaneceram pelas suas qualidades estéticas, como os contos de fadas, recolhidos por Charles Perrault, e as adaptações de romances de aventuras, como *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984). Nas palavras de Bárbara de Carvalho:

A Literatura Infantil tem seu início através de Charles Perrault, clássico dos contos de fadas, no século XVII. Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época, que tais estórias (sic), por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança (1987, p. 77).

Já no século XIX Wilhelm e Jacob Grimm repetem o caminho bem-sucedido de Perrault e recolhem os contos de fadas, alcançando êxito e convertendo a sua obra em sinônimo de literatura para crianças, pois agradava aos pequenos leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984). Ainda no século XIX, Hans Christian Andersen publicou outra grande antologia de contos de fadas, que o consagrou como o verdadeiro criador da literatura infantil, pois apresentou um diferencial em relação às obras de Perrault e às dos Irmãos Grimm:

É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo os modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia (MACHADO, 2002, p. 72).

Pode-se dizer que o século XIX foi, por excelência, o século de afirmação da literatura infantil, pois, além dos contos de fadas, os clássicos universais foram considerados livros marcantes, por desafiarem o tempo e continuarem vivos na imaginação de tantas crianças. Destacam-se as seguintes obras: *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol; *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain; *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson; *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi; *Peter Pan*, de James Barrie; e tantas outras que contribuíram para a formação de leitores no mundo inteiro (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Segundo Italo Calvino, “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (2007, p. 12). E é na leitura ou na releitura de um clássico que podemos viajar para outros lugares, vivenciar emoções de personagens e nos propiciar entender melhor o sentido de nossas próprias experiências.

O melhor exemplo de clássico na literatura universal é *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, pois, mesmo que nem todos tenham lido, não tem quem já não tenha ouvido falar nas personagens Dom Quixote e Sancho Pança e em suas aventuras. Além disso, esse romance apresenta um enredo que continua atual, pois se trata da defesa de valores como a justiça e a paz. Segundo Nazira Salem, “esse romance foi traduzido para diversas línguas, e mais tarde adaptado para as crianças, pois episódios como a luta contra os moinhos de vento, o ataque ao teatro de fantoches, divertem deveras as crianças” (1970, p. 141).

Pode-se explicitar a importância do referido clássico e de outros tantos já citados, por meio da afirmação de Calvino, de que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (2007, p. 11).

Já no Brasil, a literatura infantil, assim como a literatura infantil universal, não era reconhecida como produção artística, e sim como uma literatura menor. Novamente, a escola teve a tarefa de apresentar uma literatura infantil, tendo essa um caráter didático e sendo usada para doutrinar as crianças:

Manifesta-se, através desse procedimento, com uma concretude rara na literatura não-infantil, a imagem que de si mesma e de seu leitor faz a literatura infantil, confirmando seus compromissos com um projeto pedagógico que acreditava piamente na reprodução passiva de comportamentos, atitudes e valores que os textos manifestavam e, manifestando, desejavam inculcar nos leitores (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 34).

A literatura infantil que circulava no Brasil era uma adaptação dos seguintes clássicos: *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchausen* (1891), *D. Quixote de la Mancha* (1901) e os contos de Perrault, Grimm e Andersen. Como havia uma ausência de material de leitura e de livros para a infância brasileira, esses clássicos foram adaptados, pois já se entendia a importância do hábito da leitura para a formação do cidadão, “formação que, a curto, médio e longo prazo, era o papel que se esperava do sistema escolar que então se pretendia implantar e expandir” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 28).

Com o aumento dessas adaptações, começou a se pensar em uma literatura própria, que valorizasse o nacional (COELHO, 1991). E foi por meio da leitura escolar que se difundiu a exaltação ao civismo e ao patriotismo. As principais obras foram: *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adeline Lopes Vieira (1886); *Pátria*, de João Vieira de Almeida (1889); *Contos pátrios*, de Olavo Bilac (1904); *Histórias da nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida (1907) (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

No entanto, foi na década de 20 que ocorreu a grande virada da literatura infantil brasileira, por meio da obra do escritor Monteiro Lobato, na qual a criança brasileira se encontrou e pôde viver o seu mundo de imaginação (AGUIAR, 2001). Segundo Nelly Novaes Coelho, coube a Monteiro Lobato “a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje”, encontrando o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando, pois “rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia” (1991, p. 225). Assim, as crianças sentiam-se atraídas pelo seu texto, como reforça a autora:

Seu sucesso irrestrito entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um fator decisivo: eles se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação *familiar e afetiva*, que era subitamente penetrada pelo *maravilhoso* ou pelo *mágico*, com a mais absoluta naturalidade (1991, p. 227).

Monteiro Lobato, sem dúvida, é o maior clássico da literatura infantil brasileira, pois ele não recriou seus contos baseando-se em outros; ele os criou, assim como construiu um universo para as crianças, o Sítio do Picapau Amarelo, um cenário natural enriquecido pelo folclore de seu povo (CARVALHO, 1987). Esse cenário apresentava várias personagens, tendo como destaque Dona Benta, a qual contava histórias para as crianças, recuperando o clima das antigas narrativas orais e assim encantando diversos leitores (AGUIAR, 2001).

Foi pelas mãos de Monteiro Lobato que, em 1921, publicou-se *A menina do narizinho arrebitado*, cuja obra apresentava uma linguagem compreensível e atraente, pois rompia com o padrão culto de então e introduzia a oralidade, tanto na fala das personagens, como no discurso do narrador (AGUIAR, 2001).

Já os anos de 1930 e 1940 foram marcados por um intenso esforço de reorganização política e de reconstrução econômica, com a Era Getuliana:

O panorama dos anos 30/40 mostra que, além dos livros de Lobato e das obras clássicas traduzidas ou adaptadas, apenas alguns escritores, entre os que escreveram

na época, atingiram a desejável literariedade. No geral, predomina o imediatismo das informações úteis e da formação cívica (COELHO, 1991, p. 241).

Nesse período, Monteiro Lobato teve seus “continuadores” que, como ele, produziram uma literatura comprometida com intuítos políticos e vontade de mudar a sociedade, utilizando-se, muitas vezes, do “maravilhoso” como elemento integrante do real. Destacam-se: Viriato Correia, com *Cazuza*; Erico Verissimo, com *Aventuras do avião vermelho*, *O urso com música na barriga* e *A vida do elefante Basílio*; e Graciliano Ramos, com *A terra dos meninos pelados* (ZILBERMAN, 2005).

Nos anos 50 houve uma expansão gradual dos meios de comunicação de massa, com destaque para a televisão. Nesse período, a literatura infantil brasileira apresentou obras que repetiam à exaustão o modelo lobatiano de contar histórias, ocorrendo um retrocesso, no que diz respeito à criatividade. Já nos anos 60 aconteceu uma espécie de preparação para a efetiva renovação da década que viria a seguir, com uma produção promissora, mas que foi reprimida pela revolução militar. Diante disso, “inúmeros escritores, e especialmente os de livros infantis, recorreram à linguagem figurada como forma de exprimir o que não era permitido” (AGUIAR, 2001, p. 27).

Nas décadas de 70 e 80, a produção literária brasileira foi marcada por profundas transformações, pois apresentou personagens e enredos livres dos modelos exemplares, bem como uma linguagem coloquial. Algumas obras se destacaram nesse período, como *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha; *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado; *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque de Holanda; *A casa da madrinha*, *Corda bamba*, de Lygia Bojunga Nunes; *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984).

Deve-se considerar que, junto a edições de qualidade estética, surgiram obras que não tinham compromisso com o leitor infantil, portanto, durante todo o percurso da literatura infantil brasileira houve a tensão entre dois pólos: “pedagogismo e proposta emancipatória, massificação e liberdade expressiva”. Tal afirmação comprova-se atualmente, pois, segundo Vera Teixeira de Aguiar, “hoje, quantidade e qualidade coexistem na literatura infantil, na qual grande produção de textos estereotipados compete com sucesso no mercado de bens culturais”, situação que “não é tranquila para o leitor, que precisa se salvar do bombardeio dos livros meramente comerciais para chegar ao bom texto” (2001, p. 34).

1.2 OS GÊNEROS DA LITERATURA INFANTIL

1.2.1 A tradição das narrativas populares

Há diversas narrativas infantis que surgiram de criações populares. A origem dessas narrativas remonta à oralidade, que as fez se perpetuarem de geração em geração, como os contos populares, os contos de fadas, as fábulas e as lendas. O conto popular é um relato que “se diz e se transmite oralmente” (SIMONSEN, 1984, p. 5). Esse tipo de texto tem como características apresentar-se em prosa ou em fórmulas rimadas, narrar acontecimentos fictícios, protagonizados por seres humanos, seres sobrenaturais ou animais, com a finalidade de divertimento.

Segundo Luís da Câmara Cascudo, “o conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual” (1978, p. 243). Assim, a literatura oral é vasta e poderosa, pois compreende um público que não guarda o nome do autor, apenas o enredo, o assunto e a ação. Ana Maria Machado confirma essa ideia afirmando:

Quem contava um conto aumentava um ponto, acrescentava uma situação, modificava um detalhe, repetia um elemento. Não foram obras de um único autor, consciente de seu ofício, trabalhando elaboradamente em cima de uma ideia. Durante muitos e muitos séculos, nem ao menos foram escritos. Sobreviveram e se espalharam por toda parte graças à memória e à habilidade narrativa de gerações de contadores variados, que dedicavam parte das longas noites do tempo em que não havia eletricidade para entreter a si mesmos e aos outros contando e ouvindo histórias (2002, p. 69).

Com base nisso, o conto reflete a importância da “ficticidade” como caráter distintivo, pois é um relato que não afirma a realidade do que ele representa, mas, ao contrário, procura, deliberadamente, destruir “a ilusão realista” (SIMONSEN, 1984). Portanto, a magia e o encanto desses contos estão nessa maneira imprecisa de misturar-se realidade e fantasia, sendo uma forma de ficção necessária para a construção pessoal e cultural das crianças (COLOMER, 2003).

Além dos contos populares, a fábula, narrativa moralizante, também se destinava ao público infantil. No entanto, muitas foram as críticas em relação a esse tipo de narrativa ser trabalhada no âmbito da literatura infantil. Em primeiro lugar, a fábula é uma “pequena narração de acontecimentos fictícios, que tem dupla finalidade: instruir e divertir” (CARVALHO, 1987, p. 42), ou seja, trata-se de uma pequena composição que se encerra com uma moral. Fábula é uma palavra que vem do latim *fabla*, isto é, falar, que significa o mesmo que fabular ou narrar fábulas, contos, lendas, tendo, como sentido geral, o contar (SOSA, 1978).

As ações das fábulas são protagonizadas por animais ou animais e homens, o que as diferenciam do **apólogo**, que é protagonizado por seres inanimados, e da **parábola**, que é protagonizada somente por seres humanos. A origem da fábula se perde no tempo, pois não há como fixá-la. Acredita-se que tenha sido documentada desde Buda, e que muitas fábulas atribuídas a Esopo já haviam sido divulgadas 1.000 anos antes, no Egito e na Índia (CARVALHO, 1987). Esopo introduziu a fábula na Grécia, e Fedro, em Roma; posteriormente, no século XVII, o francês Jean de La Fontaine reinventou a fábula e introduziu-a definitivamente na literatura ocidental (COELHO, 2000).

A fábula apresenta-se como transmissora de conhecimentos, pois é por meio da moral que se explicita o ensinamento pretendido. Contudo, a criança valoriza muito mais o acontecimento dramático, do que a moral propriamente dita (SOSA, 1978). Rousseau (1999), em sua obra *Emílio ou da educação*, fez uma análise do caráter moralizador das fábulas, referindo-se à obra de La Fontaine. O autor afirma que as crianças são incapazes de entender as fábulas e que seria até pior se as entendessem, pois a moral que apresentam é tão impura e tão fora de propósito, que as conduziria mais ao vício do que à virtude. Essa afirmação vem ao encontro da expressa por Bárbara Carvalho (1987), a qual ressalta que as fábulas clássicas não foram escritas para a criança, pelo fato de apresentarem os animais transformados em símbolos de má conduta, agindo como homens em suas manifestações negativas.

Por seu turno, Jesualdo Sosa afirma que, apesar do exagerado radicalismo, as afirmações de Rousseau registraram de maneira extraordinária a verdade ou mentira científica que é frequente nas fábulas. Portanto, “mais do que o aspecto moral, atribuir à fábula, no aspecto científico, sem rigor de veracidade, propriedades, vícios ou defeitos, ou exagerar virtudes dos animais, pode envolver certo perigo para o conhecimento infantil” (1978, p. 149).

Em relação à fábula moderna, essa apresenta um novo aspecto psicopedagógico, pois os animais são animais e interessam às crianças, e tem Walt Disney como novo gênio, pois ele

criou e animou tipos inconfundíveis, como o “Pato Donald”, a mais universal de suas personagens animais; e “Mickey”, um camundonguinho honesto e engenhoso (CARVALHO, 1987). No Brasil, Monteiro Lobato dá atenção ao gênero em sua obra *Fábulas*, sendo considerado o criador da fábula moderna, pois lhe deu nova vida, assim, aproximando-a da realidade do leitor brasileiro:

O fabulário lobatiano é vivo, simples, cheio de movimento e bom humor. Ao lado das incomparáveis adaptações de que se compõe seu livro de *Fábulas*, encontramos também *Fábulas novas*, de sua criação, como “Os Dois Viajantes na Macacolândia”, uma sátira de costumes. A Fábula “A Cigarra e as Formigas” adquire uma concepção nova, de profunda penetração e sensibilidade, com amplitude e visão intelectual, tornando-a simpática e humana, sem aquela conceituação rígida de incompreensão e de hostilidade sistemática, que angustia e deprime (CARVALHO, 1987, p. 166).

Outro texto muito apreciado pelo público infantil é a lenda, termo que vem do latim “legenda” (legere = ler), que consiste no “relato de acontecimentos em que o maravilhoso e o imaginário superam o histórico e o verdadeiro. É transmitida e conservada pela tradição oral” (COELHO, 2000, p. 171). Nas palavras de Jesualdo Sosa:

Assim, pois, nasce a lenda da propensão do espírito humano a explicar o maravilhoso, aquilo que não compreende, do seu assombro diante dos fatos naturais que desconhece. Por isso, a lenda, em seu princípio, não é senão a história das primeiras lutas do homem, de sua ignorância e de sua ânsia por desvendar o mistério que o rodeia e o aprisiona (1978, p. 109).

Caracterizada como um texto folclórico, a lenda prende a atenção do ouvinte, pois esclarece a existência de vários costumes e crenças próprias de cada região, bem como apresenta textos que são considerados verídicos pelo seu locutor, como pelo seu auditório, integrando ao relato definições de tempo e de lugar (SIMONSEN, 1984). O sobrenatural é característica indispensável na lenda, assim como um ambiente heróico, que é apresentado principalmente nas lendas contadas pelos indígenas, que para tudo têm uma explicação, como a origem das estrelas, manchas negras no céu, época das enchentes, chuvas, escuro da noite, animais, rios (CASCUDO, 1978).

A introdução das lendas é marcada pelo distanciamento temporal dos acontecimentos, como em *O negrinho do pastoreio*, de Simões Lopes Neto, que assim inicia: “Naquele tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas” (1973, p. 179). Outro exemplo é na lenda *A Mboitatá*, do mesmo autor, que tem como início: “Foi assim: num tempo muito antigo, muito, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia” (1973, p. 133).

A caracterização das personagens que ocorre no desenrolar da lenda contribui para a identificação da região original do relato. Pode-se observar que o conflito vivido pelas personagens recebe a interferência do sobrenatural, como, por exemplo, na lenda *O negrinho do pastoreio*, em que a sua madrinha, Nossa Senhora, aparece para ajudá-lo a encontrar os cavalos, utilizando-se de uma vela benta que “ia pingando cera no chão: e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo” (LOPES NETO, 1973, p. 183).

A conclusão das lendas confirma a permanência da tradição nos dias atuais, como ao final da lenda *O negrinho do pastoreio*, a qual diz que essa personagem, ainda hoje, encontra os objetos perdidos, bastando acender-lhe uma vela, para que possa levar ao altar da Nossa Senhora, sua madrinha (VALE, 2001).

Essa literatura que tem origem no popular ainda encanta na atualidade, devido a sua qualidade artística, atestada pela sua universalidade e sua permanência (MACHADO, 2002). Como já referido, no início dessa seção, o conto de fadas também teve sua origem na tradição popular, contudo, por ser considerada uma narrativa que predomina no âmbito da literatura infantil, será apresentado em capítulo subsequente.

1.2.2 O mundo encantado dos contos de fadas

O conto de fadas pertence ao maravilhoso, caracterizando-se por sua natureza sobrenatural. No maravilhoso “os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito”, pois “não é uma atitude para com os acontecimentos narrados que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desses acontecimentos” (TODOROV, 1975, p. 59). Portanto, “no mundo maravilhoso do conto de Fadas, todos os seres, animados ou inanimados, estão sob as leis do encantamento e da magia” (CARVALHO, 1987, p. 62).

O conto de fadas originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural e visavam à realização interior do ser humano. A palavra fada vem do latim *fatum*, que significa destino, fatalidade (COELHO, 2000). É importante salientar que, em sua origem, os contos de fadas não eram destinados às crianças, e sim, aos

adultos, com a função de expressar, de forma simbólica, os conflitos dos camponeses com os senhores feudais. Porém, com o surgimento da burguesia, os contos começaram a ser recontados para as crianças das novas famílias, sofrendo diversas adaptações, tendo como objetivo “transmitir valores burgueses, conformando o jovem a um certo papel na sociedade” (AGUIAR, 2001, p. 80).

Diante disso, a literatura infantil teve seu início no final do século XVII, na França, com o escritor Charles Perrault, o qual reuniu os contos populares que circulavam em seu país e publicou *Os contos da Mãe Gansa*, aproximando o público francês de sua obra, por meio da personagem *Mãe Gansa*. O autor foi reconhecido pelas suas versões imortais, como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida no bosque*, *O Pequeno Polegar*, *O Barba Azul*, *As fadas*, *O Gato de Botas*, *Cinderela* (COELHO, 2008).

Já no século XIX, na Alemanha, os Irmãos Grimm também reuniram uma coletânea de narrativas maravilhosas relacionadas ao folclore alemão. Entre os mais conhecidos, que circularam em tradução portuguesa, estão: *A Bela Adormecida*, *Os músicos de Bremen*, *Branca de Neve e os sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira* (COELHO, 2008). Ainda no século XIX, na Dinamarca, Hans Christian Andersen publicou outra grande antologia, que “além de contos de fadas compilados nos países nórdicos, trazia também novidades como *O Patinho Feio*, *A Roupa Nova do Imperador*, *Polegarzinha*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*, *O Pinheirinho* e tantas outras” (MACHADO, 2002, p. 72). Lúcia Pimentel Goés destaca:

O maravilhoso em Andersen aparece mais que nos outros contistas. Nele o maravilhoso não é apenas o pretexto, um elemento artificial a que se recorre para reavivar o passado. Nele o maravilhoso é tudo, é sua própria alma, é um mundo palpitante, vivo, é a sua própria vida (1984, p. 135).

Assim, os contos de Andersen faziam pensar, “sem ter perdido a simplicidade e o tom comovedor que as coisas do povo têm” (GOÉS, 1984, p. 135), pois Andersen conheceu bem os contrastes da abundância organizada, ao lado da miséria sem horizontes, pois pertenceu a esta classe social, a da pobreza (COELHO, 1991).

Em relação a sua estrutura, o conto de fadas, como qualquer outro conto popular, apresenta uma estrutura simples, com um mesmo desenvolvimento narrativo: “a situação inicial apresenta as dificuldades materiais do cotidiano do oprimido que, com o desenvolvimento da ação, é alterado pela interferência do elemento mágico, permitindo a emancipação do herói” (MAGALHÃES, 1984, p. 140). Para Aguiar, essa estrutura fixa e a

presença da fantasia nos contos de fadas transformou-os nos contos infantis por excelência “e servem de modelo para todas as narrativas dirigidas à criança até os dias atuais” (2001, p. 81).

Nos contos de fadas as personagens são *tipos*, marcadas por um único traço, pois atuam de forma extremamente exagerada, ou são excessivamente boas, ou medrosas, belas ou tragicamente feias, ou perversas ou covardes ou valentes e nobres (GOÉS, 1984). Por seu turno, o ambiente dos contos de fadas é caracterizado pela imprecisão, devido às expressões iniciais, como se fosse uma senha de entrada (“Era uma vez”, “Num certo país”, “Há mil anos atrás”), que sugerem às crianças “que o que se segue não pertence ao aqui e agora que nós conhecemos” (BETTELHEIM, 1980, p. 78).

Segundo Aguiar, “a criança compreende a vida pelo viés do imaginário”, portanto o livro infantil põe a criança em contato com o mundo, “oferecendo-lhe com isso a possibilidade de entendê-lo melhor e de a ele adaptar-se” (2001, p. 83). Bruno Bettelheim afirma que “os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter” (1980, p. 32).

Diante dessa afirmativa, o autor analisa diversos contos de fadas, reconhecendo sua importância para as experiências infantis. Por meio da leitura, a criança vê representados no texto, simbolicamente, conflitos que enfrenta no dia-a-dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. Em outras palavras, o conto de fadas dá à infância a certeza de que os problemas existem, mas podem ser resolvidos. Bettelheim salienta que os contos de fadas devem ser apresentados ao público infantil em sua versão original, pois a supressão de qualquer um dos elementos que compõem o conto quebra a cadeia simbólica que está implícita na íntegra da história:

Nunca se deve “explicar” os significados dos contos para as crianças. Todavia, a compreensão do narrador quanto à mensagem do conto de fadas é importante para a mente pré-consciente da criança. A compreensão do narrador sobre os vários níveis de significado da estória (sic) facilita à criança extrair pistas dessas estórias (sic) para entender melhor a si própria (1980, p. 190).

Já na segunda metade do século XIX, considerada “A Idade de Ouro” da literatura infantil, surgem obras que introduzem o maravilhoso na própria realidade cotidiana, como *Alice no país das maravilhas*, do inglês Lewis Carrol; *Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi; *Peter Pan*, do escocês James M. Barrie. Segundo Ana Maria Machado, “essa fantasia que irrompe no cotidiano e que convive perfeitamente com o real é uma das marcas que permite

aos clássicos dessa época fundar a literatura infantil e lançar as sementes que irão consolidar todo o fértil desenvolvimento do gênero, que virá em seguida” (2002, p. 120).

No Brasil, os contos de fadas foram traduzidos por Figueiredo Pimentel, ainda no século XIX, sendo considerados os clássicos infantis mais conhecidos. Posteriormente, autores brasileiros contemporâneos aprofundaram a visão crítica de suas obras, com paródias dos contos tradicionais, mas, para que a criança entenda esse jogo literário, é indispensável que conheça os contos de fadas tradicionais, pois só assim conseguirá identificar a que contexto eles se referem e o que está “fora do lugar” na nova versão. Alguns dos mais conhecidos são: *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque; *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida; *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha; *Onde tem bruxa tem fada*, de Bartolomeu Campos de Queirós; *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira; *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado (MACHADO, 2002). Esses contos apresentam uma “reestruturação do gênero que, sem afastar o leitor do maravilhoso, o conduz a uma percepção de si mesmo e da sociedade que o circunda” (MAGALHÃES, 1984, p. 141).

De acordo com Ana Maria Machado, “os contos de fadas continuam sendo um manancial inesgotável e fundamental de clássicos literários para os jovens leitores”, pois não “saíram de moda, não” e continuam “a ter muito o que dizer a cada geração, porque falam de verdades profundas, inerentes ao ser humano” (2002, p. 82).

1.2.3 A ilustração nos livros de imagens e nas narrativas curtas

Segundo Nelly Novaes Coelho, “nos anos 1980, surgem os livros de *histórias sem texto*, cuja efabulação, é realizada exclusivamente através de imagens e conquistam de imediato crianças e adultos” (2006, p. 52). A ilustração tem importância fundamental nesse tipo de narrativa, pois os desenhos precisam sugerir, expressar emoções, narrar uma ação, como afirma Regina Yolanda Werneck:

A ilustração confere ao livro, além do seu valor estético, o apoio, a pausa, e o devaneio tão importantes numa leitura criadora. Chamamos de leitura criadora o resultado da percepção única e individual, graças às combinações perceptivas que se realizam e que fazem com que nunca uma pessoa descreva o que leu exatamente como o outro (1983, p. 119).

Portanto, nos livros de imagens, a ilustração substitui a linguagem verbal, mas não os elementos próprios da literatura, como a narrativa de personagens; um exemplo é *Ida e volta* (1976), de Juarez Machado, pois o leitor consegue se guiar pelas imagens das marcas do pé, que vão contando a história que se segue a cada página, sendo considerada uma criação inovadora e sugestiva (ZILBERMAN, 2005). Conforme Lígia Cademartori:

Através da imagem visual, os livros sem texto estimulam o interesse ativo da mente em relação ao objeto. Recorrendo à percepção visual para chegar ao pensamento, os signos visuais, através de suas propriedades, induzem conceitos. Considere-se que a apreensão das formas é o meio de percepção mais espontâneo, sobre o qual se constroem, posteriormente, os conceitos, o procedimento analítico, a reflexividade, enfim. O desenvolvimento da apreensão visual é, portanto, uma etapa básica e importante do desenvolvimento que a leitura requer (1987, p. 53).

Por essas vias, os livros *Todo dia* e *De vez em quando*, de Eva Furnari, apresentam cenas que representam situações do cotidiano infantil, com imagens que fazem com que as crianças se identifiquem com o texto, tornando-o, assim, atrativo ao público infantil (CADEMARTORI, 1987). Com base nisso, Luís Camargo afirma:

A ilustração – assim como qualquer imagem – tem significados próprios, independentemente do texto que ela acompanha. Não é incomum ler ou ouvir falar da ilustração como se ela fosse apenas um prolongamento do texto, uma espécie de eco, incapaz de “falar” por si própria. Essa hipótese leva o leitor a buscar na ilustração apenas os significados do texto, o que empobrece a leitura, pois aquilo que a ilustração “diz” e não está no texto não é percebido (2003, p. 274).

Nesse sentido, Luís Camargo (2003) ressalta que a imagem também pode desempenhar funções como acontece com a linguagem³ e, partindo disso, o autor apresenta as seguintes funções da imagem: **representativa**, aquela que imita a aparência do objeto ao qual se refere; **descritiva**, a que “detalha” a aparência do objeto representado; **narrativa**, quando situa o objeto representado no tempo, por meio de transformações ou ações; **simbólica**, aquela que informa para um significado sobreposto ao seu referente; **expressiva**, a que se dirige para o emissor, revelando seus sentimentos e valores; **estética**, quando orientada para a sua forma, constituída de dois tipos: sintático (configuração dos seus elementos visuais) e semântico (utilização de “figuras de linguagem” que “ênfatizam” ou “alteram” o significado da imagem); **lúdica**, aquela orientada para o jogo; **conativa**, quando visa a influenciar o comportamento do observador (as propagandas, a sinalização do trânsito); **metalinguística**, quando se encaminha para o código (nesse caso, a linguagem visual); **fática**, aquela que se dirige para o canal, ou seja, o suporte material da imagem; por fim, **pontuação**, aquela que

³ A linguagem configura-se de seis funções: expressiva, referencial, poética, fática, metalinguística e conativa (CAMARGO, 2003).

orienta o texto no qual está inserida, sinalizando seu início, seu fim ou suas partes. Diante dessas funções o autor resume:

A imagem pode representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de chamar a atenção para sua configuração, para o seu suporte ou para a linguagem visual. Da mesma forma como ocorre na linguagem verbal, as mensagens visuais podem combinar várias funções (2003, p. 279).

Já em relação às narrativas curtas, essas apresentam um texto e uma imagem que se articulam de tal modo que se tornam de fácil compreensão para pré-leitores e crianças recém-alfabetizadas (VALE, 2001). Para Maria Alice Faria:

Quando o texto dos livros para crianças é formado apenas por algumas frases, a ilustração adquire um papel relevante na estruturação da narrativa. Deve portanto ser cuidadosamente analisada em suas sequências e cenas, na representação das personagens e suas expressões (pessoais, de ação etc.), nos detalhes do espaço e do tempo a fim de que as crianças acompanhem e a dominem plenamente a história e as formas em que estão narradas (2004, p. 83).

Com uma linguagem simples, as narrativas curtas apresentam ilustrações que ocupam quase toda a página. Outra característica desse tipo de texto é que, por apresentarem enredo simples, “revelam episódios do mundo infantil ocorridos em curto período de tempo, em espaço único e com poucas personagens, tendo como temas passeios, visitas, brincadeiras, encontros com amigos ou com animais” (VALE, 2001, p. 48). Segundo Camargo, o livro ilustrado é composto pelo texto e pelas ilustrações, revelando um texto híbrido, o qual exige que seu leitor também seja híbrido, sendo capaz de ler palavras e imagens, “e não só capaz de ler os dois textos separadamente – o verbal e o visual –, mas a sua interação” (2003, p. 273).

Podem-se destacar as seguintes obras que caracterizam este tipo de narrativa curta: *O peru de peruca* e *O barulho fantasma*, de Sônia Junqueira; *Luciana em casa da vovó*, *A margarida friorenta* e *Gato que pulava em sapato*, de Fernanda Lopes de Almeida; *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky; *Maria-vai-com-as-outras*, de Sylvia Orthof. A maioria dessas histórias apresenta-se em forma de diálogo e com pouca narração.

Para as crianças já alfabetizadas, há livros que apresentam textos de extensão média, com tramas mais complexas, tendo personagens crianças ou animais, ocorrendo em espaços diversos e com uma temporalidade variada. Também apresentam ilustrações agradáveis à visão do leitor, que são complementares à história e contribuem para sua compreensão (VALE, 2001). Os temas variam sobre as vivências infantis, aspectos ligados à interioridade

das personagens ou relações interpessoais. Como exemplo, temos *Lúcia-já-vou-indo*, de Maria Heloísa Penteadó.

1.2.4 O lúdico na poesia infantil

A poesia folclórica tem na espontaneidade a sua mais significativa particularidade, pois, com sua origem popular, “nasce e se perpetua em meio às brincadeiras de roda, aos ditos populares e na repetição das parlendas aprendidas com pais e avós” (ASSUMPCÃO, 2001, p. 63). Apresenta um variado repertório, baseado nas manifestações populares, como acalantos, parlendas, trava-línguas, cantigas de roda, adivinhas e quadras. Segundo Glória Pondé, a poesia folclórica tem uma “função iniciatória aos processos poéticos, cuja simplicidade característica desse tipo de manifestação popular muito se adequa ao modo de apreensão do pequeno receptor” (1990, p. 127).

Acalantos significam “canção de ninar, cantiga para embalar meninos, de adormecer, de berço ou de nanar no Brasil” (MELO, 1985, p. 23), sendo por meio da cantiga de berço, do embalo e do aconchego das mães ou amas que a criança tem o primeiro contato com o mundo da cultura. Um acalanto bem conhecido, de interpretação do cantor Dorival Caymmi e descrito na obra de Veríssimo de Melo, é:

Boi, boi, boi,
Da carinha preta;
Pega essa menina.
Que tem medo de careta (1985, p. 26).

Outra manifestação folclórica é a parlenda, que, segundo Veríssimo de Melo (1985), é assim classificada: **brinco**, **mnemonia** e **parlenda propriamente dita**. Os **brincos** são poemas para entreter os bebês que estão sem sono ou que acordaram. Um exemplo é *Serra-Serrador*, no qual “as mães ou amas seguram a criança em pé, no colo, e imitam o movimento do serrador, cantarolando”:

Serra, serra,
Serra pau;
Serra esta menina
Que come mingau.

Serra o pau,
Serrador;
Serra esta menina
Que está com calor (MELO, 1985, p. 40).

As **mnemonias** têm a finalidade de fixar números ou nomes (MELO, 1985). Segundo Simone Assumpção, “a mnemonia exige capacidade de memorização e, à medida que a criança repete o poema, auxiliada pelos jogos sonoros que o compõem, vai aprendendo sequências” (2001, p. 65). Portanto é a criança que recita os versos. Um dos exemplos é:

Um, dois, feijão com arroz,
Três, quatro, feijão no prato,
Cinco, seis, feijão pra nós três,
Sete, oito, feijão com biscoito,
Nove, dez, feijão com pastéis (MELO, 1985, p. 47).

E as **parlendas propriamente ditas** são aquelas recitadas pelas crianças, sendo elas próprias que organizam as brincadeiras entre si, sem a interferência dos adultos. Pode-se exemplificá-la com uma bem antiga, muito conhecida das meninas, em que elas vão recitando a parlenda e despetalando uma rosa, enquanto pensam em seu namorado, “e assim até a última pétala da flor, que será decisiva”:

Bem me quer,
Mal me quer,
Bem me quer,
Mal me quer, etc (MELO, 1985, p. 53).

Existe também um outro tipo de parlenda, o trava-línguas, que consistem em versos, palavras ou expressões que, por meio da pronúncia difícil e da rápida repetição, provocam uma deturpação dos termos e conseqüentemente o seu sentido de origem, como, por exemplo:

Num ninho de mafagafos,
Seis mafagafinhos há;
Quem os desmafagafizar
Bom desmafagafizador será (MELO, 1985, p. 72).

Outra manifestação folclórica são as quadras, caracterizadas como poemas de quatro versos, tendo como tema principal o amor, em especial o amor contrariado:

Atirei um limão verde
Lá na torre de Belém;
Deu no cravo, deu na rosa,
Deu no peito de meu bem (BORDINI, 1986, p. 47).

Há também as cantigas de roda que “pertencem à tradição e, em virtude do apoio musical, mostram um ritmo bem definido e sincopado” (PONDÉ, 1990, p. 134). Veja-se uma das cantigas de roda das mais populares no Brasil inteiro:

Ciranda, Cirandinha
 Vamos todos cirandar.
 Vamos dar a meia volta,
 Meia volta vamos dar;
 Vamos dar a volta inteira,
 Cavalheiro troca o par (...) (MELO, 1985, p. 208).

Restam as adivinhas, as quais propõem a decifração de um enigma (BORDINI, 1986). Segundo Pondé, as adivinhas “constituem quase sempre um conjunto de analogias e personificações”, dividindo-se em duas partes: a primeira, “redução de qualquer objeto da natureza a uma personificação, isto é, um esboço de formação mítica” e a segunda, o desenvolvimento desse mito em “analogias acidentais e imprevistas, e é nisso que consiste o problema e a dificuldade da solução” (1990, p. 131), como, por exemplo:

Enche uma casa completa,
 Mas não enche uma mão;
 Amarrado pelas costas,
 Entra e sai sem ter portão?
 Resposta: Botão (1990, p. 132).

Assim, a poesia folclórica, por ser de fácil memorização e por apresentar um efeito lúdico, tem a função de iniciar a criança nessa linguagem metafórica e polissêmica, aproximando-a do discurso poético (PONDÉ, 1990).

A poesia escrita especialmente para o público infantil, por sua vez, teve sua origem vinculada à noção de infância, no século XVIII, apresentando, como as demais obras da época, um caráter pedagógico, com a transmissão de condutas morais, deveres cívicos ou familiares (BORDINI, 1986). Uma das primeiras obras do gênero, no Brasil, *Poesias infantis*, foi escrita em 1904 por Olavo Bilac.

Segundo Ana Gebara, a poesia infantil “não é espaço para posturas moralizantes ou didatismos, nem veículo dos valores a serem preservados pela sociedade, ou grupo social a que pertencem o autor e o leitor” (2002, p.35). Isso se confirma com a evolução que esse gênero apresentou, pois foi no momento em que derrubou essas barreiras que conseguiu ser aceito e apreciado pelas crianças:

Entre a poesia infantil tradicional e a contemporânea, há uma diferença básica de intencionalidade: a primeira pretendia levar o seu destinatário a *aprender* algo para ser imitado depois; a segunda pretende levá-lo a *descobrir* algo à sua volta e a

experimentar novas vivências que, ludicamente, se incorporarão em seu desenvolvimento mental/existencial (COELHO, 2000, p. 223).

Diante disso, é com o livro *O menino poeta*, que Henriqueta Lisboa rompe com a “cadeia pedagogizante” da literatura para a infância, privilegiando o jogo lúdico das palavras e, assim, atraindo o público infantil. A autora serviu-se do aproveitamento criativo do folclore para o seu processo de criação poética, mantendo o ritmo característico das cantigas de roda e das quadrinhas (AGUIAR; CECCANTINI, 2009), como no poema que segue:

Ciranda de mariposas

Vamos todos cirandar
ciranda de mariposas.
Mariposas na vidraça
são joias, são brincos de ouro (LISBOA, 1975, p. 129).

Esse rompimento dos esquemas tradicionais da poesia infantil brasileira teve como grande marco a obra *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles, que se caracterizou como uma obra-prima, pela sensibilidade estética, o ludismo figurativo e o profundo humanismo (COELHO, 2000). Essa característica da obra de Cecília Meireles vem ao encontro da afirmativa de Ana Maria Lisboa de Mello, de que o escritor precisa assumir um ponto de vista infantil na construção de seus poemas, “expressando as aspirações e os sentimentos da criança” (2001, p. 69). A autora utiliza como exemplo o poema “O menino azul”, de Cecília Meireles, o qual leva as crianças ao reino da fantasia, por meio do ilogismo e do lúdico que provoca, percebido na sua última estrofe:

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Rua das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.) (MEIRELES, 2002, p. 32).

Vinícius de Moraes também nos brinda com sua poesia infantil, através da obra *A arca de Noé*, contendo poemas que se caracterizam pelo lúdico, considerado elemento indispensável para encantar as crianças. “A casa” é o poema que integra som e ritmo, sendo considerado um dos mais conhecidos pelas crianças (COELHO, 2000):

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão (...) (MORAES, 1991, p. 19).

Portanto, os poemas de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes inovam, pois “não visam à doutrinação nem ao falso moralismo e operam com o ilogismo, atribuindo-lhe um caráter de jogo” (PONDÉ, 1990, p. 123). Esses dois autores demonstram conhecer o universo infantil e respeitá-lo, colocando-se ao mesmo nível das crianças.

Segundo Regina Zilberman (2005), nas últimas décadas evidenciou-se um crescimento do gênero poético dedicado às crianças, com parâmetros mais livres e libertários. A autora apresenta a relação cronológica dessa produção, entre os quais: *O menino poeta* (Henriqueta Lisboa, 1943), *A televisão da bicharada* (Sidônio Muralha, 1962), *Ou isto ou aquilo* (Cecília Meireles, 1964), *Pé de pilão* (Mario Quintana, 1968), *A arca de Noé* (Vinícius de Moraes, 1974), *Boi da cara preta* (Sérgio Capparelli, 1983), *Classificados poéticos* (Roseana Murray, 1984), *É isso ali* (José Paulo Paes, 1984), *Poemas para brincar* (José Paulo Paes, 1990), *33 Ciberpoemas e uma Fábula virtual* (Sérgio Capparelli, 1996), *Receita de olhar* (Roseana Murray, 1998), *O fazedor de amanhecer* (Manoel de Barros, 2001).

A poesia contemporânea caracteriza-se pela valorização da sonoridade e do ritmo das palavras, considerados os elementos que atingem os sentidos ou a emoção das crianças (COELHO, 2000). Assim, a “poesia permite expressar todo o valor emocional da palavra, explorar todos os recursos metafóricos e descobrir toda a magia da língua, dando à criança riqueza de linguagem, versatilidade, oferecendo-lhe, ainda, o gozo estético, o prazer inefável” (CARVALHO, 1987, p. 224). Em outras palavras, Ligia Averbuck (1985) afirma que cabe à poesia esse importante papel no crescimento da personalidade da criança, pois desenvolve a sua sensibilidade estética, a sua imaginação e a sua criatividade, assim, estabelecendo uma ponte entre a criança e o mundo.

Segundo Gebara (2002), atualmente é difícil encontrar uma criança que afirme não gostar de poemas, sendo que a razão para essa empatia pode estar no encadeamento de sons, na musicalidade e no fato de ainda não ter se tornado uma leitura obrigatória na escola, como acontece com romances, contos, crônicas e outros. Ao contrário, a linguagem poética chama a atenção da criança, pois a poesia é um convite para brincar com as palavras, como José Paulo Paes nos apresenta em seu poema “Convite”:

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar se gastam

As palavras não:
 quanto mais se brinca com elas
 mais novas ficam (...).

Vamos brincar de poesia? (1990, p. 4).

Paes aborda o papel que a poesia representa, a brincadeira com as palavras; “o poeta defende um ponto de vista, discorre sobre um assunto, buscando convencer o leitor” (AGUIAR, 2001, p. 122), nesse caso, sobre a função da poesia. Isso se dá por meio da valorização do lado lúdico da linguagem, que proporcionou a expansão da poesia endereçada à infância (ZILBERMAN, 2005).

A proposta do poema infantil é “brincar descompromissadamente com as palavras, criando efeitos que surpreendem pela novidade” (AGUIAR, 2001, p. 126), caracterizando-se pelo *nonsense*, isto é, o ilogismo, que confunde as ideias e as deixa em aberto, não permitindo ao leitor concatená-las com lógica. De acordo com Ana Mello, a poesia aguça a sensibilidade do leitor, assim desenvolvendo a capacidade linguística da criança, por meio “do acesso e da familiaridade com a linguagem conotativa, e refinamento da sensibilidade para a compreensão de si própria e do mundo”, considerados dois motivos relevantes “para fazer do texto lírico uma ponte imprescindível entre a criança e a vida” (2001, p. 73).

Como foi apresentado anteriormente, as narrativas de origem popular, os livros de imagens, as narrativas curtas e a poesia infantil são pertencentes ao âmbito da literatura infantil; portanto é importante destacar a questão da linguagem nesses textos. Para tanto, Jaqueline Held descreve este mundo das palavras, com o qual a criança se depara na leitura de diversos gêneros da literatura infantil, enfatizando que “o próprio da linguagem poética e fantástica, o que a torna insubstituível na formação equilibrada de uma criança, é sua essência multívoca”, pois oferece à criança ou prolonga nela, o sentido de uso gratuito e não utilitário, da linguagem. Assim, “afirma e confirma que a linguagem, longe de ser apenas pressão recebida de fora, é material para jogar, para sonhar, para rir, para acariciar, para virar e revirar”, fazendo com que a criança desbloqueie o imaginário e recrie “a fascinação primeira da palavra” (1980, p. 215).

1.3 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O marco inicial das histórias em quadrinhos foi no fim do século XIX, com o *Menino Amarelo (Yellow Kid)*, história criada pelo desenhista norte-americano Richard Outcault e publicada semanalmente no jornal *New York World*. Ali nascia o primeiro herói dos quadrinhos (MENDONÇA, 2003). No Brasil, a produção de histórias em quadrinhos se limitou à publicação de quadrinhos estrangeiros, principalmente americanos. A primeira revista brasileira dedicada às crianças chamou-se *O Tico-Tico* e surgiu em 1905, aliando ludismo e intenções pedagógicas (CADEMARTORI, 2003).

A partir de 1960, os quadrinhos nacionais ganharam excelentes artistas, como: Ziraldo e Maurício de Sousa. Ziraldo criou *A Turma do Pererê*, considerado o grande marco criativo dos quadrinhos brasileiros, ao lado de Maurício de Sousa, que começou a desenhar as histórias em quadrinhos em 1959, quando uma história do Bidu, sua primeira personagem, foi aprovada pelo jornal. Em 1964, cria a principal figura de seu mundo infantil, Mônica, com a qual ganha o prêmio “Yellow Kid”, espécie de Oscar dos quadrinhos, em 1971, no Congresso Internacional de Lucca, na Itália (COELHO, 2006).

Nelly Novaes Coelho afirma que as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa se apresentam como uma “estimulante diversão” para os pequenos, “diversão que facilmente cairia no gratuito, não fosse a essencialidade dos valores que lhe dão suporte” (2006, p. 612). Assim, as histórias em quadrinhos surgiram na periodicidade dos jornais e com o tempo ganharam autonomia, devido ao sucesso de público alcançado, passaram a figurar em publicações especializadas, os gibis (MENDONÇA, 2003).

Um subtipo de histórias em quadrinhos são as tiras, com histórias mais curtas, de caráter sintético, podem ser sequenciais, por capítulos; ou fechadas, um episódio por dia (MENDONÇA, 2003). Moacy Cirne destaca que no jornal, há a tira com dois, três ou quatro planos, em que o artista trabalha sobre esse espaço, “procurando criar – no último quadro o suspense necessário para que o leitor, no dia seguinte, volte à estória (sic)” (1972, p. 36). Segundo Lígia Cademartori (2003), um dos principais trunfos da tira é o humor, através da caricatura de gestos e situações e da resolução rápida da sequência, bem como o dito contrariar radicalmente o mostrado.

Em relação à linguagem, as “histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal” (VERGUEIRO, 2007a, p. 31). Tem como elemento básico, a imagem desenhada, que se apresenta com uma sequência de quadros, trazendo uma mensagem ao leitor. Essa sequência interligada de instantes é essencial para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento.

O balão é considerado uma das principais características criativas dos quadrinhos, é a intersecção entre a imagem e a palavra. Waldomiro Vergueiro (2007a) apresenta os tipos de balões, destacando aqueles: com **linhas tracejadas**, indicando que a personagem está falando em voz muito baixa, de forma a não ser ouvida pelos demais; em **formato de nuvem**, com rabicho elaborado como bolhas que dele se desprendem, indicando que as palavras contidas são pensadas pela personagem; com **traçado em zig-zag**, indicando que uma voz procede de um aparelho mecânico ou trata-se do grito de uma personagem; que **levam para fora do quadrinho**, indicando que a voz está sendo emitida por alguém que não aparece na ilustração.

Já a legenda representa a voz onisciente do narrador da história, situando o leitor no tempo e no espaço. É acondicionada em um retângulo colocado na parte superior do quadrinho, pois deve ser lida em primeiro lugar, precedendo a fala das personagens (VERGUEIRO, 2007a).

Há também as onomatopeias, que são signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos. Elas poderão “variar de autor para autor, segundo sua procedência e preferências pessoais” (VERGUEIRO, 2007a, p. 63), com destaque para as mais comuns: *Bum!* (Explosão); *Crack!* (Quebra); *Pow!* (Golpe ou Soco); *Smack!* (Beijo); *Bang!* (Tiro), etc. Conforme Cirne, “o ruído, nos quadrinhos, mais do que sonoro, é visual” (1972, p. 30).

Segundo Márcia Mendonça, “apesar de já serem aceitas como objeto de leitura fora das salas de aula, as HQs ainda não foram de fato incorporadas ao elenco de textos com que a escola trabalha” (2003, p. 202). Com base nessa afirmativa, Vergueiro afirma que pais e mestres desconfiavam das aventuras das histórias em quadrinhos, supondo que poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”. Por isso, a entrada de quadrinhos na sala de aula teve severas restrições, que aos poucos foram sendo atenuadas e extinguidas. O autor salienta que ainda hoje não se pode afirmar que a barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos tenha deixado de existir, pois “há notícias de pais que proibem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam

problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibis” (2007b, p. 16).

Por seu turno, Cecília Meireles afirma que, em leituras “mais adiantadas, quando a ilustração não exerça papel puramente decorativo, na ornamentação do texto, talvez se devesse restringir às passagens mais expressivas ou mais difíceis de entender sem o auxílio de imagem” (1984, p. 147), referindo-se, principalmente, às histórias em quadrinhos, as quais considerava um perigo por não permitirem o exercício da imaginação. Em afirmação contrária, Cademartori destaca:

Ocorre na história em quadrinhos um intercurso entre códigos. O verbal remete a unidades que a visão apreende. A imagem sugere o que o verbal não diz. Entre o visual e o verbal são estabelecidas interações mediadas por relações lógicas, e são essas relações que, ao transpor o que é exclusividade de cada código, instituem o plano da narratividade (2003, p. 51).

Conforme Mendonça (2003), a relativa facilidade na leitura das histórias em quadrinhos “pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que ler quadrinhos é muito fácil”. Quando na verdade, determinadas histórias necessitam de estratégias sofisticadas de leitura, bem como um alto grau de conhecimento prévio, para que possam ser entendidas.

Nesse sentido, verifica-se que, principalmente, nas últimas décadas do século XX, os meios de comunicação passaram a ser encarados de maneira “menos apocalíptica”, sendo analisados em sua especificidade, como o cinema, o rádio, a televisão, os jornais, etc. Inevitavelmente, as histórias em quadrinhos também passaram a ter um novo *status*, “recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias” (VERGUEIRO, 2007b, p. 17).

2 A LEITURA E A BIBLIOTECA ESCOLAR

É o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

Alberto Manguel

Este capítulo faz um estudo sobre a sociologia da leitura, verificando as circunstâncias de leitura, o tipo de leitor, bem como a influência que a obra exerce em seu destinatário. Parte, então, para o foco principal desta pesquisa, que é a importância da mediação da leitura na escola e na biblioteca, com destaque para a leitura literária.

A finalidade é apresentar, por meio da mediação da leitura literária na biblioteca escolar e na sala de aula, o papel fundamental do mediador na formação de leitores. Sendo assim, quando for referido o termo “mediador de leitura”, no decorrer da pesquisa, ele abrangerá as seguintes expressões: professor responsável pela biblioteca, bibliotecário, professor titular da sala de aula, contador de histórias, ou seja, todos aqueles que, no âmbito escolar, se propõem a realizar atividades de incentivo à leitura, com o intuito de formar leitores.

2.1 A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA

A sociologia da leitura tem o objetivo de estudar o público enquanto fator ativo do processo literário, já que as mudanças de gosto e preferências interferem não apenas na circulação, mas também no consumo dos textos (ZILBERMAN, 1989a). Diante disso,

entende-se o importante papel que cabe à escola, a qual é uma das maiores responsáveis pela consagração ou pela desqualificação de obras e de autores, pois ao indicar os livros para leitura, cumpre o papel de avalista e de fiadora “do que é literatura”, movimentando o sistema literário (LAJOLO, 2001).

Historicamente, foi no início do século XIX que a literatura se caracterizou por uma ruptura entre o escritor e o público, pois a partir do momento em que uma obra era publicada seu autor não podia mais mudá-la em relação ao conteúdo, controlar a sua trajetória e ou lhe definir os destinatários. Nesse sentido, Robert Escarpit afirma que não há obras literárias, e sim, fatos literários, ou seja, diálogos entre o escritor e seu público, pois o autor de um livro pode ter intenções, convidar ao diálogo, mas não pode ter certeza de o conseguir. Portanto, “a chave do fato literário está na existência ou não de uma opinião literária, ou seja, está na tomada de consciência, por parte do público, dos próprios gostos, preferências, necessidades e orientações” (1976, p. 31).

Antonio Candido, por sua vez, afirma que, do ponto de vista sociológico, há uma permanente relação entre a obra, o autor e o público, os quais formam uma tríade indissolúvel, sendo que “o público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador”, logo, “o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra” (1980, p. 38). Portanto, “não convém separar a repercussão da obra da sua feitura, pois, sociologicamente ao menos, ela só está acabada no momento em que repercute e atua” (1980, p. 21), visto que a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Em outras palavras, o texto não preexiste a sua leitura, pois é o leitor que dá vida ao mundo formulado pelo escritor, como afirma Regina Zilberman:

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a ideia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. Ignorar a experiência aí depositada equivale a negar a literatura enquanto fato social, neutralizando tudo que ela tem condições de proporcionar (1989a, p. 110).

Com base nessa afirmação, a função social da arte advém da possibilidade de influenciar o seu destinatário, quando veicula normas ou quando as cria. Por outro lado, a obra literária é constituída de vazios a serem preenchidos pelo leitor. Assim, o texto é incompleto, embora compreensível, pois ele nunca se esgota, seu significado se efetuando quando o leitor ali deposita seu conhecimento e experiência. Nesse sentido:

O leitor dá vida à obra, mas é ela que lhe passa informações, conhecimento, sabedoria. Também por esse ângulo as expectativas colocadas na leitura compreendem-na como doadora, administrando benefícios a seus usuários. Esses resultados podem não ser imediatamente mensuráveis, mas se reflete a longo prazo, transformando o consumidor num ser elevado, enriquecido pela experiência herdada dos livros (ZILBERMAN, 1989b, p. 16).

Para tanto, ao eleger um livro, o leitor exige um certo tipo de mensagem, ele presume de antemão o seu conteúdo e espera obter algo de seu uso, como: diversão, informação, enriquecimento espiritual, confirmação de suas ideias. Assim sendo, a leitura não é uma operação mecânica, pois o leitor projeta sua experiência pessoal sobre a obra e assim dá um sentido novo ao conteúdo que a obra quer transmitir (ROBINE, 1974). O que se pode comprovar com a afirmativa de Diana Werkmeister, quando salienta que “a experiência de ‘viver’ uma vida emprestada durante a leitura modifica a nossa própria experiência de vida. O leitor ‘doa’ às personagens durante a leitura a sua própria humanidade e imerge em um mundo do qual voltará modificado” (1993, p. 59).

Segundo Luzia de Maria, “a leitura é a possibilidade de diálogo para além do tempo e do espaço; é o alargamento do mundo para além dos limites de nosso quarto, mesmo sem sairmos de casa”, pois é por meio da leitura, um ato aparentemente solitário, que podemos explorar as mais variadas experiências, “quando não as podemos viver realmente” (2002, p. 25).

De acordo com Angela Rolla⁴ (1996), há oito categorias de leitor, a saber: o **não-leitor** é aquele que tem um comportamento avesso à leitura literária, pois não consegue acompanhar um texto ficcional até o fim, e, lê, esporadicamente, periódicos para se informar de acontecimentos recentes; o **leitor apressado** caracteriza-se como um sujeito ocupado que tem pouco tempo para ler, e quando o faz, é para se informar e se atualizar; o **leitor superficial** é aquele que lê, eventualmente, escolhendo os textos ao acaso, pois a leitura não é algo prioritário na sua vida; o **leitor compulsivo** é considerado eclético, pois lê tudo que lhe cai nas mãos, ocupando-se com a leitura em qualquer minuto livre que tiver; o **leitor técnico** faz leituras técnicas referentes ao seu campo profissional, sendo que a leitura literária está ausente, pois raramente lê ficção; o **leitor escolar** é aquele que lê com o objetivo de indicar obras literárias aos seus alunos ou utilizar essas obras lidas em seu planejamento de trabalho, lendo principalmente obras de literatura infanto-juvenil; o **leitor profissional** faz leituras com o objetivo de analisar estilos, pois busca o valor estético das obras, sendo que a leitura

⁴ Ângela Rolla realizou uma pesquisa empírica, com professores, em sua tese de doutorado, defendida na PUCRS, investigando a tipologia do leitor.

literária faz parte de seu cotidiano profissional; o **leitor diletante** é considerado um leitor ingênuo, pois lê sem conhecimento prévio, mas por puro prazer, escolhendo as obras de acordo com critérios pessoais e não possui bagagem teórica para avaliar as leituras que realiza.

Além da tipologia de leitor, há que se considerar as circunstâncias da leitura, com o seguinte questionamento “Onde e quando se pode ler?”. Conforme Escarpit (1969), a vida coletiva absorve o indivíduo de várias formas, desse modo, há momentos de disponibilidade de leitura na vida, que podem se resumir a três grandes categorias: os **momentos vazios irrecuperáveis**, em que se faz a leitura em transportes, intervalos de trabalho; as **horas regulares de liberdade**, como a leitura após o dia de trabalho, após a refeição e à noite, enfatizando que essa última tem características particulares, pois são os livros de cabeceira que refletem o gosto do leitor; e os **períodos de não atividade**, que permitem as leituras aos domingos, dias de licença, doenças, porém nesses momentos a leitura concorre com outras opções.

Nicole Robine (1974), por sua vez, salienta que o autor escreve para ser lido, para comunicar, por isso a leitura é transmissão e comunicação. A autora enfatiza a leitura silenciosa, considerando-a mais absorvente, porque mobiliza todo o ser, bem como requer um isolamento, pois o leitor é aquele que dá o seu tempo para a leitura. De acordo com Roger Chartier, foi no século XV que a leitura silenciosa tornou-se a maneira usual de ler, para os leitores familiarizados com a escrita e de longa data alfabetizados. Com base nisso, o autor destaca:

Saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual. A relação pessoal com o texto lido ou escrito libera das antigas mediações, subtrai ao controle de grupos, autoriza o recolhimento. Com isso, a conquista da leitura solitária possibilitou as novas devoções que modificam radicalmente as relações do homem com a divindade. Entretanto, saber ler e escrever permite também novos modos de relação com os outros e os poderes (1991, p. 119).

Essa ideia de isolamento no ato de ler é reforçada por Isabel Solé, quando afirma que o processo de leitura deve garantir ao seu leitor que consiga compreender o texto e ir construindo uma ideia sobre o seu conteúdo. Assim, a leitura individual permite “parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário” (1998, p. 32). Em outras palavras, Alberto Manguel salienta:

Com a leitura silenciosa, o leitor podia ao menos estabelecer uma relação sem restrições com o livro e as palavras. As palavras não precisavam mais ocupar o tempo exigido para pronunciá-las. Podiam existir em um espaço interior, passando rapidamente ou apenas se insinuando plenamente decifradas ou ditas pela metade, enquanto os pensamentos do leitor as inspecionavam à vontade, retirando novas noções delas, permitindo comparações de memória com outros livros deixados abertos para consulta simultânea. O leitor tinha tempo para considerar e reconsiderar as preciosas palavras cujos sons – ele sabia agora – podiam ecoar tanto dentro como fora. E o próprio texto, protegido de estranhos por suas capas, tornava-se posse do leitor, conhecimento íntimo do leitor, fosse na azáfama do *scriptorium*, no mercado ou em casa (2006, p. 67).

Portanto, lido em silêncio, o livro torna-se companheiro de uma intimidade inédita. Chartier (1991) destaca que, aos poucos, os livros foram transferidos de lugares de acesso público da casa para lugares de mais intimidade, como o quarto do casal e a biblioteca, a qual passa a ser um lugar de retiro, estudo e meditação solitária. O autor afirma também que a leitura solitária induz ao abandono de que o romance é representante, pois todos os indícios caracterizam a leitura do romance como aquela que “alimenta” sonhos perturbadores, que “nutre” expectativas sentimentais e que exalta os sentidos, sendo associada à leitura feminina⁵, que é vista pelos homens do século XVIII como o ato privado por excelência.

Já a leitura em voz alta é uma prática frequente no século XVII. Ela fortalece as amizades, preenche as horas de folga, havendo reuniões em torno do livro entre amigos seletos. A leitura em voz alta reforça também outro setor da vida privada: a intimidade da família (CHARTIER, 1991). Por sua vez, Manguel salienta:

Ler em voz alta, ler em silêncio, ser capaz de carregar na mente bibliotecas íntimas de palavras lembradas são aptidões espantosas que adquirimos por meios incertos. Todavia, antes que essas aptidões possam ser adquiridas, o leitor precisa aprender a capacidade básica de reconhecer os signos comuns pelos quais uma sociedade escolheu comunicar-se: em outras palavras, o leitor precisa aprender a ler (2006, p. 85).

Para aprender a ler, é preciso que todos tenham acesso à leitura com igualdade de possibilidades. Magda Soares é categórica quando diz:

Enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição, lazer, ampliação de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra suas condições de vida (1988, p. 21).

⁵ Atualmente, segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (realizada no ano de 2007, em sua segunda edição; pelo Ibope Inteligência, sob a coordenação do Diretor do Observatório do Livro e da Leitura, Galeno Amorim, com o objetivo de traçar o panorama mais completo possível sobre o comportamento leitor dos brasileiros) a leitura preferida das mulheres é a *Bíblia*, com 49% e o romance, com 44%; enquanto que para os homens a percentagem referente à leitura do romance se reduz a 17%; assim, comprova-se que o romance continua sendo um dos gêneros mais lidos entre as mulheres, mas não faz o mesmo sucesso entre os homens (AMORIM, 2008).

Por seu turno, a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* revela que 26% dos brasileiros entendem que a leitura significa conhecimento, enquanto que a mesma percentagem responde não fazer a menor ideia do papel da leitura (AMORIM, 2008); desse modo se reforça a afirmação de Magda da Soares, em relação a como as classes dominante e dominada veem o significado da leitura.

Diante disso, Soares salienta que o acesso ao mundo da escrita para as camadas populares não vai além da alfabetização. Posteriormente, dificulta-se o acesso à leitura, com a mistificação do livro, como um objeto cultural de que se apropriam as classes dominantes; assim, ler é um direito exclusivo dessa classe, já que “ao povo permite-se que aprenda a ler, não se lhe permite que se torne *leitor*” (1988, p. 25). Portanto, as condições sociais de acesso à leitura, em nossa sociedade capitalista, são diferenciadas, pois discriminam-se as camadas populares pela sua concepção pragmática da leitura, enquanto que, para as classes dominantes, ler é proposta de lazer e prazer, bem como de enriquecimento cultural. Com base nisso, Ana Maria Machado afirma que a leitura é um direito básico e fundamental das novas gerações, sendo que a cada um de nós deve ser dado o direito de conhecer as grandes obras literárias do patrimônio universal, pois:

Ler literatura é uma forma de acesso a esse patrimônio, confirma que está sendo reconhecido e respeitado o direito de cada cidadão a essa herança, atesta que não estamos nos deixando roubar. E nos insere numa família de leitores, com quem podemos trocar ideias e experiências e nos projetar para o futuro. Aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de ter acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuarmos com a exclusão. Não combina com quem pretende ser democrático (2001, p. 137).

Nesse sentido, será por meio de uma distribuição mais justa desse bem simbólico, a leitura, que haverá condição para uma plena democracia cultural⁶. Assim, entende-se a importância que cabe à escola, por meio de educadores comprometidos com a formação de leitores, a possibilidade de difusão e acesso⁷ à leitura (SOARES, 2008), pois segundo Edmir Perrotti, “se o país não lê, deve ler, custe o que custar, pois esta é a saída para os problemas cruciais que enfrenta” (1990, p. 16), livrando a nossa população da incultura.

⁶ Democracia cultural é “entendida como distribuição equitativa de bens simbólicos, considerados estes como aqueles que são fundamentalmente *significações* e só secundariamente *mercadorias*” (SOARES, 2008, p. 18).

⁷ Conforme a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, o acesso aos livros, de acordo com a classe social, mostra que 73% são comprados pela **Classe A**, enquanto que apenas 27% da **Classe E** pode comprar livros (AMORIM, 2008).

2.2 A LEITURA NA ESCOLA

O ensino da leitura está, historicamente, vinculado à escola, cabendo ao professor a tarefa de incentivá-la em seus alunos, por meio de estratégias que os motivem. Entende-se que a experiência infantil de contato com os livros deveria anteceder à idade escolar, que a criança deveria descobrir o prazer da leitura muito antes de aprender a ler, mediante um ambiente familiar de leitura. No entanto, embora a atuação dos pais seja fundamental, é para o professor que convergem as maiores expectativas (AGUIAR, 1985). Segundo Teresa Colomer, “uma criança tem o dobro de possibilidades de ser leitor se viveu essa experiência” (2007, p. 105).

Em pesquisa descrita por Richard Bamberger (2004), na obra *Como incentivar o hábito da leitura*, percebe-se que há uma dificuldade em criar interesses de leitura permanente, por uma série de fatores: a falta de motivação das crianças para a leitura; o fato de a leitura estar intimamente associada às atividades e exigências da escola e devido a outros meios de entretenimento⁸, que são considerados, pela criança, mais atrativos. Em relação à prática de leitura patrocinada pela escola, é importante ressaltar que essa precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível, pois:

A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança (LAJOLO, 1997, p.108).

Com base nessa afirmação, é necessário que a cada um seja dado o direito de escolher o que quer ler, segundo a sua curiosidade e seus interesses. Feita a escolha do livro, cabe ao mediador propor atividades que façam o estudante “justificar suas decisões, falar dos assuntos preferidos, contar como se deu seu encontro com o livro a ser lido” (AGUIAR, 1999, p. 253). Para reforçar essa ideia de liberdade na escolha da leitura, Ana Maria Machado é categórica:

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo (2002, p. 15).

⁸ Segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, dos brasileiros que foram questionados em relação ao que mais gostavam de fazer em seus momentos de lazer, 77% respondeu que gosta de assistir televisão, enquanto que a leitura apareceu em quinto lugar, com 35% da preferência (AMORIM, 2008).

Diante dessa metáfora utilizada pela autora, entende-se que se faz necessário à escola repensar a sua prática de leitura, de forma a torná-la prazerosa, tanto fora, quanto dentro do seu ambiente. Nesse sentido, é tarefa da escola mostrar as “portas de acesso” para a leitura, com destaque para a leitura literária, até porque, graças à extensão da escolaridade, lê-se muito, embora o que e para que se lê esteja longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios. Sendo assim, caberia à escola, não apenas ensinar a ler, mas, principalmente, formar leitores que, terminados os estudos, continuassem lendo (COLOMER, 2007).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) consideram que, para os alunos se tornarem bons leitores, é necessário que se desenvolva o gosto e o compromisso com a leitura. Para tanto, a escola precisará fazer com que eles se interessem e acreditem que por meio da leitura conquistarão autonomia e independência. Portanto, “uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente” (BRASIL, 1997, p. 58).

Como já referido anteriormente, é a falta de motivação uma das maiores causas de problemas da leitura, pois, quando as crianças sentem que os livros que lhe são oferecidos nada têm de interessante, há pouco incentivo para ler; porém, quando se interessam por uma história, suas habilidades de leitura aumentam, porque há o entendimento dos significados do que estão lendo (KUHLETHAU, 2002). Por seu turno, Paulo Freire destaca que a compreensão do texto, a ser alcançada por sua leitura crítica, implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, assim, afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (2006, p. 11). Para tanto, o ato de ler é “possuir elementos de combate à alienação e ignorância”, pois a “pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida” (SILVA, 1995a, p. 49) tem a possibilidade de posicionar-se criticamente diante à sociedade.

A aquisição de uma determinada língua implica o contato com a palavra do outro desde os primeiros meses de vida, sendo considerada uma prática que não necessita ser explicitamente organizada e socialmente dirigida, diferentemente do que ocorre com a escrita e a leitura, que não podem ser objetos de um procedimento espontâneo de aquisição, pois requerem ensino (BRESSON, 2001). Em outras palavras, Ezequiel Theodoro da Silva afirma:

Temos de entender de uma vez por todas que a leitura não é uma função que nasce e se desenvolve devido a um *dom*, *vocação* ou *talento* de um indivíduo. Muito pelo contrário: a leitura é uma *prática social* que, para ser efetivada, depende de

determinadas condições objetivas, presentes na sociedade como um todo (1991, p. 120).

Portanto, para que se possa contribuir na formação de leitores é necessário que todos tenham acesso e convivam com livros e com mediadores que incentivem à leitura. De acordo com os PCNs (BRASIL, 1997), para formar um leitor competente é fundamental que ele compreenda o que lê, ou seja, identifique elementos implícitos, estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos e saiba justificar e validar a sua leitura. Marisa Lajolo intensifica essa ideia quando afirma que “ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto” (1985, p. 59), mas atribuir-lhe significação, relacionando-o com outros textos que tenham sido significativos para a pessoa e reconhecer o tipo de leitura que seu autor pretendia, tirando as suas próprias conclusões.

Muitas são as expressões que remetem para a importância da prática de leitura nas escolas como “hábitos de leitura”, “prazer da leitura”, “gosto pela leitura”, “animação da leitura”; os estudos que tematizam a questão têm o intuito de formar leitores habituais e assíduos, tornando a leitura escolar produtiva para o aluno (COLOMER, 2007). Por sua vez, Ezequiel Theodoro da Silva contesta esse discurso tão proclamado nas propagandas oficiais do Governo, como “prazer da leitura”, enfatizando que o mesmo permanece, muitas vezes, fora da sala de aula, visto que na escola prevalecem atmosferas controladoras e quantitativas, que levam as crianças ao desprazer, à “desleitura”, pois “na escola, tudo tem que ser medido, quantificado, repetido pelos toques das didáticas cartilhescas, deixando pouco ou nenhum tempo ou espaço para a alegria, criatividade, fantasia e imaginação” (2003, p. 20). Para mudar esse quadro, Colomer destaca que é preciso um planejamento para a leitura de livros na escola, partindo de três pontos específicos:

A necessidade de proporcionar aos alunos um espaço habitado por livros, a constatação de que existem certas formas de organizar as aprendizagens escolares que favorecem especialmente a presença da leitura e a conveniência de planificar articuladamente funções, tipos e atividades de leitura de livros na escola (2007, p. 117).

Com base nesses aspectos, entende-se a importância do espaço da biblioteca escolar na formação do leitor, tendo como mediador um profissional dinâmico, pois caberá a ele estabelecer a ponte entre a biblioteca e a comunidade escolar, no que se refere ao incentivo à leitura literária (SILVA, 2009b).

2.3 O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca foi criada pela necessidade de se preservar e organizar os documentos produzidos ao longo da história, portanto “havendo registros, haverá uma biblioteca, porque os homens precisam repartir o pensamento criado, disseminando-o para garantir a posse do conhecimento” (MILANESI, 2002, p. 11). Já no início do século XX, a biblioteca, além da ideia de organização do saber, apresentou-se com uma nova função: a de sistematizar o acesso às informações. Foi nesse período que se implantou, por lei, a pesquisa escolar, a qual levou muitas crianças e adolescentes às bibliotecas públicas e escolares (MILANESI, 2002).

Segundo Max Butlen, a história das bibliotecas escolares está “marcada por longas e repetidas lutas pelo reconhecimento e a mudança”, nesse sentido, fez-se preciso, “dar-se a conhecer, legitimar-se, fazer com que se entendesse” (2002, p. 291) a necessidade fundamental de uma biblioteca e de um bibliotecário. O responsável pela biblioteca escolar é o bibliotecário, com curso superior em Biblioteconomia, mas, na maioria das vezes, é o professor aposentado ou readaptado que assume essa função, tornando-se um guardião dos livros e do espaço da biblioteca e protegendo-os dos leitores (SILVA, 1986b). No entanto, espera-se que o profissional responsável pela biblioteca, que pode ser tanto o bibliotecário como o professor, se torne um mediador de leitura, dispondo “as informações adequadas às crianças e às suas circunstâncias de tal forma que elas fiquem interessadas pela ampliação do conhecimento” (MILANESI, 2002, p. 60).

A biblioteca escolar, no contexto da educação brasileira, é desprezada e esquecida, não recebendo o valor que mereceria das autoridades, pois nem sempre é “levada muito a sério” e raramente é objeto de preocupação ou investimento (SILVA, 1991). Nesse sentido, as bibliotecas escolares são consideradas depósitos de livros e de outros materiais que não estão sendo usados pela escola. Além disso, uma atitude que pode vir a afastar os alunos desse espaço são os regulamentos muito rígidos, com horários inflexíveis; o não acesso às estantes para a escolha de livros; e, a “eterna preocupação com o silêncio”, criando uma certa antipatia por esse ambiente (SILVA, 1995b). Com base nesses aspectos, Rovilson José da Silva defende:

A biblioteca escolar trará benefícios para o contexto escolar se não for tratada como peça decorativa, mas como um organismo vivo que emana para toda a comunidade

escolar possibilidades distintas de conhecer, de sedimentar o que já se sabe, de refletir e ampliar a compreensão de mundo dos alunos (2009b, p. 118).

Portanto, cabe acentuar que a estrutura é tão importante quanto o estímulo à leitura, sendo os aspectos materiais também facilitadores do ato de ler. Contudo, segundo Waldeck Carneiro da Silva (1995b), muitas bibliotecas escolares estão situadas em locais inadequados, dividindo sala com outro setor da escola, revelando o baixo prestígio que possuem, o que pode vir a desestimular a sua frequência. Assim, é preciso que a biblioteca escolar se transforme em um espaço dedicado ao incentivo à leitura, por meio da promoção de atividades criativas e de um serviço democrático de circulação (SILVA, 1985).

Os PCNs recomendam que cada escola disponha de uma boa biblioteca e que cada classe dos ciclos iniciais tenha um canto de leitura. Também destacam a importância do professor ser um leitor, pois, vendo o seu professor envolvido com a leitura, os alunos se sentirão estimulados a usufruírem desse espaço e tornar-se-ão leitores. Sendo assim:

O papel da escola (e principalmente do professor) é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma, a aprendizagem de procedimentos de utilização de bibliotecas (empréstimo, seleção de repertório, utilização de índices, consulta a diferentes fontes de informação, seleção de textos adequados às suas necessidades, etc.), e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. Além disso, a organização do espaço físico – iluminação, estantes e disposição dos livros, agrupamentos dos livros no espaço disponível, mobiliário, etc. – deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso: deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço e, dessa forma, o gosto pela leitura (BRASIL, 1997, p. 92).

Diante disso, entende-se a importância do livre acesso ao acervo, não se justificando o ato de impedir o aluno de ter a liberdade de passear entre as estantes e escolher o livro que mais o atrai. Ocorre que, muitas vezes, o acesso às estantes é vetado para que a biblioteca possa manter as obras em bom estado de conservação. Como afirma Waldeck Carneiro da Silva, “parece que alguns bibliotecários preferem um acervo intacto em vez do livre circular de usuários por entre as estantes” (1995b, p. 59).

Com base nisso, um dos caminhos para tornar uma leitura prazerosa ou agradável é “deixar as crianças escolherem os livros que desejam ler”, e “a autoescolha pode ser uma ponte para a descoberta de livros que mais atraem, que mais seduzem as crianças e que podem, por isso mesmo, provocar uma maior aproximação com os livros” (SILVA, 2003, p. 99). Em outras palavras, Teresa Colomer (2007) destaca a importância do acesso livre às

obras, que pode ocorrer com a ajuda de um mediador que saiba sugerir de acordo com as capacidades e necessidades das crianças, encorajando-as a progredirem em suas leituras.

Atualmente, privilegiam-se as bibliotecas escolares como espaços multimídiais de leitura e de animação cultural, pois se trata de formar um leitor polivalente. Para tanto, Max Butlen destaca:

A biblioteca escolar multimídia deve favorecer a circulação livre e independente das crianças no campo dos conhecimentos, no universo dos saberes, das habilidades. Nesse sentido, a biblioteca coloca a questão do *status* da criança na escola: sua autonomia supõe que lhe damos os meios ensinando a aceder individualmente, utilmente e livremente aos conhecimentos e às informações. Nesse sentido, a formação às práticas e à pesquisa documentária deve tornar-se, progressivamente, um objetivo fundamental nas bibliotecas escolares (2002, p. 292).

Tal informação revela que, além da leitura variada de livros, revistas, jornais e gibis, a biblioteca deverá oferecer os recursos de multimídia e assim dinamizar esse espaço, tornando-o mais atraente para toda a comunidade escolar. O fato de a biblioteca dispor desses recursos, que no passado eram considerados os “inimigos” da leitura, não diminuirá o gosto pela leitura, pois “cada um tem o seu lugar, são usados em situações diferentes e com objetivos diferentes; assim, a Internet na biblioteca, necessariamente, não levará à diminuição do número de leitores de livros” (MILANESI, 2002, p. 63). Essa ideia é reforçada por Rovilson José da Silva (2009b) quando afirma que o computador tornou-se um componente importante para uso na biblioteca escolar, a qual deve oferecer ao aluno a possibilidade de realizar atividades de investigação que podem ocorrer tanto por meio dos livros, quanto pelo meio virtual.

Ezequiel Theodoro da Silva (1985) afirma que o professor responsável pela biblioteca deve buscar meios de motivar os estudantes a frequentarem esse ambiente⁹, pois é necessário “arregaçar as mangas” e parar com os lamentos e críticas, buscando desenvolver uma proposta de trabalho que vise ao estímulo à leitura, assim melhorando a qualidade do ensino. Com base nisso, entende-se o seguinte:

O que melhor caracteriza uma biblioteca não é a beleza de sua decoração, mas sim a qualidade do seu acervo e a funcionalidade dos seus serviços. A qualidade do acervo da biblioteca é estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários, voltadas à busca de conhecimento, recreação e fruição estética.

⁹ De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, 3 em cada 4 brasileiros não vão à bibliotecas, em percentagem, significa que 73% não usa esse espaço. Esse dado revela que as bibliotecas são frequentadas, basicamente, durante a vida escolar, sendo que com o término desse período o uso diminui (AMORIM, 2008). Tal dado revela a necessidade de se repensar o espaço da biblioteca, pois é preciso atrair os usuários para esse ambiente, por meio de políticas de leitura, com o apoio da família, escola e poder público.

A funcionalidade dos serviços é definida pela própria dinâmica interna da biblioteca, nos seus aspectos de seleção e aquisição de obras, agilização do processamento técnico, sistema de empréstimos, etc. e pela sua capacidade em atrair e aumentar o público leitor (1985, p. 143).

As atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, por seu turno, precisam estar de acordo com os interesses da clientela atendida, pressupondo uma articulação com o trabalho desenvolvido pelo professor. Nesse sentido, Rovilson José da Silva (2009b) destaca a importância de um planejamento para o bom funcionamento desse espaço: por meio de atividades com **horários pré-determinados**, como a “Hora do conto” ou a orientação à pesquisa, em que os alunos vão para a biblioteca com seu professor regente ou sob a responsabilidade do profissional da biblioteca; e **horários livres**, em que o aluno frequenta a biblioteca buscando a leitura de acordo com suas motivações. Para isso, ela deve disponibilizar a abertura de seu espaço tanto na hora do recreio, quanto em horário inverso ao da aula.

Em relação à “hora do conto”, entende-se que esse seja um momento de atividade na biblioteca escolar que pode vir a contribuir para o incentivo à formação de leitores, “pois a literatura presente na escola tem potencialidade para auxiliar no desenvolvimento mental e pessoal da criança” (SOUZA; GIROTTO, 2009, p. 20). Além disso, a hora do conto reafirma o espaço da biblioteca escolar como um local propício à atividade literária, pois as atividades como contar e ouvir histórias incentivam à formação do leitor.

Para que a leitura aconteça de forma democrática na escola, essa precisa dispor de uma biblioteca agradável, que seja “um espaço, no sentido real e metafórico, no qual se pode sentir-se suficientemente protegido para poder ir e vir livremente, sem perigo, e entregar-se à fantasia, e ter a mente em outra parte¹⁰” (PETIT, 2001, p. 71). Portanto, para que a biblioteca se torne um local em que a leitura livre prevaleça, é necessário que o mediador de leitura, responsável por esse ambiente, torne o livro um objeto significativo para a criança; e isso só ocorrerá se esse também for significativo para ele.

¹⁰ Tradução da autora deste trabalho.

2.4 O PAPEL DO MEDIADOR DE LEITURA

É importante que a escola saiba aproveitar o espaço da biblioteca para promover atividades que estimulem a leitura como a “hora do conto”, com um profissional que antes de tudo seja um leitor. Michèle Petit (2001) destaca o papel fundamental que desempenha o mediador de leitura, pois cabe a ele aproximar o público dos livros, recomendando-os e, assim, iniciando o encontro das crianças com os livros, principalmente daquelas que, por algum motivo, não dispõem de livros na sua casa e não tem pais que contam histórias; portanto, o papel do mediador é incentivar o desejo de ler.

Em outras palavras, é fundamental que haja uma interação afetiva entre o mediador e o usuário da biblioteca, para o desenvolvimento de uma relação positiva com a leitura, pois fazer disseminar a leitura “não é simplesmente ‘encontrar’ o livro na prateleira e entregá-lo ao leitor, mas orientar esse leitor no sentido de *ler bem e ler mais*” (SILVA, 1986a, p. 71). Portanto, “assegurar o acesso dos estudantes a uma boa quantidade e diversidade de livros, por si só, não assegura o êxito na formação do leitor” (SILVA, 2009a, p. 52); sem dúvida representa uma conquista importante, mas é preciso se investir na mediação da leitura.

Segundo Isabel Solé, é necessário promover estratégias para a compreensão leitora, pois o que se deseja é formar leitores autônomos, capazes de aprender a partir dos textos. Nesse sentido, a autora destaca que o mediador de leitura deve conhecer previamente o assunto da história que irá relatar e assim, preparar estratégias de compreensão, como propor atividades que antecedam à leitura, bem como outras que se desenvolvam durante e depois da mesma. Um exemplo de atividade que antecede à leitura seria a de verificar as hipóteses e as previsões das crianças em relação ao tema, ao título e à capa da obra a ser contada, ou seja, motivá-las para a leitura que virá a seguir. Portanto, “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido” (1998, p. 91). Durante e depois da leitura, a autora salienta que é preciso que se compreenda o texto, sendo que uma das estratégias seria a leitura compartilhada, pois é por meio de questionamentos ou esclarecimentos sobre determinadas dúvidas que o texto suscitou que se compreenderá o mesmo.

Renata Souza e Cyntia Giroto defendem a realização de atividades de pós-leitura quando finda a contação, pois essas atuam no desenvolvimento das crianças e as preparam

para apropriações cada vez mais complexas. Assim, sugerem uma abordagem lúdica, pois, partindo das histórias lidas ou contadas, “surtem relatos orais e escritos dos mediadores e das crianças; desenhos; dramatização; modelagens; dobraduras e recortes; brincadeiras; construção de maquetes; pinturas” (2009, p. 35), tornando a criança protagonista e apresentando-a a diferentes linguagens.

Há artifícios que o contador de histórias pode utilizar para prender a atenção de seu leitor, como se valer da pausa, provocando atitudes de ansiedade pelo que se segue, aproveitar-se da gesticulação e da imitação de personagens do texto e, por último, conseguir estabelecer contato com o auditório através de atitudes que provoquem uma boa recepção para o conto, como, por exemplo, perguntas introdutórias referentes ao assunto do texto (CHAVES, 1952).

Betty Coelho Silva (1990) apresenta recursos, dos quais o mediador de leitura pode dispor na contação da história para as crianças, como: **a simples narrativa**, considerada a mais autêntica expressão do contador de histórias, pois se processa por meio da voz e da expressão corporal; **com o livro**, histórias que requerem sua apresentação, pois a ilustração as complementa; **com o flanelógrafo**, entendido como um recurso visual muito prático para aquelas histórias em que a personagem entra e sai de cena a todo o momento; **com desenhos**, o que leva a uma maior participação dos ouvintes, pois cada um pode desenhar como imagina que seja a personagem da história; e **com interferências do narrador e dos ouvintes**, visto como um excelente recurso para a concentração de um número grande de ouvintes, pois, fazê-los participar por meio da voz e/ou gestos, chama-os a prestarem mais atenção ao texto. Com base nisso, Bettelheim afirma:

Para que uma estória (sic) realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam (1980, p.13).

Para a escolha das histórias é necessário que se leve em conta o interesse do ouvinte, sua faixa etária, bem como a elaboração de um planejamento por parte do mediador, para garantir-lhe segurança e naturalidade no momento da contação da história. É também fundamental que o contador goste da história escolhida, que a compreenda, pois “se a história não desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso” (SILVA, 1990, p. 14). Portanto, se o mediador não se diverte junto com as crianças no ato de narrar a história,

se não tem sensibilidade para captar as mensagens implícitas no texto, não conseguirá fazer as crianças apreciarem esse momento da “hora do conto”. Para Solé:

Não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar. (...) Também convém levar em conta que a leitura “de verdade”, aquela que realizamos os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mudamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando parágrafos... uma leitura íntima, e por isso, individual (1998, p. 43).

Em outras palavras, “significa colocar mediadores em condições de planejar e executar atividades de promoção/animação da leitura capazes de envolver completamente o leitor”, (PERROTTI, 1990, p. 77), assim, atraindo, convencendo e interessando às crianças para os prazeres da leitura, mediante a utilização de técnicas diversas que apelam para variados sentidos. Portanto, Ezequiel Theodoro da Silva afirma:

Aos professores, profissionais cuja responsabilidade é formar e produzir leitores por meio da educação escolarizada, a necessidade da leitura se impõe como mais forte ainda. Isto porque, caso ele próprio não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura. Não tendo ele um repertório, uma história substancial de leitura, não tendo ele penetrado nas histórias contadas por vários tipos de livros, é bem possível que ele assine pactos ininterruptos de mediocridade com seus alunos, fingindo que ensina e lê, e os seus alunos fingindo que aprendem e leem (2003, p. 28).

Com base nisso, Silva (2003) salienta que há mediadores despreparados para a orientação da leitura, sendo que, em muitos casos, a criança apresenta potencial e deseja aprender a ler, porém, se vê diante de um profissional que é ele próprio um não-leitor, pois não tem uma história de leitura e nem um repertório de livros visitados ao longo de sua existência. Em contrapartida, entende-se que a questão da mediação é fundamental em relação à promoção da leitura, pois, para oferecer obras de qualidade, é preciso as ter experimentado, ou seja, para transmitir o amor pela leitura e, principalmente, pela leitura literária, é preciso conhecê-la (PETIT, 2001).

Um dado relevante levantado por Rovilson José da Silva é a constante mudança de profissional destinado a mediar a leitura na biblioteca escolar, mudança que desestrutura a sedimentação das estratégias realizadas a cada ano nesse espaço, pois há sempre um recomeço, portanto:

A permanência do bibliotecário/professor na biblioteca será benéfica para a comunidade escolar, pois as mudanças constantes nessa função desmobilizam, desorganizam o trabalho realizado na escola. A biblioteca precisa de trabalho

contínuo que acumule ações pedagógicas promovedoras do conhecimento de sua comunidade (2009b, p. 134).

Logo, o mediador de leitura precisa ser um leitor, pois a criança, antes de qualquer coisa, necessita de exemplo, ou seja, é fundamental que a leitura seja apresentada a ela como algo prazeroso e não por meio da obrigação. Assim, “um ponto crucial na formação do gosto – é preciso *gostar* para poder criar no outro o gosto, trabalho de emoção e afeto que só pode partir daqueles que se dispõem verdadeiramente” (AVERBUCK, 1985, p. 69).

2.5 A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Para a criança se interessar por uma determinada leitura, o professor precisa motivá-la, mas, para isso, o professor deve ser um leitor. Ele precisa saber qual o objetivo pretendido, quando quer que uma criança leia, devendo apresentar-lhe diversos títulos para que ela possa escolher o que mais lhe agrada.

De acordo com Vera Teixeira de Aguiar (1985), é necessário que haja uma seleção de livros para os estudantes do Ensino Fundamental, levando em conta suas preferências literárias. Para isso, o professor pode basear-se em observações da realidade, debates com grupos de leitores e pesquisas junto às bibliotecas, salas de leitura, livrarias e editoras, que possam traçar um perfil do público quanto a seus interesses. Em outras palavras, Teresa Colomer destaca:

Não há dúvida de que se necessita progredir em saber o que agrada às crianças e sobre o modo de fazer evoluir suas preferências. Mas, para isso, devemos escutá-las falando sobre livros, vê-las formar e explicitar suas opiniões; e devemos também saber o que opinam seus pais e seus professores, se eles leem como adultos e que livros infantis valorizam, realmente, para seus filhos e alunos. Não se pode avançar se não se tem claro o que permite progredir (2007, p. 136).

Para que um professor possa indicar um livro, ele precisa avaliar a qualidade do material, como, por exemplo, analisar os níveis de adaptação dos componentes do texto à

realidade do leitor, verificando se a assimetria¹¹ está atenuada. Para auxílio dessa análise, toma-se por base o texto *Leituras para o 1º Grau: critérios de seleção e sugestões*, de Vera Teixeira de Aguiar (1985), que nos afirma que a qualidade das obras deve ser pensada, a partir dos seguintes níveis de adaptação:

- **assunto:** o livro pode apresentar os mais variados assuntos, desde que sejam adaptados à compreensão do leitor e significativos ao seu universo. É importante que o texto faça com que o leitor reflita sobre a realidade e se posicione criticamente diante da mesma;
- **estrutura da história:** em literatura infantil, se deve repetir o modelo do conto de fadas tradicional, pois há uma maior aceitação por parte dos leitores iniciantes;
- **estilo:** “o desempenho linguístico do escritor deve estar de acordo com as capacidades cognitivas infantis, para que a comunicação entre ambos realmente se efetue” (1985, p. 88). É importante, pois, que o texto apresente frases significativas, com um vocabulário coloquial, mas sem a infantilização da linguagem;
- **forma:** o texto deve apresentar uma linearidade – início, meio e fim – sem deter-se em longas descrições, bem como evitar conceitos morais, pois tais recursos retardam a ação e tornam a narrativa mais complexa e menos acessível aos pequenos leitores;
- **aspectos externos:** a capa é um dos elementos que determina a escolha do livro pela criança, devendo ser sugestiva e atraente, para despertar a sua curiosidade. O tipo de letra deve ser bem legível. A espessura do livro deve levar em conta a faixa etária a que se destina. A ilustração precisa chamar a atenção, e, para a criança menor é aconselhável que o número de gravuras seja maior.

Segundo Richard Bamberger (2004), os critérios para analisar uma obra infantil partem da caracterização das fases da leitura, que seguem as definições de Schliebe-Lippert e A. Beinlich, as quais comprovam que o interesse das crianças por determinado assunto relaciona-se à sua idade:

- a) **idade dos livros de gravuras e dos versos infantis** (de 2 a 5 ou 6 anos): “a criança faz pouca distinção entre o mundo interior e o exterior; só experimenta o meio em que vive em relação a si mesma (idade do pensamento mágico)” (2004, p. 33). É caracterizada como egocêntrica. Os livros de gravuras são os oferecidos por apresentarem objetos simples, os

¹¹ O conceito de assimetria é usado aqui no sentido de que os textos em literatura infantil são escritos para a criança e lidos pela criança, contudo é o adulto quem escreve, divulga e compra. Portanto, cabe verificar, se esse distanciamento (adulto/criança) está muito evidente.

quais são retirados do meio em que a criança vive. A seguir podem ser apresentados livros que agrupam objetos, relacionados com várias coisas do meio. A criança também se interessa por versos infantis, por causa do ritmo e do som;

b) **idade do conto de fadas** (de 5 a 8 ou 9 anos): é caracterizada como a idade do realismo mágico, fase em que a criança é essencialmente suscetível à fantasia. É a idade dos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas. O gosto pelo texto poético, com rimas e ritmo, continuam os mesmos;

c) **idade das “histórias ambientais” ou da leitura “factual”** (de 9 a 12 anos): é definida como uma fase intermediária em que a criança começa a se orientar no mundo concreto. Ainda existe um interesse pelos contos de fadas, mas o leitor começa a buscar histórias de aventuras;

d) **idade da história de aventuras** – é o momento do realismo aventureiro ou a “fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo” (de 12 a 14 ou 15 anos): caracteriza-se como o período da pré-adolescência, no qual a criança toma consciência da própria personalidade. Predominam demonstrações de agressividade e formação de grupos. Os interesses dirigem-se para livros de aventuras, romances sensacionais, livros de viagens e histórias sentimentais;

e) **os anos de maturidade ou o “desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura”** (de 14 a 17 anos): é considerada a fase da descoberta, pois o adolescente descobre o seu mundo interior e o mundo dos valores. Os interesses de leitura variam em torno de livros de aventuras, viagens, romances históricos, biografias, histórias de amor, literatura engajada etc.

Além das fases de leitura relacionadas à idade, Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993) apresentam as relacionadas com a escolaridade, que são:

a) **pré-leitura**: compreende a pré-escola e o período preparatório da alfabetização. O interesse é por histórias curtas e rimas, em livros em que predominam as gravuras, permitindo a descoberta de sentido mais pela linguagem visual do que a verbal;

b) **leitura compreensiva**: compreende a 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Os interesses são por textos semelhantes aos da etapa anterior, agora decodificados pelo novo leitor;

- c) **leitura interpretativa:** compreende da 3^a à 5^a série do Ensino Fundamental. Nessa fase os alunos conseguem interpretar as ideias do texto, permitindo que tenham acesso a leituras mais complexas. Os interesses são por textos curtos com o apoio eventual da ilustração;
- d) **iniciação à leitura crítica:** compreende a 6^a e a 7^a série do Ensino Fundamental. Além de interpretar os textos, os alunos conseguem posicionar-se diante deles. O interesse é por livros de aventuras, com problemas que são resolvidos por grupos de jovens;
- e) **leitura crítica:** compreende da 8^a série do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. A preferência é por livros que abordam problemas sociais e psicológicos.

Com base nas fases de leitura descritas, de acordo com a faixa etária e a escolaridade, vale ressaltar que “essas etapas não são necessariamente rígidas e podem se manifestar em momentos diferentes na vida de cada um. O que importa é pensar que todo sujeito que se torna leitor passa por essas fases e volta a elas quando sente necessidade” (AGUIAR, 2004, p. 25), pois a evolução da leitura depende de fatores psicológicos e sociais, modificando-se de acordo com o amadurecimento do indivíduo.

Daí a necessidade de o mediador apresentar os livros aos estudantes de forma a entusiasamá-los para a leitura, bem como ajudá-los na capacidade de fruição e saber “onde estão”, pois, segundo Teresa Colomer, eles “não saltarão de repente de um tipo de *corpus* a outro. Podem ficar deslumbrados, isso sim, ante o desempenho entusiasmado do professor e de seus recursos para interpretar um texto” (2007, p. 67); porém, essa admiração não garante a sua autonomia de fruição, por isso, o mediador precisa orientá-los, demonstrando que conhece um variado repertório de textos. Conforme Ana Maria Machado:

Além de exemplo, há outro motivo poderoso para fazer alguém ler: a curiosidade. Ninguém resiste à tentação de saber o que se esconde dentro de algo fechado – seja a sabedoria do bem e do mal no fruto proibido, seja a caixa de Pandora, seja o quarto do Barba Azul. Mas, para isso, é preciso saber que existe algo lá dentro. Se ninguém jamais comenta sobre as maravilhas encerradas, a possível abertura deixa de ser uma porta ou uma tampa e o possível tesouro fica sendo apenas um bloco compacto ou uma barreira intransponível (2001, p. 149).

Sob essa ótica, é necessário para quem lê ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, e assim, questionar o seu conhecimento e modificá-lo, permitindo transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes. Para tanto, é fundamental que o mediador deixe o leitor avançar em seu próprio ritmo, elaborando a sua interpretação, por meio de uma leitura silenciosa (SOLÉ, 1998). Tal ideia é reforçada por Teresa Colomer (2007), quando afirma que

é preciso que as crianças e os jovens tenham um tempo na escola para a prática da leitura individual, pois é através dessa leitura autônoma e silenciosa que ocorrerá o desenvolvimento de competências leitoras.

Além da leitura silenciosa, a leitura compartilhada merece destaque na escola, pois “compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia” (COLOMER, 2007, p. 147). Portanto, a leitura é uma tarefa social, pois:

A criança que lê um livro o faz no seio de sua família, na aula ou na biblioteca, comentando-o com os adultos e com outras crianças leitoras, imersa em múltiplos sistemas ficcionais e artísticos que formam competências e conhecimentos que podem passar para a sua leitura. A aprendizagem da literatura realiza-se, assim, em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado (COLOMER, 2007, p. 139).

Diante disso, Max Butlen (2002) destaca o perfil desse leitor polivalente do século XXI, com base em sete competências que deve preencher: ler em todas as modalidades, ler em todos os tipos de suportes, ler todo tipo de textos e documentos, orientar-se nos lugares de leitura, situar-se nos diferentes objetos de leitura, reconhecer-se em sua própria prática de leitor e relacionar a atividade de leitura com os demais aspectos da língua.

Nesse sentido, cabe a esse leitor formar a sua autoimagem de leitor, aprendendo a escolher os livros que deseja ler, criando expectativas, abandonando um livro que decepciona, arriscando-se ao selecionar e levando emprestado aquele que lhe pareceu atraente (COLOMER, 2007). Para tanto, Aguiar afirma:

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Essa consciência do brinquedo que a arte é leva-nos a experimentar o prazer de entrar em seu jogo (1999, p. 254).

Portanto, espera-se que o leitor formado seja crítico, consciente e criativo, que não se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que, por meio de suas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social (SILVA, 1991).

3 A PESQUISA EMPÍRICA

Abrindo espaço para o encontro significativo entre alunos-leitores e as obras literárias, facilitando a discussão e a apreciação dos significados atribuídos aos textos, cruzando as interpretações, etc..., dentro de um clima não-arbitrário, não-dogmático e não-autoritário, estaremos fazendo com que o gosto pela leitura realmente se concretize.

Ezequiel Theodoro da Silva

O capítulo que segue descreve a metodologia utilizada no trabalho, que é a bibliográfica e de campo. São apresentados os objetivos e as questões norteadoras da pesquisa empírica, que teve como amostra 25 professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares do município de São Leopoldo. Para tanto, foram elaborados os seguintes instrumentos, para a análise dos dados: fichas de produção textual e a ficha de observação. Na mesma seção, são descritas as etapas da pesquisa, bem como a organização do Curso de Formação oferecido às professoras.

3.1 A DELIMITAÇÃO DO *CORPUS*

Com o intuito de criar uma proposta para a formação do mediador de leitura literária, utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e de campo. O estudo bibliográfico, já apresentado nos capítulos anteriores, levantou os pressupostos teóricos em relação ao histórico e aos gêneros da literatura infantil, bem como traçou uma perspectiva sociológica sobre a leitura na escola, destacando o papel do mediador na formação de leitores. Esses pressupostos serão a base para a interpretação dos resultados da investigação empírica.

Na pesquisa de campo delimitou-se como foco o profissional que atua em bibliotecas escolares, pois se entende a importância que ele exerce como mediador de leitura na formação de leitores. Nesse sentido, é fundamental que o profissional seja um leitor e promova atividades com obras literárias, incentivando o gosto pela leitura.

Como defende Michèle Petit, é necessário que haja uma aproximação entre professores ou bibliotecários com os livros, pois eles precisam transmitir “sua paixão, sua curiosidade, seu desejo de ler e de descobrir¹²” (2001, p. 64) para as crianças e os jovens com os quais trabalham. Tal ideia é reforçada por Marisa Lajolo, quando afirma que o professor precisa ser um leitor, caso queira formar leitores, pois “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (1997, p. 108), pois, só assim, fará com que seus alunos se tornem leitores.

Com atenção no profissional que atua em bibliotecas escolares, decidiu-se pela amostragem na cidade de São Leopoldo, pelo fato de a autora da pesquisa ter sido responsável pela formação pedagógica dos profissionais das bibliotecas escolares, no ano de 2005, quando trabalhou na Secretaria de Educação, Esporte e Lazer de São Leopoldo (SMED). Outro fator relevante é que, nesse mesmo ano, apresentou uma pesquisa empírica sobre as bibliotecas escolares do município já citado, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, para a obtenção do título de Licenciado em Letras-Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Diante desses dados, definiram-se como objetivos determinantes da pesquisa o de criar propostas de leitura com obras literárias, como forma de contribuir para a prática de mediadores de leitura, bem como o de analisar o perfil dos profissionais que atuam em bibliotecas escolares municipais de São Leopoldo. Com base nisso, foi organizado um Curso de Formação – **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**, que foi apresentado, em abril de 2008, à representante pedagógica da SMED, Lucrécia Raquel Fuhrmann, a qual consultou a Coordenadora Pedagógica e a Secretária de Educação, desse órgão público, para, então, firmar-se a parceria para a realização do Curso.

A participação dos profissionais que atuam em bibliotecas escolares no Curso de Formação partiu de um convite enviado às escolas via SMED. A reunião ocorreu em maio de 2008, e dela, além do profissional responsável pela biblioteca, também participou um representante da supervisão da escola. O intuito desse encontro foi o de apresentar a proposta do Curso de Formação, bem como os objetivos da pesquisa, destacando que todos os participantes receberiam certificados, os quais foram emitidos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Por intermédio da SMED, as sessões ocorreram em uma sala, localizada no centro da cidade, pertencente ao Círculo Operário Leopoldense

¹² Tradução da autora deste trabalho.

(COL), o qual concedeu esse espaço no período de maio a novembro de 2008, às segundas-feiras, no turno da manhã, nas datas previamente agendadas.

Com o convite feito, no encontro seguinte, que aconteceu em junho, havia 40 professoras responsáveis por bibliotecas escolares inscritas e participantes, sendo 33 de escolas municipais de Ensino Fundamental, 4 de escolas municipais de Educação Infantil e 3 representantes da SMED.

Um dado relevante no que diz respeito às participantes do Curso, é que todas são professoras e concursadas, logo, não são bibliotecárias, formadas em Biblioteconomia; assim, serão referidas, durante o decorrer da pesquisa, como professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares ou mediadoras de leitura.

Das 40 professoras que participaram do Curso, se chegou a uma amostra de 25 professoras, tendo por base os seguintes critérios excludentes: 3, eram representantes da SMED, portanto não atuavam em bibliotecas escolares; 9, por excesso de faltas¹³, o que acarretou na não produção dos textos; e 3, por não apresentarem documentos, como produções textuais e a autorização para o uso posterior do material pela pesquisadora. As 25 professoras que fazem parte da amostra são de escolas de Ensino Fundamental, portanto, não há nenhuma representante de escola municipal de Educação Infantil.

As professoras¹⁴ selecionadas não terão seus nomes mencionados e sim o nome da escola na qual atuam. Por outro lado, foram solicitadas autorizações para as professoras (Apêndice A), pois foram elas que responderam as produções textuais; autorizações¹⁵ para as escolas (Apêndice B), pelo uso dos nomes das mesmas; e para a SMED (Anexo A), como forma de legitimar a pesquisa, pois esse órgão público é o responsável pelas unidades da rede municipal de São Leopoldo.

Como forma de situar o leitor, seguem os nomes das escolas municipais de Ensino Fundamental que fizeram parte da experiência, bem como o nome de suas respectivas bibliotecas:

- 1) E.M.E.F. Barão do Rio Branco – Biblioteca Mundo Mágico
- 2) E.M.E.F. Dr. Borges de Medeiros – Biblioteca Mundo Mágico

¹³ Mesmo com o número de faltas excedido, cinco professoras continuaram participando do Curso, portanto houve apenas quatro desistências.

¹⁴ Destaca-se a formação acadêmica das professoras selecionadas: cinco tem Magistério; seis estão cursando a graduação em Pedagogia; oito possuem a graduação completa (nas áreas de Letras, Pedagogia e Biologia) e seis concluíram a Especialização na área de Educação.

¹⁵ As autorizações das professoras e das escolas encontram-se em posse da autora do trabalho.

- 3) E.M.E.F. Castro Alves – Biblioteca Mundo Mágico
- 4) E.M.E.F. Henrique Maximiliano Coelho Neto – Biblioteca Coelho Neto
- 5) E.M.E.F. Franz Louis Weinmann – Biblioteca Mario Quintana
- 6) E.M.E.F. Irmão Weibert – Biblioteca Cecília Meireles
- 7) E.M.E.F. Prof. José Grimberg – Biblioteca Monteiro Lobato
- 8) E.M.E.F. Dr. Osvaldo Aranha – Biblioteca Cecília Meireles
- 9) E.M.E.F. Rui Barbosa – Biblioteca José Bento Monteiro Lobato
- 10) E.M.E.F. Senador Salgado Filho – Biblioteca William Rotermund
- 11) E.M.E.F. Zaira Hauschild – Biblioteca Érico Veríssimo
- 12) E.M.E.F. Dr. Paulo da Silva Couto – Biblioteca Monteiro Lobato
- 13) E.M.E.F. Prof. João Carlos Hohendorff – Biblioteca Visconde de Sabugosa
- 14) E.M.E.F. General Mário Fonseca – Biblioteca Anita Garibaldi
- 15) E.M.E.F. João Belchior Marques Goulart – Biblioteca Saci Pererê
- 16) E.M.E.F. Arthur Ostermann – Biblioteca Paraíso da Leitura
- 17) E.M.E.F. Clodomir Vianna Moog – Biblioteca Clodomir Vianna Moog
- 18) E.M.E.F. Senador Alberto Pasqualini – Biblioteca Visconde de Sabugosa
- 19) E.M.E.F. Prof.^a Dilza Flores Albrecht – Biblioteca Mundo Mágico
- 20) E.M.E.F. Edgard Coelho – Biblioteca Fonte de Luz
- 21) E.M.E.F. Maria Edila da Silva Schmidt – Biblioteca Cantinho do Saber Monteiro Lobato
- 22) E.M.E.F. Prof. Álvaro Luís Nunes – Biblioteca Álvaro Luís Nunes
- 23) E.M.E.F. Santa Marta – Biblioteca “Abre-te Sésamo”
- 24) E.M.E.F. Loteamento Tancredo Neves – Biblioteca Mundo da Leitura – Monteiro Lobato
- 25) E.M.E.F. Padre Orestes Stragliotto – Biblioteca Mundo Mágico da Leitura

Em relação ao método utilizado na pesquisa, esse foi de caráter qualitativo, pois se baseou nas análises das produções feitas pelas professoras, além das observações registradas pela pesquisadora durante o Curso. Assim, o estudo foi descritivo, com o intuito de discutir os dados obtidos, interpretando-os à luz da teoria exposta nos capítulos anteriores.

Por se tratar de uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, elaboraram-se as seguintes questões norteadoras:

- Qual a base teórica presente no planejamento das atividades das professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares?
- Com quais obras literárias as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares trabalham?
- Como as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares veem sua prática como mediadoras de leitura?
- Que atividades são desenvolvidas na biblioteca escolar para a formação de leitores?
- Como qualificar a ação dos mediadores de leitura no espaço da biblioteca escolar?

Conforme Maria Lucia de Moura et al., a “identificação das questões da pesquisa é o ponto de partida nas pesquisas de natureza qualitativa. Neste caso, não são formuladas hipóteses a serem testadas e sim as questões que se tentará responder com a investigação” (1998, p. 42). Neste trabalho, as perguntas elaboradas foram respondidas, a partir da análise dos dados obtidos na pesquisa empírica, de modo a se chegar a conclusões.

3.2 O CURSO DE FORMAÇÃO: INSTRUMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA

Para a coleta de dados foram escolhidos os seguintes instrumentos: as fichas de produção textual¹⁶ e a ficha de observação (Apêndice C). As fichas de produções textuais tinham o caráter de uma entrevista, pois as respostas eram pessoais. No entanto, ao invés de uma pergunta aberta, havia uma frase incompleta que dava início à redação da resposta. Segundo Moura et al., trata-se de um tipo de entrevista livre, pois “as entrevistas inestruturadas ou livres não requerem um roteiro prévio de perguntas, sendo compostas apenas de estímulos iniciais, ditados pelos objetivos da pesquisa” (1998, p. 78).

Nas observações descritas pela ministrante (Apêndice D), há o registro dos comentários das professoras durante os encontros. Esse era feito de forma espontânea, pois o

¹⁶ Os modelos das fichas das produções textuais serão apresentados na descrição dos encontros.

objetivo era anotar as opiniões relevantes das participantes. Sendo um tipo de observação que se caracteriza como uma “observação assistemática”, pois, segundo Marina Marconi e Eva Lakatos:

A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas (2002, p. 89).

A aplicação desses instrumentos se deu durante o Curso, o qual foi composto por doze encontros, de três horas, cada um, totalizando uma carga horária de 36 horas.

Em relação às etapas da pesquisa, destacam-se, como a primeira, os estudos teóricos realizados sobre os temas apresentados nos capítulos anteriores. Esses estudos foram a base para o planejamento do Curso de Formação e continuaram durante toda a pesquisa, pois fundamentaram as análises dos dados recolhidos no processo.

A realização do Curso, compreendida como a segunda etapa da pesquisa, intercalou teoria e prática, considerando os estudos sobre o tema, os objetivos propostos e as informações que estavam sendo levantadas junto ao material produzido pelas participantes. Nesse sentido, as produções textuais recolhidas continham, de um lado, elementos para se delinear o perfil do grupo e, de outro, as respostas quanto à recepção do Curso e ao aproveitamento dele.

Havia encontros que tinham o caráter de apresentar a teoria, de forma sucinta, de modo a discuti-la por meio de debates em grupos de estudos; e outros, que tinham a finalidade de apresentar os gêneros da literatura infantil, de maneira lúdica e prazerosa, por meio de atividades práticas. Em todos os encontros, iniciava-se e terminava-se com uma história ou poema, a fim de relacionar um encontro com o outro, pois esses textos eram escolhidos de acordo com o gênero já trabalhado (texto inicial) e aquele que viria a ser estudado (texto final). Obedecendo a essa organização, segue-se a descrição dos encontros, com suas datas e temáticas.

O primeiro encontro ocorreu no dia 19 de maio de 2008 e, como já foi referido anteriormente, tratou-se de uma reunião-convite, na qual se apresentou a proposta do Curso. Iniciou-se com a recitação do poema “Livros”, de Adelaide Love. Após, como forma de conhecer as participantes, solicitou-se a primeira produção textual, “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...” (Apêndice E), que teve o objetivo de conhecer o perfil das professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares, pois elas teriam que se posicionar, colocando a

imagem que tinham de uma biblioteca ideal. Com a produção feita, apresentou-se a sistemática dos encontros, com sua programação e seu cronograma (Apêndice F). Para finalizar essa reunião, foi recitado, de forma interativa, o poema “Caixa mágica de surpresa”, de Elias José. A escolha dos poemas, lidos na ocasião, foi no sentido de sensibilizar as professoras a participarem do Curso, pois os dois referem-se à importância do livro.

O segundo encontro ocorreu no dia 16 de junho de 2008 e tinha como foco a teoria. Iniciou-se com o conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector, o qual retoma a questão da importância do livro. Após, foi solicitada a segunda produção textual, “Participando deste Curso, eu busco...” (Apêndice G), com o intuito de conhecer quais eram as expectativas das participantes em relação ao Curso. Em seguida, apresentou-se o material teórico, em *PowerPoint*, sobre o histórico da literatura infantil, bem como as principais obras da literatura infantil universal e brasileira (Apêndice H), seguindo-se um debate sobre esse assunto, provocado por questões norteadoras. Ao final, foi feita a leitura do conto popular “O caso do espelho”, recontado por Ricardo Azevedo, já que o próximo encontro trataria desse gênero.

O terceiro encontro, que ocorreu no dia 30 de junho de 2008, tinha como foco a atividade prática e foi dividido em dois momentos, com o primeiro, intitulado “Narrativa Infantil I: lendas e contos populares” (Apêndice I), apresentando sugestões práticas com o conto “O homem que enxergava a morte”, de Ricardo Azevedo. O segundo momento, “Narrativa Infantil II: livros de imagens e narrativas curtas” (Apêndice J), oferecendo sugestões práticas de leitura da história *Zuza e Arquimedes*, de Eva Furnari. O objetivo do encontro foi apresentar, de forma prática, os gêneros referidos, sugerindo atividades para o momento da contação de histórias. Nesse encontro, propôs-se, como atividade extraclasse, a escrita de um conto popular que as professoras conhecessem, bem como a ilustração do mesmo, para posterior publicação¹⁷.

O quarto encontro ocorreu no dia 14 de julho de 2008, e tinha como intuito discutir a teoria. Iniciou-se com a história *O segredo da lagartixa*, de Leticia Dansa e Salmo Dansa, por se tratar de uma narrativa curta, remetendo ao último encontro. Após, foi solicitada a terceira produção textual, “Na minha escola, a leitura...” (Apêndice K), com o objetivo de conhecer de que forma a leitura estava sendo trabalhada nas escolas. Em seguida, formaram-se grupos de estudos, os quais receberam um excerto referente à leitura na escola e à formação

¹⁷ Como as professoras demonstraram entusiasmo em realizar essa atividade e apresentaram contos populares muito interessantes, ficou decidido que os contos seriam digitados; as ilustrações, *scaneadas*, e se apresentaria o resultado em formato de livro, o qual está sendo organizado pela autora da pesquisa.

do leitor, bem como uma questão para nortear a discussão. Realizada essa, as professoras apresentaram ao grupo suas conclusões. Como forma de continuar o debate, foi exposto o material teórico, em *PowerPoint*, sobre os assuntos discutidos (Apêndice L). Para finalizar, contou-se a história “O príncipe desencantado”, de Flávio de Souza.

O quinto encontro ocorreu no dia 05 de agosto de 2008, e foi um passeio cultural à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), para assistir às palestras **O livro e o sujeito: interações híbridas de corpo inteiro**, com a escritora Paula Mastroberti, e **Sobre a arte de contar histórias**, com o escritor Celso Sisto. A finalidade foi de aproximar as professoras de escritores que realizam atividades de mediação de leitura com crianças, jovens e adultos, enfatizando a importância de se ter outros olhares sobre os temas que compõem o Curso de Formação.

O sexto encontro ocorreu no dia 18 de agosto de 2008 e teve como foco a atividade prática. Nesse dia, iniciou-se com uma parte teórica, em *PowerPoint*, sobre os contos de fadas (Apêndice M), que se seguiu com a parte prática, intitulado “Narrativa Infantil III: contos de fadas tradicionais e modernos”. O objetivo foi o de apresentar e comentar as versões originais e modernas dos contos de fadas. As histórias selecionadas foram: *Chapeuzinho Vermelho*, versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm, e as versões modernas: *Chapeuzinho vermelho de raiva*, de Mário Prata e *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque; *O príncipe-rã ou Henrique de Ferro*, dos Irmãos Grimm e a versão moderna *Sapo vira rei vira sapo ou A volta do Reizinho Mandão*; *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen e a versão moderna *O patinho feio e outras histórias malucas*, de Jon Scieszka. As sugestões práticas apresentadas na ocasião podem ser aproveitadas para qualquer uma das obras referidas.

O sétimo encontro ocorreu no dia 1º de setembro de 2008 e ateu-se à teoria. Iniciou-se com a história *Os três porquinhos*, de Joseph Jacobs, e a sua versão moderna *A verdadeira história dos três porquinhos*, de Jon Scieszka. Após, foi solicitada a quarta produção textual, “Na biblioteca da minha escola, eu...” (Apêndice N), com o objetivo de verificar qual a rotina de trabalho das professoras na biblioteca escolar e como cada uma se vê nessa tarefa. Em seguida, apresentou-se um material teórico, em *PowerPoint*, sobre a biblioteca escolar e a “hora do conto” (Apêndice O), durante o qual houve muito debate. Como história final, foi apresentada, em *PowerPoint*, a história em quadrinhos “Contos que não estão na Carochinha”, de Maurício de Sousa.

O oitavo encontro ocorreu no dia 22 de setembro de 2008 e privilegiou a atividade prática. No primeiro momento foi discutida a teoria sobre as histórias em quadrinhos

(Apêndice P), em *PowerPoint*, e, em seguida, sugestões de atividades com elas. As histórias escolhidas tiveram como base as personagens de Maurício de Sousa e a bruxinha de Eva Furnari. O segundo momento foi reservado para relato, por parte das professoras participantes, de seu trabalho à frente da biblioteca escolar, mas apenas 6 se propuseram a apresentá-lo. Ao final dessa sessão, foi solicitado que trouxessem livros infantis, aqueles que mais gostaram de contar, para o próximo encontro.

O nono encontro ocorreu no dia 06 de outubro de 2008 e priorizou a teoria. Iniciou-se com a história *O bonequinho do banheiro*, de Ziraldo. Após a leitura, as participantes responderam a um questionário referente ao livro que trouxeram (Apêndice Q). O objetivo da pesquisa foi o de conhecer as obras que as professoras já tinham trabalhado com seus alunos e que deram bons resultados. Em seguida, elas formaram grupos e escolheram uma obra para fazer uma análise dos aspectos positivos e negativos da mesma (Anexo B). Após a discussão, os grupos apresentaram os resultados do estudo, e concluiu-se sobre os critérios para a seleção de um livro infantil, levando em conta os aspectos teóricos, apresentados em *PowerPoint*, referentes ao assunto (Apêndice R). Nesse dia, foi feito um segundo questionário, esse relacionado aos interesses e hábitos de leitura (Apêndice S), com o objetivo de conhecer, mais diretamente, o perfil leitor das professoras participantes do Curso. Para finalizar, foi recitado o poema “O menino que carregava água na peneira”, de Manoel de Barros. Elas foram convidadas a decorarem uma poesia infantil para o próximo encontro.

O décimo encontro ocorreu no dia 20 de outubro de 2008 e teve como foco a atividade prática. Iniciou-se com a recitação do poema “Convite”, de José Paulo Paes, o qual foi entregue como marcador de página. Esse encontro foi organizado em dois momentos, o primeiro relacionado à poesia folclórica, teorizando e partindo para a prática com diversas sugestões como trava-línguas, parlendas, adivinhas, quadras etc. Num segundo momento, foi apresentado um material teórico, em *PowerPoint*, sobre a poesia autoral¹⁸ e, após, sugestões práticas para os poemas: “A língua do nhem” e “Leilão de jardim”, de Cecília Meireles; “O pato”, de Vinícius de Moraes; “Paraíso”, de José Paulo Paes; “Receita de espantar a tristeza”, de Roseana Murray. Para finalizar, contou-se a história *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves, da qual fazem parte várias poesias. Encerrou-se com o “Sarau poético” das professoras.

O décimo primeiro encontro ocorreu no dia 12 de novembro de 2008 e constituiu-se no segundo passeio cultural, esse, à Casa de Cultura Mario Quintana, na Biblioteca Lucília

¹⁸ Os materiais teórico e prático sobre a poesia folclórica e autoral encontram-se no Apêndice T deste trabalho.

Minssen. As professoras participaram da Contação de histórias, do Grupo Cataventus. O objetivo foi proporcionar contato com profissionais que contam histórias para crianças, jovens e adultos, utilizando diversas estratégias: sem recurso material, com fantoches, com álbum seriado, de forma interativa e outras. Após, foram convidadas a visitarem a Feira do Livro de Porto Alegre. Solicitou-se que trouxessem, novamente, uma obra infantil para o próximo encontro.

O décimo segundo encontro ocorreu no dia 24 de novembro de 2008 e foi o momento de finalização das atividades. Iniciou-se com o poema “Livro: a troca”, de Lygia Bojunga, como modo de retomar a importância do livro. Em seguida, se discutiu o texto teórico “O professor como promotor da leitura”, de Vera Maria Tietzmann Silva (2008), que foi lido previamente. Depois, as participantes foram divididas em grupos para a elaboração de um projeto de leitura, com base no material teórico exposto, em *PowerPoint* (Apêndice U), relacionado com a obra que trouxeram, e apresentaram seus projetos (Anexo C). Nessa sessão realizaram novamente a produção textual que iniciou o Curso, “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...¹⁹”, retomando a questão sobre como veem a biblioteca ideal. Para que se verificasse o que acharam do Curso, elas realizaram outra produção textual, “O que mais me marcou no Curso foi...” (Apêndice V), em que puderam colocar sua opinião sobre a pesquisa. Encerraram-se as atividades com a história *Atrás da porta*, de Ruth Rocha, como forma de retomar o início do Curso, pois essa história destaca a importância da leitura.

O Curso apresentou essa organização pelo fato de se entender a importância das professoras conhecerem o histórico da literatura infantil, bem como os seus gêneros, teoricamente e de forma prática, para, então, escolherem com qualidade e propriedade as histórias que serão contadas, tanto na biblioteca como em sala de aula. Um dado imprescindível disse respeito à questão da leitura e da sua mediação, pois é fundamental que as práticas de leitura sejam discutidas e repensadas de forma a organizar um trabalho significativo na escola.

A terceira fase da pesquisa disse respeito à apresentação dos resultados referentes às produções textuais feitas pelas professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares de São Leopoldo e às observações registradas durante o Curso. Nessa etapa, definiram-se as categorias para a análise dos dados, que foram as seguintes:

- 1ª categoria: as práticas de leitura: experiências vividas;

¹⁹ O modelo desta produção textual final é o mesmo da produção textual inicial, que se encontra no Apêndice E, deste trabalho.

- 2ª categoria: a leitura na escola e na biblioteca;
- 3ª categoria: as impressões em relação ao Curso;
- 4ª categoria: a biblioteca dos meus sonhos.

A primeira categoria, “as práticas de leitura: experiências vividas”, referiu-se ao questionário, em que as professoras tiveram que responder dez questões relacionadas ao hábito e ao interesse de leitura. O intuito foi de conhecer o perfil leitor das professoras participantes.

A segunda categoria, “a leitura na escola e na biblioteca”, referiu-se às produções textuais “Na minha escola, a leitura...”, “Na biblioteca da minha escola, eu...”, ao questionário “Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto? Quais os motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?”, e à apresentação em grupo sobre os critérios para selecionar uma obra infantil. Nessa categoria buscou-se verificar a questão da leitura no âmbito escolar.

A terceira categoria, “as impressões em relação ao Curso”, referiu-se às produções textuais “Participando deste Curso, eu busco...” e “O que mais me marcou no Curso foi...”, nas quais as participantes colocaram as suas impressões a respeito do Curso, bem como a avaliação dele.

A quarta categoria, “a biblioteca dos meus sonhos”, referiu-se às produções inicial e final do Curso, que apresentaram o mesmo estímulo, “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”, em que as professoras tiveram que colocar como seria uma biblioteca ideal. Verificaram-se, assim, os perfis de entrada e saída das mediadoras, no que tange a sua visão sobre a biblioteca escolar.

Na quarta etapa da pesquisa, chegou-se aos resultados obtidos na etapa anterior, no que diz respeito à interpretação dos dados, tendo por base o referencial teórico. Por fim, na última etapa da pesquisa, foram formuladas as conclusões da mesma, confrontando as questões norteadoras, com os resultados da experiência empírica, inferindo-se, assim, as contribuições do Curso de Formação para o desempenho profissional do grupo envolvido no processo.

4 OS MEDIADORES E SUA VOZ

Muitas crianças que vivem à margem do sistema social necessitam da palavra e das histórias para poder sobreviver. E as crianças que vivem instaladas na maior passividade consumista necessitam da palavra e das histórias para resgatar-se. “Alguém” deve continuar dizendo quais palavras e que histórias podem exercer melhor essa missão e como se podem oferecer à infância.

Teresa Colomer

Neste capítulo se reúnem os resultados referentes às produções textuais feitas pelas professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares do município de São Leopoldo e às observações registradas durante o Curso. Para tanto, definiram-se as categorias para a análise dos dados, que foram as seguintes: 1^a) as práticas de leitura: experiências vividas; 2^a) a leitura na escola e na biblioteca; 3^a) as impressões em relação ao Curso; 4^a) a biblioteca dos meus sonhos. Essas categorias foram organizadas levando-se em conta as temáticas das produções, de modo a cumprir os objetivos definidos para a pesquisa. As observações da pesquisadora, quando pertinentes, são mencionadas no decorrer das análises, respeitando o momento em que foram feitas. O Curso foi dividido em doze encontros, os quais já foram descritos no capítulo anterior. No entanto, algumas atividades, lá mencionadas, são descritas, por serem consideradas relevantes para as categorias dessa seção.

4.1 AS PRÁTICAS DE LEITURA: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Nesta categoria são apresentados os dados obtidos por meio de um questionário, que teve o objetivo de analisar os interesses e hábitos de leitura das professoras participantes do Curso, bem como o de conhecer a formação leitora dessas profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Seguem as perguntas do mesmo:

- 1) O que você faz nos seus momentos de lazer?

- 2) Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?
- 3) Quais as obras que marcaram sua vida?
- 4) Como é feita a sua escolha de leitura?
- 5) Em que lugar você gosta de ler?
- 6) Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?
- 7) Em que período do dia você lê?
- 8) Como você lê (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só;...)?
- 9) Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?
- 10) Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?

A apresentação dos dados se dividiu em duas partes, sendo que a primeira questão foi excluída dessa divisão e analisada inicialmente, pois tinha o objetivo de verificar se a leitura era referida nos momentos de lazer das professoras. Em relação às partes, a primeira enfocou os interesses de leitura, referindo-se às questões: dois, três, nove e dez; a segunda verificou os hábitos de leitura, referindo-se às questões: quatro, cinco, seis, sete e oito. As respostas²⁰ dadas pelas participantes encontram-se no Anexo D deste trabalho.

Na primeira questão o foco foi conhecer o que as professoras gostavam de fazer em seus momentos de lazer, observando se a leitura era referida e em que posição se encontrava. Das vinte e cinco professoras, vinte e uma citaram a leitura, como sendo uma atividade realizada em momentos de lazer. Dessas vinte e uma, seis a colocaram em primeiro lugar; nove, em último; e as outras seis, entre as demais atividades, como se verifica pelos relatos: “Gosto muito de olhar filmes. Ler, adoro gibis, fazer palavras cruzadas”; “Brinco com meus filhos, passeio, leio – jornais, revistas e livros, ando de bicicleta”; “Tomo chimarrão, converso c/ os amigos, passeio, assisto filmes, leio”; “Leituras (revistas, jornais, livros espirituais...). Visitas, bater papo e tomar chimarrão”²¹. Depois da leitura, as atividades mais citadas foram:

²⁰ Optou-se por digitar todas as respostas dadas pelas professoras, para que todo o material produzido pudesse ficar disponibilizado no mesmo volume do trabalho. As produções e os questionários originais encontram-se em posse da autora da pesquisa.

²¹ As citações dos questionários e das produções textuais das professoras foram reproduzidas fielmente, independente dos possíveis erros neles contidos.

passar ou brincar com os filhos, conversar com os amigos e tomar chimarrão. Entende-se que, pelo fato de as participantes realizarem atividades de mediação de leitura, o ato de ler deva ser algo prazeroso em suas vidas. Portanto, essa primeira questão norteará as demais, pois já se sabe que é um grupo que, aparentemente, gosta de ler, e é por meio das próximas respostas que se poderá confirmar esse dado.

Em relação aos interesses de leitura, as professoras, num primeiro momento, tiveram que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária; a finalidade foi a de conhecer a personalidade dessas profissionais, ou seja, com quem elas se identificavam e o porquê.

As personagens infantis foram as mais citadas, com dezesseis referências: Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Magali, Emília e outras; já as personagens adultas tiveram cinco referências, entre elas: Ana Terra, Dona Benta, D. Quixote; duas citaram autores: Ziraldo e Ricardo Azevedo, destacando que apreciam as suas obras; e duas não responderam. Os motivos das identificações²² refletem as características das personagens, que remetem às experiências pessoais das participantes.

A professora que se identificou com a Chapeuzinho Vermelho destacou que tinha muito medo do lobo. Já aquela que se reconheceu na personagem Bela, de *A bela e a fera*, salientou a sua fragilidade e sua coragem.

Três professoras escolheram a personagem Emília e deram as seguintes respostas: uma destacou o fato de a personagem ser agitada e falante, além de aventureira; outra, a importância que teve em sua infância e a terceira, a sinceridade da boneca. Aquela que se identificou com Dona Benta afirmou que gostaria de “contar histórias e poder ‘conviver’ com as personagens”, como ela fazia.

Uma professora identificou-se com a personagem da história *Menina bonita do laço de fita* afirmando que “é uma das poucas personagens negra que tem sua cor valorizada, sem preconceito”. Outra se reconheceu na personagem Magali, das histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa, salientando que também adora comer fora de hora.

Houve duas professoras que escolheram a personagem Ana Terra e tiveram respostas semelhantes, pois destacaram o fato de essa personagem ser batalhadora, guerreira e enfrentar muitos obstáculos, como acontece seguidamente com elas, no seu dia-a-dia.

²² Serão relatadas algumas das identificações consideradas mais relevantes.

Com base nas respostas dadas pelas professoras, percebe-se que elas se identificaram com personagens que, de alguma forma, refletiram as suas próprias vivências. Em vista disso, entende-se que o leitor que se identifica com determinada personagem sente e vive uma outra experiência que se assemelha com a sua. Daí depreende-se a importância do processo de identificação para a formação do leitor. Na verdade, ele busca no texto respostas a questões que são suas. A possibilidade de se encontrar no texto garante a continuidade da leitura e a referência que a personagem passa a ter para o sujeito.

Em relação às obras que marcaram suas vidas, várias foram citadas, com destaque para a literatura juvenil e infantil. Das vinte e cinco professoras, nove citaram obras de literatura juvenil, como: *O menino de asas*, *A ilha perdida*, *O pequeno príncipe*, *O mistério do cinco estrelas*, *Crônicas de Nárnia* e outras; nove, obras de literatura infantil, com ênfase nos contos de fadas: *Cinderela*, *Branca de Neve*, *Os três porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho*. As outras sete professoras citaram: romances, autoajuda e obras espíritas.

Percebe-se, pelas respostas dadas, que as obras que marcaram a vida das professoras pertencem à literatura infantil e juvenil. Nesse sentido, remete-se a duas hipóteses: de que foram leituras presentes na infância e na adolescência das participantes ou que são leituras significativas para o seu universo de trabalho, pois elas exercem atividades de mediação de leitura com esse público. Nos dois casos, presume-se que há uma carência de leitura por parte dessas mediadoras, uma vez que o livro de literatura em geral quase não foi citado.

No momento em que tiveram que se referir ao livro que gostariam de ganhar, houve muita diversidade, sobressaindo o romance, sendo que também foram citadas obras de autoajuda, literatura infantil, espírita e poesia, conforme os relatos: “Um livro de romance ou um livro com histórias que tenham mensagem (para refletir)”; “Gostaria de ganhar um livro de romance”. Nessa questão, tem-se a suposição de que elas podem ter feito alusão a uma leitura mais individual, bem como prazerosa, pois o romance prevaleceu, sendo considerado um tipo de leitura feminina²³.

Quando foi proposto que elas entrassem pela última vez na biblioteca em que estavam todos os livros que já haviam lido e que teriam que salvar alguns poucos de um incêndio fictício, também houve diversidade nas respostas, prevalecendo a literatura juvenil e infantil. Também foram mencionados os livros espíritas, o romance, a autoajuda, e houve quatro pessoas que não especificaram a obra. Nessa questão há a possibilidade do Curso de

²³ A leitura do romance está ligada à intimidade do quarto, remetendo à leitora as suas emoções, ou seja, é um ato privado.

Formação ter influenciado nas respostas, pois as obras infantis e juvenis foram muito referidas e várias professoras estavam buscando essa leitura profissional para a preparação das atividades que desenvolviam na biblioteca. Portanto, esses livros mencionados revelam o gosto e as preferências de leitura das mediadoras em relação ao momento em que estavam vivendo, sendo que, nos dias atuais, possivelmente, outros poderiam ser referidos.

Em relação aos hábitos de leitura, as professoras destacaram como era feita a sua escolha de leitura, sendo que, das vinte e cinco, treze escolhem pelo tema ou assunto, com destaque para os livros de autoajuda e literatura infantil, como afirmaram: “Gosto muito de romances históricos, mas atualmente estou escolhendo mais os livros infantis, pois logo penso em contar a história para os meus filhos”, “Pelo assunto, se alguém indicou e fiquei curiosa para lê-lo, se gosto do filme e resolvo ler o livro. Se li numa revista que ele vendeu bem”, “Sempre dou uma olhada nos livros e após leio a contracapa p/ ver do que trata a obra, se gosto, leio”; oito responderam que por indicação; duas, pelo título; e duas, pelos mais vendidos. Tais respostas revelam que as professoras estavam escolhendo livros para uma leitura mais individual, como os de autoajuda; e outras pensando numa leitura mais profissional, como os de literatura infantil.

Um dado muito relevante refere-se ao tempo dedicado à leitura, sendo que, das vinte e cinco professoras, treze não o indicaram, justificando que, pelo fato de trabalharem o dia todo, não tem um tempo específico para ler e, portanto, leem quando possível, como afirma uma delas: “Muito pouco, leio muito p/ a faculdade e infelizmente não tenho lido outras obras. Claro estou lendo p/ os alunos e minha filha”; enquanto que doze colocaram que leem, diariamente, semanalmente ou mensalmente, conforme os relatos: “Uma ou duas horas por dia, quando não estou muito cansada. Nas férias leio muito mais”; “Mais ou menos duas horas por semana”; “Leio, aproximadamente, um livro por mês depende da disponibilidade de tempo e do ‘tamanho da obra’”. Sabe-se que o ato de ler requer tempo, ou seja, a pessoa precisa dar o seu tempo para a leitura, com base nisso constatou-se que várias professoras alegaram uma falta de tempo para ler; o que remete à primeira questão, na qual vinte e uma referiram a leitura como uma das atividades que realizavam em seus momentos de lazer. Nesse sentido, pode-se supor que, para algumas, há poucos momentos de lazer ou, na escala de valores da vida moderna, a leitura nem sempre ocupa a primeira posição no cotidiano dessas mediadoras.

O lugar preferido para a leitura foi o quarto, com dezesseis referências, conforme os relatos: “No quarto. Sentada na cama”, “Em casa, na cama, antes de dormir”; o segundo, mais

citado, foi o jardim, com quatro referências; três citaram a sala e duas não especificaram. Tais respostas vieram ao encontro do momento de leitura preferido das participantes, que foi a noite, antes de dormir, com vinte e uma referências, conforme salientaram “à noite, depois que os filhos dormem”; “Normalmente, à noite, após chegar da faculdade”; duas citaram que leem pela manhã; uma, à tarde e uma não especificou o período do dia, dizendo que lê em qualquer hora, quando dá tempo. Todas as professoras especificaram que leem de forma silenciosa, sendo que doze, complementaram a sua resposta, enfatizando que precisam estar sozinhas no momento da leitura, o que se pode comprovar pelos depoimentos: “Só e silenciosa, sem nada ligado senão eu me desconcentro com facilidade”; “Leitura silenciosa não gosto de barulho quando estou lendo”. Essa preferência pelo quarto e no período da noite remete a uma leitura íntima, individual e silenciosa, caracterizando-se como uma prática de leitura da vida contemporânea.

Diante das afirmações apresentadas, evidenciou-se que, em relação aos interesses de leitura, as professoras estão intimamente ligadas às obras infantis e juvenis, tanto como identificação de personagens, quanto como obras que marcaram suas vidas e as que seriam salvas caso houvesse um incêndio fictício, o que remete à ideia de que o foco de interesse das mediadoras está em leituras ligadas à sua prática profissional. Já em relação aos hábitos de leitura verificou-se que a maioria lê no quarto, à noite e silenciosamente. Contudo, o fato de nem todas especificarem o tempo dedicado à leitura, dificultou saber se há uma regularidade no ato de ler.

4.2 A LEITURA NA ESCOLA E NA BIBLIOTECA

A segunda categoria referiu-se às produções textuais “Na minha escola, a leitura...”, “Na biblioteca da minha escola, eu...”, ao questionário “Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto? Quais os motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?”, e à apresentação, em grupo, sobre os critérios para selecionar uma obra infantil. Nessa categoria buscaram-se verificar e analisar quais eram as ações feitas em relação à leitura no âmbito escolar.

A produção textual “Na minha escola, a leitura...”²⁴ teve o objetivo de identificar quais eram as atividades desenvolvidas em relação à leitura na escola; no mesmo encontro em que fizeram essa produção, também foram feitos grupos de estudos para discutir questões referentes à leitura e à formação do leitor.

Das vinte e cinco professoras, quinze relataram que há um trabalho conjunto entre a professora responsável pela biblioteca e os professores titulares das turmas, buscando uma parceria nas atividades relacionadas à formação do leitor, como se pode comprovar pelas afirmações: “Na minha escola a leitura é trabalhada tanto na biblioteca (hora do conto) quanto na sala de aula”; “A maioria dos professores fazem um momento de leitura pelo menos uma vez por semana na sua sala de aula”; “A hora do conto está deixando de ser um trabalho isolado da sala de aula, o professor regente e o professor da biblioteca pensam juntos como, o quê, por quê e como continuar com a leitura em sala de aula”. No entanto, sete professoras destacaram que as atividades relacionadas à leitura ficam a cargo apenas da responsável pela biblioteca: “Na minha escola a leitura acontece preferencialmente pela professora responsável pela biblioteca. São pouquíssimos os professores que trabalham leitura na sala de aula”; “Pelo que posso observar esta é trabalhada apenas na hora do Conto. Percebo também que o que é trabalhado fica somente restrito a biblioteca”. Já três professoras responderam que não ocorrem atividades de leitura na biblioteca e sim, na sala de aula, com o professor. Tais situações comprovam a importância de haver um diálogo entre o professor responsável pela biblioteca e o professor titular da turma, para que possam realizar um planejamento conjunto de atividades relacionadas à leitura, pois é fundamental que os alunos percebam que os seus mediadores de leitura valorizam esse momento, por meio da continuidade do trabalho desenvolvido tanto por um quanto pelo outro.

Algumas professoras mencionaram as dificuldades enfrentadas na realização de atividades com a leitura no ambiente escolar, destacando que são raros os professores que frequentam a biblioteca e que a leitura deveria ser mais trabalhada na escola, pois fica restrita apenas às atividades feitas na biblioteca, conforme as afirmações: “São raros os professores que vão até a biblioteca pedir algum livro para ler para os alunos. Normalmente trabalham textos retirados de livros didáticos”; “Penso que deveria ser mais trabalhada pelos professores e também pela família”; “Poderia ser mais trabalhada. Não vejo um empenho dos alunos em ler. E acho que as professoras deveriam incentivar mais a leitura, oportunizando aos alunos um momento para isso”. Tais relatos intensificam o papel essencial que cabe ao professor

²⁴ As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo E deste trabalho.

responsável pela biblioteca na promoção de atividades que motivem alunos, professores, equipe diretiva e demais funcionários da escola, fazendo-os participarem ativamente de ações para o fomento à leitura, por meio de palestras, debates e oficinas.

Percebeu-se que a retirada de livros na biblioteca é prioridade nas escolas, pois em vinte e quatro ocorrem empréstimos, sendo que, na grande maioria, semanalmente; e nas outras, quinzenalmente, devido ao grande número de alunos. Vale ressaltar que a única escola em que não ocorre a retirada de livros destacou que é pelo fato de ser uma escola nova, inaugurada em 2008, e que ainda não faz parte da lista do Programa Nacional de Bibliotecas Escolares, do Ministério da Educação, situação que será regularizada em breve.

Um dado relevante é que há escolas em que o interesse dos alunos em frequentar a biblioteca está crescendo, como se pode comprovar pelas afirmações: “Noto que os alunos demonstram prazer quando estão na biblioteca (...) Muitos sentem-se estimulados através da leitura realizada pela professora e por colegas e aos poucos vão ‘criando’ hábito/gosto pela leitura”; “No recreio também muitos alunos procuram a biblioteca, para ler”. Acredita-se na importância da retirada de livros para fazer circular o acervo disponível na biblioteca e, assim, propor, posteriormente à leitura individual, situações de leitura compartilhada. Entende-se que para formar leitores é preciso que o aluno tenha acesso aos livros, por meio de atividades na biblioteca e pelo empréstimo, pois é com esse contato que ocorrerá o encontro com a literatura, fazendo com que o leitor descubra os livros que mais lhe agradam, revelando, assim, o seu gosto por esta ou aquela história. Quando ocorre o encontro, a motivação para a leitura tende a crescer como se pode perceber que já está acontecendo em algumas escolas.

É fundamental salientar que em seis escolas ocorrem atividades de mobilização para a formação do leitor, entre elas: a biblioteca permanecer aberta durante o recreio; o projeto de leitura envolvendo toda a escola, em que uma vez por semana os alunos, os professores, a equipe diretiva e os funcionários realizam uma leitura; a semana do livro, conforme o relato da professora: “Na semana do livro sempre é realizado atividades diferenciadas, por exemplo, esse ano, ‘Monteiro Lobato’ e um dos seus personagens, ‘Visconde’, visitaram as salas de aula contando um pouco da biografia do Monteiro, foi realizado uma hora do conto especial com a ‘Emília’ para todas as turmas”; o projeto para integrar a comunidade com a biblioteca, no qual ouve-se o que a comunidade pensa sobre a biblioteca e organiza-se um planejamento com as ideias que são levantadas. Essas ações, dentre outras relatadas, visam a uma valorização da atividade com a leitura pela escola, o que remete à ideia de que as escolas

analisadas estão tendo um olhar para essa questão, sendo que o papel do mediador é fundamental nesse movimento.

Nesse mesmo encontro, as professoras reuniram-se em cinco grupos e cada um recebeu um excerto sobre um dos temas “leitura na escola” e “formação do leitor”, com as seguintes questões para nortear a discussão: “De que forma se pode motivar os alunos para a prática de leitura? Qual a sua opinião em relação às leituras obrigatórias na escola? De que maneira a leitura vem sendo incentivada na sua escola? O que é preciso, ou seja, quais os fatores fundamentais para a formação do leitor? Quais os motivos de a leitura ser tão pouco valorizada pelos alunos?”. Em relação à motivação, o grupo ressaltou que o professor precisa ser um leitor e desenvolver atividades de contação de histórias, bem como haver o envolvimento das famílias nas ações relacionadas à leitura. O grupo que discutiu as leituras obrigatórias criticou esse tipo de prática, destacando que a escolha de leitura precisa partir do interesse do aluno, respeitando as suas diferenças. Outro grupo ressaltou que as atividades como a “hora do conto”, a retirada de livros, os saraus e a semana cultural com autores são maneiras de se incentivar a leitura na escola. Já em relação aos fatores fundamentais para a formação do leitor destacaram o incentivo, o prazer e o planejamento, por parte do professor, com objetivos claros. Os motivos destacados para a leitura ser tão pouco valorizada disseram respeito à distância que há entre as atividades desenvolvidas na biblioteca e na sala de aula, o desconhecimento do acervo literário por parte dos docentes e discentes e a leitura ser trabalhada como pretexto. Houve muita discussão em relação ao valor que a biblioteca tem para a escola, sendo que várias professoras afirmaram que o seu trabalho na biblioteca não é valorizado. Daí a necessidade do diálogo entre o profissional responsável pela biblioteca e os professores titulares das turmas, pois todos deveriam trabalhar juntos na elaboração de atividades para incentivar à leitura tanto dentro da escola como fora dela, aproximando a família dessas ações.

Em seguida, propôs-se que as professoras completassem a seguinte frase: “Para formar um leitor é preciso...”, tendo os seguintes sujeitos: o professor, a família e a escola. Em relação ao professor, elas responderam que esse precisa: incentivar, importar-se com a leitura, ser um leitor, emocionar e ter comprometimento. Com a família sendo o sujeito, elas afirmaram que a mesma precisa priorizar e ter consciência da importância da leitura. Para a escola, elas ressaltaram que acreditam que ler e escrever deveria ser compromisso de todas as áreas, ou seja, é preciso o envolvimento de todos na questão da leitura, por meio de estratégias; também destacaram que é necessário priorizar a leitura e discutir o projeto

político-pedagógico da escola. Questionadas se haveria mais “alguém” com o compromisso de formar leitores, elas disseram: os próprios alunos, pois depende deles a questão da leitura; e o poder público, destacando a necessidade de uma política para a formação de leitores, com repasse de verbas e atualização constante do acervo. Sem dúvida, as professoras têm consciência da importância do envolvimento de todos na questão da leitura, com destaque para o professor, que precisa ser leitor; e para a escola, que precisa oferecer acesso aos livros, por meio dos empréstimos, pois, muitas vezes, a carência de incentivo na família é pelo fato de não terem acesso a esse bem cultural, que é o livro.

A produção textual “Na biblioteca da minha escola, eu...”²⁵ teve a finalidade de conhecer as atividades desenvolvidas pelas professoras no espaço da biblioteca escolar. Nesse encontro, também foram feitas reflexões sobre os temas “biblioteca escolar” e “hora do conto” (contação de histórias).

No que tange às atividades relacionadas à leitura na biblioteca escolar, o destaque foi a “hora do conto”, pois, das vinte e cinco professoras, dezenove responderam que ocorre essa atividade na biblioteca, sendo que, em doze, semanalmente; e em sete, quinzenalmente. Em três escolas são outras professoras²⁶ que realizam essa atividade; e em outras três, não há atividades de “hora do conto”. Nas escolas em que ocorre “hora do conto”, o tempo varia de 30 minutos até 1 hora. Novamente, nessa produção, foi destacada a importância da retirada de livros. Dentre as dezenove professoras que realizam “hora do conto”, onze responderam que fazem um planejamento para esse momento, sendo que dez descreveram as atividades que realizam após a leitura da história, como desenhos, dobraduras, dramatizações e brincadeiras, utilizando-se dos seguintes recursos: retroprojeter, fantoches, cineminha, avental com gravuras, ilustrações; como descreveu uma das professoras: “A hora do conto sempre é planejada anteriormente, se possível uso alguma técnica para contação (avental, fantoche, retro, dvd), após realizo algum trabalho”; “Procuró sempre ler os livros antes de trabalhar, para contar, mudando a voz, fazendo gestos...”. Outras professoras ressaltaram a preparação para esse momento: “Procuró na semana anterior a contação, planejar, escolher a história a ser contada me familiarizar com a mesma para que a narrativa torne-se mais atraente”; “Procuró realizar um trabalho criativo, dinâmico, divertido, voltado ao interesse dos alunos e em parceria com a professora regente”. Tais depoimentos revelam a importância de um

²⁵ As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo F deste trabalho.

²⁶ Em uma escola é a professora do Projeto Ambiental que realiza essa atividade; em outra, é a professora do projeto, mas não especificou qual projeto; e numa terceira, são as professoras titulares das turmas.

planejamento para a elaboração de atividades com leitura desenvolvidas na biblioteca, demonstrando o comprometimento das professoras com esse momento.

Três professoras expuseram as suas dificuldades na biblioteca escolar, uma delas afirmando que precisa substituir professores que faltam: “Atuo como bibliotecária, mas muitas vezes, preciso substituir professor em sala de aula deixando de lado o trabalho de biblioteca”; outra ressaltando que o espaço da biblioteca é utilizado para as aulas de reforço escolar e também como sala de vídeo, conforme relato: “Atualmente, estamos sem o espaço da biblioteca para a Hora do Conto pois, os estudos de recuperação estão ocorrendo nesse local, por isso realizo a atividade nas salas de aula, da melhor maneira possível”; por fim, uma destacando que a biblioteca localiza-se num espaço pequeno demais para ocorrer a “hora do conto”, afirmando: “Eu faço a hora do conto na própria sala de aula deles e acho que isso às vezes desestimula, pois eu tenho que insistir para que eles parem de copiar o que está no quadro para que possam entrar no clima da hora do conto”. Diante dessas situações comprova-se o desprestígio que o espaço da biblioteca e o profissional que nela atua têm para algumas escolas, sendo que essa visão precisa mudar, por meio de um mediador que apresente a leitura como algo essencial para todos, bem como o ambiente da biblioteca como um espaço fundamental dentro da escola.

A pesquisa escolar foi destacada por sete professoras que salientaram que, tanto para os alunos como para a comunidade, a biblioteca escolar está sempre aberta. Uma das professoras afirmou: “Organizo as pesquisas que os alunos necessitam fazer separando livros, revistas, todos os materiais, p/ facilitar e ajudar p/ um bom trabalho dos alunos”. Percebe-se que houve poucas referências à pesquisa, contudo sabe-se que essa atividade é muito frequente nas escolas e que precisa ser pensada tanto pelo professor que a solicitou como para o profissional que é responsável pela biblioteca, no sentido de auxiliar os alunos, pois não pode se restringir a uma simples cópia do material.

As leituras individuais e compartilhadas também foram citadas entre as atividades desenvolvidas na biblioteca escolar, conforme os relatos: “Leitura compartilhada de peça de teatro com direito a comentários sobre o texto e explicações. Quanto maiores, os alunos são incentivados a seguir as leituras sozinhos, ou seja, começamos narrativas cada vez mais longas e eles se organizam por interesse em continuar”; “Os alunos mostram, contam ou releem os livros retirados na semana anterior”. Sabe-se da importância da retirada de livros para estimular uma leitura individual e compartilhada entre as crianças e seus familiares; e entre as crianças e seus colegas. Assim, cabe ao mediador de leitura organizar estratégias para

que a leitura individual aconteça tanto dentro como fora da escola; bem como promover a leitura compartilhada, para que se possa ouvir o que os alunos têm a dizer sobre as leituras que realizam.

Durante a apresentação do material teórico sobre a biblioteca escolar e a contação de histórias, houve muita discussão quanto ao papel da biblioteca na escola. Elas lamentaram o fato de terem que substituir os professores que faltam, pois precisam fechar a biblioteca. Outras, em contrapartida, elogiaram o envolvimento da escola com a leitura, afirmando que nunca precisaram entrar em sala de aula, pois impuseram algumas regras e se posicionaram em relação ao seu trabalho. Tais situações demonstram a diversidade dos encaminhamentos com a leitura entre as escolas analisadas. Vale ressaltar que as trocas de experiências e as discussões durante o Curso estão fazendo com que muitas participantes tomem uma posição crítica diante da escola em que atuam, colocando suas opiniões nas reuniões pedagógicas, para que se valorize o momento da biblioteca como uma atividade importante dentro do currículo escolar.

Além da produção textual, utilizou-se o questionário, como instrumento para analisar a questão da leitura no âmbito da escola. As professoras responderam ao questionário²⁷ no mesmo encontro em que foram discutidas questões referentes aos critérios para seleção de livros infantis e atividades práticas na biblioteca escolar. As perguntas do questionário foram as seguintes: “Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na ‘hora do conto’? Quais os motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?”.

O gênero narrativo foi referido por vinte e quatro professoras, sendo que apenas uma fez referência ao livro de imagem, com a obra *Lobo negro*, de Antoine Guilloppé, em que destacou “A novidade do livro sem escrita gráfica, onde as páginas eram viradas lentamente e as hipóteses de leitura eram confirmadas ou não, divertindo ‘cada leitor’ num desafio de erro e acerto pessoal e coletivo”. É importante ressaltar que a poesia não esteve presente em nenhum relato de atividade, o que remete à ideia de que se trata de um gênero pouco usual nas escolas; inclusive em um dos depoimentos sobre a contribuição do Curso para a sua formação, uma professora afirmou: “Hoje estou com outro olhar em relação à poesia, pois eu tinha dificuldades de fazer uso dela nas minhas Horas do conto. Hoje já simpatizo mais com elas”. Das narrativas que as professoras citaram destacam-se: os contos de fadas, os contos populares e as narrativas curtas. Verificou-se que as professoras utilizam narrativas que fazem

²⁷ As respostas das professoras, em relação ao questionário referido, encontram-se no Anexo G deste trabalho.

parte de suas preferências de leitura, confirmando os depoimentos dados anteriormente, relacionados aos seus interesses.

Em relação ao porquê de as crianças terem gostado das histórias, as respostas variaram, prevalecendo a questão do tema e das ilustrações, seguida daquela referente aos recursos utilizados pela mediadora para contá-la, das atividades de pós-leitura realizadas, da interação das crianças durante a contação e do mediador gostar da história escolhida, como relataram algumas professoras: “O fato da história ter me encantado, então você conta com uma empolgação diferente”; “Acredito que por eu ter também gostado da obra, na hora em que contei esta tenha atraído a atenção deles, pois acredito que para a história ser atrativa o contador precisa ter escolhido ela e ter gostado, o contar por contar, não atrai pois fica solto sem gosto”; “Outro motivo que prendeu a atenção do grupo foi a forma de apresentação que fiz utilizando avental e figuras em e.v.a., bem como, a própria ilustração do livro, que é rica em detalhes e cores”; “Quanto a fala dos animais, fiz a imitação, dei vida a cada personagem”. Diante de tais relatos, revelou-se a importância de um planejamento por parte do mediador, pois a criança percebe quando houve uma preparação para contar a história, encantando-se com a narração e com os recursos utilizados pelo contador.

Nesse mesmo encontro, após responderem ao questionário, as professoras reuniram-se em grupos e receberam obras selecionadas pela ministrante, para que pudessem avaliá-las segundo os aspectos positivos e negativos que apresentassem. A escolha das obras, entre narrativas e poemas, seguiu um critério de qualidade, estando presentes obras de valor literário ao lado de outras que não apresentam qualidade estética. As obras poéticas escolhidas foram: *A televisão da bicharada*, de Sidónio Muralha; e *Palavras, muitas palavras...*, de Ruth Rocha; a primeira apresentando características literárias, como o ludismo e o ilogismo, enquanto que a segunda tendo o intuito pedagógico de ensinar as letras do alfabeto. As narrativas também foram escolhidas seguindo alguns critérios: uma com caráter moralizante, *A moranga e a chuva*, que faz parte de uma coleção, na qual não há referência ao autor; outra é uma adaptação dos contos de fadas, *A bela e a fera*; e ainda, uma narrativa emancipatória, *A margarida friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida, que apresenta o final em aberto, levando à discussão do mesmo; e um livro de imagens, *Ida e volta*, de Juarez Machado, que se caracteriza por conter ilustrações sugestivas e dinâmicas.

Percebeu-se que houve algumas controvérsias nos grupos durante a apresentação das análises; por exemplo, o grupo que ficou com o livro de poemas de Sidónio Muralha foi muito criterioso, pois quis discutir a interpretação dos poemas, quando na verdade o autor fez uma

brincadeira com as palavras. Assim, o ilogismo era uma característica positiva e foi considerada como negativa quando se questionou o poema “Boa noite”: “zebra estará sempre de pijama?”. No entanto, destacaram a sonoridade, o tema sobre animais e as ilustrações como características positivas. O grupo que ficou com o livro de poemas de Ruth Rocha conseguiu identificar o aspecto pedagógico da obra, destacou que é “parecido com uma cartilha” e considerou as ilustrações como um aspecto positivo.

O grupo que analisou a história *A moranga e a chuva* identificou a característica moralista da obra, pois destacou a questão da vingança da personagem; e ressaltou, como aspecto positivo, a ilustração. Já o grupo que ficou com a adaptação do conto de fadas, priorizou a interpretação do texto, considerando-o um bom livro, pois trabalha a questão dos valores; também ressaltou que há uma simplificação da obra, porém não se deteve em questionar o seu caráter literário. O grupo que analisou a obra de Fernanda Lopes de Almeida destacou como características positivas a mensagem do texto e as ilustrações, porém afirmaram que “às vezes, os alunos querem uma história mais dinâmica, dependendo da situação, uma história calma dessas não agrada”, salientando que é uma história para a Educação Infantil.

Já o grupo que ficou com o livro de imagens destacou como pontos negativos: “pouca clareza no final; o final deve surpreender, coisa que não ocorre no livro. Não deixa claro quem é o personagem principal”, e ressaltou como positivo o suspense, as “imagens claras, objetivas e sugestivas”. Portanto, há uma contradição nessas características, pois justamente o que surpreende na obra é a sugestão que as imagens apresentam de quem é essa personagem. Por fim, muitas professoras, nesse encontro, questionaram sobre o que fazer com os livros de “R\$1,99” e as “maletas²⁸”. Diante disso, discutiu-se que são livros que até podem fazer parte do acervo da biblioteca, mas não devem ser apresentados às crianças como obras literárias, nem serem considerados literatura infantil. Portanto, a criança precisa ter contato com livros de valor literário, sendo o mediador de leitura o responsável por apresentá-la a esses livros.

Em outro encontro, as professoras elaboraram, em grupos, projetos de leitura²⁹ com uma obra literária³⁰. Comprovou-se que as participantes estão preocupadas em desenvolver

²⁸ As “maletas” contêm dez livros e, às vezes, um CD com as histórias. Geralmente são adaptações, de qualidade duvidosa, de clássicos da literatura infantil, em que predominam ilustrações coloridas que têm a finalidade de chamar a atenção das crianças.

²⁹ Projeto de leitura no sentido de realizar um planejamento das atividades para a “hora do conto”, com o seguinte roteiro: pré-leitura, refere-se à atividade introdutória ao texto; leitura-descoberta, trata-se da leitura da história ou do poema; e pós-leitura, refere-se às atividades lúdicas a partir do texto lido.

³⁰ Todas as professoras trouxeram um livro infantil e o grupo decidiu com qual deles faria o projeto.

atividades significativas para a “hora do conto”, de acordo com os projetos apresentados³¹, pois criaram atividades diversificadas e criativas com as obras escolhidas. Sabe-se a importância de o mediador organizar um planejamento em relação à história ou o poema que irá contar, para que possa decidir os recursos ou as estratégias que utilizará no momento da contação.

4.3 AS IMPRESSÕES EM RELAÇÃO AO CURSO

A terceira categoria, “as impressões em relação ao Curso”, referiu-se às produções textuais “Participando deste Curso, eu busco...” e “O que mais me marcou no Curso foi...”, nas quais as professoras colocaram as suas impressões a respeito do Curso, bem como a avaliação do mesmo.

A produção textual “Participando deste Curso, eu busco...”³² teve o objetivo de verificar as expectativas das professoras em relação ao Curso que estava iniciando.

De acordo com o levantamento das respostas dadas pelas participantes, vinte e três salientaram que buscavam adquirir novos conhecimentos, como relataram algumas: “Aprimorar o meu conhecimento na literatura infantil para poder tornar a biblioteca um espaço ainda mais interessante e agradável”, “Aprofundar os conhecimentos sobre as leituras que podem dar subsídios a um melhor assessoramento de nosso ‘leitor em construção’ (que somos todos também... sempre)”; quatorze responderam que buscavam “sugestões de Literatura Infantil para serem trabalhadas na hora do conto (novidades)”; nove destacaram sobre o despertar nas crianças e nos jovens o gosto pela leitura, enfatizando que esperavam “renovar ideias, sugestões de atividades, um maior conhecimento sobre como trabalhar com os alunos o gosto pela leitura”; cinco informaram a importância da troca de experiências entre as colegas, destacando que “as trocas que ocorrem nestes encontros são muito importantes, pois só vem enriquecer o nosso trabalho”, “Estes encontros devem ter sempre, em todas as disciplinas, pois pouco se reúnem para trocar ideias nas escolas”; outra referiu-se aos passeios que seriam realizados: “Já estou entusiasmada com os passeios, pois não conheço nenhum

³¹ Como já referido anteriormente, os projetos de leitura encontram-se no Anexo C deste trabalho.

³² As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo H deste trabalho.

deles”. Diante desses relatos verificou-se que as professoras estavam buscando uma oportunidade para aprimorarem seus conhecimentos, bem como enriquecerem o trabalho que desenvolvem à frente da biblioteca escolar.

Houve professoras que salientaram a importância de tornar o espaço da biblioteca mais interessante e atrativo para seus usuários, como afirmou uma delas: “quero que o espaço e o tempo da biblioteca sejam úteis para o aluno e prazeroso também”; outra destacou a valorização do seu trabalho enquanto responsável pela biblioteca, conforme relato: “a oportunidade de participar de um curso específico para a área da biblioteca me deixa muito feliz, pois valoriza o nosso trabalho e nos qualifica para tal”, ressaltando: “já que todas somos professoras de escola, estar na biblioteca, aos olhos de alguns colegas, é não estar exercendo a função de educar, simplesmente estar ocupando um cargo temporário e de menor valor. Eu me orgulho de poder exercer essa função e levar aos alunos o valor da leitura e dos livros, que muitos não tem acesso em casa”. Essa busca por reconhecimento demonstra que há a necessidade de uma formação continuada, pois é a partir dos estudos teóricos e práticos sobre a questão da leitura que o profissional responsável pela biblioteca escolar poderá legitimar a sua prática perante os demais docentes da escola em que atua.

Na produção textual “O que mais me marcou no Curso foi...³³”, realizada no último encontro, foi uma maneira de comprovar se o Curso correspondeu às expectativas das professoras.

As participantes destacaram que gostaram muito da diversidade de sugestões que foram apresentadas, afirmando que “o curso foi ótimo, muito enriquecedor, repleto de novidades, principalmente práticas e com um gostinho de quero mais no acréscimo da bibliografia”; “Acredito que cresci muito durante o curso e mais importante: pretendo levar este conhecimento para a ‘contação de histórias’. As oficinas me ajudaram muito”; “Saber que muitas pessoas comungam com a gente sobre a importância do ler, de contar histórias e valorizam as pessoas que estão nas escolas fazendo isto, pois muitas vezes nos sentimos desvalorizadas até pelas próprias colegas que acham que bibliotecária não faz nada”. Também ressaltaram o planejamento e o conhecimento da ministrante no desenvolvimento do Curso, conforme relatou uma delas: “Gostei muito também da organização e do planejamento da professora, penso que isso contribuiu bastante para o sucesso do trabalho”. Comprovou-se que a organização e o planejamento do Curso veio ao encontro do que as professoras esperavam, enriquecendo o seu trabalho como mediadoras de leitura.

³³ As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo I deste trabalho.

Diante das atividades proporcionadas, salientaram a importância da teoria e da prática, que estiveram sempre presentes no decorrer do Curso, como afirmou uma participante: “Acho que a parte teórica foi muito importante, pois teoria e prática tem que andar juntas para podermos saber o que queremos fazer e onde chegar”. Algo bastante significativo, segundo as professoras, foram as trocas de experiências oportunizadas pelo Curso, conforme relataram: “Pra mim este curso foi muito importante. Um momento de troca de experiências ajuda no nosso dia-a-dia em sala de aula, enriquece a nossa prática e convivência com os alunos”; “Me surpreendi, pois geralmente os cursos fogem da realidade das nossas escolas, e este curso foi muito proveitoso do início ao fim e com materiais acessíveis”; “A troca de experiências com as demais colegas. Mas principalmente a parte teórica que foi apresentada durante todo o curso, pois muitos assuntos eu desconhecia”. A importância de intercalar teoria e prática, sem “fugir” da realidade das escolas, foi prioridade no planejamento do Curso, confirmando-se a sua eficácia, pois sabe-se que as sugestões foram aproveitadas ao máximo, pelas participantes, nos encaminhamentos de atividades com a leitura literária na biblioteca escolar.

As professoras também destacaram a importância que os passeios tiveram para sair da rotina, como afirmou uma participante: “Adorei os passeios que realizamos; o encontro com a Paula e o Celso foi maravilhoso; o passeio à Feira do Livro (onde fiz um ‘rancho’ de livros) e a contação de histórias das contadoras da Cataventus foi ótimo”; “Cada encontro acrescentou muito; os passeios de estudos (PUC/ CASA MARIO QUINTANA) foram verdadeiros PRESENTES para alma de quem participou”. Outra professora destacou o envolvimento do grupo: “Gostei muito do grupo também, que mostrou estar interessado na busca de melhorias no seu trabalho”. Por fim, ressaltaram que adoraram ouvir as histórias contadas durante o Curso, pois ser ouvinte fez com que lembrassem de seus momentos de infância. Com base nessas afirmações percebe-se que as atividades propostas pelo Curso agradaram as participantes, assim, revelando a importância da formação continuada para o aprimoramento de práticas de mediação de leitura.

4.4 A BIBLIOTECA DOS MEUS SONHOS

A quarta categoria, “a biblioteca dos meus sonhos”, referiu-se às produções inicial³⁴ e final³⁵ do Curso, as quais apresentaram o mesmo estímulo, “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”, em que as professoras tiveram que colocar como seria uma biblioteca ideal. Verificaram-se, assim, os perfis de entrada e saída das mediadoras no que tange à sua visão sobre a biblioteca escolar.

No primeiro encontro, as professoras fizeram a produção textual antes mesmo da apresentação do programa do Curso, pois o que se pretendia era verificar a ideia que elas tinham em relação a uma biblioteca ideal. Já a segunda versão dessa produção foi realizada no último encontro, com a perspectiva de comparar como era a biblioteca ideal descrita no início e no final do Curso, verificando se o mesmo contribuiu para a prática da mediação de leitura na biblioteca escolar.

Na primeira produção, das vinte e cinco professoras, quinze destacaram como sendo importante o momento da contação de histórias na biblioteca escolar, pois as crianças têm a liberdade de sonhar, bem como “viajarem no mundo encantado das fantasias que encontram nas histórias e contos”. Uma das participantes afirmou: “além do momento da ‘contação de histórias’ pelo professor, a criança teria um momento para as suas leituras pessoais onde em algumas oportunidades ela também contasse ou fizesse a leitura de alguma história”; outra destacou: “na biblioteca dos meus sonhos, as crianças têm espaço para interagir com a mesma, lendo, jogando, pesquisando, participando de atividades diversificadas, como a Hora do Conto, além de terem acesso à uma diversidade de livros e de gêneros literários”; “Teria um espaço aconchegante, sem interrupção, principalmente, na hora da contação de histórias”.

Já na última produção esse número aumentou para vinte e duas referências, conforme destacou uma delas: “Os alunos sentem-se à vontade, interagindo na Hora do Conto com prazer”; outra reforçou: “A hora do conto é muito legal, as histórias são maravilhosas e a professora é muito criativa”; e por fim, uma ressaltou que “durante as horas do conto os alunos conseguem ‘viajar’ num mundo de imaginação e fantasia, refletindo e aproveitando este momento ao máximo”. Portanto, percebe-se que houve um aumento significativo em

³⁴ As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo J deste trabalho.

³⁵ As respostas das professoras, em relação a esse estímulo, encontram-se no Anexo K deste trabalho.

relação à importância da prática da contação de histórias do início para o final do Curso, comprovando a contribuição do mesmo para o enriquecimento e o comprometimento das professoras no planejamento de atividades para a “hora do conto”.

No que tange à questão da liberdade na escolha dos livros nas estantes, ou seja, a possibilidade de acesso das crianças para procurar o livro que querem levar para casa, verificou-se que, na primeira produção, apenas três professoras referiram-se a esse dado como importante, como afirmou uma delas, de que as crianças “tem a oportunidade de manusear os livrinhos, escolhê-los nas estantes, tendo um espaço bem convidativo, aconchegante”. Na última produção, doze professoras destacaram a importância de as crianças escolherem os livros com a maior liberdade possível, conforme o relato: “Podem ter acesso (mexer) no acervo literário para escolher o livro (livre) e levá-lo para casa”; outra destacou: “leem livros escolhidos de acordo com seus gostos”. Tais resultados apontam para um avanço em relação à liberdade das crianças de escolherem o livro que mais lhes agradam para a leitura.

Na primeira produção doze destacaram a importância de as crianças encontrarem um ambiente motivador, aconchegante e lúdico, como afirmou uma delas: “A biblioteca deve ser um espaço descontraído, porém, com uma magia que envolva a criança para um mundo diferente. Um ambiente motivador à leitura”. Na última produção esse número aumentou para quinze referências, como ressaltou uma participante: “Encontram um ambiente alegre, favorável à imaginação e à criatividade”; outra destacou: “Nos meus sonhos a biblioteca é um lugar encantador, mágico. Lá as crianças entram e viajam na imaginação, encantam-se com os livros e com o que elas podem ‘ver’ através deles”. Diante desses dados, verificou-se que as professoras, desde o início, perceberam a importância de um ambiente sugestivo e dinâmico para a biblioteca escolar. Contudo, esse ambiente só se tornará motivador se possuir um mediador comprometido com atividades de incentivo à leitura.

Além do espaço acolhedor, na primeira produção elas destacaram questões de ordem material, como os recursos necessários para um trabalho na biblioteca, o cuidado com os livros, a variedade e a atualização do acervo, conforme afirmou uma delas: “Estão rodeadas de livros de todos os tamanhos, também têm muitas fantasias para vestir, fantoches, folhas, tintas, lápis de cor... Há muitos Cds e DVDs de histórias e músicas e também microfone para poder falar”; outra ressaltou que “existem muito exemplares para que todos tenham acesso”; “Leem, ouvem histórias, contam histórias, inventam histórias, reinventam, tem variados materiais a sua disposição – tem espaço físico e materiais adequados”. Tais afirmações disseram respeito a uma preocupação com questões materiais, que também são essenciais para

o funcionamento de uma biblioteca escolar. Contudo, deve-se levar em conta que, além de ter vários recursos, é necessária a presença de um profissional capacitado e que seja leitor à frente da biblioteca escolar, para mediar à leitura de forma significativa.

Alguns dados pertinentes foram ressaltados pelas professoras na primeira produção textual do Curso como: “Uma biblioteca que nunca feche, nem na hora do recreio, nem no planejamento da professora responsável, para que os alunos sempre que queiram possam ir até lá”; “Os professores também costumam retirar livros para ler e frequentemente sugerem livros para serem adquiridos”; “Que professoras de classe e da administração dessem ou reconhecessem a importância da biblioteca dentro da escola e, principalmente, para os alunos. Mas como, na realidade, não é bem assim espero através da formação criar algumas alternativas que possam melhorar meu trabalho”. Percebe-se que se tratava de um grupo que já compreendia a importância de seu trabalho, bem como de atividades significativas na biblioteca escolar, pois desde o início priorizou o espaço motivador de uma biblioteca ideal.

Na última produção, prevaleceram questões referentes ao ambiente convidativo da biblioteca, independente dos recursos, com histórias envolventes, como afirmou uma das participantes: “tem a oportunidade de fazer parte de um ambiente prazeroso, envolto de criatividade, ludicidade e liberdade de expressão”; outra reforçou essa ideia: “terão momentos agradáveis de descobertas, de valorização do imaginário, onde poderão criar, ouvir, contar histórias”. Deve-se considerar que na produção final, elas estavam interessadas em apresentar atividades diversificadas para a formação do leitor.

Na primeira produção, as professoras destacaram, com oito referências, que esperam receber na biblioteca alunos leitores que apreciem a leitura, como afirmou uma delas: “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças adoram ler os mais variados livros, frequentam a biblioteca não só no turno que estudam, mas também no contraturno”; outra salientou: “Todos têm prazer em ler e pedem mais e mais livros novos”. Já na última produção esse número aumentou para quatorze, conforme afirmou uma professora: “meu maior sonho seria receber na biblioteca crianças curiosas e felizes por poder usufruir deste espaço, tão especial”, outra destacou que as crianças “são apaixonadas pela leitura, a todo momento são instigadas pelos professores da importância da leitura na vida delas”. Tais afirmações demonstram que elas se sentiriam muito mais motivadas se percebessem o interesse dos alunos pela leitura, contudo sabe-se que o prazer pela leitura requer um incentivo contínuo, portanto não se pode esmorecer diante das dificuldades que se encontram nos encaminhamentos das práticas de leitura.

A questão da importância do mediador era algo primordial, pois se pretendia que as professoras repensassem a sua prática. Contudo, na primeira produção, apenas cinco fizeram referência à importância do seu trabalho, como destacou uma delas: “há também uma professora com vontade de fazê-las felizes neste espaço”; outra reforçou essa ideia, com esta afirmação: “professoras responsáveis que gostassem realmente do trabalho”. Na última produção esse número ficou em sete, com os seguintes depoimentos: “A bibliotecária é simpática, disposta a ajudar e principalmente leitora, que possa indicar livros e trocar experiências com os alunos”; “Sempre irão me encontrar pronta a levá-los na viagem dos contos de fadas”. Diante disso, entende-se que é preciso que as professoras percebam a importância que exercem na mediação da leitura e que repensem diariamente a sua prática.

Com base nos resultados apresentados percebe-se que as professoras responsáveis pelas bibliotecas escolares de São Leopoldo compreendem a importância da contação de histórias e da liberdade dos alunos na escolha do livro que querem retirar. Contudo, é necessário que repensem a sua prática como mediadoras, pois precisam ser um exemplo de leitura para os usuários que frequentam a biblioteca.

5 A MEDIAÇÃO LITERÁRIA

Por dever do ofício e por exigência ética, cabe a esses dois profissionais – professor e bibliotecário – *ler e fazer ler*. Repetindo: *cabe ler e fazer ler*. Isto quer dizer que, para abraçar qualquer uma dessas duas profissões, o sujeito tem que ser leitor, encarnando em si as práticas de leitura como um valor absoluto e, por ter que fazer ler, tem que projetar e inculcar esse valor em todos os membros da sua comunidade através de projetos, programas e ações.

Ezequiel Theodoro da Silva

Nesta seção se expõem os eixos da pesquisa, tendo como base os resultados apresentados no capítulo anterior, com o intuito de interpretá-los à luz do referencial teórico. Para tanto, a mesma se divide em duas partes: a primeira, “O mediador como leitor”, tem como enfoque os dados relacionados às experiências de leitura das professoras participantes; a segunda, “O mediador como formador de leitores”, diz respeito ao papel do professor quanto à formação de leitores, por meio da apresentação das atividades desenvolvidas nas escolas, com enfoque no espaço das bibliotecas escolares, bem como suas impressões e a avaliação referente às contribuições do Curso para a sua formação como mediadoras de leitura.

5.1 O MEDIADOR COMO LEITOR

Entende-se a importância do mediador de leitura, que no caso da pesquisa empírica é o professor responsável pela biblioteca escolar, ser um leitor, pois, segundo Ezequiel Theodoro da Silva, o professor precisa ser um leitor caso queira ensinar um aluno a ler, “isto porque os nossos alunos necessitam do *testemunho vivo dos professores* no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura” (1995a, p.109).

Michèle Petit afirma que “todas as pessoas que trabalham com a leitura deveriam pensar um pouco em sua própria trajetória leitora³⁶” (2001, p. 17). Nesse sentido, quando questionadas sobre o seu início como leitoras, as professoras³⁷ destacaram que sua principal influência foi na escola, com os professores; poucas se referiram à família, justificando que não havia livros em casa.

Esse dado vem de encontro àqueles da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, que verificou que 49% dos brasileiros tiveram as suas mães como aquelas que mais os influenciaram na leitura e 30% responderam o pai, ou seja, o ambiente familiar obteve um percentual considerável. Já os professores foram citados por 33% dos entrevistados (AMORIM, 2008). Tais resultados demonstram que prevaleceu entre as participantes do Curso uma leitura inicial ligada a uma educação formal, pois ocorreu no ambiente escolar; já os brasileiros leitores entrevistados estão ligados a uma educação informal, pois foi no ambiente familiar que tiveram seu primeiro contato com a leitura. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel fundamental que cabe à escola e à família na formação de leitores.

No momento em que as participantes referiram-se às personagens com que elas se identificavam, a maioria reconheceu-se em personagens pertencentes à literatura infantil. Diante desses resultados, verifica-se a importância que essas obras tiveram na vida das mediadoras, o que remete à ideia de que “todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente”, sendo que “a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 13). Nas palavras de Ezequiel Theodoro da Silva:

Fruir o texto literário e crescer pessoalmente ou transformar-se politicamente são partes de um mesmo ato. Ao leitor do texto literário cabe, então, não só compreender, mas também imaginar como a realidade poderia ser diferente; não só compreender, mas transformar e transformar-se; não só transformar, mas sentir o prazer de estar transformado (1995a, p. 26).

Com base nessa afirmação, comprova-se que o grupo em questão se identificou com leituras feitas durante a infância ou início da adolescência, o que reflete um momento de formação de sua identidade, pois foram livros decisivos em relação a como elas se veem no mundo e no conhecimento de si mesmas (WERKMEISTER, 1993). Portanto, ao interagir com a obra literária, o sujeito utiliza-se das suas próprias experiências acumuladas, seja de leitura ou de vida.

³⁶ Tradução da autora deste trabalho.

³⁷ Como nem todas as professoras responderam a esse questionamento, que foi feito oralmente, esse dado não foi apresentado no capítulo anterior.

Tal ideia é reforçada por Teresa Colomer, quando afirma que a forma pela qual o leitor literário “percebe a relação entre a experiência refletida na obra e a sua própria é essencial”, pois na leitura há uma mescla de suas experiências literárias e vitais. Assim, “seu próprio conhecimento das analogias que o texto estabelece com o mundo primário e das relações entre o texto e as outras manifestações do mundo da ficção, o levam a estabelecer seu significado próprio e único” (2003, p. 133).

Nesse sentido, a leitura ajuda a pessoa a construir-se, a descobrir-se, a fazer-se um pouco mais autora de sua vida (PETIT, 2001). Daí que “os bons livros, aqueles dos quais gostamos ou pelos quais nos apaixonamos, são exatamente aqueles que nos mostram as coisas, nos desenrolam ideias que não tínhamos visto ainda, até o momento da leitura” (SILVA, 2003, p. 60), pois o que se busca durante esse ato é uma significação pessoal.

Essa busca por um sentido ficou evidente quando as mediadoras citaram as obras que marcaram suas vidas, prevalecendo obras pertencentes à literatura infantil e infanto-juvenil, o que remete a duas hipóteses, já apresentadas anteriormente, de que foram livros significativos para a infância e a adolescência das mediadoras, pois muitas obras indicadas são consideradas clássicos da literatura universal; ou que são leituras que fazem parte de sua prática profissional, pois trabalham com esse público na biblioteca escolar.

Esses apontamentos quanto às obras infantis e infanto-juvenis repetiram-se no momento em que as participantes indicaram àquelas que salvariam em caso de incêndio fictício, considerando que, nesse caso, um dado que pode ter influenciado nas respostas foi o fato de as mediadoras estarem participando do Curso de Formação, o qual fez diversas referências bibliográficas. Tal fato pode tê-las instigado a lerem mais essas obras para a elaboração de atividades práticas na biblioteca escolar, pois muitas professoras mostraram-se encantadas com àquelas que não conheciam, como destaca uma delas: “Passei a conhecer alguns livros que eu não conhecia, ideias e sugestões que eu pudesse usar na minha escola, enfim, adorei estes momentos”.

Tais resultados indicam que as participantes são leitoras do tipo escolar, pois realizam uma leitura com o objetivo de indicar obras literárias aos seus alunos ou utilizar essas obras lidas em seu planejamento de trabalho, lendo, principalmente, obras de literatura infanto-juvenil (ROLLA, 1996). Sob essa perspectiva, constatou-se que as professoras são leitoras que se preocupam com a sua prática, remetendo a uma leitura profissional, pois elas estão lendo livros que irão auxiliá-las no seu trabalho. Acredita-se que o profissional que se dedica a mediar uma atividade com a leitura conheça um repertório variado de obras literárias,

portanto, é fundamental que as professoras analisadas avancem em suas leituras, ultrapassando as obras infanto-juvenis, pois “a cada novo texto que lemos, a cada novo conhecimento que adquirimos, a cada experiência que vivemos, melhores leitores nos tornamos” (MARIA, 2002, p. 22).

De acordo com os hábitos de leitura apresentados, a maioria das participantes lê à noite, no quarto e silenciosamente, “remetendo o leitor a si mesmo, a seus pensamentos ou as suas emoções, na solidão e no recolhimento” (CHARTIER, 1991, p. 151). Tal afirmação comprovou-se no momento em que citaram a obra que gostariam de ganhar, pois a maioria referiu o romance, considerado o representante dessa leitura íntima. Alberto Manguel destaca que o ato de ler no quarto é uma qualidade especial de privacidade, pois “ler na cama é um ato autocentrado, imóvel, livre das convenções sociais comuns, invisível ao mundo” (2006, p. 180).

Com base nisso, verificou-se que, de acordo com as circunstâncias de leitura, as professoras leem nas **horas regulares de liberdade**, ou seja, leem à noite, o que remete a características particulares, pois são os “livros de cabeceira” que refletem o gosto do leitor (ESCARPIT, 1969). Nesse sentido, Roger Chartier (1991) destaca que é por meio da leitura silenciosa, considerada um ato de intimidade individual, que o leitor se permite refletir, pois, ao praticá-la, abre horizontes inéditos; por isso, a escolha do quarto, sendo considerado o lugar mais íntimo da casa.

Um dado que gerou controvérsia foi em relação ao tempo dedicado à leitura, pois a maioria das respondentes apontou que leem em seus momentos de lazer ou à noite. Contudo, esse dado não foi confirmado quando se referiram ao tempo dedicado à leitura literária, pois um número considerável de professoras não especificou esse tempo, o que remete à ideia de que elas sabem a importância da leitura, mas nem todas conseguem praticá-la de forma assídua, conforme este relato: “Quando gosto do que estou lendo, fico contando os minutos para retornar a leitura. O que falta é tempo”. Percebe-se que a falta de tempo foi uma maneira de justificar a ausência de leitura, o que leva a crer que devido aos apelos da sociedade atual, como a família, o trabalho, o estudo e demais atividades, faz com que as mediadoras não consigam o tempo suficiente que a leitura requer. Portanto, na escala de valores de cada professora, a leitura nem sempre ocupa a primeira posição.

A situação é preocupante, pois cabe ao professor ser uma “imagem” de leitura. A criança ou o jovem, se identificando com uma pessoa que gosta de ler, terá influenciado favoravelmente o desenvolvimento de sua leitura. Com base nisso, é necessário que o

professor responsável pela biblioteca escolar, bem como o professor titular da turma, tenham lido um número suficiente de livros literários, para que possam apresentá-los aos alunos e, assim, animá-los para a prática da leitura (BAMBERGER, 2004). Por isso, enfatiza-se a importância do mediador ser um leitor, pois “é muito difícil que alguém que não sinta prazer com a leitura consiga transmiti-lo aos demais” (SOLÉ, 1998, p. 90), como relata umas das participantes: “os professores que gostam de ler conseguem transmitir aos alunos o gosto pela leitura”.

5.2 O MEDIADOR COMO FORMADOR DE LEITORES

Para formar leitores é preciso ser leitor; para tanto se faz necessário que o mediador de leitura apresente propostas de atividades com o livro que levem à formação de um leitor polivalente, competente e crítico. Com base nisso, os objetivos dessa pesquisa foram de verificar como era realizada a formação do leitor literário no ambiente da biblioteca escolar, bem como de sugerir estratégias para essa formação.

Entende-se que a leitura literária, segundo Magda Soares, “democratiza o ser humano porque mostra o homem e a sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes – compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural” (2008, p. 31). Sob essa perspectiva, Michèle Petit (2001) afirma que todos devem ter acesso aos bens culturais, pois a quem se priva desse, se “rouba” algo. Portanto, cada pessoa tem direitos culturais, como o direito ao saber, ao imaginário, à fantasia, ou seja, o direito de apropriar-se de bens culturais que contribuam, em cada idade da vida, na construção e no descobrimento de si mesmo.

Daí a necessidade de a leitura estar presente no âmbito escolar, dado que foi comprovado na análise dos resultados, pois verificou-se que as escolas municipais de São Leopoldo realizam diversas ações para o fomento à leitura. Contudo, há que se ponderar sobre algumas situações apresentadas. Primeiramente, a maioria das participantes destacou que há um trabalho significativo com a leitura em sua escola, por meio da parceria entre as atividades desenvolvidas na biblioteca e na sala de aula, conforme um dos relatos: “Está cada vez mais

presente nas salas de aula, após várias reuniões e combinações ficaram combinadas algumas medidas que os professores precisam adotar, como reservar um horário no planejamento além da hora do conto, para leitura em sala de aula”. No entanto, outro grupo ressaltou as dificuldades no encaminhamento de atividades de incentivo à leitura, pois essas ficam a cargo apenas da professora responsável pela biblioteca, o que se comprovou com a seguinte afirmação: “Tem professores que desenvolvem trabalhos que incentivam e despertam o gosto pela leitura mas, por outro lado, há professores que ‘cobram’ a leitura como material para produção de fichas de leitura e estudo gramatical; a própria direção da escola considera a biblioteca apenas ‘um *plus* a mais’”.

Deve-se considerar que a biblioteca escolar não pode ser apenas um complemento, mas precisa transformar-se “num recurso básico para as decisões curriculares, permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem significativa dos estudantes e a participação da comunidade em termos de indagações várias” (SILVA, 1991, p. 112). Nas palavras de Rovilson José da Silva:

A biblioteca da escola deve estar organizada de modo que proporcione aos alunos e aos demais membros da comunidade escolar a busca pela leitura. Além disso, ela coopera com as ações da escola, pois fornece aos estudantes espaço para pesquisa e estudos nos momentos de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário estabelecer uma ação pedagógica integrada entre a biblioteca e a sala de aula, e entre a biblioteca e a comunidade (2009b, p. 116).

Nesse sentido, cabe ao responsável pela biblioteca conhecer as habilidades de leitura das crianças com as quais trabalha, e ao professor da turma conhecer os livros que estão disponíveis na biblioteca (KUHLETHAU, 2002). Sob essa ótica, o interesse do mediador por seus alunos é um elemento importante na formação do gosto pela leitura, pois “ele precisa aprender a compreender a criança, seus antecedentes sociais e culturais (pais, amigos etc.) e, acima de tudo, mostrar interesse pela leitura pessoal de cada uma, animando-a a continuar por seus próprios esforços” (BAMBERGER, 2004, p. 62).

Como defende Waldeck Carneiro da Silva (1995b), o profissional que está à frente de uma biblioteca precisa conhecer seus usuários, ou seja, suas necessidades informativas, observando seus interesses e gostos. Por outro lado, o autor ressalta:

Na verdade, a visão do bibliotecário como responsável pela biblioteca escolar é discutível, podendo ser aperfeiçoada pela ideia de que toda a comunidade escolar tem responsabilidades para com a sua biblioteca. Logo, não se trata de um espaço de responsabilidade exclusiva do bibliotecário, mas de todos os usuários, como aliás deve ser qualquer biblioteca. Parece-nos importante ressaltar esse aspecto, visto que, em certos casos, o bibliotecário chega a agir como se fosse o “dono” da

biblioteca, decidindo sozinho, agindo como se ninguém mais pudesse interferir na dinâmica (ou “estática”) da biblioteca (1995b, p. 75).

Diante disso, é fundamental que o profissional responsável pela biblioteca escolar crie uma relação de “unidade” com os demais professores da escola, bem como com a equipe diretiva. Acredita-se que todos devam ter os mesmos objetivos em relação à leitura, ou seja, formar leitores em todas as faixas etárias, não se restringindo apenas às crianças, mas incluindo os jovens, os educadores e os demais profissionais que trabalham na escola. Sob essa perspectiva, a biblioteca escolar deve buscar uma ação que se articule com o trabalho do professor.

As dificuldades destacadas pelas mediadoras, ainda em relação ao trabalho com a leitura, foram as de que raros são os professores que se interessam pelas atividades desenvolvidas na biblioteca, bem como não há uma valorização dos profissionais que atuam nesse ambiente, pois muitas vezes precisam substituir os professores que faltam, fechando a biblioteca e seus serviços, como se esse espaço fosse algo supérfluo na escola, quando, na verdade, deveria ser prioritário na vida escolar. Portanto, é preciso reverter esse quadro, sendo que cabe ao mediador desenvolver mecanismos que atraiam a comunidade da escola para a tarefa “de pensar e fazer uma biblioteca escolar atuante, eficiente e capaz de enriquecer o trabalho docente e a aprendizagem do aluno” (SILVA, 1995b, p. 63), e, assim, buscar uma valorização do espaço e do profissional que nele atua.

Outra dificuldade, apontada por uma das participantes, foi o fato de realizar a “hora do conto” na sala de aula, pois a biblioteca é muito pequena. Tal situação não é comum nas outras escolas, pois apenas essa professora apresentou descontentamento pela área da biblioteca escolar em que atua. Por outro lado, Rovilson José da Silva afirma que “as bibliotecas escolares brasileiras estão dispostas em espaços que não oferecem segurança e conforto para receber pelo menos uma turma de alunos, pois o ambiente é pequeno, o mobiliário está incompleto, sendo composto pelas sobras de outras salas de aula” (2009b, p. 119), por isso é necessário que se estabeleçam parâmetros mínimos para se estruturar uma biblioteca de forma a torná-la um espaço de multimídia. Na verdade, mesmo o grupo de participantes não se pronunciando, a grande maioria das bibliotecas escolares de São Leopoldo foram projetadas para serem salas de aula, ou seja, não foram construídas com a finalidade de serem bibliotecas, ficando a cargo da equipe diretiva definir qual a sala que reservará para essa função.

Um dado relevante foi o grande número de professoras realizando atividades de “hora do conto” na biblioteca escolar, assim priorizando a formação do leitor. Muitas mediadoras destacaram o compromisso com essa atividade desenvolvida na biblioteca, como afirma uma delas, enfatizando que ela e suas “colegas bibliotecárias, cada uma no seu turno, está aplicando uma sistemática adotada desde o início do ano, a partir de um projeto desenvolvido com as ideias da comunidade escolar: planejar a hora do conto com cada professor que trará sua turma, conforme a necessidade e temática pertinente”. Esse depoimento reforça a ideia de que é fundamental ouvir o que as crianças, os jovens, os professores e a família pensam em relação à leitura, como defende Teresa Colomer (2007), afirmando que mais do que descobrir por que as crianças ou os jovens não leem, trata-se de ouvir o que pensam sobre livros e leitura para conhecer quais as dificuldades e estímulos que parecem ser importantes.

A atividade da “hora do conto”, desenvolvida no espaço da biblioteca escolar é um momento profícuo do trabalho com a literatura infantil, oportunizando à criança avanços significativos na sua aprendizagem, bem como um trabalho conjunto entre a biblioteca e a sala de aula. Portanto, a contação de histórias pode acontecer de diversas formas e com o uso de diversos recursos e técnicas, pois a diversificação é importante para enriquecer essa atividade e cativar o leitor em formação (SOUZA; GIROTTO, 2009), como comprova o relato de uma das mediadoras: “Sempre tento fazer algo diferente e que desperte neles a curiosidade sobre os livros”.

Daí a necessidade de, ao trabalhar os livros de literatura com as crianças e os jovens, o mediador imaginar e desenvolver atividades usando a música, o teatro, a dança, a fotografia, as artes plásticas e, assim, aguçar a sensibilidade do grupo envolvido, por meio da fruição de objetos artísticos de diferentes gêneros (SILVA, 2003). Muitas destacaram a importância de uma preparação prévia ao momento da “hora do conto”, revelando a necessidade de o mediador planejar e realizar atividades significativas relacionadas à leitura, conduzindo os educandos a se tornarem leitores.

Além da “hora do conto”, a biblioteca precisa abrir espaço para uma leitura compartilhada, em que os alunos possam socializar as leituras que realizam de forma individual, tanto em casa, como na escola. Teresa Colomer ressalta a importância desse momento:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura

em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (2007, p. 143).

Contudo, verificou-se que menos da metade das respondentes fizeram referência à leitura compartilhada de obras lidas, bem como àquela individual e silenciosa. Entende-se a importância de as mediadoras reservarem um espaço para essas leituras no ambiente da biblioteca escolar, propiciando após uma leitura individual, um momento para compartilhar com os outros as suas descobertas, tornando possível ouvir as crianças e os jovens em relação às leituras que realizam.

Ao descreverem um trabalho significativo que tenham realizado na biblioteca escolar prevaleceu, entre os relatos, o gênero narrativo, sendo que apenas uma professora citou o livro de imagens e nenhuma fez referência à poesia. Por meio desse último dado, pode-se supor que a poesia está sendo pouco trabalhada nas escolas. Segundo Lígia Averbuck (1985), existem muitas dúvidas entre os professores sobre a atividade com a poesia no contexto escolar, pois esse gênero abre a possibilidade da participação do aluno, mexendo com a sua sensibilidade, bem como desenvolvendo a sua criatividade, situações que dependem da apresentação que o professor faz do texto. Portanto, é preciso que o mediador seja sensível ao texto poético, deixando a imaginação dos alunos se “movimentar” livremente, o que faz com que muitos educadores não utilizem essa literatura, pois não se sentem à vontade com a mesma, demonstrando insegurança nos encaminhamentos das atividades.

Em relação aos critérios para selecionar uma obra infantil, percebeu-se que o grupo estava preocupado com questões de caráter interpretativo, não valorizando a brincadeira com as palavras na poesia e as personagens e suas ações na narrativa, pois assim a literatura exercita o caráter emancipativo próprio da arte em geral. Nesse sentido, é preciso que se leve em conta os níveis de adaptação dos componentes do texto à realidade do leitor, bem como as fases da leitura, já referidas em capítulo anterior, pelas quais todo o leitor passa, em algum momento de sua formação.

É importante destacar que, participando do Curso, o grupo de professoras buscava adquirir novos conhecimentos, bem como sugestões para trabalhar com a literatura infantil na escola, conforme um dos relatos: “Um maior conhecimento teórico e prático dentro desta área que deve ser tão criativa, pois o bibliotecário deve estar em constante atualização e reflexão de sua atuação junto aos educandos e aos educadores também”. Outro aspecto levantado pelas mediadoras foi o de conhecer estratégias para despertar nas crianças e nos jovens o gosto pela leitura, como afirmou uma delas: “Tornar a hora do conto um momento de prazer onde a

criança tenha participação ativa”. Esse dado precisa ser levado em conta, pois, segundo Ezequiel Theodoro da Silva:

A criança já nasce com um potencial físico e psíquico para ler o mundo e quaisquer símbolos que expressam a cultura; a transformação dessa criança em “leitor” depende do conjunto de estímulos sócio-ambientais ao qual ela responde e com o qual ela se identifica no transcorrer da sua vida (1986a, p. 62).

Os estímulos que o autor aponta precisam ser realizados pelo professor que está à frente de uma biblioteca escolar, o qual deve ser um “espelho” de leitura. Portanto, cabe a esse profissional explorar o aspecto prazeroso e lúdico das atividades relacionadas ao ato de ler, despertando o interesse e o gosto na criança pelo livro, pela leitura, enfim, pela frequência ao espaço em que atua (SILVA, 1995b).

Em relação à questão sobre como seria a biblioteca dos sonhos das professoras, partindo do estímulo feito no início e no final do Curso, o intuito foi de observar as contribuições do mesmo para o crescimento profissional das mediadoras. Com base nas respostas, constatou-se que na primeira produção foi dada importância ao ambiente convidativo e motivador que uma biblioteca escolar precisa oferecer, como se pode comprovar pelo depoimento: “As crianças precisam sair satisfeitas e entrar sempre com uma expectativa diferente”. Outro aspecto levantado foi relacionado aos recursos necessários para o funcionamento de uma biblioteca escolar, pois as crianças precisam encontrar “nas estantes todos os livros que desejam para ler”. Pode-se verificar que o grupo participante do Curso conseguiu perceber, desde o início do mesmo, a importância de um ambiente convidativo para a biblioteca, contudo, não fez as referências esperadas ao papel do mediador nesse espaço.

Já na última produção, que retomou o estímulo inicial “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”, o aspecto do ambiente foi referido, mas prevaleceu a questão da “hora do conto” dentro desse ambiente motivador, bem como a livre escolha por parte dos alunos das obras que desejam retirar, e, novamente, a questão do mediador não foi referida como o desejado. O aspecto mais relevante, da última produção, disse respeito à liberdade que crianças e jovens devem ter no momento da escolha das obras que desejam ler, por meio da retirada. Nesse sentido, as participantes salientaram a importância de tal postura, dado fundamental para descobrir os gostos e as preferências do leitor.

De acordo com Waldeck Carneiro da Silva, “nada justifica impedir a liberdade de passear entre as estantes, o que proporciona uma desejada intimidade entre leitor e obra, sobretudo quando se trata, como no caso da biblioteca escolar, de leitores em formação”

(1995b, p. 105), até porque “o excesso de zelo do profissional da biblioteca para com o acervo ofusca da sua memória a ideia de que as obras estão ali exatamente para que sejam consultadas” (1995b, p. 60). Pode-se afirmar:

Uma biblioteca não precisa (e não pode) ser um lugar de excessiva ordenação, normatização ou resguardo. Mas um lugar de variedade, do diverso, do plural, do desigual que, colocando em convivência diferentes autores, materiais, recursos, nacionalidades, se revela, de certa forma desordenado (SILVA, 2009a, p. 62).

Assim, entende-se que a razão de ser de uma biblioteca escolar está intimamente ligada ao empréstimo de seu acervo, portanto todos os alunos e os professores, têm o direito de escolher o livro que desejam ler, com liberdade de circular entre as prateleiras, manusear os livros e se sentirem estimulados a retirá-los livremente e não por obrigação (SILVA, 2009b). Teresa Colomer reforça a importância da retirada de livros, afirmando que é necessário estabelecer laços entre a escola e as famílias, pois “os livros que vão e vêm da escola para a casa, através do empréstimo, permitem agregar os familiares à leitura compartilhada” (2007, p. 150), sendo esse um caminho explorado em muitos programas de leitura.

Deve-se considerar, portanto, que cabe à escola empenhar-se para estimular as crianças e os jovens “à busca espontânea de informações para sanar suas próprias dúvidas, por isso, a biblioteca deve oportunizar que o aluno possa frequentá-la, independente da orientação do professor, obedecendo à sua vontade de saber, de investigar, de ler” (SILVA, 2009b, p. 129). Nesse sentido, o acervo da biblioteca escolar deve oferecer suporte aos conteúdos discutidos em sala de aula, bem como proporcionar aos alunos o acesso aos materiais que atendam suas necessidades e que despertem sua curiosidade pessoal.

O espaço da biblioteca escolar foi destacado como devendo ser um ambiente acolhedor e atrativo para os seus usuários, conforme depoimento: “Preciso motivar o corpo docente para que os professores estimulem e deem a atenção devida à leitura, na biblioteca”. Com base nesse relato, Waldeck Carneiro da Silva (1995b) ressalta a importância de os professores não só darem o exemplo aos alunos, mas se tornarem efetivos leitores e frequentadores da biblioteca, pois a natureza do seu trabalho requer que estejam em constante atualização, bem como desenvolvendo práticas de leitura para a formação de leitores. Conforme Aguiar e Bordini:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores

com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor (1993, p. 17).

Ficou evidente que as professoras perceberam a importância da “hora do conto” para a formação de leitores, a qual teve destaque na última produção, como ressaltou uma delas: “Adoram esse local, retiram muitos livros e apreciam a hora do conto”. Segundo Isabel Solé, é necessário o seguinte:

Promover atividades significativas de leitura, para as quais tenha sentido – e os alunos possam vê-lo – o fato de ler, é uma condição necessária para conseguir o que nos propomos. Promover atividades em que os alunos tenham que perguntar, prever, recapitular para os colegas, opinar, resumir, comparar suas opiniões com relação ao que leram, tudo isso fomenta uma leitura inteligente e crítica, na qual o leitor vê a si mesmo como protagonista do processo de construção de significados. Estas atividades podem ser propostas desde o início da escolaridade, a partir da leitura realizada pelo professor e da ajuda que proporciona (1998, p. 173).

Essa preparação do mediador é fundamental, sendo que muitas professoras destacaram que gostariam que seu trabalho fosse valorizado pela escola. No entanto, poucas se referiram à importância do mediador quando descreveram a “biblioteca dos sonhos”, sendo que o objetivo principal da pesquisa era fazê-las repensarem a sua prática enquanto mediadoras. Claro que algumas conseguiram perceber a importância que o responsável pela biblioteca tem em relação ao andamento dos trabalhos nesse ambiente escolar, conforme os relatos: “Possuem uma professora que gosta de livros, de contar histórias e, principalmente, gosta do que faz”; “Descobri a importância que a bibliotecária pode ter na formação de leitores”. Portanto, importa que um mediador tenha um repertório variado de leitura, conheça o acervo com o qual trabalha e seja um leitor.

A avaliação em relação ao Curso foi muito pertinente, pois as professoras relataram que gostaram muito de participar, destacando a diversidade de sugestões, bem como o seu planejamento. Um dado relevante disse respeito às opiniões levantadas sobre a teoria e a prática, apresentadas no Curso, que enfatizaram a importância de ambas estarem juntas nos encaminhamentos da leitura na escola, conforme um dos relatos: “Através deste curso pude em vários momentos fazer esta conexão teoria e prática e constatar ou reforçar a importância do meu trabalho na escola”. Outra questão levantada foi o fato de terem apreciado as histórias que foram contadas, como afirma uma delas: “Que me marcou foram as reflexões que fizemos, as histórias que ouvimos, os passeios que fizemos, as ideias que trocamos, os livros que conhecemos”, o que evidencia a contribuição do Curso para as mediadoras que dele participaram.

Por fim, destaca-se que as descrições realizadas demonstraram que a biblioteca dos sonhos, isto é, a biblioteca ideal, pode e deve se tornar realidade, sendo necessário que disponham de um espaço e de um mediador que promova a leitura de forma autônoma, com atividades diversificadas envolvendo as obras literárias, sendo necessário o comprometimento por parte da escola, do mediador e do poder público, pois essa biblioteca ideal precisa se tornar real.

CONCLUSÃO

Para transmitir o gosto pela leitura é preciso ser leitor e sentir prazer no ato de ler, pois só alguém que é leitor pode formar leitores, ou seja, é só por meio do exemplo que as crianças e os jovens se sentirão motivados para a leitura. Nesse sentido, entende-se a importância do papel do mediador no incentivo e no acesso à leitura para a comunidade à qual a escola pertence.

Diante disso, verifica-se a necessidade de se investir na capacitação de mediadores de leitura. Foi a partir dessa ideia que se pensou na pesquisa aqui realizada, que disse respeito à criação de uma proposta para a formação do mediador de leitura literária, por meio de um Curso de Formação, com enfoque no profissional responsável pela biblioteca escolar. Daí se chega aos objetivos principais desse trabalho, que foram o de criar essa proposta prática e o de analisar o perfil desses mediadores, escolhendo como amostra 25 professoras responsáveis pelas bibliotecas das escolas municipais de São Leopoldo.

Com esses objetivos, partiu-se para o planejamento do Curso, que compreendeu tanto atividades teóricas quanto práticas para a formação do profissional em questão. Como forma de legitimar essa pesquisa, iniciou-se pelos estudos sobre o histórico e os gêneros da literatura infantil, os quais constituíram o primeiro capítulo desse trabalho, com o intuito de contribuir para a elaboração do Curso de Formação. Acredita-se que é fundamental para o sujeito que se propõe a mediar atividades com leitura que conheça os diversos gêneros literários e, assim, possa diversificar os encaminhamentos das práticas de leitura.

A fundamentação teórica estendeu-se ao segundo capítulo, que buscou estudos sobre a função social da leitura, com destaque para os seus encaminhamentos no ambiente escolar. Também ressaltou a importância do espaço da biblioteca escolar nas atividades de promoção da leitura, por meio da “hora do conto”, e, principalmente, o papel do mediador na formação de leitores. Tais dados foram fundamentais para o planejamento do Curso e enriqueceram o conhecimento do profissional responsável pela biblioteca, levando-o a interrogar-se sobre a função que exerce como mediador de leitura. Vale ressaltar que, a partir das discussões dos temas referidos, durante o Curso de Formação, verificou-se um crescimento teórico e crítico das participantes, por meio dos debates e dos grupos de estudos que foram promovidos.

Dando continuidade ao desenvolvimento da pesquisa, no terceiro capítulo descreveu-se a metodologia utilizada, que foi bibliográfica e de campo, pois, após os estudos teóricos, partiu-se para a organização e a elaboração do Curso de Formação. Havia 40 professoras participantes e delimitou-se, de acordo com critérios já descritos, uma amostra de 25 profissionais. Na primeira sessão apresentou-se a descrição dos doze encontros, informando sobre a presença de teoria e prática, uma vez que toda a programação do Curso foi pensada e elaborada de forma a contribuir para práticas significativas de mediação. Os instrumentos da pesquisa foram as produções textuais, feitas pelas participantes durante os encontros, e as observações, registradas pela pesquisadora. A partir das respostas dadas nas produções, criaram-se categorias, com a finalidade de contribuir para um melhor entendimento do material coletado. As categorias referiram-se aos seguintes eixos: as práticas de leitura das mediadoras, a leitura na escola e na biblioteca, as impressões em relação ao Curso e como seria a biblioteca dos sonhos das participantes.

Durante as análises, que foram descritas e discutidas no quarto capítulo, tendo como base as categorias criadas, verificaram-se os perfis de entrada e saída das mediadoras, bem como se conheceram as atividades relacionadas à leitura desenvolvidas nas escolas. Nas análises foram transcritas as respostas das professoras, como forma de dar “voz” as suas afirmações, no sentido de comprovar o que estava sendo analisado.

Os resultados obtidos foram interpretados à luz do referencial teórico, no quinto capítulo, o qual foi decisivo para se compreender a importância de práticas de leitura permanentes nas escolas para a formação do leitor. Nesse sentido, confirmou-se que não depende apenas do professor responsável pela biblioteca os encaminhamentos com atividades de leitura na escola, mas de toda a sua comunidade, por meio de um trabalho conjunto entre a biblioteca e a sala de aula. Outro dado relevante é que para a formação do leitor, além de um mediador, que necessariamente precisa ser leitor, é importante que também se tenha um espaço amplo para receber seus usuários; com um acervo de qualidade, à disposição de todos; e ações públicas de leitura.

Em relação à base teórica das professoras, uma das questões norteadoras dessa pesquisa, constatou-se que elas estavam interessadas em estudar mais a respeito da literatura infantil, bem como da leitura na escola e de como formar leitores, pois afirmaram, no início do Curso, que buscavam conhecimento teórico e prático. Tal dado demonstra que elas estavam preocupadas com a sua formação, pois também destacaram a importância de participar de um Curso específico para o profissional responsável pela biblioteca escolar e,

assim, interagir com diversos assuntos pertinentes a sua formação. Portanto, verificou-se que algumas não tiveram a oportunidade de estudar, em suas graduações, os assuntos abordados no Curso. Em contrapartida, havia aquelas que já conheciam a teoria, possibilitando realizar uma troca de ideias, que enriqueceu o trabalho de todos os envolvidos no processo. Nesse sentido, acredita-se que o Curso contribuiu para o crescimento teórico e prático das participantes.

Nos relatos evidenciou-se que as obras literárias mais trabalhadas são as narrativas, havendo pouco espaço para a poesia, o livro de imagens e as histórias em quadrinhos. Destaca-se a importância que foi a apresentação de todos os gêneros literários infantis, pois, após a prática de cada um deles, as professoras comentavam que haviam trabalhado, em suas escolas, as sugestões propostas e que as crianças estavam demonstrando interesse em participar das atividades de “hora do conto”, como salientou uma das participantes, que disse que não sabia como era interessante o trabalho com a poesia. Já outra agradeceu ter tido contato com os livros de imagens, afirmando que nunca havia imaginado o sucesso que eles faziam com as crianças e os jovens. E uma terceira revelou que nem havia pensado no fato de trabalhar com as histórias em quadrinhos na escola. Portanto, comprovou-se a eficácia da programação do Curso, que veio ao encontro das expectativas das professoras, pois essas adquiriram mais conhecimentos em sua prática de mediação, conforme os depoimentos já citados.

Uma das questões norteadoras dizia respeito a como as professoras viam sua prática à frente de uma biblioteca escolar. Poucas foram aquelas que, como já referido anteriormente, descreveram a questão do mediador de leitura, como sendo aquele sujeito com um repertório variado de histórias, leitor e comprometido com o seu trabalho. Esperava-se que mais professoras fossem citar a função fundamental que exercem, contudo destacaram mais a questão do ambiente atrativo e dinâmico. No entanto, esse só terá tais características se tiver um mediador competente. Vale ressaltar que muitas professoras destacaram que gostariam de ser mais valorizadas em seu ambiente de trabalho e que a partir do Curso de Formação elas estavam mais otimistas, pois esse estava legitimando a sua prática perante a escola.

Em relação às atividades desenvolvidas nas bibliotecas pelas participantes, destaca-se sua preocupação em realizar um planejamento para a “hora do conto”, uma vez que afirmaram ler as histórias com antecedência para, então, contá-las. Assim, ficou claro que estavam realizando ou tentando realizar práticas comprometidas com a leitura, certas da validade de um planejamento para realização de atividades relacionadas a ela. É importante que, além da

“hora do conto”, as mediadoras organizem atividades de leitura individual e compartilhada para a formação de leitores autônomos. Sabe-se que por meio de uma leitura individual e compartilhada elas podem estar resgatando um ambiente de leitura em família, principalmente com a retirada de livros.

Deve-se considerar que as professoras participantes são leitoras comprometidas com sua prática profissional, pois a maioria destacou, nas questões referentes ao interesse de leitura, que as obras que salvariam em caso de um incêndio fictício, aquelas que marcaram suas vidas e aquelas em que se reconhecem enquanto personagens são as de literatura infantil e infanto-juvenil. Tal fato remete a duas hipóteses: de que foram obras importantes na infância e na adolescência das participantes ou que são obras utilizadas em sua prática profissional. Pode-se dizer que, pelo fato de estarem participando de um Curso de Formação, que referiu diversas obras infantis e juvenis, a maioria estava encantada com as sugestões apresentadas, dado que pode ter influenciado as respostas para essas questões, pois eram leituras significativas para o momento em que estavam vivendo. Tal dado pode ter se modificado atualmente, ou seja, outros livros seriam salvos, outros podem estar marcando suas vidas e elas podem estar se reconhecendo em outras personagens. Contudo, entende-se que, independente de momento, as leituras das professoras precisam encaminhar-se para leituras mais fecundas, que contemplem a literatura em geral.

Em relação aos hábitos de leitura, as mediadoras destacaram que leem à noite, antes de dormir e no quarto, remetendo a uma leitura mais individual, situação que pode não estar ocorrendo com frequência, pois a maioria relatou que não tem tempo para se dedicar a uma leitura pessoal, prevalendo leituras ligadas ao seu universo de trabalho, como as obras infantis e juvenis. Diante disso, verifica-se que há uma carência de leituras de literatura em geral, até porque essa foi pouco referida durante a pesquisa.

Tal situação pode levar a pesquisa adiante, em relação à formação leitora dos docentes, tanto dos responsáveis pelas bibliotecas, como dos titulares das turmas, os quais realizam atividades de mediação de leitura, propondo um Curso específico para o professor, que vise ao enriquecimento de seu repertório enquanto leitor, bem como de sua prática de mediação.

Com base em todas as produções realizadas e já descritas anteriormente, salientam-se as produções inicial e final do Curso, referentes à biblioteca dos sonhos, com respostas que demonstraram uma evolução do grupo em relação à questão da liberdade de acesso à leitura. Cabe destacar que, na produção inicial, prevaleceram questões referentes ao ambiente da biblioteca e aos recursos disponíveis nesse espaço, bem como a de um ambiente convidativo

para a “hora do conto”. Já na produção final, sobressaiu a “hora do conto”, com destaque ao acesso livre às estantes de livros. Portanto, ficou evidente para o grupo a importância de as crianças terem liberdade de escolher a obra que desejam levar, até porque uma biblioteca só tem sentido por meio dos empréstimos que realiza, pois é nesse movimento dos livros que as obras circulam e a leitura se efetiva.

Destaca-se que o município de São Leopoldo está realizando ações para a promoção da leitura, via Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de São Leopoldo (SMED), por meio do projeto “Leituração”, que leva os escritores às escolas, como forma de aproximar autores e leitores. É importante destacar que a cidade de São Leopoldo é um dos primeiros municípios a criar a Lei do Livro e da Leitura, com diversas diretrizes para o fomento à leitura, como a organização da Feira do Livro da cidade, que no ano de 2009 contou com uma capacitação para os mediadores de leitura. Portanto, acredita-se que cada vez mais a questão da leitura está ganhando espaço na cidade em que se encontram as bibliotecas analisadas. Outro dado relevante a se destacar é que das vinte e cinco professoras que participaram da amostra, dezenove permanecem à frente da biblioteca escolar de sua escola, evidenciando, assim, um comprometimento pelo seu trabalho.

Diante dos resultados obtidos, verificou-se que o objetivo da criação da proposta para a capacitação de mediadores foi alcançada, uma vez que, no momento em que as professoras avaliaram o Curso, destacaram que esse as agradou, pois aprimoraram seus conhecimentos com os assuntos abordados, sendo que alguns foram considerados novidades por algumas participantes. Inclusive, ressaltaram que gostariam que o Curso tivesse continuidade no ano seguinte, comprovando, assim, o seu aproveitamento. Em relação ao segundo objetivo, que disse respeito à análise dos perfis das mediadoras, comprovou-se que é um grupo que está buscando aperfeiçoamento na área da leitura, como se pode perceber pela continuidade do seu trabalho.

Nesse sentido, cabe a esse professor em formação, continuar buscando enriquecimento para sua prática enquanto leitor e mediador de leitura, pois as práticas de leitura precisam ser frequentemente aprimoradas, para que se possam formar leitores críticos. Fica a certeza de que o Curso contribuiu para que a mediação ocorresse de forma significativa nas escolas, conforme os relatos das professoras. Por isso, a experiência realizada pode ser repetida em outras situações, uma vez que ela permite que se tracem alguns parâmetros para a formação do mediador de leitura no âmbito da biblioteca escolar. Tal tarefa implica um conhecimento da realidade desse profissional, com respeito a suas experiências leitoras, suas expectativas de

trabalho e suas dificuldades; uma intervenção que reúna teoria e prática, de modo a qualificar seu trabalho; e uma mobilização que o sensibilize para a leitura, alargando seus horizontes culturais. Assim, ele poderá exercer sua atividade junto às crianças com convicção, pois só quem é leitor pode formar leitores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. In: CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. *Pedagogia cidadã: cadernos de formação*. São Paulo: UNESP, 2004. 2 v. p. 17-30.

AGUIAR, Vera Teixeira de et al. *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária na escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 235-255.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 85-105.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias. Poesia brasileira para crianças: uma ciranda sem fim. In: RECHOU, Blanca-Ana Roig; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRIGUEZ, Mara Neira (Org.). *A poesia infantil no século XXI (2000-2008)*. 1. ed. Vigo: Xerais/Fundacion Caixa Galicia, 2009, 1 v, p. 197-219.

AMORIM, Galeno (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSUMPCÃO, Simone. Poesia folclórica. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 63-68.

AVERBUCK, Lígia Morrone. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 63-83.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. Tradução de Octavio Mendes Cajado. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene Caetano. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais – Língua Portuguesa*. 2. ed. Brasília: MEC/SEEF, 1997. 2 v.

BRESSON, François. A leitura e suas dificuldades. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BUTLEN, Max. A leitura na escola e na biblioteca multimídia: entre o poder e o desejo. In: RÖSING, Tânia; BECKER, Paulo (Orgs.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 287-301.

CADEMARTORI, Lígia. Criança e quadrinhos. In: JACOBY, Sissa (Org.). *A criança e a produção cultural – do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 45-61.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CAMARGO, Luís. Para que serve um livro com ilustrações? In: JACOBY, Sissa (Org.). *A criança e a produção cultural – do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 273-301.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 5. ed. São Paulo: Global, 1987.

CASCUDO, Luis da Camara. *Literatura oral no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÉS, Philippe; DUBY, Georges (Orgs.). *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 113-161.

CHAVES, Otília. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Educação Religiosa, 1952.

CIRNE, Moacy. *A explosão criativa dos quadrinhos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

COELHO, Nelly Novas. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5. ed. São Paulo: Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens Indo-Européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

ESCARPIT, Robert. *A revolução do livro*. Tradução de Maria Inês Rolim. Rio de Janeiro: FGV/UNESCO, 1976.

ESCARPIT, Robert. *Sociologia da Literatura*. Tradução de Anabela Monteiro e Carls Alberto Nunes. Lisboa: Arcádia, 1969.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2002.

GOÉS, Lúcia Pimentel. *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira, 1984.

HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Summus, 1980.

KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Tradução e adaptação de Bernadete Santos Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores & leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 51-62.

LISBOA, Henriqueta. *O menino poeta*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 1975.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1973.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Ana Maria. *Texturas: sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAGALHÃES, Lígia Cademartori. Literatura infantil brasileira em formação. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1984. p. 135-152.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARIA, Luzia de. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Lírica e poesia infantil. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 69-73.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva et al. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 194-207.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MORAES, Vinícius. *A arca de Noé*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1991.

MOURA, Maria Lucia Seidl de et al. *Manual de elaboração de projetos de pesquisa*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1990.

PERROTTI, Edmir. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, Michèle. *Lecturas: del espacio íntimo al espacio público*. Tradução de Miguel Paleo et al. México: FCE, 2001.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Poesia e folclore para a criança. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 117-146.

ROBINE, Nicole. La lectura. In: ESCARPIT, Robert et al. *Hacia una sociología del hecho literário*. Tradução de Luis Antonio Gil López. Madrid: Edicusa, 1974. p. 221-242.

ROLLA, Angela da Rocha. *Professor: perfil do leitor*. 1996. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 5.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p.133-145.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986a.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5. ed. Porto Alegre: Papyrus, 1995a.

SILVA, Lílian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986b.

SILVA, Lílian Lopes Martin da et al. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009a. p. 49-67.

SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009b. p. 115-135.

SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 1995b.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Orgs.). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988. p. 18-29.

SOARES, Magda. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida et al. *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 17-32.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. Tradução de James Amado. São Paulo: Cultrix, 1978.

SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziela Guizelim Simões. A Hora do Conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p 19-47.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 43-49.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007a. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007b. p. 7-29.

WERKMEISTER, Diana Maria Noronha. *A formação do leitor de literatura: histórias de leitores*. 1993. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

WERNECK, Regina Yolanda. O problema da ilustração no livro infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 118-125.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989a.

ZILBERMAN, Regina. O escritor lê o leitor, o leitor escreve. In: SMOLKA, Ana Luiza B. et al. *Leitura e desenvolvimento da linguagem*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989b. p. 09-22.

APÊNDICES

APÊNDICE A –

Modelo de autorização para as professoras

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, professora responsável pela Biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental _____, RG _____, autorizo o uso das imagens e produções por mim realizadas durante o Curso de Formação: *Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura*, apenas identificado pelo nome da escola, para publicação e apresentação pela mestrandia Katiane Crescente Lourenço, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Porto Alegre, 24 de novembro de 2008.

Assinatura da Professora

APÊNDICE B –

Modelo de autorização para as escolas

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, Diretor (a) da Escola Municipal de Ensino Fundamental _____, RG _____, autorizo o uso do nome da escola na publicação e apresentação da pesquisa sobre a Biblioteca Escolar da mestrandia Katiane Crescente Lourenço, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Porto Alegre, 24 de novembro de 2008.

Carimbo da escola

Assinatura do Diretor (a)

APÊNDICE C –

Modelo de ficha de observação

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data:

Observações:

APÊNDICE D –

Observações dos encontros do Curso

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 19/05/2008 – 1º encontro do Curso de Formação – Reunião-convite para apresentação da sistemática das oficinas.

Observações:

As professoras responderam a produção textual inicial “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”. Após, foi feita a apresentação da programação e do cronograma do Curso de Formação.

No momento de relatar o seu início como leitora muitas destacaram que seu início ocorreu na escola, pois não tinham livros em casa. As referências de leitura foram os livros da Coleção Vagalume, como *O menino de asas*, *Um cadáver ouve rádio*, também citaram *O pequeno príncipe*, *Poliana*, *O cachorrinho Simba*. Durante essa lembrança, de primeiro contato com a leitura, algumas colocaram suas frustrações, por exemplo, uma delas relatou que foi obrigada a ler na 4ª série a obra *Vidas Secas*; outra, já em relação ao seu trabalho como mediadora, destacou que não havia preparado bem uma história e contou sem ter lido antes, tratava-se da história *O soldadinho de chumbo*, ela e as crianças choraram no final.

Elas participaram da leitura coletiva do poema “Caixa mágica de surpresa”, de Elias José. Ao final dessa reunião-convite muitas professoras já realizaram a sua inscrição para o Curso, e, como mais de uma professora, por escola, queria participar, ficou decidido que seria uma representante de cada escola que participaria.

Percebe-se que houve muito interesse das professoras em relação ao Curso, pois algumas afirmaram que estavam ansiosas em realizar uma formação específica para a biblioteca.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 16/06/2008 – 2º encontro do Curso de Formação – Debate sobre o histórico e os gêneros da literatura infantil universal e brasileira.

Observações:

As professoras responderam a produção textual “Participando deste Curso, eu busco...”. Depois da história inicial contada, escreveu-se a expressão *Literatura infantil*, no quadro, para que elas dissessem em uma palavra o que essa expressão significava para elas. Seguem as palavras ditas: inocência, faz-de-conta, Monteiro Lobato, sonho, prazer, imaginação, criança, magia, encantamento, fantasia, lúdico, livro, renovação, história, criar, valores, incentivo à leitura. Depois, debateu-se sobre as palavras referidas. As professoras foram muito participativas, colocavam suas ideias e muitas vezes davam exemplos de situações que ocorriam nas suas práticas.

Uma professora afirmou que estava adorando a forma objetiva que estava sendo apresentada a parte teórica.

Ao final desse segundo encontro, foram apresentadas algumas questões para serem debatidas, como: “Quais os autores e as obras mais trabalhadas pelos professores na sua escola? Qual o gênero literário mais trabalhado na sua escola? Quais os livros mais procurados pelos alunos na sua escola? Quais os autores que as crianças da sua escola já tiveram contato? Que obras vocês imaginam que as crianças mais gostam de ler? Vocês acham que as professoras gostam de ler?”.

Diante dessas questões, várias foram as repostas pertinentes, por exemplo, em relação aos autores e as obras mais trabalhadas citaram: Pedro Bandeira, Elias José, Ziraldo, Ruth Rocha, Monteiro Lobato, Mario Quintana, Vinícius de Moraes, Esopo e outros. O gênero literário mais trabalhado disse respeito à narrativa, prevalecendo os contos; e também citaram a poesia. Os livros mais procurados pelos alunos são antologias poéticas, histórias de terror, histórias de amor e as coleções que pertencem as “maletas”. Nas escolas de São Leopoldo as crianças já tiveram contato com vários autores, como: Fabrício Carpinejar, Gládis Barcellos, Carlos Urbim, Léia Cassol e outros. As professoras participantes imaginam que as crianças gostem de histórias que as aproximem da realidade e que as surpreendam. Em relação ao tipo de leitura feito pelas professoras, elas relataram que, em suas escolas, o corpo docente aprecia livros de autoajuda, jornal e leituras de apoio ao seu trabalho. Também destacaram que muitas colegas docentes não frequentam a biblioteca escolar.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 30/06/2008 – 3º encontro do Curso de Formação – Atividade prática sobre as narrativas populares, livros de imagens e narrativas curtas.

Observações:

Acredita-se que as professoras estavam gostando do andamento do Curso, pois participavam assiduamente de todas as atividades propostas. Nesse dia, fizemos brincadeiras com mímicas sobre os provérbios e todas foram muito criativas nas apresentações. Poucas conheciam a história popular que foi contada. Elas elogiaram as sugestões e se comprometeram em fazer o “tema” para o próximo encontro, que é trazer um conto popular que escutaram de familiares, digitado e ilustrado, para confeccionarmos o livro de contos populares do grupo.

No segundo momento nenhuma conhecia a história de imagem que foi contada, gostaram tanto, que até bateram palmas no final. Após, fizemos as dobraduras como atividade de pós-leitura e elas adoraram. Estão muito empolgadas com o Curso.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 14/07/2008 – 4º encontro do Curso – Grupos de estudos sobre a leitura na escola e a formação do leitor.

Observações:

As participantes responderam a produção textual “Na minha escola, a leitura...”. Durante a apresentação do material teórico, houve muita queixa das professoras pelo fato de não serem valorizadas pela escola, pois precisam substituir professores que faltam. Algumas destacaram que gostariam de poder contar com auxiliares para ajudarem na organização do acervo, ou até mesmo bibliotecários com formação para a catalogação do material, pois, muitas vezes, não sabem como devem proceder nessa tarefa.

Não gostariam de ter que fechar a biblioteca para a substituição de professores que faltam. Como é um grupo de 40 professoras a discussão “cresceu” com essa afirmação. Contudo, uma professora relatou que é preciso que se converse com a equipe diretiva e se explique a importância do momento da “hora do conto” para incentivar à leitura dos alunos da escola, afirmando que nunca precisou entrar em sala de aula.

Uma delas ressaltou que não entende porque querem criar bibliotecas nas comunidades, se as escolas já dispõem de bibliotecas, as quais deveriam ser utilizadas também pela comunidade na qual a escola está inserida. Também destacaram a importância da família para a formação do leitor.

Nesse mesmo encontro, as professoras reuniram-se em cinco grupos e cada um recebeu um excerto sobre um dos temas “leitura na escola” e “formação do leitor”, com as seguintes questões para nortear a discussão: “De que forma se pode motivar os alunos para a prática de leitura? Qual a sua opinião em relação às leituras obrigatórias na escola? De que maneira a leitura vem sendo incentivada na sua escola? O que é preciso, ou seja, quais os fatores fundamentais para a formação do leitor? Quais os motivos de a leitura ser tão pouco valorizada pelos alunos?”.

Em relação à motivação, o grupo ressaltou que o professor precisa ser um leitor e desenvolver atividades de contação de histórias, bem como haver o envolvimento das famílias nas ações relacionadas à leitura. O grupo que discutiu as leituras obrigatórias criticou esse tipo de prática, destacando que a escolha de leitura precisa partir do interesse do aluno, respeitando as suas diferenças. Outro grupo ressaltou que as atividades como a “hora do conto”, a retirada de livros, os saraus e a semana cultural com autores são maneiras de se incentivar a leitura na escola. Já em relação aos fatores fundamentais para a formação do leitor destacaram o incentivo, o prazer e o planejamento, por parte do professor, com objetivos claros. Os motivos destacados para a leitura ser tão pouco valorizada disseram respeito à distância que há entre as atividades desenvolvidas na biblioteca e na sala de aula, o desconhecimento do acervo literário por parte dos docentes e discentes e a leitura

ser trabalhada como pretexto. Houve muita discussão em relação ao valor que a biblioteca tem para a escola, sendo que várias professoras afirmaram que o seu trabalho na biblioteca não é valorizado.

Em seguida, propôs-se que as professoras completassem a seguinte frase: “Para formar um leitor é preciso...”, tendo os seguintes sujeitos: o professor, a família e a escola. Em relação ao professor elas responderam que esse precisa: incentivar, importar-se com a leitura, ser um leitor, emocionar e ter comprometimento. Tendo como sujeito a família, elas afirmaram que a mesma precisa priorizar e ter consciência da importância da leitura. Para a escola, elas ressaltaram que acreditam que ler e escrever deveria ser compromisso de todas as áreas, ou seja, é preciso o envolvimento de todos na questão da leitura, por meio de estratégias; também destacaram que é necessário priorizar a leitura e discutir o projeto político-pedagógico da escola. Questionadas se haveria mais “alguém” com o compromisso de formar leitores, elas disseram: os próprios alunos, pois depende deles a questão da leitura; e o poder público, destacando a necessidade de uma política para a formação de leitores, com repasse de verbas e atualização constante do acervo.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 05/08/2008 – 5º encontro do Curso de Formação – Passeio Cultural à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – para as palestras **O livro e o sujeito: interações híbridas de corpo inteiro**, com a escritora Paula Mastroberti e **Sobre a arte de contar histórias**, com o escritor Celso Sisto.

Observações:

Todas as professoras ficaram maravilhadas com as palestras, queriam mais, segundo elas. Foram muito participativas, pois perguntavam quando tinham dúvidas e participavam dos estímulos dos palestrantes.

Compraram muitos livros literários dos escritores, bem como o livro teórico *Era uma vez... na escola:* formando educadores para formar leitores, da Profª Dr. Vera Teixeira de Aguiar.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 18/08/2008 – 6º encontro do Curso de Formação – Atividades práticas com os contos de fadas tradicionais e modernos

Observações:

Estava chovendo muito nesse dia e o barulho da chuva atrapalhou um pouco a oficina. O *PowerPoint* não funcionava e a oficina iniciou sem ele, até que vieram arrumar o computador para ser utilizado e essa movimentação também atrapalhou o andamento do trabalho. Foram muitas atividades elaboradas para esse dia, contudo foi possível a realização de todas.

As professoras gostaram muito de ouvir os originais de vários contos de fadas que não conheciam, bem como os contos modernos.

Elas solicitaram que fossem encaminhadas, via e-mail, as referências das obras de Perrault, dos Irmãos Grimm e de Andersen. Gostaram muito das sugestões de atividades com os contos de fadas.

Foram questionadas sobre quais eram os contos de fadas que mais gostavam e prevaleceram: *Branca de Neve e os sete anões, Cinderela, João e Maria, Rapunzel, O patinho feio.*

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 01º/09/2008 – 7º encontro do Curso de Formação – Debate sobre a biblioteca escolar e a contação de histórias (“hora do conto”)

Observações:

Realizou-se a produção textual “Na biblioteca da minha escola, eu...”. Após, foi apresentado um material teórico sobre o papel da biblioteca escolar e a importância da contação de histórias para a formação de leitores.

Houve muita discussão durante a apresentação desse material teórico, por meio de questionamentos referentes às relações entre biblioteca e escola. Elas lamentaram o fato de terem que substituir os professores que faltam, pois precisam fechar a biblioteca. Outras, em contrapartida, elogiaram o envolvimento da escola com a leitura, afirmando que nunca precisaram entrar em sala de aula, pois impuseram algumas regras e se posicionaram em relação ao seu trabalho. Tais situações demonstram a diversidade dos encaminhamentos com a leitura entre as escolas analisadas.

Algumas professoras ressaltaram que não sabem o que fazer com os livros que voltam rasgados. Sugeriu-se que elas criassem uma exposição com os livros danificados, tendo como título, por exemplo, “Confissões do livro”, para que as crianças pudessem visualizar como os livros retornavam para a biblioteca.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 22/09/2008 – 8º encontro do Curso de Formação – Atividade prática sobre as histórias em quadrinhos.

Observações:

As professoras gostaram muito das atividades propostas envolvendo as histórias em quadrinhos, participando com questionamentos. Discutiram que se torna muito caro para as escolas trabalhar com as histórias em quadrinhos, pois precisariam utilizar o retroprojetor para realizar a atividade, pelo fato de as escolas do município não terem o recurso do *PowerPoint*. Várias relataram que não haviam trabalhado ainda com as histórias em quadrinhos e afirmaram que veem poucas colegas trabalhando com esse gênero na escola.

Foi discutida a história do Chico Bento “Livros, livros...” em que se chamou a atenção para a liberdade de escolha do livro que se deseja ler no ambiente da biblioteca, referindo-se a importância do livre acesso às estantes.

Num segundo momento seis professoras se inscreveram para relatar um trabalho significativo que haviam feito na biblioteca, uma não conseguiu apresentar, por falta de tempo, ficando para o próximo encontro.

A primeira que apresentou é professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Arthur Ostermann, ela relatou que contou a história *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, fazendo ligação com a história *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, destacando questões relacionadas à amizade e à natureza, por meio de atividade envolvendo uma produção textual.

A segunda é professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Álvaro Luís Nunes, ela relatou o trabalho com a história *A vida do meu jeito*, de Leia Cassol, apresentando a confecção de um livro gigante, que utilizou para a contação de histórias com os alunos.

A terceira é professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Clodomir Vianna Moog, ela destacou as atividades que a biblioteca promove na escola, como a Semana do Folclore e a Semana da Poesia, com atividades envolvendo todas as turmas da escola.

A quarta é professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Henrique M. Coelho Neto, ela relatou o trabalho que realizou com a história *Charalina*, de Nelson Albissú. Ela levou uma chaleira e disse que ia contar a história daquele objeto, apresentando ao grupo da mesma maneira que contou aos alunos de sua escola.

A quinta é professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Paulo Beck, ela apresentou o trabalho com a história *A bailarina da caixa de música que virou borboleta*. Depois de contar a história colocou uma caixinha de música para tocar e relatou que confeccionou com as crianças caixinhas de música.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 06/10/2008 – 9º encontro do Curso de Formação – Grupo de estudos para analisar obras infantis.

Observações:

Nesse encontro, as professoras responderam ao questionário sobre uma obra que haviam trabalhado na biblioteca escolar. Após reuniram-se em grupos e receberam obras selecionadas pela ministrante, para que pudessem avaliá-las segundo os aspectos positivos e negativos que apresentassem. A escolha das obras, entre narrativas e poemas, seguiu um critério de qualidade, estando presentes obras de valor literário ao lado de outras que não apresentam qualidade estética.

As obras poéticas escolhidas foram: *A televisão da bicharada*, de Sidónio Muralha; e *Palavras, muitas palavras...*, de Ruth Rocha; a primeira apresentando características literárias, como o ludismo e o ilogismo, enquanto que a segunda tendo o intuito pedagógico de ensinar as letras do alfabeto. As narrativas também foram escolhidas seguindo alguns critérios: uma com caráter moralizante, *A moranga e a chuva*, que faz parte de uma coleção, na qual não há referência ao autor; outra é uma adaptação dos contos de fadas, *A bela e a fera*; e ainda, uma narrativa emancipatória, *A margarida friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida, que apresenta o final em aberto, levando à discussão do mesmo; e um livro de imagens, *Ida e volta*, de Juarez Machado, que se caracteriza por conter ilustrações sugestivas e dinâmicas.

Percebeu-se que houve algumas controvérsias nos grupos durante a apresentação das análises; por exemplo, o grupo que ficou com o livro de poemas de Sidónio Muralha foi muito criterioso, pois quis discutir a interpretação dos poemas, quando na verdade o autor fez uma brincadeira com as palavras. Assim, o ilogismo era uma característica positiva e foi considerada como negativa, pois questionou-se o poema “Boa noite”: “zebra estará sempre de pijama?”. No entanto destacaram a sonoridade, o tema sobre animais e as ilustrações como características positivas. O grupo que ficou com o livro de poemas de Ruth Rocha conseguiu identificar o aspecto pedagógico da obra, destacou que é “parecido com uma cartilha”, consideraram as ilustrações como sendo um aspecto positivo.

O grupo que analisou a obra *A moranga e a chuva* identificou a característica moralista da mesma, pois destacou a questão da vingança da personagem, bem como ressaltou, como aspecto positivo, a ilustração; já o grupo que ficou com a adaptação do conto de fadas, priorizou a interpretação do texto, pois considerou-o um bom livro, destacando que trabalha a questão dos valores, porém ressaltou que há uma simplificação da obra, contudo não se deteve em questionar o seu caráter literário; o grupo que analisou a obra de Fernanda Lopes de Almeida destacou como características positivas a mensagem do texto e as ilustrações, no entanto, consideraram

que “às vezes, os alunos querem uma história mais dinâmica, dependendo da situação, uma história calma dessas não agrada”, salientando que é uma história para a Educação Infantil.

Já o grupo que ficou com o livro de imagens destacou como pontos negativos: “pouca clareza no final; o final deve surpreender, coisa que não ocorre no livro. Não deixa claro quem é o personagem principal”, e destacou como positivo o suspense, as “imagens claras, objetivas e sugestivas”. Portanto, há uma contradição nessas características, pois justamente o que surpreende na obra é a sugestão que as imagens apresentam de quem é essa personagem. Por fim, muitas professoras, nesse encontro, questionaram sobre o que fazer com os livros de “R\$1,99” e as “maletas”. Diante disso, discutiu-se que são livros que até podem fazer parte do acervo da biblioteca, mas não considerados pertencentes à literatura infantil. Portanto, a criança precisa ter contato com livros de valor literário, sendo o mediador de leitura o responsável por apresentá-las a esses livros.

Também responderam ao questionário sobre interesses e hábitos de leitura, como forma de conhecer o perfil leitor das professoras participantes.

No final desse encontro, a professora responsável pela biblioteca da E.M.E.F. Dilza Flores Albrecht relatou a sua experiência, destacando o projeto desenvolvido pela biblioteca que tem o objetivo de integrar a comunidade com a biblioteca, no qual ouve-se o que a comunidade pensa sobre a biblioteca e organiza-se um planejamento com as ideias que são levantadas.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 20/10/2008 – 10º encontro do Curso de Formação – Atividade prática com a poesia infantil.

Observações:

As participantes gostaram das atividades propostas. Contudo, nem todas quiseram participar do Sarau Poético, sendo que apenas dez recitaram poemas. Várias não conheciam algumas das obras trabalhadas nesse encontro, como: *Receitas de olhar*, de Roseana Murray; *Lé com crê e Poemas para brincar*, de José Paulo Paes; e *A caligrafia de Dona Sofia*, de André Neves.

Queriam uma cópia de todos os poemas trabalhados. A grande maioria relatou que costuma trabalhar mais com a poesia folclórica. Houve uma professora que destacou que um dos seus trabalhos com a poesia foi publicado pelos cadernos da Unisinos, referente à poesia *As borboletas*, de Vinicius de Moraes.

Uma professora solicitou a indicação de livros de qualidade e foram passados os sites, para consulta, do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 12/11/2008 – 11º encontro do Curso de Formação – Passeio à Casa de Cultura Mario Quintana – Contação de histórias do Grupo Cataventus.

Observações:

Neste dia participaram da contação de histórias do Grupo Cataventus, que apresentou diversos recursos disponíveis para realizar uma “hora do conto”, como:

- 1) Contaram a história “O sapo e a princesa”, de Luís Fernando Veríssimo, sem nenhum recurso material.
- 2) Contaram a história “Medo do escuro”, com fantoches de estrelas.
- 3) Contaram a história “Era uma vez uma velha”, com o recurso do avental, em que os personagens iam sendo afixados de acordo com o desenvolvimento da história.
- 4) Contaram a história “A margarida friorenta”, com o recurso do álbum seriado.
- 5) Contaram a história “Os músicos de Bremen”, dos Irmãos Grimm, com a participação do público, pois a cada nova personagem elas convidavam alguém da plateia.

As contadoras de histórias ficaram a disposição das professoras para questionamentos e destacaram a importância de se vestir na frente da criança, caso utilizem fantasias, para não assustá-las.

As professoras perguntaram quem preparava os materiais que elas utilizavam e elas responderam que há uma equipe para isso e, às vezes, o próprio contador.

Outra professora questionou como as histórias eram escolhidas e elas responderam que o contador escolhe a história a seu gosto.

As contadoras do Grupo Cataventus informaram que as escolas podem participar dessa atividade de contação de histórias, indo à Casa de Cultura Mario Quintana, tendo como ingresso a doação de 1 Kg de alimento; ou o Grupo pode ir até a escola, assim não cobrariam ingresso, apenas o transporte e o almoço.

Após essa atividade, fomos à Feira do Livro de Porto Alegre e todas tiveram liberdade de circular para comprar os livros de seu interesse. Percebi que muitas professoras estavam comprando livros de qualidade, dirigindo-se às bancas de editoras conceituadas.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Data: 24/11/2008 – 12º encontro do Curso de Formação – Grupos de estudos sobre projetos de leitura na escola.

Observações:

As professoras se organizaram em grupos para a elaboração de um projeto de leitura tendo como base as obras que trouxeram. Depois fizeram a apresentação e percebeu-se que muitas tiveram o cuidado de organizarem atividades dinâmicas e criativas.

Após foi feita a discussão do texto teórico, que foi lido previamente pelas professoras, elas destacaram a importância da leitura de mundo, em que uma delas se lembrou das histórias que seu pai contava para o seu filho. Outra destacou que é fundamental saber ouvir os alunos. Houve uma professora que referiu que a personagem Dona Benta era uma verdadeira contadora de histórias, pois encantava seus netos com histórias sem utilizar recurso nenhum. Outra ressaltou a importância de se identificar com as histórias, remetendo a experiências vividas, fazendo, assim, com que descobramos novas leituras.

Realizaram as produções textuais final e avaliativa do Curso. Muitas demonstraram interesse para que o Curso continuasse no próximo ano. Acredita-se que o mesmo tenha alcançado os seus objetivos.

APÊNDICE E –

**Modelo de produção textual inicial e final “Na biblioteca dos meus sonhos, as
crianças...”**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Nome da biblioteca: _____

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

APÊNDICE F –
Cronograma do Curso de Formação

BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Dr. Vera Teixeira de Aguiar (Coordenadora)
Katiane Crescente Lourenço (Ministrante)

Objetivos:

- Fundamentar e analisar conceitos sobre leitura e formação do leitor;
- sensibilizar para a importância da “hora do conto” na formação de leitores;
- proporcionar atividades lúdicas com as obras literárias, por meio de projetos de leitura, como forma de contribuir para a prática dos professores responsáveis pelas bibliotecas;
- refletir sobre o espaço da biblioteca, tornando-o um ambiente atrativo aos alunos.

Realização:

- **Início:** maio de 2008.
- **Término:** novembro de 2008.
- **Horário:** segunda-feira, das 8h às 11h (encontros quinzenais)
- **Duração:** 36h

PROGRAMA:

1º Encontro: MAIO (19/05/08)

Atividade prática: Oficina

- 1ª entrevista/observação: produção textual: “**Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...**”
- Sistemática das oficinas;
- Contação de história.

2º Encontro: JUNHO (16/06/08)

Debate

- Literatura infantil: origem;
- Literatura infantil universal;
- Literatura infantil brasileira.

3º Encontro: JUNHO (30/06/08)

Atividade prática: Oficina

- Narrativa Infantil I: lendas e contos populares;
- Narrativa Infantil II: livro de imagens e narrativas curtas.

4º Encontro: JULHO (14/07/08)

Grupo de estudos

- Leitura na escola;
- Formação do leitor.

5º Encontro: AGOSTO (05/08/08)

Passeio cultural: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Palestras:

- **O livro e o sujeito: interações híbridas de corpo inteiro**, com a escritora Paula Mastroberti.
- **Sobre a arte de contar histórias**, com o escritor Celso Sisto.

6º Encontro: AGOSTO (18/08/08)

Atividade prática: Oficina

- Narrativa Infantil III: contos de fadas tradicionais e modernos.

7º Encontro: SETEMBRO (1º/09/08)

Debate

- Reflexões sobre a biblioteca escolar;
- Contação de histórias: "hora do conto".

8º Encontro: SETEMBRO (22/09/08)

Atividade prática: Oficina

- Histórias em quadrinhos.
- Relato de experiências das professoras.

9º Encontro: OUTUBRO (06/10/08)

Grupo de estudos

- Critérios para seleção de livros infantis.
- Questionário: interesses e hábitos de leitura.

10º Encontro: OUTUBRO (20/10/08)

Atividade prática: Oficina

- Poesia infantil.

11º Encontro: NOVENBRO (12/11/08)

- **Passeio cultural:** Casa de Cultura Mario Quintana – Biblioteca Lucília Minssen
Contação de histórias com o Grupo Cataventus

12º Encontro: NOVENBRO (24/11/08)

Grupo de estudos

- Atividade prática: projetos de leitura.
- Texto teórico para discussão.

APÊNDICE G –

Modelo de produção textual “Participando deste Curso, eu busco...”

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

Participando deste Curso, eu busco...

APÊNDICE H –

Material teórico sobre literatura infantil

HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

A origem e a função da literatura infantil

- A literatura infantil surgiu entre os séculos XVII e XVIII, com a ascensão da burguesia na sociedade europeia.
- Antes disso, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura.
- A valorização da infância gerou maior união familiar, mas também um controle do desenvolvimento intelectual da criança.

“A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções, e as novas instituições, como a escola moderna, não só divulgavam as ideias vigentes, mas também condicionavam a criança para desempenhar seu papel na sociedade. Nesse contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia”

(AGUIAR, 2001, p. 23).

- O papel da escola foi o de introduzir a criança na vida adulta e o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior.
- Esta aproximação se deu pelo fato de os primeiros textos terem sido produzidos por pedagogos e por professores com o intuito educativo de preconizar valores.

“O problema pode-se agravar quando o livro é introduzido na escola. Porque, nesse caso, as forças se conjugam no projeto de doutrinar os meninos ou então seduzi-los com a imagem que a sociedade quer que assumam – a de seres enfraquecidos e dependentes”

(ZILBERMAN, 2003, p. 24).

- Segundo Jean-Jacques Rousseau, “a infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas” (1999, p. 86), ou seja, os adultos acreditavam que as “suas maneiras” seriam melhores para a criança, usufruindo, muitas vezes, da literatura infantil para esse feito.

- A literatura infantil foi considerada uma literatura menor, porque careceu de imediato de um estatuto artístico, ou seja, não era reconhecida em termos de valor estético.
- Isso ocorreu devido a sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela.

- Jesualdo Sosa (1978) destaca quatro elementos que constituem a base de sustentação da literatura infantil:

1. Caráter imaginoso;
2. Dramatismo;
3. Técnica do desenvolvimento;
4. Linguagem.

1. Caráter imaginoso: é o interesse da criança por esta vida mais imaginativa do que real, por meio de desenhos ou ilustrações que mais sugerem do que dizem, sendo essa “qualidade imaginosa” que afirmará, em primeira instância, o máximo interesse da expressão para a criança.

2. Dramatismo: que centraliza toda a atenção da criança, pois essa tem esperança nesse drama vivido.

3. Técnica do desenvolvimento: é a maneira como o autor desenvolve o entrecho dos acontecimentos, através das descrições das personagens.

4. Linguagem: que tem uma importância vital para a degustação da obra e resume, de certo modo, a habilidade do criador, pois é através de uma escrita agradável e simples, não significando ser trivial, que o autor conquista o seu leitor.

- Cecília Meireles descreveu que a Literatura é uma só e a dificuldade está em delimitar-se o que se considera especialmente do âmbito infantil. A autora ressalta que as crianças é que deveriam fazer essa delimitação, através de sua preferência. “Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma literatura infantil *a priori*, mas *a posteriori*” (1984, p. 20).

A literatura infantil universal

- Tem seu início vinculado à pedagogia. Porém, há obras que permaneceram pelas suas qualidades estéticas:
 - Contos de fadas, recolhidos por Charles Perrault;
 - Adaptações de romances de aventuras, como *Robinson Crusóé*, de Daniel Defoe, e *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift.

- Já no século XIX os Irmãos Grimm repetem o caminho bem-sucedido de Perrault e editam a coleção de contos de fadas, alcançando êxito e convertendo a sua obra em sinônimo de literatura para crianças, pois agradava aos pequenos leitores.

“Os contos de Perrault, como os de Grimm e de Andersen, são conhecidos das crianças antes das letras do alfabeto: eles se antecipam à alfabetização, porque fazem parte da vida afetiva da criança“ (CARVALHO, 1984, p. 79).

- Ainda no século XIX, Hans Christian Andersen publicou outra grande antologia de contos de fadas, que o consagrou como o verdadeiro criador da literatura infantil, pois apresentou um diferencial em relação às obras de Perrault e aos Irmãos Grimm:

“É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos Irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia”
(MACHADO, 2002, p. 72).

- Pode-se dizer que o século XIX foi, por excelência, o século de afirmação da literatura infantil, pois, além dos contos de fadas, os clássicos universais foram considerados livros marcantes, por desafiarem o tempo e continuarem vivos na imaginação de tantas crianças.

- Destacando-se as seguintes obras: *Vinte mil léguas submarinas*, de Júlio Verne; *As aventuras de Tom Sawyer*, de Mark Twain; *As aventuras de Pinóquio*, de Carlo Collodi; *A ilha do tesouro*, de Robert Louis Stevenson; e tantos outros que contribuíram para a formação de leitores no mundo inteiro (ARROYO, 1988).

“Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 2007, p.12)

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”
(CALVINO, 2007, p. 11)

A literatura infantil brasileira

- Assim, como a literatura infantil universal, a literatura infantil brasileira, não era reconhecida como produção artística, sendo considerada uma literatura menor.
- Coube à escola a tarefa de apresentar uma literatura infantil, tendo esta um caráter didático e sendo usada para doutrinar as crianças.

- A literatura infantil que circulava, no Brasil, era uma adaptação dos seguintes clássicos universais: *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchhausen* (1891) e os clássicos de Perrault, Grimm, e Andersen.
- Com o aumento destas adaptações começou a se pensar numa literatura própria, que valorizasse o nacional.

- E foi por meio de uma leitura escolar, que difundiu-se a exaltação ao civismo e ao patriotismo.
- As principais obras foram: *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira (1886); *Pátria*, de João Vieira de Almeida (1889); *Contos pátrios*, de Olavo Bilac (1904); *Histórias da nossa terra*, de Júlia Lopes de Almeida (1907).

- Na década de 20 ocorreu a grande virada da literatura infantil brasileira, através da obra do escritor Monteiro Lobato, na qual a criança brasileira se encontrou e pôde viver o seu mundo de imaginação.

“A Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia”
(COELHO, 1991, p. 225).

- As crianças sentiam-se atraídas pelo seu texto.

“Seu sucesso irrestrito entre os pequenos leitores decorreu, sem dúvida, de um fator decisivo: eles se sentiam identificados com as situações narradas; sentiam-se à vontade dentro de uma situação *familiar e afetiva*, que era subitamente penetrada pelo *maravilhoso* ou pelo *mágico*, com a mais absoluta naturalidade” (COELHO, 1991, p. 227).

“A inspiração maior e básica de Lobato foi a própria criança, os motivos e os ingredientes de sua vivência: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo o que povoa a sua imaginação... Reencontrou a criança, amealhou toda a riqueza e criatividade de seu mundo maravilhoso e construiu um universo para ela, num cenário natural, enriquecido pelo folclore de seu povo, aspecto indispensável à obra infantil” (CARVALHO, 1984, p. 133).

- Foi pelas mãos de Monteiro Lobato, que em 1921, publicou-se *A menina do Narizinho Arrebitado*, cuja obra apresentava uma linguagem compreensível e atraente.

“Usando uma linguagem criativa, Lobato rompeu a dependência com o padrão culto: introduziu a oralidade tanto na fala das personagens como no discurso do narrador. Em seus textos, o discurso flui espontaneamente, com o resgate da situação original que dá sentido ao processo comunicativo. A criação de uma personagem-narradora – Dona Benta, que conta as histórias para as crianças – recupera o clima das antigas narrativas orais” (AGUIAR, 2001, p. 25).

- Nas décadas de 50-60, a literatura infantil assumia um caráter conservador, ocorria um retrocesso, no que diz respeito à criatividade, pois apresentava-se como instrumento pedagógico a serviço de uma ideologia.
- Já nas décadas de 70-80 foi marcada por profundas transformações, pois apresentou personagens e enredos livres dos modelos exemplares, bem como uma linguagem marcada pelo coloquialismo.

- Algumas obras que marcaram o período de 70-80: *O reizinho mandão*, *Marcelo*, *marmelo*, *martelo* (Ruth Rocha), *O soldado que não era* (Joel Rufino dos Santos), *História meio ao contrário* (Ana Maria Machado), *Chapeuzinho Amarelo* (Chico Buarque de Holanda), *Os colegas*, *A casa da madrinha*, *Corda bamba* (Lygia Bojunga Nunes) e *Uma ideia toda azul* (Marina Colasanti).

- Durante todo o percurso da literatura infantil houve a tensão entre dois pólos: pedagogismo e proposta emancipatória, massificação e liberdade expressiva.

“Hoje, quantidade e qualidade coexistem na literatura infantil, na qual grande produção de textos estereotipados compete com sucesso no mercado de bens culturais. Contudo, a emergência de autores criativos e críticos garante a excelência de algumas obras. A situação, entretanto, não é tranquila para o leitor, que precisa se salvar do bombardeio dos livros meramente comerciais para chegar ao bom texto” (AGUIAR, 2001, p. 34).

O TRADICIONAL

1. Espírito individualista
2. Obediência absoluta à Autoridade
3. Sistema social fundado na valorização do **ter** e do **parecer**, acima do **ser**
4. Moral dogmática
5. Sociedade sexófoba
6. Reverência pelo passado
7. Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana
8. Racionalismo
9. Racismo
10. A Criança: “adulto em miniatura”

(COELHO, 1997, p.19)

O NOVO

1. Espírito solidário
2. Questionamento da Autoridade
3. Sistema social fundado na valorização do **fazer** como manifestação autêntica do **ser**
4. Moral da responsabilidade ética
5. Sociedade sexófila
6. Redescoberta e reinvenção do passado
7. Concepção de vida fundada na visão cósmica/ existencial/ mutante da condição humana
8. Intuicionismo fenomenológico
9. Antirracismo
10. A Criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.) et al. *Era uma vez ... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 3.ed. São Paulo: Global, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil e juvenil*. 4.ed. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11.ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina, MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

APÊNDICE I –

Material prático sobre os contos populares

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Narrativa infantil I: lendas e contos populares

Objetivos da oficina:

- Conhecer a origem dos contos populares, das lendas e das fábulas;
- Sugerir atividades de contação de histórias com esses gêneros literários.

Desenvolvimento:

- Definição dos termos:

- **Conto popular:** é um relato que “se diz e se transmite oralmente”. Este tipo de texto tem como características apresentar-se em prosa ou em fórmulas rimadas, narrar acontecimentos fictícios, protagonizados por seres humanos, seres sobrenaturais ou animais, com a finalidade de divertimento.

- **Lenda:** O termo lenda vem do latim *legenda*, *legere* = ler, que constitui uma narrativa anônima de matéria supostamente histórica ou verdadeira, guardada pela tradição (oral ou escrita). A lenda caracteriza-se como o assombro e o temor que o homem primitivo tinha diante de acontecimentos que não compreendia e foi através dos relatos que explicavam o surgimento do universo, que se criou esta modalidade de narrativa.

- **Fábula:** é uma pequena narração de acontecimentos fictícios, que tem dupla finalidade: instruir e divertir, ou seja, trata-se de uma pequena composição que se encerra com uma moral. Fábula é uma palavra que vem do latim *fari* = falar e do grego *phaó* = dizer, contar algo. As ações das fábulas são protagonizadas por animais, vegetais, objetos e seres humanos, o que as diferenciam do *apólogo*, protagonizado por objetos inanimados e da *parábola*, protagonizada somente por seres humanos.

Contação de História:

Pré-leitura:

- Técnica do cochicho: os alunos serão divididos em grupos de cinco e irão contar alguma história que envolva uma superstição ou alguma lenda que tenham escutado em seu universo familiar. Após, o grupo escolherá a história que mais se destacou para ser contada ao grande grupo.

Leitura-descoberta:

- Leitura do conto: “O homem que enxergava a morte”, de Ricardo Azevedo.
- Os alunos serão divididos em grupos e cada grupo receberá uma questão para nortear as discussões sobre o conto lido:
 - a) Como a morte está sendo apresentada no conto?
 - b) Como a morte “aparece” na vida do homem?
 - c) Quais os momentos em que a morte se sente enganada?
 - d) Qual foi o último pedido que o homem fez à morte? Ele foi atendido? Comente.

Pós-leitura:

- As crianças terão que coletar histórias populares de seus avós, pais ou parentes e relatar para a turma. Após, deverão entregar para a mediadora uma cópia da história que mais gostaram de ouvir, a qual será revisada e ilustrada. As histórias irão compor um livro, com o título: *As histórias que as crianças contam*, o qual poderá vir a fazer parte do acervo da biblioteca escolar.
- As crianças serão divididas em grupos e cada grupo receberá um provérbio para apresentar em forma de mímica para que os grupos possam descobrir a qual provérbio se refere. Outra sugestão é criar uma história tendo como base um provérbio. Alguns exemplos de provérbios: *Chorar sobre o leite derramado; Tomar chá de cadeira; Quem não tem cão caça com gato; Em boca fechada não entra mosquito.*

- Tendo por base a obra *Meu livro de folclore*, de Ricardo Azevedo, será feita a leitura do texto: *Monstrenhos da nossa terra*. Após, cada aluno poderá criar o seu monstrenho, seguindo este roteiro: *Como ele é? O que ele faz? O que fazer para se proteger?* Após a criação, cada um apresenta o seu monstrenho para o grande grupo, que poderá ser por meio de uma leitura, de um desenho ou outra forma de expressão. Outra sugestão é pedir anteriormente aos alunos que tragam materiais recicláveis para a confecção do fantoche de seu monstrenho.
- Criação do *Baú da imaginação popular*, o qual será composto por diversos textos de origem popular, como: lendas, provérbios, parábolas, superstições, contos populares, etc. Os alunos terão que coletar este material que comporá o baú, através de pesquisas com parentes e amigos. O resultado desta atividade é que a turma terá muitos textos diversificados para a leitura na sala de aula ou na biblioteca.
- Jogos dramáticos: dramatizar uma história em grupos, por meio de mímica. Cada grupo receberá um modelo diferente para criar a sua história, como: *começa triste e termina alegre; história começa na floresta e termina na delegacia; história muda, mas que no final um personagem fale: "Chega!"*; *história que tenha os seguintes personagens: um saci, um cachorro, uma menina*. As crianças terão um tempo de quinze minutos para preparar esta apresentação.

Textos de estudo:

BUSATTO, Cléo. *Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica*. 5.ed. São Paulo: Global, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna: 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 43-49.

WORNICOV, Ruth et al. *Criança-leitura-livro*. São Paulo: Nobel, 1986.

Textos de aplicação:

AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do folclore*. São Paulo: Ática, 2006.

AZEVEDO, Ricardo. *Contos de enganar a morte*. São Paulo: Ática, 2005.

AZEVEDO, Ricardo. *Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões*. Porto Alegre: Projeto, 2001.

AZEVEDO, Ricardo. *Meu livro do folclore*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1994.

FAGUNDES, Antonio Augusto. *Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul*. 8. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

FRENCH, Vivian. *As fábulas ferinas de Esopo*. São Paulo: Brinque-book, 1998.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. 50. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias à Brasileira: Pedro Malasartes e outras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LOPES NETO, Simões. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

TULCHINSKI, Lúcia. *Fábulas de Jean de La Fontaine*. São Paulo: Scipione, 2005.

APÊNDICE J –

Material prático sobre os livros de imagens e as narrativas curtas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Narrativa infantil II: livro de imagens e narrativas curtas

Objetivos da oficina:

- Conhecer as características dos livros de imagens e das narrativas curtas;
- Sugerir atividades para a contação de histórias com esses gêneros literários.

Desenvolvimento:

- **Livro de imagens:** considerada uma obra inovadora, são histórias contadas por meio de uma linguagem visual, com imagens que “falam”; não utilizam o texto verbal (ou com brevíssimas falas). São obras que ampliam a percepção visual e o autodesenvolvimento da criança.
- **Narrativas curtas:** apresentam um texto e uma imagem que se articulam de tal modo que se tornam de fácil compreensão, por meio de uma linguagem simples, a maioria é em forma de diálogo. Progressivamente, aumenta-se a extensão dos textos e diminui o espaço tomado pelas imagens, com uma trama um pouco mais complexa. São obras que apresentam temas que se relacionam com vivências infantis, aspectos ligados à interioridade das personagens ou relações interpessoais.

Contação de História:

Pré-leitura:

- A mediadora trará uma caixa surpresa com uma meleca (brinquedo infantil) dentro. Os alunos serão convidados a colocar suas mãos na caixa para descobrirem o objeto tocado.
- Após esta atividade, a capa do livro será apresentada aos alunos, os quais serão instigados a responderem às seguintes questões:
 - a) Quem são Zuza e Arquimedes?
 - b) Quem é este homem que está chegando?
 - c) O que pode ter dentro deste baú? Será que o mesmo que tinha na caixa que vocês colocaram a mão?
 - d) Que lugar é este que a capa está mostrando?

Leitura-descoberta

- A mediadora instiga os alunos a contarem junto com ela a história *Zuza e Arquimedes*, de Eva Furnari, com o recurso do “cineminha”. Após a contação de história, apresentar o livro, mostrando a sequência das cenas dispostas pela autora.
- Discussão oral sobre os temas que a obra apresenta: medo, curiosidade, brincadeira de mau gosto, respeito, limites, vingança.
- Produção Textual: os alunos serão divididos em grupos, sendo que cada grupo receberá algumas gravuras da história, essas estarão numeradas, para criarem um texto, usando o discurso direto ou indireto. Em seguida, cada grupo apresentará as suas produções, conforme a sequência da história, afixando-as num painel, o qual ficará exposto na sala.

Pós-leitura:

- Será solicitado que a turma se divida em dois grupos ou mais, e esses deverão dramatizar a história, acrescentando-lhe mais personagens, ou seja, mais curiosos, para que, assim, possamos também ter surpresas, através da criatividade dos grupos.

- Confecção da dobradura de um baú, utilizando uma folha branca, cola e tesoura. Dentro deste baú, que terá um “bolsinho”, as crianças colocarão os seus medos, os quais só sairão quando forem superados pelas crianças. Afixar os baús num painel: *Os medos da turma...*
- Confecção da dobradura de um “álbum-sanfona”: criar histórias com imagens de revistas, gravuras ou desenhos.

Textos de estudo:

CAMARGO, Luís. Para que serve um livro com ilustrações? In: JABOBY, Sissa. (Org.). *A criança e a produção cultural – do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 273-301.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 43-49.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

WERNECK, Regina Yolanda. O problema da ilustração no livro infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 147-154.

Textos de aplicação:

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A curiosidade premiada*. 29.ed. São Paulo: Ática, 2006.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A margarida friorenta*. 24.ed. São Paulo: Ática, 2004.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *Gato que pulava em sapato*. 18.ed. São Paulo: Ática, 2005.

AZEVEDO, Ricardo. *Do outro lado da janela*. São Paulo: Moderna, 1992.

BELINKY, Tatiana. *O grande rabanete*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

FÉLIX, Monique. *O ratinho e os opostos*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.

FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. *Fogo no céu*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1979.

FURNARI, Eva. *Amendoim*. São Paulo: Paulinas, 1983.

FURNARI, Eva. *Filó e Marieta*. São Paulo: Paulinas, 2000.

FURNARI, Eva. *Todo dia*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1984.

FURNARI, Eva. *Truks*. São Paulo: Ática, 1992.

FURNARI, Eva. *Zuza e Arquimedes*. São Paulo: Paulinas, 2000.

IACocca, Liliana; IACocca, Michele. *Farra no formigueiro*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006.

JUNQUERIA, Sonia. *O barulho fantasma*. 10.ed. São Paulo: Ática, 2006.

JUNQUERIA, Sonia. *O peru de peruca*. São Paulo: Ática, 1988.

LIMA, Graça. *Noite de cão*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1991.

MACHADO, Ana Maria. *Menina bonita do laço de fita*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Juarez. *Ida e volta*. 10.ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

NEVES, André. *Seca*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ORTHOF, Sylvia. *Maria-vai-com-as-outras*. 21.ed. São Paulo: Ática, 2005.

ORTHOF, Sylvia. *Se as coisas fossem mães*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PENTEADO, Maria Heloísa. *Lúcia-já-vou-indo*. 28.ed. São Paulo: Ática, 2004.

SALLUT, Elza. *A casinha do tatu*. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

APÊNDICE K –

Modelo de produção textual “Na minha escola, a leitura...”

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

Na minha escola, a leitura...

APÊNDICE L –

Material teórico sobre a leitura na escola

LEITURA NA ESCOLA

Questões para debate:

“Para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura -, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a ‘aprender fazendo’: Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente” (BRASIL, 1997, p. 58).

- **De que forma se pode motivar os alunos para a prática de leitura?**

“É importante frisar também que a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daqueles alunos, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança” (LAJOLO, 1997, p. 108).

- **Qual a sua opinião em relação às leituras obrigatórias na escola?**

“Pela via da escola, o aluno pode contactar com outros segmentos sociais que o aproximam dos livros e, para isso, professores, supervisores, orientadores, enfim, todo o pessoal que se ocupa da educação deve estar aberto ao convívio para além das paredes da sala de aula. Nessas ocasiões, a cada um é dado o direito de escolha daquilo que quer ler, segundo seus interesses, curiosidades e possibilidades. A partir daí, podem-se propor atividades em que o estudante tenha que justificar suas decisões, falar dos assuntos preferidos, contar como se deu seu encontro com o livro a ser lido” (AGUIAR, 2001, p. 253).

- **De que maneira a leitura vem sendo incentivada na sua escola?**

“Aos professores, profissionais cuja responsabilidade é formar e produzir leitores por meio da educação escolarizada, a necessidade da leitura se impõe como mais forte ainda. Isto porque, caso ele próprio não seja um leitor assíduo, rigoroso e crítico, são mínimas ou nulas as chances de que possa fazer um trabalho condigno na área da educação e do ensino da leitura. Não tendo ele um repertório, uma história substancial de leitura, não tendo ele penetrado nas histórias contadas por vários tipos de livros, é bem possível que ele assine pactos ininterruptos de mediocridade com seus alunos, fingindo que ensina e lê, e os seus alunos fingindo que aprendem e leem” (SILVA, 2003, p. 28).

- **O que é preciso, ou seja, quais os fatores fundamentais para a formação do leitor?**

“A análise da situação em que se encontra a leitura comprova a ineficácia da escola, pois o aluno manifesta seu desinteresse por essa atividade, evidenciando a distância que se estabelece entre a ação pedagógica e o alcance do comportamento desejado. O pretensão leitor assume o papel de decodificador e de eventual intérprete, sem almejar o desenvolvimento de atitudes crítico-reflexivas, e limita suas experiências com textos literários às exigidas pela escola, enquanto se restringe, na vida cotidiana, à leitura de jornais e revistas” (SARAIVA, 2001. p. 23).

- **Quais os motivos de a leitura ser tão pouco valorizada pelos alunos?**

Leitura na escola – formação do leitor

- O ensino da leitura está historicamente vinculado à escola, cabendo ao professor a tarefa de promover a leitura em seus alunos.

“Sabemos que a experiência infantil de contato com os livros deve anteceder à idade escolar. Podemos dizer que a criança deve descobrir o prazer da leitura muito antes de aprender a ler. Tais informações remetem à importância do ambiente familiar na formação do hábito de leitura. Mas, embora a atuação dos pais seja fundamental, é para o professor que convergem as maiores expectativas”
(AGUIAR, 1993, p. 86).

- Através de pesquisa descrita por Richard Bamberger, em sua obra *Como incentivar o hábito da leitura* (2004), percebe-se que há uma dificuldade em criar interesses de leitura permanentes, por uma série de fatores como: a falta de motivação das crianças para a leitura; o fato de a leitura estar intimamente associada às atividades e exigências da escola e devido a outros meios de entretenimento, que são considerados, pela criança, mais atrativos.

- Segundo Ruth Wornicov et al. (1986), a escola tem a responsabilidade de “introduzir a criança no mundo dos livros”, para tanto, precisa fazer com que a criança goste de ler. Porém, a escola promove atividades de leitura de forma impositiva e desestimuladora, tornando-a “um simples mecanismo sem nada acrescentar de importante à vida e ao crescimento do leitor”. Para mudar esse quadro, é importante que a escola repense suas práticas de leitura, de forma a torná-la prazerosa, tanto fora, quanto dentro do ambiente escolar.

“Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento do espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo precisa, todo mundo deve ter a sua disposição – de boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o que enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo”
(MACHADO, 2002, p. 15).

“Não se deve esquecer que interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar. Também convém levar em conta que a leitura “de verdade”, aquela que realizamos os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mudamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando parágrafos... uma leitura íntima, e por isso, individual” (SOLÉ, 1998, p. 43).

“É o leitor que lê o sentido; é o leitor que confere a um objeto, lugar ou acontecimento uma certa legibilidade possível, ou que a reconhece neles; é o leitor que deve atribuir significado a um sistema de signos e depois decifrá-lo. Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial” (MANGUEL, 1997, p. 19).

- De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1997), para formar um leitor competente, é necessário que esse compreenda o que lê, ou seja, identifique elementos implícitos, estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos e saiba justificar e validar a sua leitura.

“Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias”
(MARTINS, 1982, p. 34).

Para formar um leitor é preciso...

- O PROFESSOR:
- A FAMÍLIA:
- A ESCOLA:
- _____ :

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária na escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEE, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.

MACHADO, Ana Maria. *Os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SARAIVA, Juracy Assmann. A situação da leitura e a formação do leitor. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 23-27.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura*. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

WORNICOV, Ruth et al. *Criança-leitura-livro*. São Paulo: Nobel, 1986.

APÊNDICE M –

Material teórico sobre os contos de fadas

OS CONTOS DE FADAS E O IMAGINÁRIO INFANTIL

Origem dos contos de fadas

- A origem dos contos de fadas remonta à oralidade, que os fez perpetuar de geração em geração.
- Quem contava um conto aumentava um ponto, acrescentava uma situação, modificava um detalhe, repetia um elemento. Portanto, a sobrevivência desses contos se deu pelo fato de muitos contadores terem difundido as narrativas de geração em geração, por meio da literatura oral.

- O conto de fadas originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural e visavam a realização interior do ser humano.
- A palavra fada vem do latim *fatum*, que significa destino, fatalidade, oráculo.

- Os contos de fadas não eram destinados às crianças; eram destinados aos adultos com a função de expressar, de forma simbólica, os conflitos entre os camponeses com os senhores feudais. Porém, com o surgimento da burguesia, os contos começaram a ser recontados para as crianças das novas famílias, sofrendo diversas adaptações, tendo como objetivo “transmitir valores burgueses, conformando o jovem a um certo papel na sociedade” (AGUIAR, 2001, p. 80).

Charles Perrault (1628-1703)



- A literatura infantil teve seu início no final do século XVII, na França, com o escritor Charles Perrault, poeta e advogado de prestígio na Corte, o qual reuniu os contos populares que circulavam em seu país e publicou *Os contos da Mãe Gansa*. O autor foi reconhecido pelas suas versões imortais, como *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar*, *Barba Azul*, *As Fadas*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*.

- As histórias narradas por Perrault eram adaptações literárias que traziam ao final conceitos morais em forma de verso. Essa perspectiva promove, desde a fase inicial, na chamada literatura infantil a existência de um teor pedagógico associado ao lúdico.

Irmãos Grimm: Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859)



- Já no século XIX, na Alemanha, os Irmãos Grimm também reuniram uma coletânea de narrativas maravilhosas relacionadas ao folclore alemão, redescobrimdo o mundo maravilhoso da fantasia e dos mitos que desde sempre seduziu a imaginação humana (VALE, 2001).

- A pesquisa dos Irmãos Grimm tinha por objetivo realizar um levantamento de elementos linguísticos para fundamentação dos estudos filológicos da língua alemã, bem como preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e colocá-lo ao alcance de todo mundo.

- Na tradição oral, as histórias compiladas não eram destinadas ao público infantil e sim aos adultos. Foram os Irmãos Grimm que dedicaram-nas às crianças por sua temática mágica e maravilhosa. Fundiram, assim, esses dois universos: o popular e o infantil.
- Os mais conhecidos, que circularam em tradução portuguesa, foram: *A Bela Adormecida*, *Os Músicos de Bremen*, *Os Sete Anões e a Branca de Neve*, *O Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*.

Hans Christian Andersen (1805-1875)



- Era filho de um sapateiro, e sua família morava num único quarto. Apesar das dificuldades, ele aprendeu a ler desde muito cedo e adorava ouvir histórias. A infância pobre deu a Andersen a chance de conhecer os contrastes de sua sociedade, o que influenciou bastante as histórias infantis e adultas que viria a escrever.

- Ainda no século XIX, Andersen publicou outra grande antologia de contos de fadas, que o consagrou como o verdadeiro criador da literatura infantil, pois apresentou um diferencial em relação às obras de Perrault e às dos Irmãos Grimm:

“É que Andersen, diferentemente de Perrault e dos Irmãos Grimm, não se limitou a recolher e recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo modelos dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível – uma visão poética misturada com profunda melancolia”
(MACHADO, 2002, p. 72).

- Em suas histórias Andersen buscava sempre passar padrões de comportamento que deveriam ser adotados pela sociedade, mostrando inclusive os confrontos entre poderosos e desprotegidos, fortes e fracos. Ele buscava demonstrar que todos os homens deveriam ter direitos iguais.

- Exemplos: *O Patinho Feio*, *A Roupas Nova do Imperador*, *Polegarzinha*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Vendedora de Fósforos*. Esses contos mostravam a poesia e a melancolia com que o escritor tratava o sofrimento infantil, pois suas obras não apresentavam intenções didáticas e sim criações emancipatórias para a leitura infantil.

- Por meio da sua contribuição para a literatura infantil, a data de seu nascimento, 2 de abril, é hoje o Dia Internacional do Livro Infanto-Juvenil. Além disso, o mais importante prêmio internacional do gênero leva seu nome.

Novos contos de fadas

- Já na segunda metade do século XIX, considerada “A Idade de Ouro” da literatura infantil, surgem os novos contos de fadas que, em lugar do maravilhoso feérico, impõem o maravilhoso fantástico, absurdo ou do *nonsense*, como a obra *Alice no país das maravilhas*, do inglês Lewis Carroll. Outro exemplo é *Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi, que funde o sobrenatural dos contos de fadas com o racionalismo realista dos contos exemplares.

Estrutura do Conto de Fadas

- Apresenta uma estrutura simples, com um mesmo desenvolvimento narrativo: a situação inicial apresenta as dificuldades materiais do cotidiano do oprimido que, com o desenvolvimento da ação, é alterado pela interferência do elemento mágico, permitindo a emancipação do herói.

- A estrutura dos contos apresenta:

- **Situação inicial:** dificuldade vivida pelo herói, geralmente representada por problemas vinculados à realidade, produzindo desequilíbrio à tranquilidade;
- **Conflito:** gerado pela ruptura do herói em busca da solução do problema a ser resolvido. Herói desliga-se da proteção do lar e mergulha no desconhecido;

- **Processo de solução:** superação de obstáculos e perigos, conta com a ajuda de elementos da fantasia;

- **Sucesso final:** volta à realidade como meio de transcender para uma nova vida.

- Essa estrutura com começo, meio e fim bem nítidos, são de fácil compreensão para a criança, atendendo as características de seu pensamento mágico (AGUIAR, 2001).

- Os problemas que desencadeiam a narrativa partem da realidade e desequilibram a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é a busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real (AGUIAR, 2001).

- O ambiente do conto de fadas é caracterizado pela imprecisão, devido às expressões iniciais, como se fosse uma senha de entrada: “Era uma vez”, “Num certo país”, “Há mil anos atrás”, que sugerem às crianças que o que se segue não pertence ao aqui e agora que nós conhecemos.

O imaginário nos contos de fadas

- A imaginação é um aspecto essencial da mente da criança, e é por meio dela que sua consciência elabora, num primeiro momento, os dados da realidade circundante.
- A criança compreende a vida pelo viés da imaginação, portanto o livro infantil põe a criança em contato com o mundo, oferecendo-lhe com isso a possibilidade de entendê-lo melhor e de a ele adaptar-se.

- Liev Vygotsky (1982) afirma que a atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, pois essa experiência é a base para a construção da fantasia. Quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material de que irá dispor sua imaginação.

- Bruno Bettelheim (1980) fez um estudo sobre a psicanálise dos contos de fadas e reconheceu as suas contribuições para o desenvolvimento da personalidade da criança, pois, por meio da linguagem simbólica desses contos, a criança se identifica com os problemas apresentados e consegue solucionar os seus, como o medo da morte, o medo do abandono, sentimentos de culpa, raiva e inveja.

- Diana Corso (2006) confirma essa ideia, pois a sobrevivência do conto de fadas consiste em seu poder de simbolizar e “resolver” os conflitos psíquicos inconscientes que ainda dizem respeito às crianças de hoje.

- Bettelheim (1980) analisa diversos contos de fadas, reconhecendo sua importância para as experiências infantis. Por meio da leitura, a criança vê representados no texto, simbolicamente, conflitos que enfrenta no dia-a-dia e encontra soluções porque a história traz um final feliz. Em outras palavras, o conto de fadas dá à infância a certeza de que os problemas existem, mas podem ser resolvidos.

- Tendo por base as diversas análises feitas, o autor acrescenta que os contos de fadas devem ser apresentados ao público infantil em sua versão original, pois a supressão de qualquer um dos elementos que compõem o conto quebra a cadeia simbólica que está implícita na íntegra da história.

“É para isso que o homem conta histórias – para tentar entender a vida, sua passagem pelo mundo, ver na existência alguma espécie de lógica. Cada texto e cada autor lidam com elementos diferentes nessa busca, e vão adequando formas de expressão e conteúdo de um jeito que mantém uma coerência interna profunda que lhe dão sentido. Mexer neles é alterar esse sentido”
(MACHADO, 2002, p.75).

Contos de fadas modernos

- Autores brasileiros contemporâneos aprofundaram a visão crítica de suas obras, com paródias dos contos tradicionais, mas, para que a criança entenda esse jogo literário, é indispensável que conheça os contos de fadas tradicionais, pois só assim conseguirá identificar a que contexto eles se referem e o que está “fora do lugar” na nova versão.

- Exemplos: *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque; *A fada que tinha ideias*, de Fernanda Lopes de Almeida; *O reizinho mandão e O rei que não sabia de nada*, de Ruth Rocha; *Onde tem bruxa tem fada*, de Bartolomeu Campos de Queirós; *O fantástico mistério de feiurinha*, de Pedro Bandeira; *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado, sendo esses alguns dos mais conhecidos.

- Essas criações são conhecidas como contos de fadas modernos, porque, embora mantenham o maravilhoso, conduzem o leitor a uma percepção crítica de si mesmo e da sociedade que o circunda.

- Além das paródias, novas histórias são criadas, caracterizando-se como contos de fadas modernos, pois apresentam elementos fantásticos ou mágicos, como por exemplo: *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga Nunes, “em que os dilemas infantis se resolvem com o apoio da magia”, e *Uma ideia toda azul*, de Marina Colasanti, no qual percebe-se “a ênfase no tratamento de questões femininas, numa ótica diferente daquela dos contos de fadas tradicionais” (AGUIAR, 2001, p. 82).

Atividade prática: contos de fadas tradicionais e modernos

- **Pré-leitura:**
 - Confeccionar um castelo de dobradura: produção de texto sobre o castelo e seus personagens.
 - Questionar qual o conto de fadas o aluno mais gosta de ouvir ou com qual personagem ele mais se identifica.
 - Ouvir as várias versões que os alunos conhecem da história que será contada.

■ **Leitura-descoberta:**

- Contar as histórias e comentá-las.
- Questionar oralmente as obras para a compreensão e interpretação das mesmas.

Chapeuzinho vermelho



- A versão de Charles Perrault (1697) tem um caráter de fábula moral, pois ensina que quem transgride as regras se expõe ao perigo e é punido.
- Na versão dos Irmãos Grimm (1857) ocorre uma continuação da história, caracterizando-a como um conto de fadas, pois apresenta um final feliz.
- Mesmo apresentando finais diferentes, o início das narrativas é semelhante.

Análise do Conto:

- O conto caracteriza-se pela perda da inocência, bem como destaca a curiosidade sexual infantil.
- A figura do pai é apresentada de forma oposta:
 - Lobo: externalização dos perigos de sentimentos edípicos reprimidos;
 - Caçador: função resgatadora e protetora.

- Há uma conversa de sedução entre a menina e o lobo.
- O medo é representado pela escuridão na barriga do lobo.
- A cor vermelha significa emoções violentas, incluindo as sexuais.
- Na versão de Perrault, Chapeuzinho é vítima de sua ingenuidade.

- Na versão de Grimm, Chapeuzinho é bastante ativa, pois enche a barriga do lobo de pedras, e também aprendeu duas lições: ouvir conselhos/obedecer a ordens e passar a desconfiar do outro/ser mais precavida.
- Segundo Bettelheim, “a inocência infantil de Chapeuzinho morre quando o lobo se revela e a engole. Quando sai do estômago do lobo, ela renasce num plano superior de existência, relacionando-se de modo positivo com os pais, não mais como criança, ela volta à vida como uma jovem donzela” (1980, p. 219).

Chapeuzinho Amarelo (Chico Buarque)

- A cor amarela caracteriza o medo.
- O lobo ocupa a posição de dominador, com suas características de maldade e agressividade.
- Chapeuzinho ocupa a posição de dominada, com suas características de ingenuidade e impotência.
- O medo é que determina essas posições.

- Mostra-se a desconstrução dessas imagens, o deslocamento dos sentidos, por meio das pistas que se evidenciam na base linguística.
- Chapeuzinho enfrenta o medo, surgindo a Chapeuzinho Amarelo, forte e dominadora e a imagem do lobo de fraco e dominado.
- Chapeuzinho inverte as palavras, transformando cada medo que tinha em brincadeira.

O Príncipe-Rã ou Henrique de Ferro (Irmãos Grimm)



- O conto é conhecido também como: *O Rei Sapo* ou ainda *O Príncipe Sapo*.
- Na versão popular, a princesa beija o sapo.
- Na narrativa original, a princesa arremessa o sapo contra a parede.
- O conto caracteriza-se pela perda da inocência infantil, pois a princesa voltou do passeio comprometida com um sapo asqueroso.
- Há uma repulsa infantil ao sexo.

- A princesa é obrigada a crescer, pois precisa assumir os compromissos que fez.
- O pai une a filha ao futuro marido quando exige que ela assuma a promessa que fez.
- Há o início da vida sexual.
- A princesa tem nojo de compartilhar a sua intimidade com aquele ser viscoso.
- Há o gesto de violência, pois o animal transforma-se em homem.
- A transformação é provocada por um ato de violência e não de amor.

Sapo vira rei vira sapo *ou A volta do Reizinho Mandão* (Ruth Rocha)

- Há uma desconstrução da sequência original, tendo no início uma paródia com o poema modernista de Manuel Bandeira.
- O rei caracteriza-se como mal-educado e autoritário.

- Cria leis absurdas, o que nos remete a obra: *O reizinho mandão*, da mesma autora.
- Há um descontentamento por parte do rei e a perda do poder.
- No parágrafo final percebe-se que a história se repete, pois o rei vira sapo novamente e está procurando uma princesa para beijá-lo. Novamente a autora convoca o leitor à permanente vigilância diante da hipótese do retorno dos governantes opressivos e indesejados.

O patinho feio (Hans Christian Andersen)



- O patinho tem sentimentos de inadequação e de rejeição na família.
- Há uma angústia pela separação.
- O conto retrata a jornada interior do herói.
- Representa a angústia da criança pequena, que se sente num ambiente hostil.
- Há duas fantasias assustadoras, a dos pais, com medo de ter o filho trocado por outro; e a dos filhos, descobrirem-se adotivos.

- O patinho feio vivia sempre com os diferentes.
- O feio é aquele que não se encaixa na normalidade; fora do padrão.
- O patinho realiza várias fugas, pois não se sentia bem recebido.
- As estações do ano estão bem definidas: inicia com o Verão – Outono – Inverno – Primavera.

- No momento do congelamento ocorre um amadurecer, pois o patinho precisa reconhecer-se e então estará pronto para encontrar os seus iguais.
- O conto é considerado um alter-ego do próprio Andersen, como uma descrição alegórica da infância difícil que esse autor de origem humilde passou.

■ **Pós-leitura:**

- Criar uma versão atual da história;
- Criar uma história do ponto de vista do malvado: *contos invertidos*;
- Criar novos finais para a mesma história;
- Transformar a história escrita em história em quadrinhos;
- Produzir um texto: “*Se eu tivesse uma varinha mágica...*”;

- Realizar uma leitura compartilhada: leitura do conto pelos alunos – por meio de frases;
- Apresentar os diversos contos de fadas, por meio de anúncios publicitários;
- Escolher um conto de fadas tradicional ou moderno e apresentar o livro em 1ª pessoa, como se fosse a personagem, o aluno poderá se caracterizar para essa atividade;
- Criar um júri: contra e a favor da personagem em questão;

- Certificar-se de que ninguém leu o livro, mostrar apenas a capa e deixar que inventem a história (Ilustração e Título como únicas informações). Após, todos leem as histórias que escreveram para os colegas e depois o mediador faz a leitura da história original;
- Realizar uma *salada de contos*: personagens de vários contos passam para outras histórias ou se encontram;

- Questionar os alunos, oralmente, após a leitura da história: *Como a história começa? Qual o problema que acontece na história? Como o problema é resolvido? Como a história termina?*;
- Assistir ao filme *Shrek*, fazendo uma comparação entre o herói do filme e o herói dos contos de fadas.

“Os contos de fadas continuam sendo um manancial inesgotável e fundamental de clássicos literários para os jovens leitores. Não saíram de moda, não. Continuam a ter muito o que dizer a cada geração, porque falam de verdades profundas, inerentes ao ser humano”
(MACHADO, 2002, p. 82).

Referências

Textos de estudo:

- AGUIAR, Vera (Coord). *Era uma vez na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato: 2001.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COELHO, Nelly Novaes. *O Conto de Fadas: símbolos – mitos – arquétipos*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CORSO, Diana, CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

- KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da Literatura Infante-Juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.
- MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.
- RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. São Paulo : Summus, 1982.
- VALE, Luiza Vilma Pires. Narrativas infantis. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- VYGOSTKY, Liev. *La imaginación y el arte em la infancia*. Madrid: Akal Bolsillo, 1982.
- ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Textos de Aplicação:

- ANDERSEN, Hans Christian. O patinho feio. In: *Histórias maravilhosas de Andersen*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1995.
- BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho amarelo*. Rio de Janeiro: Berlendis & Vertecchia, 1979.
- GRIMM, Jacob & Wilhelm. O rei Príncipe-Rã ou Henrique de Ferro. In: *Contos de Grimm – Volume 2*. São Paulo: Ática, 2003.

- GRIMM, Jacob & Wilhelm. Chapeuzinho Vermelho. In: *Contos de Grimm – Volume 2*. São Paulo: Ática, 2003.
- PERRAULT, Charles. Chapeuzinho Vermelho. In: *Contos de Perrault*. Trad. Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Ática, 2005.
- ROCHA, Ruth. *Sapo vira rei vira sapo* ou A volta do reizinho mandão. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.
- ROCHA, Ruth. *O reizinho mandão*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1997.

- ROCHA, Ruth. *Procurando firme*. São Paulo: Ática, 1996.
- SCIESZKA, Jon. *A verdadeira história dos três porquinhos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1993.
- SCIESZKA, Jon. *O patinho feio e outras histórias malucas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- SOUZA, Flávio de. *Príncipes e princesas, sapos e lagartos: histórias modernas de tempos antigos*. São Paulo: FTD, 1989.
- TATAR, Maria. *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

APÊNDICE N –

Modelo de produção textual “Na biblioteca da minha escola, eu...”

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

Na biblioteca da minha escola, eu...

APÊNDICE O –

Material teórico sobre a biblioteca escolar

BIBLIOTECA ESCOLAR

Reflexões sobre a Biblioteca Escolar

- A biblioteca foi criada pela necessidade de se preservar e organizar os documentos produzidos ao longo da história.
- Já no início do século XX, a biblioteca, além da ideia de sistematizar o saber, se apresentou com uma nova função: a de sistematizar o acesso às informações.

- Os PCNs recomendam que cada escola disponha de uma boa biblioteca e que cada classe dos ciclos iniciais tenha um canto de leitura.
- A biblioteca escolar, no contexto da educação brasileira, é desprezada e esquecida, não recebendo o valor que mereceria pelas autoridades, ou seja, “não é levada a sério” e raramente se investe em sua estrutura (SILVA, 1991).

- As bibliotecas escolares são consideradas depósitos de livros e de outros materiais que não estão sendo usados pela escola.
- A estrutura é tão importante quanto o estímulo à leitura. Waldeck Carneiro da Silva (1995b) afirma que muitas bibliotecas escolares estão situadas em locais inadequados, dividindo sala com outro setor da escola, revelando o baixo prestígio que possuem, sendo que isso pode vir a desestimular a sua frequência.

• COMO É O ESPAÇO FÍSICO DA BIBLIOTECA NA SUA ESCOLA?

- O responsável pela biblioteca escolar é o bibliotecário, formado em Biblioteconomia, mas na maioria das vezes, é o professor que assume essa função.
- Os PCNs destacam a importância do professor ser um leitor, pois vendo o seu professor envolvido com a leitura, os alunos se sentirão estimulados a usufruírem do espaço da biblioteca e tornar-se-ão leitores.

- Ezequiel Theodoro da Silva reforça essa ideia quando afirma que um professor precisa ser um leitor caso queira ensinar um aluno a ler. Isso “porque nossos alunos necessitam do *testemunho vivo dos professores* no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura” (1995a, p. 109).

“Por dever do ofício e por exigência ética, cabe a esses dois profissionais – professor e bibliotecário – *ler e fazer ler*. Repetindo: *cabe ler e fazer ler*. Isto quer dizer que, para abraçar qualquer dessas duas profissões, o sujeito tem que ser leitor, encarnando em si práticas de leitura como um valor absoluto e, por ter que fazer ler, tem que projetar e inculcar esse valor em todos os membros da sua comunidade através de projetos, programas e ações” (SILVA, 2003, p. 91).

• QUAL A OPINIÃO DE VOCÊS EM RELAÇÃO A ESSAS AFIRMAÇÕES SOBRE O PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA?

- Uma atitude que pode vir a afastar os alunos da biblioteca escolar são os regulamentos muito rígidos, com horários inflexíveis, o não acesso às estantes para a escolha dos livros e a “eterna preocupação com o silêncio”, criando uma certa antipatia por esse ambiente (SILVA, 1995b).

- É fundamental o papel da escola, e principalmente o do professor, no que se refere a biblioteca escolar “para a organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura autônoma” (BRASIL, 1997, p. 92), e assim, possibilitar aos alunos que tenham acesso ao material disponível, bem como criar o gosto por frequentar esse espaço.

- Waldeck Carneiro da Silva acredita que o acesso ao acervo deva ser livre, não se justificando o ato de impedir o aluno de ter a liberdade de passear entre as estantes e escolher o livro que mais lhe atrai. Salienta ainda que muitas vezes o acesso às estantes é vetado para que a “biblioteca possa manter as obras em bom estado de conservação. Logo, parece que alguns bibliotecários preferem um acervo intacto em vez do livre circular de usuários por entre as estantes” (1995b, p. 59).

- Um dos caminhos para tornar uma leitura prazerosa ou agradável é “deixar as crianças escolherem os livros que desejam ler”. Sendo que “a autoescolha pode ser uma ponte para a descoberta de livros que mais atraem, que mais seduzem as crianças e que podem, por isso mesmo, provocar uma maior aproximação com os livros” (SILVA, 2003, p. 99).

- Para Marisa Lajolo (1997) “a prática de leitura patrocinada pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível. A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro” (1997, p. 108).

• COMO OCORRE A RETIRADA DE LIVROS NA SUA ESCOLA?

- Silva (1993) afirma que o professor responsável pela biblioteca deva buscar meios de motivar os alunos a frequentar esse ambiente, quando afirma que “é necessário arregañar as mangas” e parar com os lamentos e críticas, buscando desenvolver uma proposta de trabalho que vise ao estímulo à leitura, assim melhorando a qualidade do ensino.

- Para que a biblioteca torne-se um local em que a leitura livre prevaleça, é necessário que o responsável pela biblioteca, bibliotecário ou professor, torne o livro um objeto significativo para o aluno, e isso só ocorrerá se esse também for significativo para ele. Portanto, Ana Mariza Filipouski (1993) afirma que a criança se identifica com seus familiares, bem como com o professor e acaba tomando-os como padrões de identificação, portanto, se faz necessário que adultos leitores apresentem o livro como algo importante em suas vidas e assim estimulem o gosto pela leitura.

“O que melhor caracteriza uma biblioteca não é a beleza de sua decoração, mas sim a qualidade do seu acervo e a funcionalidade dos seus serviços. A qualidade do acervo da biblioteca é estabelecida pelo atendimento às necessidades reais de leitura dos usuários, voltadas à busca de conhecimento, recreação e fruição estética. A funcionalidade dos serviços é definida pela própria dinâmica interna da biblioteca, nos seus aspectos de seleção e aquisição de obras, agilização do processamento técnico, sistema de empréstimos, e pela sua capacidade em atrair e aumentar o público leitor” (SILVA, 1985, p. 143).

Reflexões sobre a Hora do Conto

- Contar histórias é um ofício remoto, que se perpetua de geração em geração, por meio da literatura oral.

“A arte de ler, como a de contar histórias, é adquirida através da experiência e da prática. É muito mais do que uma interpretação inexpressiva, monótona do texto. A leitura de histórias é semelhante à dramatização, na medida em que estimula a imaginação do ouvinte. Os resultados fazem valer o esforço despendido” (KUHLTHAU, 2002, p. 50).

- Segundo Bruno Bettelheim para uma história prender a atenção da criança, deve entretê-la e despertar a sua curiosidade. “Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam” (1980, p. 13).

- Fanny Abramovich afirma que para ler uma história às crianças, “não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... E aí, no decorrer da leitura, demonstrar que não está familiarizado com uma ou outra palavra, empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito como o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazendo ponto final quando aquela ideia continuava, deslizante, na página ao lado...” (1997, p. 18).

- Portanto, é fundamental que o contador, que pode ser tanto o bibliotecário, como o professor responsável pela biblioteca, conheça previamente o assunto da história que irá relatar, “para que possa iniciá-la levantando suposições das crianças sobre o tema, pode partir do título e, assim, gerar um clima de suspense em relação a história. É através de um ambiente agradável e convidativo que a criança sentirá prazer em frequentar a biblioteca e ouvir as histórias na hora do conto”. (KUHLTHAU, 2002, p. 29)

“Para a escolha de histórias é necessário que se leve em conta o interesse do ouvinte, sua faixa etária, bem como a elaboração de um planejamento por parte do contador, para garantir-lhe segurança e assegurar-lhe naturalidade no momento da contação da história” (SILVA, 1990, p. 13).

- Celso Sisto afirma que para contar bem uma história é necessário “evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem, quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas, quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar um outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento” (2005, p. 23).

“A grande ‘dica’ para ser um bom narrador de contos é ler muito; os livros, as placas, os gestos, as pessoas, a vida que vai em cada coisa. E não ter pressa: o contador de histórias tem que ter paixão pela palavra pronunciada e contar a história pelo prazer de dizer (que é muito diferente de ler uma história!)”
(SISTO, 2005, p. 21).

- Há artifícios que o contador de história pode utilizar para prender a atenção de seu leitor, como valer-se da pausa, provocando atitudes de ansiedade pelo que se segue, aproveitar-se da gesticulação e da imitação de personagens do texto e, por último, conseguir estabelecer contato com o auditório através de atitudes que provoquem uma boa recepção do texto e a simpatia pela história (CHAVES, 1952).

“A escolha do local é fundamental para o sucesso da narrativa. Ele deve ser calmo e permitir que as pessoas fiquem bem acomodadas. Não se deve concorrer com outros ruídos ou com outras ‘atrações’, por exemplo: ruídos de trânsito, pessoas conversando, pessoas passando. As crianças têm um poder de concentração muito pequeno e qualquer fato fora do normal desviará a atenção, ficando difícil para o narrador retomar o fio condutor da história” (DOHME, 2000, p.37).

- É importante que a escola saiba aproveitar o espaço da biblioteca escolar para promover atividades que estimulem a leitura como a hora do conto, com um profissional que antes de tudo seja um leitor. Marisa Lajolo afirma que “um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (1997, p. 108), pois, só assim, fará com que seus alunos se sintam motivados a ler.

“A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos uma outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. Essa consciência do brinquedo que a arte é leva-nos a experimentar o prazer de entrar em seu jogo” (AGUIAR, 1999, p. 254).

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”
(ABRAMOVICH, 1997, p.16).

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1997.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária na escola. In: EVANGÉLISTA, Aracy Alves Martins et al. *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEEFF, 1997.
- CHAVES, Otília. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Biblioteca de Educação Religiosa, 1952.

- DOHME, Vania D' Angelo. *Técnicas de contar histórias*. São Paulo: Informal Editora, 2000.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. Atividades com textos em sala de aula. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- KUHLTHAU, Carol. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para o ensino fundamental*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MILANESI, Luis. *Biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

- SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Conferências sobre leitura*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5.ed. Porto Alegre: Papyrus, 1995a.

- SILVA, Maria Betty Coelho. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1990.
- SILVA, Waldeck Carneiro da. *Miséria da biblioteca escolar*. São Paulo: Cortez, 1995b.
- SISTO, Celso. *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*. 2.ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- ZILBERMAN, Regina. O lugar do leitor na produção e recepção da literatura infantil. In: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

APÊNDICE P –

Material teórico sobre as histórias em quadrinhos

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Origem das Histórias em Quadrinhos

- O marco inicial das histórias em quadrinhos foi em 1894, com o *Menino Amarelo* (*Yellow Kid*), história criada pelo desenhista norte-americano Richard Outcault e publicado semanalmente no jornal *New York World*.

- No Brasil, a produção de histórias em quadrinhos se limitou à publicação de quadrinhos estrangeiros, principalmente americanos.
- A primeira revista brasileira dedicada às crianças chamou-se *O Tico-Tico* e surgiu em 1905.
- A partir de 1960, os quadrinhos nacionais ganharam excelentes artistas, como: Ziraldo e Maurício de Sousa.
- Ziraldo criou *A Turma do Pererê*.

- Maurício de Sousa começou a desenhar as histórias em quadrinhos em 1959, quando uma história do Bidu, sua primeira personagem, foi aprovada pelo jornal.
- Em 1960, saíram tiras diárias de Bidu, Cebolinha e Piteco.
- Em 1964, criou a principal figura de seu mundo infantil, Mônica. Depois surgiram as demais personagens: Cascão, Chico Bento, Magali, etc.

“Em 1970, através da Editora Abril, Maurício de Sousa lança a revista *Mônica* e seu sucesso transpõe as fronteiras do país. No Congresso Internacional de Lucca, Itália, 1971, *Mônica* dá ao seu criador o troféu “Yellow Kid” – o prêmio máximo do Congresso, uma espécie de Oscar dos quadrinhos” (COELHO, 2000, p. 219).

- As histórias em quadrinhos surgiram na periodicidade dos jornais e com o tempo ganharam autonomia, devido ao sucesso de público alcançado, e passaram a figurar em publicações especializadas, os gibis.

Tiras

“As tiras são um subtipo de HQ: mais curtas (até 4 quadrinhos) e, portanto, de caráter sintético, podem ser sequenciais (‘capítulos’ de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)” (MENDONÇA, 2003, p. 198).

- Segundo Lúgia Cademartori (2003), um dos principais trunfos da tira é o humor, através da caricatura de gestos e situações e da resolução rápida da sequência, bem como o dito contrariar radicalmente o mostrado.

A linguagem das histórias em quadrinhos

- É um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal.
- “A imagem desenhada é o elemento básico das histórias em quadrinhos. Ela se apresenta como uma sequência de quadros que trazem uma mensagem ao leitor, normalmente uma narrativa, seja ela ficcional ou real” (VERGUEIRO, 2007, p. 32).

Quadrinho ou vinheta

“O quadrinho ou vinheta constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento” (VERGUEIRO, 2007, p. 35).

Balões

- O balão é a intersecção entre imagem e palavra.

“Aqueles que marcam o discurso direto têm contorno contínuo, com um apêndice mais ou menos zigzagueante que atribui a fala a uma personagem. Esse tipo de sinal equivale a um ‘digo que’” (CADEMARTORI, 2003, p. 48).



- Há outros tipos de balões, segundo Vergueiro (2007):

– *Linhas tracejadas*: indicam que a personagem está falando em voz muito baixa, de forma a não ser ouvida pelos demais (Balão do cochicho);



– *Em formato de nuvem, com rabicho elaborado como bolhas que dela se desprendem*: indica que as palavras contidas são pensadas pela personagem (Balão pensamento);



– *Com traçado em zig-zag (semelhante a uma descarga elétrica)*: indica uma voz que procede de um aparelho mecânico ou o grito de uma personagem;



– *Levando para fora do quadrinho*: indica que a voz está sendo emitida por alguém que não aparece na ilustração.



Legenda

- Representa a voz onisciente do narrador da história, situando o leitor no tempo e no espaço. É acondicionada em um retângulo colocado na parte superior do quadrinho, pois deve ser lida em primeiro lugar, precedendo a fala das personagens.

Onomatopeias

- São signos convencionais que representam ou imitam um som por meio de caracteres alfabéticos.
- Segundo Waldomiro Vergueiro, as onomatopeias poderão “variar de autor para autor, segundo sua procedência e preferências pessoais” (2007, p. 63).

- O autor destaca as mais utilizadas:

- Explosão: *Bum!*
- Quebra: *Crack!*
- Choque: *Crash!*
- Queda na água: *Splash!*
- Pingos de chuva: *Plic!Plic!Plic!*
- Sono: *ZZZZZZZZZZZZZZZZ!*
- Golpe ou Soco: *Pow!*
- Metralhadora: *Rá-tá-tá-tá-tá-tá!*
- Beijo: *Smack!*
- Tiro: *Bang!*

Histórias em quadrinhos na escola

- Segundo Márcia Mendonça, “apesar de já serem aceitas como objeto de leitura fora das salas de aula, as HQs ainda não foram de fato incorporadas ao elenco de textos com que a escola trabalha” (2003, p. 202).

- Waldomiro Vergueiro (2007) afirma que pais e mestres desconfiavam das aventuras das histórias em quadrinhos, supondo que poderiam afastar crianças e jovens de leituras “mais profundas”. Por isso, a entrada de quadrinhos na sala de aula teve severas restrições, que aos poucos foram sendo atenuadas e extinguidas.

- O autor salienta que ainda hoje não se pode afirmar que a barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos tenha deixado de existir, pois “há notícias de pais que proíbem seus filhos de lerem quadrinhos sempre que as crianças não se saem bem nos estudos ou apresentam problemas de comportamento, ligando o distúrbio comportamental à leitura de gibis” (VERGUEIRO, 2007, p. 16).

- Mendonça destaca que a relativa facilidade na leitura das histórias em quadrinhos “pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que ler quadrinhos é muito fácil” (2003, p. 202). Quando na verdade, determinadas histórias necessitam de estratégias sofisticadas de leitura, bem como um alto grau de conhecimento prévio, para que possam ser entendidas.

- Os PCNs (BRASIL, 2000) salientam a necessidade de ser colocada à disposição dos alunos a diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade. Esse é um dos princípios básicos do ensino de língua materna.

- Portanto, “inevitavelmente, também as histórias em quadrinhos passaram a ter um novo *status*, recebendo um pouco mais de atenção das elites intelectuais e passando a ser aceitas como um elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias” (VERGUEIRO, 2007, p. 17).

As personagens de Maurício de Sousa

- Nelly Novaes Coelho afirma que as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa se apresentam como uma “estimulante diversão” para os pequenos, “diversão que facilmente cairia no gratuito, não fosse a essencialidade dos valores que lhe dão suporte” (2006, p. 612).

- Maurício de Sousa apresenta personagens que não se esgotam na dimensão do “infantil” ou do meramente lúdico, pois essas circulam num espaço com valores especificamente significativos para a criança (COELHO, 2006).
- As principais personagens de Maurício de Sousa são:

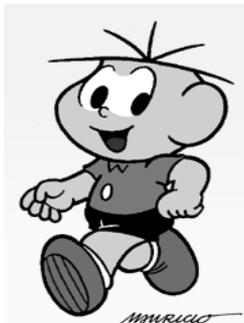
Mônica



- Foi criada em 1963, baseada na filha do escritor, com o mesmo nome, quando ela tinha 4 anos.
- Representa uma menina forte, decidida, que não leva desaforo para casa mas, ao mesmo tempo, tem momentos de feminilidade. Ela está sempre acompanhada de seu coelho de pelúcia, dando-lhe todo o carinho, o qual também serve de "arma" contra os meninos.

- Segundo Diana Corso (2006), Mônica resolve quase todos os seus problemas na base da força, o que é muito comum em certos momentos da vida da criança, quando precisa demarcar seu território pessoal.

Cebolinha



- Foi criado em 1960. Cebolinha era o apelido de um garoto de cabelos espetados que existiu mesmo, em Mogi das Cruzes, e trocava as letras quando falava.
- É uma personagem curiosa e imaginativa.
- Sua atividade central é criar planos infalíveis para se apossar do coelho de pelúcia da Mônica, porém quase sempre leva a pior em seus confrontos com ela.
- Fala trocando os rr por ll, mas sem nenhum complexo de inferioridade.

Cascão



- Cascão nasceu em 1961, baseado nas recordações de infância do próprio Maurício. Tratava-se de um menino que jogava no time de futebol do irmão do escritor e que vivia sempre sujo de terra.
- A personagem tem medo de água.
- Segundo Diana Corso, “ter medo é uma coisa muito séria para os pequenos, e é bom ver que não são os únicos com medos inexplicáveis” (2006, p. 205).

Magali



- Magali também é baseada em outra filha do escritor, que era muito comilona.
- A personagem também é comilona, porém é elegante e feminina.
- Seu único sofrimento, que vez por outra a preocupa, é a dor de barriga.
- É uma das criações mais simpáticas e conhecidas da turma.

Chico Bento



- Chico Bento, criado em 1961, teve como modelo um tio-avô de Maurício, sobre quem ele ouvia muitas histórias contadas pela sua avó.
- É o caipira, mas sem nenhum estereótipo que enfatize a lentidão de pensamento. Pelo contrário, apresenta um misto de ingenuidade e esperteza.

- Diana Corso faz uma crítica a obra de Maurício de Sousa pelo fato de deixar a vida escolar sob responsabilidade apenas da personagem Chico Bento, destacando que a “*Turma da Mônica* propriamente dita não vai à escola, o que a distancia em termos de realidade do grosso de seu público, que está em idade escolar. Ou seja, a maioria dos leitores de Maurício não tem seu cotidiano narrado nessas histórias” (CORSO, 2006, p. 211).

- Nelly Novaes Coelho afirma que “as histórias em quadrinhos de Maurício de Sousa são das que podem servir como passagem, para as crianças, da convivência com a linguagem visual das imagens para a convivência com a linguagem escrita própria da literatura, que o mais cedo possível elas devem descobrir” (2006, p. 614).

Atividades práticas com as Histórias em Quadrinhos

• *Pré-leitura:*

Questionar os alunos:

- Vocês costumam ler histórias em quadrinhos?
- Qual a de que vocês mais gostam?
- Qual sua personagem preferida? Por quê?
- Onde encontramos as histórias em quadrinhos?

• *Leitura-descoberta:*

- Apresentar a história em quadrinhos no retroprojetor ou *PowerPoint*, pois é interessante mostrar os quadrinhos um a um.
- Ler a história em quadrinhos: “Mônica em: A Caronista”, de Maurício de Sousa.
- Questionar oralmente as crianças sobre a história contada, para compreensão e interpretação da mesma.

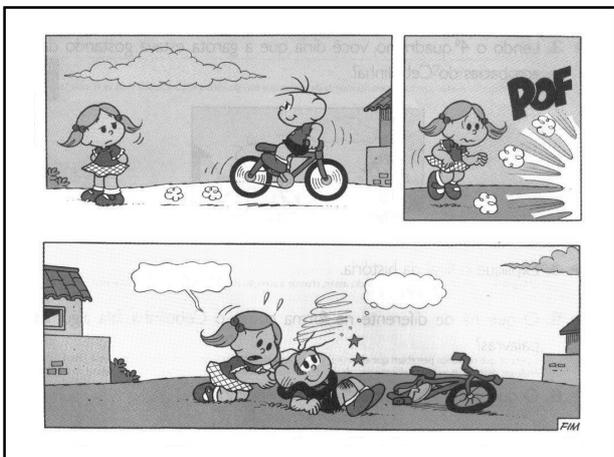
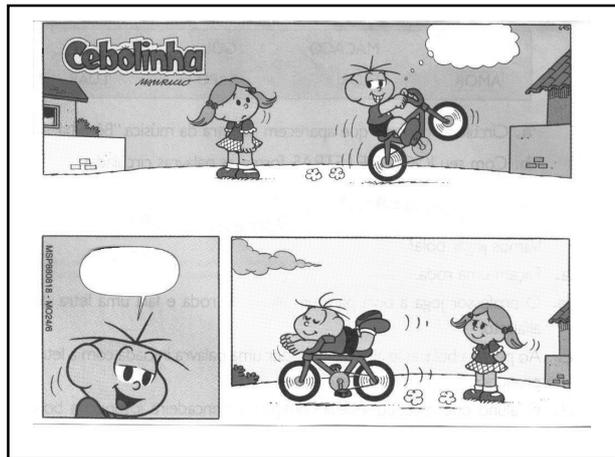
• *Pós-leitura:*

- Criar hipóteses: mostrar o 1º e o 2º quadrinhos e deixar as crianças criarem o final da história, por meio do desenho, da escrita ou oralmente.
(Sugestão: Tira do Chico Bento).





– Encher os balões: as crianças serão divididas em grupos e cada grupo irá receber uma história em quadrinhos com as falas dos balões apagadas e terão que preencher, imaginando o que as personagens estão conversando. Após, cada grupo apresenta a sua história e então será revelada a história original no retroprojeter.
(Sugestão: Cebolinha)



- Organizar as histórias embaralhadas: cada grupo irá receber uma história em quadrinhos embaralhada e terá que montar a ordem correta. Concluída a montagem, cada grupo apresenta como ficou a sua história. Após, a professora vai contando a história original, quadro a quadro, afixando-os no mural. Então, descobrir-se-á o grupo que mais se aproximou da versão original.
(Sugestão: *A Bruxinha e o Gregório*, de Eva Furnari)

- Realizar a brincadeira da mímica com as onomatopeias.
- Solicitar as crianças que criem novas onomatopeias, por exemplo: *uma buzina insistente; uma moeda que cai no chão; uma folha de papel sendo rasgada*; etc.
- Criar a sua personagem: *Onde ela mora? O que ela gosta de fazer? Ela tem amigos? Ela é má?* ... Após criar uma história em quadrinhos com as aventuras dessa personagem.

Referências

Textos de estudo

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEEF, 2000.
- CADEMARTORI, Ligia. Criança e quadrinhos. In: JACOBY, Sissa (Org.). *A criança e a produção cultural: do brinquedo à literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORSO, Diana, CORSO, Mário. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Angela Paiva et al. *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- Sites: www.monica.com.br/mauricio-site/
www.monica.com.br/index.htm

Textos de aplicação

- FURNARI, Eva. *A Bruxinha e o Godofredo*. São Paulo: Global, 1994.
- FURNARI, Eva. *A Bruxinha e o Gregório*. São Paulo: Ática, 1999.
- FURNARI, Eva. *O amigo da bruxinha*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002.
- FURNARI, Eva. *Traquinagens e estripulias*. São Paulo: Global.

- SOUSA, Maurício de. Mônica em: A caronista. In: SOUSA, Maurício de. *Almanaque da Mônica*. Rio de Janeiro: Globo, 2000. n. 81
- SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. Rio de Janeiro: Globo, 2002. n. 72
- SOUSA, Maurício de. Chico Bento em: Livros, Livros... In: SOUSA, Maurício. *Almanaque do gibizinho da Mônica*. Rio de Janeiro: Globo, abril 2001. n. 39

APÊNDICE Q –

Modelo de questionário – obras trabalhadas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

- Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?

- Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?

APÊNDICE R –

Material teórico sobre os critérios para selecionar um livro infantil

CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE LIVROS INFANTIS

- Para a criança se interessar por uma determinada leitura, o professor precisa incentivá-la, mas, para isso, o professor deve ser um leitor. Ele precisa saber qual o objetivo pretendido, quando quer que uma criança leia, apresentando-lhe diversos títulos para que ela possa escolher o que mais lhe agrada.

- **Quais critérios utilizar para a seleção de obras infantis, que garantam à criança se interessar pelas histórias e a buscar novas?**

- Para Mara Ferreira Jardim, “é necessário que o professor esteja munido de conhecimentos teóricos sobre a importância e a função da literatura infantil na formação da criança. É preciso, também, que ele tenha estabelecido objetivos claros para o trabalho que irá desenvolver. De posse desses requisitos, pode, então, partir para a análise das obras que pretende selecionar” (2001, p. 75).

- Para que o professor possa indicar um livro, ele precisa avaliar a qualidade do material, como, por exemplo, analisar os níveis de adaptação dos componentes do texto à realidade do leitor, verificando se a assimetria está atenuada (AGUIAR, 1985).
- Para auxílio dessa análise, tomemos por base o texto *Leituras para o 1º Grau: critérios de seleção e sugestões*, de Vera Teixeira de Aguiar (1985), que nos afirma que a qualidade das obras deve ser pensada, a partir dos seguintes níveis de adaptação:

– **Assunto:** o livro pode apresentar os mais variados assuntos, desde que sejam adaptados à compreensão do leitor e significativos ao seu universo. É importante que o texto faça com que o leitor reflita sobre a realidade e se posicione criticamente diante da mesma.

– **Estrutura da história:** em literatura infantil, se deve repetir o modelo do conto de fadas tradicional, pois há uma maior aceitação por parte dos leitores.

– **Estilo:** o desempenho linguístico do escritor deve estar de acordo com as capacidades cognitivas infantis, para que a comunicação entre ambos realmente se efetue. É importante que o texto apresente frases significativas, com um vocabulário coloquial, mas sem a infantilização da linguagem.

– **Forma:** o texto deve apresentar uma linearidade – início, meio e fim – sem deter-se em longas descrições, bem como evitar conceitos morais, pois tais recursos retardam a ação e tornam a narrativa mais complexa e menos acessível aos pequenos leitores.

– **Aspectos externos:** a capa é um dos elementos que determina a escolha do livro pela criança, devendo despertar a sua curiosidade. O tipo de letra deve ser bem legível. A espessura do livro deve levar em conta a faixa etária a que se destina. A ilustração precisa chamar a atenção do aluno e, para a criança menor é aconselhável que o número de gravuras seja maior.

“A ilustração desempenha um papel importante no livro infantil e é um dos seus traços caracterizadores (livros ditos para adultos raramente recorrem a ela). Assim sendo, é preciso que o professor, em sua análise, se detenha em tal aspecto. A ilustração estimula o raciocínio e a criatividade do leitor, por isso os desenhos devem sugerir mais do que já está expresso no enunciado verbal, evitando a mera descrição gráfica do texto”
(JARDIM, 2001, p. 76).

• Segundo Mara Ferreira Jardim, “a primeira interação da criança com o livro se dá através das impressões visuais e táteis: a capa, o tamanho, o formato, o peso, a espessura, a qualidade do papel, o número de páginas, o equilíbrio entre ilustração e texto, o tamanho e o tipo de letras usados, as técnicas de ilustração e as cores. Tais características podem atrair ou afastar o leitor infantil, mais suscetível a esses aspectos que o adulto” (2001, p. 75).

• Segundo Richard Bamberger (2004), os critérios para analisar uma obra infantil partem da caracterização das fases da leitura, que seguem as definições de Schliebe-Lippert e A. Beinlich, as quais comprovam que o interesse das crianças por determinado assunto relaciona-se à sua idade:

- **Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis** (de 2 a 5 ou 6 anos): a criança faz pouca distinção entre o mundo interior e exterior. Só experimenta o meio em que vive em relação a si mesma. É caracterizada como egocêntrica. É a idade do pensamento mágico. Os livros de gravuras são os oferecidos por apresentarem objetos simples, os quais foram retirados do meio em que a criança vive. A seguir podem ser apresentados livros que agrupam objetos, relacionados com várias coisas do meio. A criança também se interessa por versos infantis, por causa do ritmo e do som.

- **Idade do conto de fadas** (de 5 a 8 ou 9 anos): é caracterizada como a idade do realismo mágico, fase em que a criança é essencialmente suscetível à fantasia. É a idade dos contos de fadas, lendas, mitos e fábulas. O gosto pelo texto poético, com rimas e ritmo, continuam os mesmos.

- **Idade das “histórias ambientais” ou da leitura “factual”** (de 9 a 12 anos): caracterizada como uma fase intermediária em que a criança começa a se orientar no mundo concreto. Ainda existe um interesse pelos contos de fadas, mas o leitor começa a buscar histórias de aventura.

- **Idade da história de aventuras - realismo aventuroso** ou a “fase de leitura não-psicológica orientada para o sensacionalismo” (de 12 a 14 ou 15 anos): caracteriza-se como o período da pré-adolescência, no qual a criança toma consciência da própria personalidade. Predominam demonstrações de agressividade e formação de grupos. Os interesses dirigem-se para livros de aventuras, romances sensacionais, livros de viagens e histórias sentimentais.

- **Os anos de maturidade ou o “desenvolvimento da esfera estético-literária da leitura”** (de 14 a 17 anos): é considerada a fase da descoberta, pois o adolescente descobre o seu mundo interior e o mundo dos valores. Os interesses de leitura variam em torno de livros de aventuras, viagens, romances históricos, biografias, histórias de amor, literatura engajada, etc.

- **Vocês acham que essas fases de leitura relacionadas à idade ainda permanecem?**

- Além das fases de leitura relacionadas à idade, Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini (1993) nos apresentam as relacionadas com à escolaridade do aluno, que são:

- **Pré-leitura:** compreende a pré-escola e o período preparatório da alfabetização. O interesse é por histórias curtas e rimas, em livros em que predominam as gravuras, permitindo a descoberta de sentido mais pela linguagem visual do que a verbal.

- **Leitura compreensiva:** compreende a 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. Os interesses são por textos semelhantes aos da etapa anterior, agora decodificados pelo novo leitor.

- **Leitura interpretativa:** compreende da 3ª à 5ª série do Ensino Fundamental. Nessa fase os alunos conseguem interpretar as ideias do texto, permitindo que tenham acesso a leituras mais complexas. Os interesses são por textos curtos com o apoio eventual da ilustração.

- **Iniciação à leitura crítica:** compreende a 6ª e 7ª séries do Ensino Fundamental. Além de interpretarem os textos, os alunos conseguem posicionar-se diante deles. O interesse é por livros de aventuras, com problemas que são resolvidos por grupos de jovens.

- **Leitura crítica:** compreende da 8ª série do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. A preferência é por livros que abordam problemas sociais e psicológicos.

- **Vocês acham que essas fases de leitura relacionadas à escolaridade ainda permanecem?**

- Segundo Mara Ferreira Jardim, os interesses dos alunos em relação à leitura também podem ser determinados pelo sexo do leitor, pois “meninos tendem a se identificar com histórias em que atuem heróis masculinos, ocorrendo o inverso entre as meninas” (2001, p. 78). Portanto, o professor deve buscar um certo equilíbrio em suas escolhas, apresentando opções para ambos os sexos.

- Segundo Ruth Wornicov et al. (1986), o verdadeiro juiz de uma narrativa literária é seu próprio leitor, pois é por meio da receptividade da criança perante a obra e essa atendendo aos seus anseios que a criança demonstrará interesse em lê-la. Ao professor, cabe o papel de selecionar obras de literatura infantil, sem que essas transmitam padrões morais ou de comportamentos.

- De acordo com Aguiar (1985), é necessário que haja uma seleção de livros para os estudantes do Ensino Fundamental, levando em conta suas preferências literárias. Para isso, o professor pode basear-se em observações da realidade, debates com grupos de leitores e pesquisas junto a bibliotecas, salas de leitura, livrarias, editoras, que possam traçar um perfil do público quanto a seus interesses.

Referências

Textos de estudo:

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina (Org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985. p. 86-106.
- AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

- BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2004.
- JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 75-79.
- WORNICOV, Ruth et al. *Criança-leitura-livro*. São Paulo: Nobel, 1986.

Textos de aplicação:

- ALMEIDA, Fernanda Lopes de. *A margarida friorenta*. 24.ed. São Paulo: Ática, 2004.
- Classic Stars. *A Bela e a Fera*. Todo Livro, s/d.
- Coleção Fantasia dos Vegetais. *A moranga e a chuva*. Espanha: DCL, 1997.
- MACHADO, Juarez. *Ida e volta*. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
- MURALHA, Sidônio. *A televisão da bicharada*. 9.ed. São Paulo: Global, 1997.
- ROCHA, Ruth. *Palavras, muitas palavras...* Palmares: Quinteto Editorial, 1985.
- PINTO, Ziraldo Alves. *As aventuras do bonequinho do banheiro*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

APÊNDICE S –

Modelo de questionário – interesses e hábitos de leitura

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

Questionário:

- 1) O que você faz nos seus momentos de lazer?
- 2) Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?
- 3) Quais as obras que marcaram sua vida?
- 4) Como é feita a sua escolha de leitura?
- 5) Em que lugar você gosta de ler?
- 6) Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?
- 7) Em que período do dia você lê?
- 8) Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)
- 9) Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?
- 10) Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?

APÊNDICE T –

Material teórico sobre a poesia infantil

POESIA INFANTIL

- A poesia folclórica tem na espontaneidade a sua mais significativa particularidade, pois, com sua origem popular, “nasce e se perpetua em meio às brincadeiras de roda, aos ditos populares e na repetição das parlendas aprendidas com pais e avós” (ASSUMPÇÃO, 2001, p. 63).
- Apresenta um variado repertório, baseado nas manifestações populares, como acalantos, parlendas, trava-línguas, cantigas de roda, adivinhas e quadras.

- Segundo Veríssimo de Melo (1985):

– **Acalantos:** significam “canção de ninar, cantiga para embalar meninos, de adormecer, de berço”, sendo por meio da cantiga de berço, do embalo e do aconchego das mães ou amas que a criança tem o primeiro contato com o mundo da cultura. Exemplo:

Boi, boi, boi,
Da carinha preta;
Pega essa menina.
Que tem medo de careta.

– **Parlendas** são assim classificadas:

- **brincos:** poemas para entreter ou aquietar meninos, sendo os primeiros ouvidos na infância. Exemplo:

Serra-Serra-Serrador

(as mães ou amas seguram a criança em pé, no colo, e imitam o movimento do serrador, cantarolando):

Serra, serra, serra pau;
Serra esta menina que come mingau.
Serra o pau, Serrador;
Serra esta menina que está com calor.

- **mnemonias:** têm a finalidade de fixar números ou nomes. Exemplo:

Um, dois, feijão com arroz,
Três, quatro, feijão no prato,
Cinco, seis, feijão pra nós três
Sete, oito, feijão com biscoito,
Nove, dez, feijão com pastéis.

- **parlendas propriamente ditas:** que são ditas ou recitadas pelas próprias crianças, como a antiga brincadeira, muito conhecida das meninas. Exemplo:

Bem me quer,
Mal me quer,
Bem me quer,
Mal me quer, ...
E assim até a última pétala da flor que será decisiva.

• **lenga-lengas**: nonsense. Exemplo:

Amanhã é domingo
Pé de cachimbo
O cachimbo é de ouro
Bate no touro
O touro é valente
Chifra a gente
A gente é fraco
Cai no buraco
O buraco é fundo
Acabou-se o mundo...

– **Trava-línguas**: consistem em versos, palavras ou expressões que, por meio da pronúncia difícil e da rápida repetição, provocam uma deturpação dos termos. Exemplo:

O padre Pedro partiu a pedra no prato de prata.
A pedra partiu o prato de prata do padre Pedro.

– **Quadras**: são caracterizadas como poemas de quatro versos. Exemplos:

Subi na serra do fogo
Com sapato de algodão
O sapato pegou fogo
E eu voltei de pé no chão.

– **Cantigas de roda**: são brincadeiras que as crianças aprendem cantando e desenvolvendo movimentos corporais de acordo com o ritmo da música. Exemplo:

Palma, palma, palma
Pé, pé, pé
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é

Caranguejo não é peixe
Caranguejo peixe é
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré.

– **Adivinhas**: propõem um problema, muitas vezes em forma rimada. Exemplo:

Nasci n'água,
N'água me criei;
Se na água me botarem,
N'água morrerei?

Atividades Práticas

• **Pré-leitura**:

– Solicitar às crianças que perguntem aos seus pais ou familiares sobre brincadeiras folclóricas que eles costumavam fazer em sua infância, como cantigas de roda, trava-línguas, quadras, parlendas e outras de que eles lembrem. As crianças deverão registrar em seus cadernos.

- **Leitura-descoberta e Pós-leitura:**

- Apresentar para a turma o que os pais gostavam de brincar na sua infância.
- Realizar a brincadeira da **caixa-surpresa**: a professora coloca várias adivinhas dentro da caixa, a qual vai passando pela roda e, ao som de um sinal, a caixa pára e a criança retira um papel contendo uma adivinha para responder. Caso não consiga acertar, ela deverá pagar uma prenda.

- Entregar um trava-língua para cada criança e essa terá 5 minutos para ensaiá-lo para apresentar à turma. Caso alguma criança “tropece” na leitura, todos deverão dizer “tropeçou” e passar para a próxima.
- Brincar com as cantigas de roda, dramatizando-as. Exemplo: “A canoa virou”: canta-se a música com as crianças em roda. No momento que falar o nome da criança, essa fica de costas e continua rodando até que todas sejam chamadas. Então, canta-se a segunda estrofe, quando todas se viram para a posição inicial.

- Trazer uma caixinha enfeitada contendo quadras populares. Cada criança retira uma quadra para ler aos colegas. Após, cria uma nova quadrinha e coloca-a dentro de um balão colorido. Enche-se o balão e todos jogam seus balões para cima e pegam um de outra cor que não a sua. Estouram o balão e leem a quadrinha que receberam para os colegas.
- Ler as parlendas, por meio de uma leitura compartilhada: os meninos leem um verso e as meninas o seguinte.

- Já a poesia escrita especialmente para o público infantil teve sua origem vinculada à noção de infância, no século XVIII, apresentando, como as demais obras da época, um caráter pedagógico, com a transmissão de condutas morais, deveres cívicos ou familiares (BORDINI, 1986).
- Uma das primeiras obras do gênero no Brasil, *Poesias infantis*, foi escrita em 1904, por Olavo Bilac.

- A poesia infantil “não é espaço para posturas moralizantes ou didatismos, nem veículo dos valores a serem preservados pela sociedade, ou grupo social, a que pertencem o autor e o leitor” (GEBARA, 2002, p. 35).

“Entre a poesia infantil tradicional e a contemporânea, há uma diferença básica de intencionalidade: a primeira pretendia levar o seu destinatário a *aprender* algo para ser imitado depois; a segunda pretende levá-lo a *descobrir* algo à sua volta e a *experimentar* novas vivências que, ludicamente, se incorporarão em seu desenvolvimento mental/existencial” (COELHO, 1997, p. 201).

- Nas últimas décadas, evidenciou-se um crescimento do gênero poético dedicado às crianças, com parâmetros mais livres e libertários. Regina Zilberman (2005) apresenta uma breve relação cronológica dessa produção: *O menino poeta* (Henriqueta Lisboa, 1943); *A televisão da bicharada* (Sidônio Muralha, 1962); *Ou isto ou aquilo* (Cecília Meireles, 1964); *Pé de pilão* (Mario Quintana, 1968); *A Arca de Noé* (Vinicius de Moraes, 1974); *Boi da Cara Preta* (Sérgio Capparelli, 1983);

Classificados poéticos (Roseana Murray, 1984); *Lua no Brejo* (Elias José); *Olha o bicho* (José Paulo Paes, 1989); *Poemas para brincar* (José Paulo Paes, 1990); *Lé com Cré* (José Paulo Paes, 1993); *33 Ciberpoemas e uma Fábula Virtual* (Sérgio Capparelli, 1996); *Receita de olhar* (Roseana Murray, 1998), *O fazedor de amanhecer* (Manoel de Barros, 2001).

“A valorização do lado lúdico da linguagem propiciou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 80. Introduzindo, nos versos e nas estrofes, a perspectiva da diversão, do jogo e da brincadeira, o gênero poético pôde se livrar dos problemas que experimentou principalmente na primeira metade do século XX”
(ZILBERMAN, 2005, p. 129).

- A poesia contemporânea caracteriza-se pela valorização da sonoridade e do ritmo das palavras, considerados os elementos que atingem os sentidos e as emoções das crianças (COELHO, 1997).

“Para o leitor-criança, o ritmo é o aspecto do poema que mais lhe chama a atenção, antes mesmo do domínio da linguagem, considerando-se que, já no berço, ele teve contato com a musicalidade das cantigas de ninar” (MELLO, 2001, p 73).

- A proposta do poema infantil é “brincar descompromissadamente com as palavras, criando efeitos que surpreendem pela novidade” (AGUIAR, 2001, p. 126). Ele pode caracterizar-se pelo *nonsense*, isto é, o ilogismo, que confunde as ideias e as deixa em aberto, não permitindo ao leitor concatená-las com lógica.

Atividades práticas

- Convidar as crianças a brincarem de poesia com o poema “Convite”, de José Paulo Paes (o mediador recita o poema antes de começar as atividades com as poesias).

“A língua do nhem” (Cecília Meireles)

• *Pré-leitura*

- Falar com as crianças na língua do “nhem”. Depois perguntar-lhes se querem aprender essa nova língua.

• *Leitura-descoberta*

- Recitar o poema.
- Questionar as crianças:
 - Por que a velhinha resmungava?
 - Quais eram os animais que começavam a resmungar junto com a velhinha?

• *Pós-leitura:*

- Questionar as crianças:
 - Como é um gato resmungando? E um cachorro? E um pato? E uma cabra? E uma galinha?
- Dramatizar a poesia com os “resmungos” dos animais.

“Leilão de jardim” (Cecília Meireles)

• *Pré-leitura*

- Pedir às crianças que descrevam como é o jardim de sua casa ou da casa de algum familiar.
- Questionar as crianças:
 - Vocês sabem o que significa a palavra leilão?
 - O que um poema com o título “Leilão de jardim” vai tratar?

• *Leitura-descoberta*

- Recitar o poema utilizando o recurso do flanelógrafo, inserindo cada personagem que o poema for apresentando. Como esse ficará exposto, após a leitura, poderá ser retomado com as crianças o que há no jardim do poema para ser leiloado.

• *Pós-leitura*

- Produzir um poema tendo por base a estrutura do poema “Leilão de jardim”, porém com outro ambiente da casa, por exemplo: leilão do quarto, leilão da sala, etc. Cada criança apresenta em forma de leilão o seu texto, para ver quem se interessa pela compra.
- Confeccionar, em grupos, uma maquete apresentando o leilão do poema. Outra possibilidade é cada criança confeccionar sua maquete individual do leilão, referente à atividade anterior.

“O pato” (Vinícius de Moraes)

- **Pré-leitura**

- Solicitar às crianças que contem uma travessura que já tenham feito.
- Dizer o título do poema e propor às crianças que imaginem quais as travessuras que um pato pode ter feito.

- **Leitura-descoberta**

- Recitar o poema e expô-lo no mural da biblioteca.
- Criar uma ilustração para a travessura que o pato fez que mais gostou.

- **Pós-leitura**

- Cantar com as crianças a música e criar gestos, dramatizando o poema.
- Criar uma história com outro animal que também faça várias travessuras. Após, quem quiser pode ler para a turma.

“Paraíso” (José Paulo Paes)

- **Pré-leitura**

- Questionar os alunos sobre qual a cantiga de roda que eles mais apreciam.
- Dizer aos alunos que fará a leitura de um poema que lhes lembrará uma cantiga de roda. Antes, dizer que o seu título é “Paraíso” e deixar que eles suponham a qual cantiga se refere.

- **Leitura-descoberta**

- Recitar o poema.

- **Pós-leitura**

- Questionar as crianças:
 - Qual a cantiga de roda lhes lembrou esse poema? Com a resposta “Se esta rua fosse minha”, cantar com elas essa cantiga.

- Fazer uma comparação entre o poema e a música, por meio dos seguintes questionamentos:

- O poema de José Paulo Paes trata de questões atuais, quais são elas?
- Qual a sua opinião a respeito dessas questões que o autor aborda?

“Receita de espantar a tristeza” (Roseana Murray)

- **Pré-leitura**

- Distribuir uma folha de papel e pedir às crianças que desenhem uma fisionomia de alguém muito triste. Após, deverão apresentar o seu desenho dizendo o motivo dessa tristeza.

- **Leitura-descoberta**

- Recitar o poema.
- Questionar as crianças:
 - Por que o poema apresenta esse título?
 - O que é uma receita?

- **Pós-leitura**

- Criar uma receita para espantar a tristeza daquela personagem criada por elas na atividade de pré-leitura.
- Apresentar as receitas para a turma.
- Apresentar os títulos dos outros poemas que compõem o livro e criarem juntos uma **Receita para ler livros**.

“A caligrafia de Dona Sofia” (André Neves)

- **Pré-leitura:**

- Trazer um poema de que gostem muito para ler para os colegas (Sarau Poético).

- **Leitura-descoberta**

- Ler a história.

- **Pós-leitura**

- Confeccionar um marcador de página poético. Cada um escreve em seu marcador o poema que mais gosta e após far-se-á um amigo secreto, para que cada um receba um marcador de presente.

Referências

Textos de estudo:

- ASSUMPTÃO, Simone. Poesia folclórica. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 63-68.
- AGUIAR, Vera Teixeira de (Coord.) et al. *Era uma vez ... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 6.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- GEBARA, Ana Elvira Luciano. *A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MELLO, Ana Maria Lisboa de. Lírica e poesia infantil. In: SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 69-73.
- MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.
- ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Textos de Aplicação:

- AZEVEDO, Ricardo. *Armazém do folclore*. São Paulo: Ática, 2006.
- AZEVEDO, Ricardo. *Meu livro de folclore*. São Paulo: Ática, 2004.
- MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- MORAES, Vinícius de. *A arca de Noé*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.
- MURRAY, Roseana. *Receitas de olhar*. São Paulo: FTD, 1997.
- NEVES, André. *A caligrafia de Dona Sofia*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

- NÓBREGA, Maria José; PAMPLONA, Rosane. *Enrosca ou desenrosca?:* adivinhas, trava-línguas e outras enroscadas. São Paulo: Moderna, 2005.
- NÓBREGA, Maria José; PAMPLONA, Rosane. *Salada, saladinha:* parlendas. São Paulo: Moderna, 2005.
- PAES, José Paulo. *Poemas para brincar.* São Paulo: Ática, 1990.

Sugestões:

- CAMARGO, Dilan. *Brinciar.* Porto Alegre: Projeto, 2007.
- MURRAY, Roseana. *Classificados poéticos.* Minas Gerais: Miguilim, 1984.
- PAES, José Paulo. *Lé com Cré.* São Paulo: Ática, 1994.
- SILVESTRIN, Ricardo. *É tudo invenção.* São Paulo: Ática, 2003.

APÊNDICE U –

Material teórico para a elaboração de um projeto de leitura

PROJETOS DE LEITURA

Estratégias de leitura

- Segundo Isabel Solé (1998) é necessário ensinar estratégias para a compreensão leitora, pois o que se deseja é formar leitores autônomos, capazes de aprender a partir dos textos.

“Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal, questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros contextos diferentes” (SOLÉ, 1998, p. 72).

Pré-leitura

- Ativar conhecimentos prévios: “O que eu sei sobre este texto?”
 - Levantar hipóteses sobre: capa, título, ilustração.
 - Apresentar o autor e o ilustrador.
 - Incentivar a recepção do texto (brincadeiras, jogos com palavras retiradas do texto, produção textual partindo da ilustração ou do título, etc).

Leitura-descoberta

- Ler o texto escolhido.
- Questionar as crianças sobre o texto, para a compreensão do mesmo.
- Ler oralmente, dramatizando.
- Ler silenciosamente.
- Verificar o acerto das hipóteses levantadas.

Pós-leitura

- Levantar e discutir as ideias suscitadas pelo texto, para sua interpretação.
- Promover atividades criativas baseadas na leitura.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de, BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1988.

ROCHA, Ruth. *Atrás da porta*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1997.

SARAIVA, Juracy Assmann (Org.). *Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SARAIVA, Juracy Assmann e MÜGGE, Ermani. *Literatura na escola: propostas para o ensino fundamental*. Porto Alegre : Artmed, 2006.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura Infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2008.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

APÊNDICE V –

Modelo de produção textual avaliativa “O que mais me marcou no Curso foi...”

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome da escola: _____

Data: _____

O que mais me marcou no Curso foi...

ANEXOS

ANEXO A –

Autorização da SMED para uso do material



PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO LEOPOLDO

Estado do Rio Grande do Sul

SMED - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER

Av. Dom João Becker, s/nº - Ginásio Municipal de Esportes Celso Morbach -

São Leopoldo - RS - Cep 93010/110

Fones: (0xx51) 589-1829; 589-6822; 589-6666; 589-1655; FAX: Ramal 35

E-mail: smed@saoleopoldo.rs.gov.br



Ofício nº 281/09

São Leopoldo, 29 de maio 2009.

Autorizamos a professora Katiane Crescente Lourenço a utilizar os nomes das escolas da Rede Municipal de Ensino do município de São Leopoldo-RS, para publicação e apresentação na Dissertação de Mestrado, a ser defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e em demais publicações que possam decorrer desta Dissertação. A professora desenvolveu um curso de formação na Rede, aos professores responsáveis pelas bibliotecas escolares, intitulado Biblioteca Escolar: da mediação à prática de leitura.

Outrossim, a referida autorização também deve ser solicitada a cada Escola, respeitando o princípio da autonomia das Instituições.

Atenciosamente,


Maria Luiza da Cunha Sedrez

Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer

Katiane Crescente Lourenço

São Leopoldo-RS

ANEXO B –
Análises de obras infantis

Aspectos

Positivos

- * Ilustrações muito interessantes (traços, meios)
- * Sencillez
- * Todos os poemas falam de bichos. (aproximados criangos)

Negativos

- Poema "Boa noite"
- * Por que não passear de pijama?
 - * Zebra estará sempre de pijama?

PALAVRAS / MUITAS PALAVRAS - Ruth Rocha.

POSITIVOS:

- FIGURAS BONITAS
- LIVRO QUE PODE SER USADO EM SALA.
- PROFESSORA ALFABETIZADORAS.

NEGATIVOS:

- NÃO É DA VOSSA RESIÃO (PALAVRAS DESCONHECIDAS)
- CASATIVO
- TEXTO MUITO LONGO
- PARECIDO COM UMA CARTILHA
- NÃO PODE SER TRABALHADO NA HORA DO CONTO

A MORANGA E A CHUVA

Coleção Fantasia dos Vegetais

* PONTOS POSITIVOS:

- As ilustrações = coloridas grandes
- Idéia de ter uma receita
- Informações básicas sobre o vegetal
- Vocabulário = acessível

* PONTOS NEGATIVOS:

- A história = conteúdo, Fragmentada, "vingança"
- Receita = muito elaborada para a criança

Aspectos Positivos

- Valorização do amor
- O carinho e a amizade
- Mostra que a falta do amor pode gerar a fúria
- A coragem e desprendimento
- A bondade e a gentileza podem suplantar os sentimentos negativos
- O amor verdadeiro não aprisiona
- Palavras e gestos carinhosos podem salvar uma vida

Tudo isso pode trabalhar o imaginário da criança, despertando nela sentimentos nobres e desenvolvendo atitudes positivas.

Aspectos negativos

- Simplificação da obra
- mau exemplo dado pelo pai de Bela ao roubar a flor
- Supervalorização da aparência

Aspectos Positivos

- o papel é de boa qualidade;
- o desenho é simples de acordo com o texto;
- as imagens promovem a compreensão e esta técnica chama a atenção dos alunos;
- a mensagem estava subentendida e no final os alunos entenderam que a mensagem não estava com fio (mas mais ou menos, ou então era afetiva);
- trabalha afetividade.

Aspectos Negativos

- ter cuidado para selecionar pela faixa etária dos alunos, pois talvez eles não entendam a mensagem;
- as vezes os alunos quem uma história mais divertida, dependendo da situação, como história sobre deusas não agrada;
- para os alunos pequenos (EMEB) é uma história longa, que é mais difícil prender a atenção;
- é uma história malucada, ^{do} por isso a seleção foi adequada para nossa geração, mas não para eles, quem mais ^{do} agêis;

Livro: Ida e Volta

Aspectos Positivos:

- Suspense relativo, baseado no cotidiano;
- Trabalho com pegadas, bem legal;
- Imagens claras, objetivas e sugestivas;

Aspectos Negativos:

- Pouca clareza no final; o final deve surpreender, coisa que não ocorre no livro.
- Não deixa claro quem é a personagem principal;

ANEXO C –

Projetos de leitura elaborados pelas professoras

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome das escolas: Frang L. Weimman, Maria Emília de Paula,
Borges de Medeiros, João Wilton e Antônio Leite.

Data: 24/11/2008

Projeto de leitura da obra: "O Demônio de Beatrix"

Autora: Ana Maria Machado.

Pré-leitura:

1. Apresentação da caixa mágica onde cada aluno colocará a mão para verificar o que se encontra lá dentro.

Após esta atividade realizar a sondagem sobre os medos que eles possam ter. A medida que vão falando focar principalmente o medo pelo escuro.

Perguntar: quem dorme sozinho, com luz acesa e outras...

Leitura-descoberta:

É a leitura, propriamente dita, do texto.

Durante a leitura os alunos terão participação ativa, pois a história apresenta uma seqüência numérica com o acréscimo de detalhes.

Pós-leitura:

- Confeção de fantoches (menstrinhos).
- Confeção do menstrinho camarada.
- Criação do seu próprio menstrinho.
- Ban dos medos

Material utilizado: sacatos, meias, argila, massa de modelar, etc...

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome das escolas: Senador Alberto Pasqualini - Coelho Neto, Salgado, Vitorino Pêgas
Jabuna Gormano, José Grumberg / Behnderff / Edgar Coelho

Data: 24/11/08

Projeto de leitura da obra: Chocolina - Nelson Albrici

Pré-leitura:

- Verificar no grupo se existem "apelidos". Por que do apelido? Gosta ou não gosta? ...
- Trazer objetos que possam mudar de nome.
- Trazer uma chaleira: Pra que serve? Todos tem em casa?

Leitura-descoberta:

- Leitura do livro e diálogo sobre o mesmo.
- Ênfase nos rimos
- Sugerir a leitura do livro: "A velha que dava nome às coisas".

Pós-leitura:

- Brincadeira com rimos
- Continuar a história de memória com o vaso de decoração
- Bonfacionar um objeto e dar nome.
- Mudar o final da história
- Representação da história.
- Produção de rimos

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome das escolas: E.M. S.F. General Dionísio Fomoso, Tancredo Peres,
Alvinho Rui Barbosa, Paulo Couto, Laric Hauschild,
GUSMÃO BRITO
Data: 22/11/2008

Projeto de leitura da obra: Chapelaria

Pré-leitura:

- * Pedir para que cada aluno confeccione um chapéu (obscuro) e enfeite como quiser.
- * Mostrar o livro e questionar o significado do seu título.
- * Sugerir uma pesquisa no dicionário.

Leitura-descoberta:

- * Leitura da história utilizando o livro, um chapéu de feltro e outro de palha.
- * Explorar as hipóteses dos alunos e fazer comparações com os dias atuais.

Pós-leitura:

- * Questionar se chapéu tem nome, em que ocasião utilizariam este chapéu.
- * Cada aluno cria um nome p/ o seu chapéu.
- * Trabalhar a questão da amizade.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome das escolas: Clodomir, Barão do Rio Branco, Samed
Castro Alves, Paulo Beck, Olímpio, Arthur.

Data: 24/11/08

Projeto de leitura da obra: Brincariar - Dilan Camargo - Poesias

Pré-leitura:

- Sobre a Poesia - Telefone sem fio.
- Iniciar dizendo que vai contar um segredo p/ o colega, e ele vai passar adiante, com os alunos em círculo.
- No final cove o que o último aluno vai falar, e então revelar qual o segredo que foi dito.

Leitura-descoberta:

- leitura da poesia.
- Mostrar o livro, onde se encontra a poesia, falar das brincadeiras
- Questionar se eles conhecem outro tipo de brincadeira, quais, ouvir eles.

Pós-leitura:

- Confecção de um telefone sem fio c/ latinhas
- Em círculo realizar novamente a brincadeira com eles usando o telefone.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE FORMAÇÃO
BIBLIOTECA ESCOLAR: DA MEDIAÇÃO À PRÁTICA DE LEITURA

Nome das escolas: Escola M. E. F. Santa Marta, E. M. E. F. Padre Orestes,
EMEF João B. M. Goulart, EMEF D. F. Albrecht, E. M. Dr. Osvaldo Aranha ^{1ª Edição}
_{Elisabeth Schmidt}

Data: 24/11/08

Projeto de leitura da obra: A menina bonita do laço de fita, Ana Maria
Machado

Pré-leitura:

Levantamento de hipóteses através da imagem onde aparece a figura de todos os coelhos de várias cores.

Leitura-descoberta:

História animada utilizando o material da **COR DA CULTURA** (vídeo).

Pós-leitura:

- Construção de uma boneca com material de sucata "A menina bonita do laço de fita".
- Esta boneca vai para cada casa. A família escreve um pouco de sua história em um caderno, que volta para a Escola junto com a boneca.
- Cartaz: Cada aluno procura e recorta de revista uma gravura humana com a qual se identifique. Montagem de um cartaz com as gravuras.
- Trabalhar a árvore genealógica.
- Trabalhar o EU através de músicas "Eu", Palavra Encantada;

"Todas as coisas têm nome.", Toquinho...)

- Carteira de identidade

ANEXO D –

Respostas do questionário – interesses e hábitos de leitura

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leio. Passeio. Vou ao cinema, converso com amigos etc.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Sei lá no momento o que veio na minha cabeça é Branca de Neve, talvez é por que na época gostaria de ser ela.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
A última grande lição – Comer, rezar e amar – A mulher escondida na professora.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Geralmente por indicação de colegas e amigos.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Sentada no sofá da sala.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Uma ou duas horas por dia, quando não estou muito cansada. Nas férias leio muito mais.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Autoajuda, romance, livros sobre Educação.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Todos que eu gostei muito de ler e que de certa forma contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Passeio com meus filhos, vou ao cinema, leio, ouço música.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Seria a Menina Bonita do laço de fita, porque é uma das poucas personagens negra que tem a sua cor valorizada, sem preconceito.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
O meu pé de laranja lima – Clarissa – Éramos seis – O retrato – Sete ossos.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Pelo tema/assunto: mistério, romance, fatos reais, livros com mensagens p/ reflexão.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Sentada ou deitada no meu quarto ou na sala.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende. Às vezes, uma ou duas semanas.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Normalmente, à noite, após chegar da faculdade.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Em ambiente calmo, leio silenciosamente.

- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Um livro de romance ou um livro com histórias que tenham mensagem (para refletir).
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Maneco caneco chapéu de funil. Vidas secas. A Bíblia.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Passear, toma chimarrão, assistir um bom filme, ler.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Zirardo. As obras dele sempre me cativam p/ a leitura.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Uma professora muito maluquinha – O menino maluquinho.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Sempre dou uma olhada nos livros e após leio a contracapa p/ ver do que trata a obra, se gosto, leio.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na cama.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Mais ou menos duas horas por semana.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Silenciosa, só.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Conto ou romance.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
O pequeno príncipe. Carta errante, avó atrapalhada e menina aniversariante. O menino maluquinho.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Brinco com meus filhos. Gosto de passear com eles. Quando estou sozinha gosto de pintar.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Ana Terra. Porque ela é uma mulher batalhadora, guerreira, que não deixa se abater por nada. Acho que eu sou um pouco assim.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
A ferro e fogo (Josué Guimarães) – O tempo e o vento – O continente (Erico Veríssimo).
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Gosto muito de romances históricos, mas atualmente estou escolhendo mais os livros infantis, pois logo penso em contar a história para os meus filhos.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
No quarto. Sentada na cama.

- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Quando começo o livro e estou determinada a terminar a leitura, procuro dedicar um tempo diário. Depende muito do “tempo” livre naquele dia.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite, depois que os filhos dormem.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
No momento, um belo livro infantil.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Minha Bíblia Infantil. Os livros dos meus filhos.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leio; filmes; computador.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Cinderela. Porque gosto de livros onde as princesas são injustiçadas e depois são valorizadas.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
A bela adormecida – Pequeno Príncipe.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Livros espíritas. Comportamentais.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
No quarto.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende do tempo que disponho, às vezes, duas horas (o máximo).
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite; fim de semana.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Comportamental. Romance. Suspense.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Bordado encantado. Tapete mágico. Contos de fadas. Um conto por dia (coleção).

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Sempre que tenho uma tarde livre, meus netos (8 e 5 anos) vão para minha casa. Fazemos as tarefas da escola, leio histórias, desenhamos, lanchamos. Às vezes, vamos à pracinha. Sempre há leitura.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*

c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*

Diles (ganhei de uma mãe de aluno, pela importância que ela acreditou que eu tive na relação professora-aluno com seu filho) – Violetas na janela.

d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*

Não tenho um critério rígido, só sei o que não gosto. Leio sempre livros que são mais vendidos, às vezes, me arrependo, mas leio. No momento estou lendo O vendedor de pipas. Sou péssima para memorizar títulos.

e) *Em que lugar você gosta de ler?*

Sempre sozinha, geralmente no meu quarto, a qualquer hora que eu tenha disponibilidade. Na praia, leio em uma área que fica nos fundos da casa, esqueço da vida...

f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*

Mais ou menos duas semanas.

g) *Em que período do dia você lê?*

Em época escolar, geralmente, à noite. Férias: após o almoço (depois de arrumar a cozinha, é claro). Leio quase toda a tarde, e antes de dormir.

h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*

Leitura silenciosa.

i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*

Romance com narrativas variadas: suspense, que fale de acontecimentos que envolvam fatos reais.

j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*

Matuto. Violetas na janela. Todos relativos a este gênero (mesmo sendo católica, não sou espírita, mas gosto de ler acontecimentos envolvendo tramas familiares).

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*

Gosto de conversar com os vizinhos, tomar chimarrão, ler e ou dormir.

b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*

Magali, porque adoro comer fora de hora.

c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*

Branca de Neve – Os três porquinhos.

d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*

Por indicação ou depende do meu estado de espírito.

e) *Em que lugar você gosta de ler?*

Ao ar livre ou em qualquer lugar, desde que a leitura seja interessante, acordo de madrugada e leio um pouco na cama.

f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*

Quando gosto do que estou lendo, fico contando os minutos para retornar a leitura. O que falta é tempo.

g) *Em que período do dia você lê?*

Quando dá tempo em qualquer hora.

h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*

Só e silenciosa, sem nada ligado se não eu me desconcentro com facilidade.

i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*

Suspense e romance.

- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
O cesto onde estão todos os livros de Erico Veríssimo e Machado de Assis e outros que gosto como Ruth Rocha.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Vou passear com a família.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Ricardo Azevedo, gosto das suas obras, principalmente as “engraçadas”.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
O monge e o executivo, é o que me veio em mente neste momento.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Gosto de leituras que acrescentam algo para minha vida, lições de vida, que me fazem pensar como tenho vivido e contribuído p/ algo nesta vida.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na cama, sentada.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Muito pouco, leio muito p/ a faculdade e infelizmente não tenho lido outras obras. Claro estou lendo p/ os alunos e minha filha.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite ou final de semana, à tardinha. Leio p/ minha filha de 5 anos.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa, num ambiente silencioso. Para minha filha leio em voz alta, claro, lembrei-me que também é uma leitura que faço.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
O mesmo citado na questão 4 ou então qualquer que me surpreenda, gosto de ser surpreendida na leitura.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Difícil esta pergunta, mas o meu instinto materno me faz pensar que salvaria os livros infantis de minha filha.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Tomo chimarrão, converso c/ os amigos, passeio, assisto filmes, leio.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Branca de Neve, porque sempre gostei da história e da roupa dela.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
O pequeno príncipe.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Muitas vezes por indicação, outras pelo que o título sugere.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Em casa, na área (na rede), deitada (no quarto). Na escola, na biblioteca.

- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
O tempo que for necessário, às vezes, começo várias leituras ao mesmo tempo.
- g) *Em que período do dia você lê?*
De manhã (sempre) o jornal e outros na biblioteca e à noite em casa.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Só, em silêncio.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
De autoconhecimento, espírita, poesia – adoro poesia.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Toda coleção “literatura em minha casa”. Bom dia todas as cores. Crônicas de Nárnia. O menino maluquinho. Os clássicos. Menina bonita do laço de fita. Nito, o menino bonito. Festa no céu. O gato pirado. Zoom. Lendas. Folclore. Todos infantis... E muitos outros que agora não lembro.

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Gosto muito de olhar filmes. Ler, adoro gibis, fazer palavras cruzadas.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Gostaria de ser Dona Benta do Sítio do Pica-pau Amarelo, contar histórias e poder “conviver” com os personagens.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Tive quando pequena um livro O coelhinho Dengoso, lembro até hoje desta história eu adorava ler e reler a mesma.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Costumo me informar dos livros mais vendidos e entre eles procuro o que mais me agrada, sempre compro livros e costumo colocar no início a data que comecei a ler e também quando terminei a leitura.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Gosto de ler no quarto, quando estou sozinha e no silêncio.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Quando a história me prende costumo ler muito rápido, e sempre que posso leio um pouco até durante o dia, mas geralmente leio rápido, não saberia dizer exatamente quanto tempo mas não demoro muito não.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite, pois trabalho o dia todo e como estou na biblioteca de manhã às vezes consigo ler lá, mas de uma coisa não abro mão ler o jornal antes de sair de casa.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa não gosto de barulho quando estou lendo.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
No momento queria ganhar – A menina que roubava livros.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Claro que iria escolher os que mais gostei, Monteiro Lobato com certeza estaria contemplado no meu salvamento.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Assisto filmes. Leio.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Carolina – A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Erico Veríssimo – Joaquim Manuel de Macedo.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Título. Ilustração. Material utilizado (papel de qualidade). Conteúdo desejado. Estilo.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na cama.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende do tempo disponível. Se o livro for interessante (dois dias); semanas, mês. Leio mais nas férias.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Romance.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Romances. Livros poéticos. Atualmente estou lendo muito – livros evangélicos.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Descanso com a família nos fins de semana e leio quando estou sozinha.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Sinceramente não consigo mencionar nenhuma.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Não consigo citar nenhuma. Em cada fase de leitura que tive me senti marcada: os gibis, a coleção do Cachorrinho Samba, os romances, as revistas, livros científicos.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Indicação de amigos. Sinopse. Qualidade do material.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na praia (férias), no quarto (cama).
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
O tempo que for necessário para a compreensão.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite (durante o ano letivo). Nas férias, em todas as oportunidades.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Sozinha, silenciosamente.

- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Livro sempre é O presente, adoro todos que ganho: poesia, narrativa, suspense,...
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Que horror! Eu não saberia por onde começar. Acho que eu correria e abraçaria tantos quantos pudesse.

13. Escola de Ensino Fundamental – João Carlos Hohendorff

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Brinco com meus filhos, passeio, leio – jornais, revistas e livro, ando de bicicleta.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Cinderela. Devido a magia e o romantismo da fábula serem a “cara dela”. (meiga, amada, indefesa, etc.)
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Cinderela – A bela e a fera – Chapeuzinho Vermelho e O menino do dedo verde.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Adoro fábulas (até hoje, e as leio para meus filhos) e escolho por assuntos de interesse. Por necessidade espiritual. Autoajuda, pedagógico.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na cama, na rede, embaixo de uma árvore, na namoradeira.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Aproximadamente 6 horas semanais (leitura minha). Também leio com meus filhos e para eles mais ou menos uma hora por dia.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite, e dia – tardes em finais de semana.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Minha leitura particular – silenciosa. Para meus filhos em voz alta ou em grupo.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Adoro “contos de fadas”!
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
A casa sonolenta. O menino do dedo verde. A bela adormecida no bosque. Feliz ano velho. O pequeno príncipe. As 100 melhores histórias da mitologia. A velhinha que dava nome as coisas. João e Maria. Os três porquinhos.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Gosto de curtir a natureza em companhia da família, ler um bom livro.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Pocahontas, devido ao seu espírito aventureiro, corajoso e ético.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Cinderela – Branca de Neve – Obras de Monteiro Lobato, e atualmente, os livros espíritas, obras de Alan Kardec, Violetas na janela, Muitos são os chamados, poucos os escolhidos.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Escolho livros que estejam relacionados ao espiritismo e literatura infantil p/ me aproximar do mundinho das crianças.

- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
No jardim ou no quarto (antes de dormir).
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Atualmente, trabalhando 40 horas, cursando faculdade e “atendendo” três filhos, não tem sobrado muito tempo, mas leio sempre que possível.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Geralmente à noite, depois que as crianças dormem.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa e individual.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Um livro espírita.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Obras de Monteiro Lobato e poesias de Cecília Meireles.

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leio e assisto televisão. Nas férias, quando posso, viajo.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Chapeuzinho vermelho, porque passei muito tempo tendo medo do lobo, até descobrir que ele era simplesmente um bolo.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Rapunzel – Cinderela – Chapeuzinho vermelho.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Pela sugestibilidade do título, pela apresentação e, se conheço, pelo nome do autor.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
No meu quarto, em algum lugar ao sol, em qualquer lugar agradável e confortável.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
O máximo de tempo de que disponho, nem que seja pequenos intervalos entre uma e outra leitura essencial para meu trabalho e/ou formação.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Quando posso, muitas vezes quando estou em algum ônibus ou trem, à noite, antes de dormir.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Só, leitura silenciosa, mas não necessariamente no silêncio.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Literatura infantil.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Todos os que eu pudesse carregar, de Literatura Infantil, Infanto-Juvenil e Literatura Brasileira.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Canto, danço, visito os parentes, leio, viajo para praia ou serra.

- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
A fada madrinha – a que faz de 1 abóbora 1 carruagem, a que ajuda a Cinderela a realizar seu sonho, só que eu queria ter 1 varinha mágica para facilitar a minha vida.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
A Branca de Neve (filme também) – A bela adormecida – O mistério do cinco estrelas – A serra dos dois meninos – Coleção Angélica (de Anne e Lerge Golon) – Se houver amanhã (Sidney Sheldon) também li muito Harold Robbins, Danielle Steel (Segredo de uma promessa) – Castro Alves (obras completas e biografia).
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Pelo assunto, se alguém indicou e fiquei curiosa para lê-lo, se gosto do filme e resolvo ler o livro. Se li numa revista que ele vendeu bem.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Em casa, na cama, antes de dormir.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Leio muito, principalmente sobre Arte, História da Arte por causa da faculdade de Artes Visuais que eu faço. Os últimos livros que li de literatura é O código da Vinci e O poder da mente.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite, antes de dormir e sempre acabo dormindo “em cima” do livro pois trabalho 40h e estudo à noite e chego em casa mais ou menos às 23h.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa e sozinha, faço comentários c/ familiares, amigos e colegas.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Aventura tipo Piratas do Caribe, ou autoajuda sobre Poder da mente, tipo O segredo, Seicho no ie, etc.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Bíblia sagrada. O poder da mente – Masaharu Taniguchi. O poder da oração – Lauro Trevisan. O código da Vinci (gostei muito, mais que do filme).

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leio. Fico com meu filho. Passeio. Assisto televisão.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Ana Terra – porque acho que ela representa a garra da mulher brasileira, que enfrenta muitos obstáculos no seu dia-a-dia.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Gina – Ana Terra e o Capitão Rodrigo – Violetas na Janela – Como driblar a raiva – O menino de asas – A ilha perdida – Pais brilhantes, professores fascinantes.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Procuro muito minhas leituras pelo momento que estou vivendo. Sinto vontade de ler algo que me diga alguma coisa.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Em casa, num lugar sossegado, prefiro na rua numa cadeira confortável.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depois que tive filho, meu tempo está mais limitado, geralmente, ou seja, nos últimos tempos tenho lido para mim no domingo pela manhã, algumas horas, menos do que eu gostaria.

- g) *Em que período do dia você lê?*
Prefiro pela manhã, mas às vezes leio à noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
A minha leitura, do meu interesse, é silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Neste momento gostaria de um livro de espiritualidade.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Violetas na janela. Ana Terra. A ilha perdida. Robinson Crusoe. Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor. O irmão que veio de longe. Os miseráveis.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Passeio com a minha família; assisto um bom filme ou sempre que posso leio um livro.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Emília, devido a sua inocência e sinceridade.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Alguns livros de Machado de Assis e Jorge Amado.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Através de comentários em jornais, revistas sobre o livro ou sobre troca de ideias com amigos.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Gosto de ler ao ar livre.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Durante a semana uma hora, finais de semana um pouco mais.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Durante a semana à noite e fins de semana à tarde.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leio através de leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Gostaria de ganhar um livro de romance.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Sempre há uma esperança. O direito de ser feliz. Buda.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Eu adoro cinema, teatro, música e boa bebida. Convivo ao máximo com meu filho, brincamos, passeamos, lemos, olhamos tv.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
D. Quixote ou Sancho.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Mitologia em geral – primeiras estórias (Guimarães Rosa) – Dom Casmurro (Machado de Assis)

- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Por indicação, conhecimento prévio.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Em meu lugar de estudo ou na cama.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Meia hora por dia, quando dá. Para meu livro de escolha particular.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Para meu gosto: à noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Atualmente, boa literatura infantil.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Lobisô. Lobo negro. O sapato que miava. Continente I. Primeiras estórias. Orgulho e preconceito.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leio, passeio, assisto filmes, curto minha família...
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
A Bela. Por ser uma pessoa ao mesmo tempo frágil e corajosa.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Éramos seis – Meu pé de laranja lima...
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Muitas vezes por indicação.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Num local silencioso, sozinha.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Atualmente, devido a faculdade muito pouco tempo.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Espírita, romance.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Nos momentos de lazer, quando possível, saio para passeios, às vezes, “sem rumo certo”. Em outros, leio.

- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Clara Luz, por ser uma “fada que tinha ideias”; é uma personagem criativa, crítica, em busca de novas descobertas...
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Os três porquinhos – Branca de Neve – João e Maria – Chapeuzinho Vermelho – Cinderela – Gulliver – Robinson Crusoe – Peter Pan,... O mundo de Sofia.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Às vezes leio mais de um livro ao mesmo tempo. Procuo livros para formação na área em estou atuando (teorias) bem como, a literatura em si (infantil – infanto/juvenil – romances) e ainda, livros de autoajuda.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
No ônibus; na escola; embaixo de uma árvore; em casa, em um cômodo reservado.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Leio, aproximadamente, um livro por mês depende da disponibilidade de tempo e do “tamanho da obra”.
- g) *Em que período do dia você lê?*
No ônibus, durante as idas e vindas para a escola. À noite, em casa.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa e só.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Um livro de literatura infanto-juvenil.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Todos aqueles que marcaram minha vida (item 3); livros de Rubem Alves, como: O medo da sementinha; O patinho que não aprendeu a voar; Como nasceu a Alegria; entre outros. Muitos também de Ruth Rocha sendo alguns: A árvore do Beto; Como se fosse dinheiro (Catapimba e sua turma); A escola de vidro; O menino que aprendeu a ver; Bom dia todas as cores. Salvaria também livros como: A pequena vendedora de fósforos; Contos de Grimm, Andersen e Perrault; A fada que tinha ideias; A casa na floresta; Videiras de Cristal; alguns livros de Zibia Gasparetto; Chico Xavier... e, todos de Brian Weiss.

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Ouço música, leio e não faço nada.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Fada, porque todas são lindas.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Pollyana – A fada que tinha ideias – O menino do dedo verde – Livros de autoajuda e espíritos.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Por indicação e gosto.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Em casa, em silêncio.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende do livro, se há interesse, leio rápido.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite.

- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Sozinha.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Autoajuda.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Dramas, espíritos e autoajuda. Alguns infantis que li no tempo de escola.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Assisto filmes, leio, adoro estar com os amigos jogando conversa fora.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
A Emília, do Sítio do Picapau Amarelo. Porque ela é agitada e falante, além de ser aventureira.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
O Pequeno Príncipe – O mistério do Cinco Estrelas – Crônicas de Nárnia.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Gosto de livros que tem relação com a História; aventura, suspense.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Deitada em meu quarto e/ou na praia.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende do livro, mas levo em média um mês. E assim que, termino um, já pego outro e vou lendo com muita calma.
- g) *Em que período do dia você lê?*
À noite ou durante o dia quando estou escolhendo uma obra para trabalhar com os alunos.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
De aventura.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
A coleção do Harry Potter.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Gosto de sair com a família; brincar c/ o filho.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Emília, é que marcou minha infância com as aventuras no Sítio.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Sítio do Picapau Amarelo. Patinho feio. Pequeno Príncipe.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Por interesse de momento.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Bem confortável, no sofá ou rede.

- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Depende do livro, se gosto muito, quase engulo o livro.
- g) *Em que período do dia você lê?*
No final de semana, normalmente à tarde. (filho dorme, marido joga).
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa. Gosto de ler para meu filho.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
Gosto de livros de autoajuda. Poesia.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
Acho difícil escolher, tentaria o maior número possível. O pequeno príncipe e muitos outros.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

- a) *O que você faz nos seus momentos de lazer?*
Leituras (revistas, jornais, livros espirituais...). Visitas, bater papo e tomar chimarrão.
- b) *Se você tivesse que se apresentar tendo como modelo uma personagem literária, qual seria? Por quê?*
Cinderela, pelo romantismo e também o bem prevalece.
- c) *Quais as obras que marcaram sua vida?*
Cinderela. Polyana.
- d) *Como é feita a sua escolha de leitura?*
Capa, resumo da obra (verso) ou introdução.
- e) *Em que lugar você gosta de ler?*
Na mesa da sala de jantar.
- f) *Quanto tempo você dedica à leitura de um livro literário?*
Todo tempo possível à noite mais ou menos 1 a 2 horas.
- g) *Em que período do dia você lê?*
Todo momento na escola se está lendo, seja para selecionar algo para os alunos ou p/ hora do conto, mas leitura pessoal à noite em casa.
- h) *Como você lê? (leitura silenciosa ou em voz alta; em grupo ou só; ...)*
Leitura silenciosa e de preferência sozinha e num ambiente silencioso.
- i) *Se fosse ganhar um livro, de que tipo gostaria?*
De romance.
- j) *Houve um incêndio fictício na biblioteca onde estariam todos os livros que você já leu, porém, você teria a chance de entrar uma última vez para salvar alguns poucos livros, quais seriam?*
A velhinha maluquete. Cinderela. A bela e a fera. Chapeuzinho vermelho. O reizinho mandão.

ANEXO E –

Respostas da produção textual “Na minha escola, a leitura...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

Na minha escola, a leitura...

É trabalhada com os alunos através de textos, jornais, livros, revistas. Penso que deveria ser mais trabalhada pelos professores e também pela família.

Tenho observado que os alunos demonstram bastante interesse pela biblioteca, frequentemente solicitam livros de Monteiro Lobato e Erico Veríssimo que muitas vezes são citados pelos professores.

Os professores que gostam de ler conseguem transmitir aos alunos o gosto pela leitura.

2. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

Na minha escola, a leitura...

É trabalhada tanto na biblioteca (hora do conto) quanto na sala de aula. Os professores da hora do conto e do projeto da escola procuram trabalhar temas que são trabalhados também em sala de aula, abrangendo os alunos da educação infantil a 5ª série do Ensino Fundamental.

Noto que os alunos demonstram prazer quando estão na biblioteca e realizam atividades de audição ou leitura de contos, fábulas, poesias, músicas, literaturas variadas,... Muitos sentem-se estimulados através da leitura realizada pela professora e por colegas e aos poucos vão “criando” hábito/gosto pela leitura.

Na biblioteca, toda semana os alunos fazem a devolução e retirada de livros, onde estes dirigem-se e escolhem nas estantes os livros do seu gosto (gibis, literatura infantil, poesia, enciclopédia, revistas,...)

3. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Castro Alves

Na minha escola, a leitura...

As professoras da minha escola estão bem engajadas no trabalho com leitura e escuta dos alunos.

Tem uma professora da quarta série, que após retirarem os livros os alunos leem e fazem uma produção e devem ainda contar a história para os colegas.

Outras estão trabalhando com a poesia (o que os alunos adoram) e após eles lerem, devem criar uma poesia e apresentar para os colegas.

As histórias em quadrinhos estão chamando bastante atenção dos alunos (adoram ler).

4. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

Na minha escola, a leitura...

Possui um momento privilegiado.

Além das leituras realizadas em sala de aula e das retiradas de livro semanal para leituras em casa, as turmas estão realizando um momento de leitura individual na biblioteca. Cada aluno faz a leitura do material (livro, revista, enciclopédia) que mais lhe interessa.

O momento da leitura, como é chamado pelos alunos menores, está sendo um momento muito interessante e produtivo. Inicialmente alguns alunos não participavam integralmente da proposta, porém, com o passar dos dias, as solicitações dos colegas e professora as turmas foram se acostumando e, atualmente, o “momento da leitura” é algo que tem dado muito certo.

5. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

Na minha escola, a leitura...

- é incentivada pelos professores, não só da biblioteca, mas as regentes das turmas também.

- As atividades, geralmente, são iniciadas através de uma história (pequenos)

- Os maiores retiram livros, que após são feitos resumos, poesias, vocabulários.

- Os livros são retirados de acordo com os gostos, mas sempre querem retirar o da história que foi contada.

- Na sala do EVAM, fazem desenhos ou escrevem a história novamente.

- Acho que poderia ser bem mais explorado pelas professoras, usando a história como textos...

6. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

Na minha escola, a leitura...

Como trabalho apenas pela manhã e só na biblioteca não tenho uma visão geral de como isso se desenvolve.

Sei de algumas situações por conversas informais de algumas colegas: 4ª série li algumas poesias criadas pelos alunos (com ilustrações) após a profª ter lido a poesia que falava em bombons. Os alunos fizeram as poesias onde era necessário aparecer a palavra citada. Achei excelente por ser a 1ª vez.

Com as 5ª séries (3), na biblioteca, os alunos escolheram um livro (livre) e podiam fazer um resumo do mesmo ou escolher um conto. Trabalhei bastante com: autor, ilustrador, adaptação. Ainda não terminaram, nem todos fizeram ou conseguiram fazer.

Vejo que as turmas trabalham, mas não sei exatamente como fazem.

7. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

Na minha escola, a leitura...

Acontece de forma muito legal. Quando não tenho que assumir turmas em sala de aula, trago os alunos para a biblioteca, durante um período por semana para cada turma. A professora titular acompanha este momento dando orientação, apoiando os alunos na escolha dos livros.

Uma vez por mês me encarrego de realizar uma Hora do Conto nas turmas de 5ª a 8ª, também aproveitando o momento para realizar uma atividade mais descontraída, onde aproveito o momento para incentivar os alunos a ler.

No recreio também muitos alunos procuram a biblioteca, para ler.

8. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Dr. Oswaldo Aranha

Na minha escola, a leitura...

No geral, precisa ainda ter objetivos mais claros, que vão além do ler para trabalhar questões ortográficas. Precisamos parar para pensar que tipo de leituras estamos oferecendo aos nossos alunos: têm alguma função social? Para que serve? Tem lógica? Enfim, percebo, principalmente nas séries iniciais que são trabalhados textos para enfatizar determinadas letras e as interpretações feitas sobre eles normalmente as respostas estão no texto ou são de cunho pessoal, mas dificilmente ajudam a entendê-lo.

São raros os professores que vão até a biblioteca pedir algum livro para ler para os alunos. Normalmente trabalham textos retirados de livros didáticos. Precisamos avançar e acredito que isto aconteça através de uma formação continuada e que em reuniões pedagógicas possamos estar refletindo sobre estas questões.

9. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

Na minha escola, a leitura...

É feita também em sala de aula. A maioria dos professores fazem um momento de leitura pelo menos uma vez na semana na sua sala de aula.

Alguns deixam esta prática tão importante para a “hora do conto”, que é quinzenal.

E outros, aproveitam até as aulas de P2 para fazer um “pouquinho” de leitura.

10. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

Na minha escola, a leitura...

A leitura na minha escola é trabalhada não só por mim na biblioteca, mas também nas salas de aula, não digo que todas trabalhem, mas a grande maioria, elas contam histórias na sala de aula, as crianças retiram livros na biblioteca.

Os alunos da área frequentam também a Biblioteca com bastante frequência para leitura e retirada de livros, e eles possuem também em seu horário o conteúdo de Produção Textual, onde a professora trabalha muito bem a literatura com eles, portanto acredito que a nossa escola esteja fazendo um bom trabalho na busca de formação de leitores.

11. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

Na minha escola, a leitura...

Está sendo desenvolvida da seguinte forma: Projeto Hora do Conto; incentivo a retirada de livros da biblioteca. Projeto Ler é Saber. Leitura em sala de aula posteriormente são realizados trabalhos.

12. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

Na minha escola, a leitura...

É incentivada através da retirada de livros na biblioteca, o que ocorre semanalmente. Além disso, muitos professores realizam leituras de livros para os alunos. Ainda são lidos os fascículos do projeto Ler é Saber recebidos pela SMED.

13. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

Na minha escola, a leitura...

É incentivada em todos os ambientes. Temos hora do conto com as profes do projeto, as professoras das séries iniciais trabalham com contação de histórias em sala de aula, os profes de português fazem trabalhos com livros lidos pelos alunos. Tem um horário específico para cada turma ir à biblioteca, incentivando assim, a retirada de livros. Na semana do livro infantil sempre é realizado atividades diferenciadas, por exemplo, esse ano, “Monteiro Lobato” e um dos seus personagens, “Visconde”, visitaram as salas de aula contando um pouco da biografia do Monteiro, foi realizado uma hora do conto especial com a “Emília” para todas as turmas, e no dia do livro foi realizada uma feira do livro escolar e cada turma teve 45 minutos dedicados à leitura na sala de aula. Cada ano é realizado isso de forma diferenciada, ano passado, por exemplo o horário de leitura das turmas foi na cancha, onde montamos um local “adequado” para leitura, com tapetes, cadeiras confortáveis, redes, e até um espaço para desenho e pintura para os menores.

Também, sei fatos isolados, a professora de português, das 7ª séries está trabalhando autores específicos, trabalha o autor, suas obras, a maneira de escrever, o tipo de texto e os alunos leem as diferentes obras dos mesmos.

14. Escola Municipal de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

Na minha escola, a leitura...

Está passando por um momento de destaque. Além da hora do conto, da retirada de livros para a leitura em casa como também para a leitura em sala de aula, iniciamos um projeto onde, uma vez por semana, durante 30 minutos, cada aluno leva um livro, uma revista, um jornal e realiza a leitura. Todos, na escola, participam: alunos, professores, equipe diretiva, funcionários.

Temos outro projeto que está em fase de desenvolvimento, mas em breve será aplicado, diz respeito a “criação” de poesias, envolvendo alunos de 4ª e 5ª série.

15. Escola Municipal de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

Na minha escola, a leitura...

Parece ser um fator de status social que, certamente, tem sido muito bem trabalhado pelos professores tanto das séries iniciais, quanto pelos da área de Língua Portuguesa, provavelmente. A razão disso é que posso observar o grande interesse que as crianças e jovens demonstram pela retirada de livros. A maior parte das crianças que frequenta a biblioteca lê, em média, um livro por semana. Esse fato serve para comprovar, em primeiro lugar, que os professores de todas as séries e, acredito eu, que principalmente os da séries iniciais, têm sabido muito bem como criar bons leitores e, em segundo lugar, que eles próprios se dão conta da importância do ato de ler para desenvolverem-se autonomamente como cidadãos.

16. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

Na minha escola, a leitura...

Poderia ser mais trabalhada.

Não vejo um empenho dos alunos em ler. E acho que as professoras deveriam incentivar mais a leitura, oportunizando aos alunos um momento para isso. Também perdeu-se o hábito de realizar a leitura oral em conjunto (comum na época em que eu cursava as séries iniciais – anos 70).

Os alunos de hoje preferem assistir um filme do que ler um livro. Os livros que eles têm mais acesso para adquirir (maletinhas) são baratos e de baixíssima qualidade, são resumo de histórias infantis conhecidas, muitas vezes com péssimas ilustrações. Voltando ao ler, quando os alunos vão retirar os livros na biblioteca, procuram coisas novas e como nossa biblioteca está com poucos exemplares bons, desestimula a leitura. Também os alunos de 5ª série se interessam por enciclopédias antigas com muitas ilustrações com vários assuntos sobre Ciências, História, Geografia, carros, aviões e ed. sexual (tem 1 coleção sobre Sexualidade que é muito retirada a partir da 4ª série). Não existe a Hora da Leitura como a Hora do Conto, mas acho que poderia haver um momento desses, desde o 1º ano até 5º ano/4ª série). Este ano a biblioteca ficou mais apertada, pois recebemos 3 computadores da POSITIVO, o que prejudicou a retirada de livros.

Eles gostaram da hora do conto em que trabalhei O menino do dedo verde, O pequeno príncipe, A formiguinha e a neve e isso despertou a curiosidade neles para lerem estes livros, por exemplo.

17. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

Na minha escola, a leitura...

Esta cada vez mais presente nas salas de aula, após várias reuniões e combinações ficaram combinadas algumas medidas que os professores precisam adotar, como reservar um horário no planejamento além da hora do conto, para leitura em sala de aula. A biblioteca fornece vários materiais p/ os professores, livros, revistas, gibis, e eles podem ir trocando de tempo em tempo. A supervisão tem feito um acompanhamento junto do professor p/ ver se realmente estão ocorrendo o momento da leitura.

Também os alunos que necessitam do reforço no contraturno, estão sendo bem trabalhados com a questão da leitura.

Percebo que está havendo uma melhora gradual na leitura dos nossos alunos, mas ainda tem muito a se fazer, pois temos uma realidade onde nosso aluno lê somente na escola, então o investimento precisa ser cada vez melhor, pois se queremos alunos leitores, precisamos incentivar a leitura sempre e muito.

18. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

Na minha escola, a leitura...

Pelo que posso observar esta é trabalhada apenas na hora do Conto. Percebo também que o que é trabalhado fica somente restrito a biblioteca.

19. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

Na minha escola, a leitura...

... Era muito descolada da sala de aula.

No ano passado, a biblioteca resolveu ouvir a comunidade escolar sobre seu trabalho, perguntar o que a comunidade quer, pensa e questionar as rotinas que se estabeleceram no decorrer dos anos e que nunca nos perguntamos de onde vinham ou o que se pretendia através desta rotina.

O trabalho foi organizado em forma de projeto e se criaram instrumentos de pesquisa para serem aplicados nos diversos segmentos da comunidade escolar.

As respostas foram tabuladas e organizadas mais qualitativamente que quantitativamente, apontando diversas ideias que foram discutidas e interpretadas, tentando-se chegar a um consenso apresentado para o grupo de professores.

Dado importante: a biblioteca foi apresentada pela maioria como um lugar de pesquisa, em segundo lugar, hora do conto e, em terceiro, empréstimo de livros.

Em relação à organização dos trabalhos desenvolvidos na biblioteca apontou-se muito da necessidade de “diálogo permanente” entre ela e o corpo de professores.

Assim a hora do conto está deixando de ser um trabalho isolado da sala de aula, o professor regente e o professor da biblioteca pensam juntos como, o quê, por quê e como continuar com a leitura em sala de aula.

Então, a leitura é um espaço compartilhado e ininterrupto, onde a ida à biblioteca é uma das etapas, as temáticas e a estrutura dos livros tratados na biblioteca são uma escolha feita a partir daquilo que está acontecendo em cada sala de aula – isto em seu ideal.

20. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

Na minha escola, a leitura...

É proporcionada através da retirada de livros quinzenalmente, onde o aluno escolhe o livro que quer levar para casa para ler e fica com ele por uma semana, sendo permitida a renovação por mais uma semana no caso de o aluno não ter conseguido concluir a leitura do livro.

Também quinzenalmente, intercalado com a Hora do Conto, é realizada a “Hora da leitura”, onde os alunos se dirigem a biblioteca e lá estão disponibilizados livros, revistas e jornais para que os alunos realmente dediquem alguns minutos do seu dia à leitura.

21. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

Na minha escola, a leitura...

A leitura lá na escola é bastante incentivada por alguns professores mas, isso não é regra. Na biblioteca, no turno da manhã, reservo sempre uma parte do tempo para que os alunos escolham livros conforme suas

preferências para leitura ali; uma vez por semana, as turmas retiram livros para leitura em casa. Também, tem professores que desenvolvem trabalhos que incentivam e despertam o gosto pela leitura mas, por outro lado, há professores que “cobram” a leitura como material para produção de fichas de leitura e estudo gramatical; a própria direção da escola considera a biblioteca apenas “um plus a mais”.

22. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

Na minha escola, a leitura...

Acontece preferencialmente pela professora responsável pela biblioteca.

São pouquíssimos os professores que trabalham leitura na sala de aula (aquela leitura com cobrança, valendo nota, acontece), mas a leitura pelo prazer de ler, são poucos os professores que trabalham.

A leitura na minha escola, parece, ao meu ver, é responsável pela “bibliotecária”.

Como este ano, até agora não estamos fazendo uso do espaço biblioteca, pois tem aula manhã e tarde, nenhuma professora me pediu livros para serem lidos na sala de aula.

Acho que a leitura não pode, e nem deve, acontecer somente na biblioteca, mas sim, no pátio, no início ou fim de aula, enfim...

23. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Santa Marta

Na minha escola, a leitura...

É uma preocupação constante. Muitos professores estão realizando projetos em sala de aula para o estímulo da leitura. Procuram sugestões de atividades e estar sempre informados do que acontece com sua turma na HORA DO CONTO.

24. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

Na minha escola, a leitura...

A leitura é considerada o ponto essencial para a formação do cidadão que queremos, sendo assim trabalhamos muito tentando incentivá-los pois lendo e compreendendo esta leitura o aluno irá conseguir sanar suas dificuldades em qualquer disciplina, conseguirá fazer também uma leitura de mundo (do que ouve e vê) sabendo diferenciar o que é certo e errado, e se tornar um cidadão crítico.

Incentivamos a leitura não importa o que eles gostem de ler. (gibis, livros, revistas).

25. Escola Municipal de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

Na minha escola, a leitura...

Acontece em todos os espaços em que os alunos se encontram, ou seja, na sala de aula com seus respectivos professores, nos Estudos de Recuperação, na biblioteca... enfim, todos estão se organizando para que aconteça este momento.

Apesar da escola estar ainda se organizando, (ela foi inaugurada este ano, 05/04/08) a hora do conto e a promoção da leitura está inserida no trabalho diário dos professores. Não há uma espera que só a bibliotecária trabalhe a leitura, todos se mostram preocupados em oportunizar este momento.

ANEXO F –

Respostas da produção textual “Na biblioteca da minha escola, eu...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

Na biblioteca da minha escola, eu...

- Desenvolvo o trabalho da seguinte maneira:

Trabalho com a hora do conto quinzenalmente com as turmas de Educação Infantil, 1º ano, 3ª série e 4ª série.

Geralmente para contar histórias aos alunos pesquiso nos livros do FNDE, ou na escola onde trabalho no turno da tarde “Pedrinho”, o objetivo é levar para os alunos histórias que sejam interessantes.

Depois da história sempre sobra um tempo que aproveito para os alunos recontarem a história, dramatizarem, ou fazerem um trabalho de recorte, pintura, colagem ou um trabalho escrito sobre a mesma.

Geralmente são escolhidos livros considerando a faixa etária dos alunos. Também procuro recursos variados para contar a história e torná-la ainda mais interessante aos alunos. Os recursos utilizados são: retroprojetor, teatro ou bonecos de fantoches, cineminha, etc. Os alunos maiores, às vezes, têm que criar a história e depois representá-la com fantoches. É bem interessante, os alunos participam e gostam muito.

Para as turmas de 5ª séries todas as semanas são entregues livros e eles fazem trabalhos com a professora em sala de aula.

Além deste trabalho que é realizado com os alunos também sou responsável pela organização da biblioteca e para alcançar e divulgar entre os professores livros e materiais para serem trabalhados com os alunos.

No turno da tarde tem uma colega que trabalha em conjunto comigo e realiza o mesmo trabalho.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

Na biblioteca da minha escola, eu...

Trabalho com a Hora do Conto e retirada e devolução de livros. Cada turma da Educação Infantil à 5ª série (no turno da manhã) tem semanalmente 1 hora de hora do conto. Procuro desenvolver atividades de acordo com a turma (faixa etária), selecionando livros e técnicas que sejam o mais interessante possível.

Durante a retirada e devolução os alunos se dirigem as estantes e escolhem os “livros” que gostam (gibis, literatura infantil/juvenil, contos, revistas, enciclopédias, romances,...)

A bibliotecária do turno da tarde repete os mesmos procedimentos e compartilhamos as atividades possíveis, já que ela atende os alunos da Educação Infantil ao 3º ano.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

Na biblioteca da minha escola, eu...

Faço troca de livros dos alunos todas as semanas, organizo as pesquisas que os alunos necessitam fazer separando livros, revistas, todos os materiais, p/ facilitar e ajudar p/ um bom trabalho dos alunos.

Organizo os livros nas prateleiras.

Sempre seleciono os livros p/ os alunos das 1ª e 2ª séries p/ retiradas.

Algumas turmas quando vão fazer retirada, ficam um tempo na biblioteca olhando os livros e após retiram.

Os alunos maiores sempre pedem sugestões do que ler, por isso sempre dou uma lida na contracapa dos livros, para poder indicar.

Apoio nos momentos que os alunos assistem DVD na biblioteca, sendo sempre c/ horário marcado c/ antecipação.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

Na biblioteca da minha escola, eu...

Brinco, pinto, viajo e faço rima. Encontro histórias, amigos, fadas e bandidos. Nela eu posso sonhar, escrever e com as histórias me maravilhar, fazer arte.

A biblioteca da minha escola é toda colorida, espaçosa e bem arejada. É um espaço bem gostoso de ficar. Nela ouvimos histórias, fazemos leituras, trabalhos, pesquisas... adquirimos conhecimento.

A biblioteca da minha escola é usada para tudo um pouco. É por isso que ela é uma maravilha.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

Na biblioteca da minha escola, eu...

- Organizo livros, revistas.

- Faço registro de entradas e saídas.

- Faço retirada de livros a cada sete dias.

- Tenho hora do conto a cada sete dias, com 6 turmas, por uma hora.
- Sempre procuro desenvolver técnicas diferenciadas como: dobraduras, recortes, desenhos, etc.
- Nas quintas é dia de pesquisa para alunos do contraturno.
- Recolho livros das salas diariamente.
- Estou catalogando os livros no computador (minibiblioteca – programa).
- Coloco livros à disposição dos professores de acordo com datas, exemplo: folclore, 7 de setembro, Páscoa,...
- Procuro incentivar a leitura para todos alunos.
- Me sinto muito bem dentro dela.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

Na biblioteca da minha escola, eu...

Trabalho com a Hora do conto desde o 1º ano até a 5ª série, no turno da manhã. (são 10 turmas)

Seleciono o material de acordo com as turmas atendidas naquele dia. Geralmente para as 5ª séries, escolho um conto ou uma história que “penso” estar mais de acordo com seus interesses.

Às vezes a professora pede algo, em especial, então leio, faço uma atividade relativa ao texto e ela continua durante a semana.

Procuro escolher o texto, histórias de acordo com a faixa etária.

Para as crianças até 4ª série, acho fácil trabalhar, tenho mais dificuldade com as 5ªs. Também trabalho com leitura livre.

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

Na biblioteca da minha escola, eu...

Atuo como bibliotecária, mas muitas vezes preciso substituir professor em sala de aula deixando de lado o trabalho de biblioteca. Não temos secretária na escola e também sou destinada a esta função, pois não é culpa da escola, pois, existem setores que são prioridades e não podem ficar sem atendimento.

Quando posso ficar na biblioteca, trabalho com ajuda em pesquisas de alunos e comunidade. Faço a troca de livros uma vez por semana ou quando dá. Realizo a hora do conto de 5ª a 8ª série uma vez por mês, o que ultimamente não tem acontecido por falta de tempo. Uma vez por semana, tinha ficado determinado que o professor (1 disciplina por semana), levaria os alunos até a biblioteca durante um período para pesquisa, ou simplesmente leitura, explorando materiais da sua disciplina. Neste caso eu atuo como auxiliadora do professor e alunos.

Gostaria que a minha biblioteca fosse valorizada, pois ela é linda e tem muito material para ser explorado.

Às vezes fica desorganizada, pois cada um entra lá e pega o que precisa, deixando fora de ordem. Acabamos perdendo o controle.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

Na biblioteca da minha escola, eu...

Desenvolvo atividades quinzenalmente, pois “dividimos” o horário com o EVAM (sala de informática). Então, uma semana é de Biblioteca (todos os alunos, em seu horário específico da semana vão para a biblioteca, 50 minutos) e a outra semana têm o EVAM.

Começo a aula sempre com o conto, que varia muito, às vezes é de livro, outras vezes é história que não consigo o livro, mas leio da folha ou conto sem ler. Os gêneros também variam. Após o conto realizo uma atividade e em seguida, terminada a atividade, os alunos retiram livros como empréstimo, podendo ficar com ele por uma semana.

Na semana que não há trabalho de biblioteca com os alunos, este espaço pode ser utilizado pelos professores e também para pesquisa.

Enfim, normalmente, em todas as aulas acontece uma contação de história, que às vezes também pode ser o aluno, ou grupo de alunos, contando e criando histórias. Na maioria das vezes os alunos realizam uma atividade artística sobre o conto e no final realizam a escolha de livros para levar.

Procuro sempre planejar atividades que eles consigam realizar neste tempo de 50 min, mas se não terminarem eles podem levar para terminar em sala de aula.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

Na biblioteca da minha escola, eu...

A hora do conto acontece semanalmente, a metade da turma vem pra biblioteca enquanto a outra metade vai pra informática no período de 40 minutos. Durante este período, os alunos podem ler, assistir pequenos filmes, escutar histórias, recontar as histórias através de desenhos, usando fantoches ou simplesmente contando o que mais gostaram... às vezes proponho uma leitura em duplas, outras, em grande grupo, cada um lendo um parágrafo. Alguns alunos gostam de jogar (montar palavras), outros gostam de “mexer”, olhar os livros nas prateleiras, uns pedem o jornal pra ler naquele momento.

Eu tenho um planejamento, porém deixo, permito que todos fiquem à vontade, desde que estejam envolvidos com a leitura.

Nos últimos minutos, eu peço que façam a retirada, ou, a troca de livrinhos com registro, onde sugiro alguns títulos, ou busco algum título que eles pedem nas estantes.

Isto tudo acontece quando não tenho que substituir.

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

Na biblioteca da minha escola, eu...

A hora do conto na escola ocorre de quinze em quinze dias, alternando com a hora de informática. Foi feito um horário para cada turma com duração aproximada de 45 minutos.

A contação da história em si ocorre a partir de uma apresentação prévia da mesma para os alunos, onde leio o nome da mesma, autor, ilustrador e por parte deles ocorre algumas colocações ou melhor especulações sobre o que ocorre na narrativa. Procuro na semana anterior a contação, planejar, escolher a história a ser contada me familiarizar com mesma para que a narrativa torne-se mais atraente.

Depois que conto a história faço um comentário com os alunos sobre a mesma, eles falam sobre o que mais gostaram, etc e também é feita alguma atividade relacionada com o que eles ouviram, às vezes sim às vezes, não, esta é feita de diferentes formas, oral, ilustrativa, dobradura, etc.

A maioria das crianças gostam desta hora do conto e demonstram este gostar.

* Uma observação eles gostam das histórias tradicionais do que as mais atuais.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

Na biblioteca da minha escola, eu...

Registro os livros novos, distribuo livros para os professores de Língua Portuguesa para serem lidos pelos alunos. Atendo pesquisas diariamente. Hora do conto é realizada através de um Projeto Ambiental feito por outra professora. Substituo professores que faltam. Na biblioteca também ocorrem: reforço escolar e sala de vídeo (falta de espaço). Leciono para uma turma de 5ª série, Língua Portuguesa. No recreio, atendo os alunos que desejam ler naquele período. Empréstimo livros somente para aqueles alunos que querem ler e sentem necessidade, não usando um horário específico para retirada dos mesmos.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

Na biblioteca da minha escola, eu...

Atendo os alunos diariamente para a retirada de livros e a realização de pesquisas solicitadas pelos professores.

Não estamos realizando a hora do conto por causa desses atendimentos, pois, além desses, também fazemos as cópias xerox solicitadas pelos professores da escola e da comunidade em geral e, quando necessário, a substituição de algum professor em sua sala de aula.

Toda a organização dos livros (retirada, registro e empréstimo) tanto dos didáticos quanto dos de literatura fica ao nosso encargo. Todas as turmas retiram e devolvem os livros de literatura semanalmente. Recebemos os alunos, os professores e a comunidade em geral para a pesquisa na qual eles se interessam ou são necessárias para o trabalho em sala de aula.

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

Na biblioteca da minha escola, eu...

Separo os materiais que as professoras pediram, atendo os alunos que estão fazendo trabalhos, separando livros para a pesquisa e auxiliando-os no computador. A impressão desses trabalhos também ficam por minha conta.

Cada turma de 1º ano à 8ª série tem um horário específico para virem à biblioteca retirar e/ou trocar seus livros de literatura.

Por serem muitas turmas, a hora do conto não é realizada pelas bibliotecárias e sim pelas profes do projeto.

Além do que foi descrito anteriormente, a bibliotecária organiza a biblioteca, registra livros novos, faz a devida manutenção nos livros que estão estragados.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

Na biblioteca da minha escola, eu...

Procuo realizar um trabalho criativo, dinâmico, divertido, voltado ao interesse dos alunos e em parceria com a professora regente.

As atividades são planejadas antecipadamente e existe bastante flexibilidade entre a bibliotecária e a professora da turma. A hora do conto acontece a cada quinze dias, sendo intercalada com a retirada de livros. Normalmente a rotina da biblioteca é seguida. Quando não é possível, pois preciso substituir alguma colega que faltou, desenvolvo o trabalho com o aluno durante o meu dia de planejamento. Estou muito satisfeita por estar atuando na biblioteca da escola, pois é um trabalho muito gratificante e interessante (prazeroso).

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

Na biblioteca da minha escola, eu...

Estou organizando os horários para iniciar as atividades de Hora do Conto, provavelmente ainda nesta semana. Como trabalho somente vinte horas, essa atividade será desenvolvida somente no turno da tarde, com as turmas de primeiro e segundo ano.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

Na biblioteca da minha escola, eu...

Faço apenas a retirada de livros, pois ela é muito pequena e este ano recebemos 3 computadores da POSITIVO que foram instalados lá reduzindo ainda mais o espaço. Em fevereiro de 2008 organizei 2 estantes pequenas para colocar os livros infantis que eram destinados à retirada, pois não havia um local só para eles. Antes ele ficavam na estante grande junto com os livros didáticos e isso me incomodava. Espero que tudo melhore com a nova escola que será construída.

Agora os alunos ficam perguntando quando haverá mais retiradas, mas já não dá p/ fazer semanalmente como era antes.

Eu faço a hora do conto na própria sala de aula deles e acho que isso às vezes desestimula, pois eu tenho que insistir para que eles parem de copiar o que está no quadro para que possam entrar no clima da hora do conto.

A limpeza da biblioteca também não está me agradando, pois a pessoa responsável só varre o chão. E eu, tendo rinite, tenho que, às vezes, me indignar e tirar pó de tudo com 1 paninho molhado ou espanador (o que não é bom pro meu nariz KKK).

O acervo não é vasto então procuro livros na E.M.E.F. Olímpio V. Albrecht (onde trabalho à tarde) e na Feevale (onde estudo) para realizar as horas do conto.

Não me acho uma pobre coitada, nem injustiçada, pois este é uma realidade que muitas escolas podem estar passando é apenas um relato do meu cotidiano e de como está organizada a biblioteca. Tento fazer o melhor que posso com o que tenho.

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

Na biblioteca da minha escola, eu...

Sigo uma rotina de ações com os menores, que são as seguintes:

- os alunos mostram, contam ou releem os livros retirados na semana anterior.
- em seguida eu realizo uma atividade com a turma (história).
- último momento os alunos devolvem o livro e fazem a escolha p/ próxima semana.

Já com as turmas de 5ª e 6ª séries, o espaço fica mais livre p/ que eles leiam, procuro sempre fazer alguma sugestão de leitura, também conto algumas histórias, poesias e eles também podem fazer a leitura de assuntos que gostaram.

E também faço retirada de livros com eles.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

Na biblioteca da minha escola, eu...

Realizo o Projeto Hora do Conto, com os alunos de 1º ano a 4ª série. Cada aula tem duração de cinquenta minutos.

As histórias são apresentadas de diferentes maneiras como: através da leitura; oral; com teatro; filmes.

Sempre que há tempo, os alunos realizam atividades relacionadas com a história. Seja esta atividade de pintura, desenho livre, criação de histórias em quadrinhos individual ou em duplas; confecção de fantoches...

Os alunos maiores gostam muito de contarem histórias ao seu contrário, através de uma história já conhecida por eles.

A hora do conto é realizada semanalmente.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

Na biblioteca da minha escola, eu...

E minhas colegas bibliotecárias, cada uma no seu turno, está aplicando uma sistemática adotada desde o início do ano, a partir de um projeto desenvolvido com as ideias da comunidade escolar: planejar a hora do conto com cada professor que trará sua turma, conforme a necessidade e temática pertinente. São observados nível de compreensão, oferecendo assim maior possibilidade de aproveitamento de história contada, baseada na qual o professor da turma seguirá com o trabalho em sala de aula.

Depois um pouco de técnica pessoal procurando criar expectativa para a leitura, curiosidade, aguçando a atenção; objetos figuras, músicas e depois comentários, discussão perguntas “difíceis” para ver quem entendeu a história.

Gostamos também de ampliar os desafios, como as “perguntas difíceis” com “encontre entre os livros o texto que foi trabalhado”, que normalmente é um poema, dele não se revela título ou autor – pensando também nas turmas de área, pois realizamos hora do conto até a oitava série.

Leitura compartilhada de peça de teatro com direito a comentários sobre o texto e explicações.

Quanto maiores, os alunos são incentivados a seguir as leituras sozinhos, ou seja, começamos narrativas cada vez mais longas e eles se organizam por interesse em continuar.

São diversas tentativas que se baseiam na inventividade do professor regente junto comigo, de acordo com o que possa realmente, o mais possível, mobilizar os grupos. Às vezes dá certo, outras não.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

Na biblioteca da minha escola, eu...

Chego pela manhã, organizo os materiais que serão utilizados na hora do conto e em seguida busco as turmas que terão hora do conto neste dia. Geralmente a hora do conto acontece nos 1ºs períodos da manhã. Após organizo os livros para aguardar as turmas que terão retiradas e guardo os livros devolvidos. Quando não estou com alunos, utilizo o tempo disponível registrando materiais, arrumando livros que precisam de reparos e pesquisando histórias para usar na hora do Conto.

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

Na biblioteca da minha escola, eu...

Na Biblioteca Monteiro Lobato, atendo as turmas de 1ºs anos a 4ª série, com projeto Hora do Conto, que ocorre semanalmente, com carga horária de 30 min. por turma. Quando há tempo disponível, promovo momentos de leitura livre para que as crianças possam manusear os livros e escolher a leitura que mais lhe agrada, conforme Cecília Meireles, a verdadeira literatura infantil é aquela que o aluno, a criança escolhe.

Além disso, as turmas, de 2ºs anos a 5ª séries tem horário semanal para retirada de livros.

Atualmente, estamos sem o espaço da biblioteca para a Hora do Conto pois, os estudos de recuperação estão ocorrendo nesse local, por isso realizo a atividade nas salas de aula, da melhor maneira possível. Também estou iniciando o projeto “Vila Progresso: o encanto dos contos que o povo conta” trazendo pessoas da comunidade para a contação de história e, a Leitura em Família através da Sacola Ambulante, apesar dos empecilhos que venho encontrando.

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

Na biblioteca da minha escola, eu...

Conto história. Este ano iniciou dia 19/08. O atraso se deu devido a falta de professoras, e eu tendo que entrar em sala.

Agora, atendo 23 turmas, das 7h30min às 11h30min, e das 13h15min às 17h15min. São turmas do 1º ano à 4ª série. Procuo sempre ler os livros antes de trabalhar, para contar, mudando a voz, fazendo gestos...

Os alunos gostam, pois faço da biblioteca um ambiente gostoso e acolhedor.

Na biblioteca da minha escola eu faço meus alunos viajarem no mundo da fantasia e saírem da hora do conto, sempre com a vontade de continuar trabalhando a história na sala de aula.

Atendo a metade da turma, e a outra metade vai para o EVAM. Fotografo bastante e me sinto realizada com o trabalho que desenvolvo.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

Na biblioteca da minha escola, eu...

Desenvolvo a HORA DO CONTO, quinzenalmente, com 45 minutos de duração. Neste momento, procuro fazer atividades que envolvam a parte literária, mas de uma forma descontraída. Os alunos veem até a Biblioteca para escutar histórias, também ler histórias que eles próprios escolham, produzir histórias coletivas, realizar brincadeiras e atividades diversas a partir das histórias, além de momentos em que eles viram os “contadores de histórias” (que aliás eles gostam muito).

Como o tempo em que participam da Hora do Conto é pouco, muitas vezes começamos as atividades e vamos finalizá-las 2 ou 3 encontros depois.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

Na biblioteca da minha escola, eu...

Faço a hora do Conto toda semana (mas muitas vezes tenho que substituir), as crianças retiram livros, também semanalmente.

A hora do conto sempre é planejada anteriormente, se possível uso alguma técnica para contação (avental, fantoche, retro, dvd), após realizo algum trabalho ou somente conversação ou dramatização.

Os trabalhos algumas vezes são p/ ilustração; dobraduras, fantoches, etc.

Algumas turmas gostam de fazer teatro então tento adaptar alguma história ou eles criam as histórias usando fantoches.

Sempre tento fazer algo diferente e que desperte neles a curiosidade sobre os livros.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

Na biblioteca da minha escola, eu...

Na medida do possível, procuro conversar antes com as professoras das turmas para inteirar-me do assunto trabalhado em sala de aula para buscar uma “história”, “conto”, que possa ir de encontro com o trabalho desenvolvido para que não fique um atividade fragmentada.

Busco também histórias diferentes das que eles conhecem e que tratam temas que envolvem a convivência e socialização, solidariedade, amizade, o diferente, etc...

Durante a contação na biblioteca gostam de ficar sentados nas almofadas e interagem com a história, muitos alunos confeccionam desenhos, ou (fazem) constroem com sucatas o personagem ou aquele que mais gostaram da história.

ANEXO G –

Respostas do questionário – obras trabalhadas

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
- A Formiguinha e a Neve
- Clássicos da Literatura Infantil

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
Os alunos puderam interagir durante a história.
Porque eles se identificam com os personagens.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
Tudo por um pacote de amendoim
Autoras: Gládis Maria Ferrão Barcellos e Carolina Manfro de Oliveira

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
- Primeiramente destaco as ilustrações do livro;
- A sequência de acontecimentos com os personagens;
- A interação dos alunos na sequência dos fatos da história.
- A expectativa de como seria o final da história;
- Além do livro, acompanhamento da história no flanelógrafo, com os personagens sendo, fixados na ordem em que apareciam na história.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
História dos Três porquinhos
“Os três porquinhos”

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
Acredito que os motivos das crianças gostarem desta história é de vivenciarem um suspense do lobo, do medo. Os alunos se realizam quando o lobo é derrotado. E também fazem uma relação com vida deles com a família, pois trabalha a relação com os irmãos e a união deles. Ilustração bonita, colorida.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
A casa sonolenta (Audrey Wood)
Ilustração: Don Wood

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
* Sonoridade da escrita
* O colorido das páginas
* As figuras muito engraçadas.
O motivo principal: brincamos de representar a história no tapete da biblioteca. Eles gostaram muito de “tentar” fazer com que 6 personagens ficassem amontoados um em cima do outro, em silêncio, dormindo. Foi muito engraçado.
Depois dessa brincadeira fizemos o desenho de cada personagem, recortamos e montamos em cima de uma grande cama de papel pardo.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
O domador de monstros (Ana Maria Machado)

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
- Trabalhar com medos.
- Todas as pessoas, um dia, tiveram medo de sombras na parede, no quarto, ...
- Eles veem que o medo não é só deles.
- Uma maneira diferente de ver o medo.

- Como enfrentá-lo.
- Cada um inventou o seu monstro, após as professoras também fizeram trabalhos sobre a história.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

A vendedora de fósforos

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
 - Em 1º lugar eu destacaria a forma de apresentação: li as duas versões. (livro e conto retirado de um site)
 - Do 1º ano à 3ª série, li o livro que acaba com final feliz.
 - De 4ª a 5ª série, li os dois (final feliz e o conto onde a menina morre)
 - Fizemos uma análise primeiramente individual de cada leitura com personagens, atitudes e finais;
 - Após trabalhamos na comparação de ambos.

Mas o que mais entusiasmou as turmas foi o poder de criar, modificar ambos os finais.

Fiquei feliz pois a maioria das crianças discutiu muito sobre a parte moral da história.

Foi um trabalho que quando terminou eles manifestaram alegria por ter realizado.

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

O baú secreto da vovó

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Não trabalhei com os pequenos e sim de 5ª a 8ª. Adoram a história e posteriormente envolvi-os numa atividade, onde eu trouxe um baú com vários objetos e criaram histórias na sequência em que iam pegando os objetos de dentro do baú. Trabalhamos as memórias e fizemos uma exposição de objetos antigos.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

- 1) Murucututu, a grande coruja da noite – Marcos Bagno
- 2) Zé Burrardo – Ricardo Azevedo

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

- 1) Os alunos menores adoraram acreditar por ter mistério, um pouco de magia, expectativa, suspense ... As ilustrações agradaram.
- 2) Deram muita risada, os maiores gostam de histórias engraçadas e de aventura.
Também lembrei-me que gostaram de “Marcelo, marmelo, martelo” – Ruth Rocha, principalmente dos nomes diferentes que o menino dá as coisas. Gostaram de fazer o trabalho com rimas.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Bom dia todas as cores

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

- As cores
- Os bichinhos
- A história nos ensina que não devemos ser “Maria vai com as outras”. Que não podemos mudar só porque os outros querem....

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

O macaco e a boneca de cera

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Penso que eles tenham gostado da história porque o animal protagonista teve atitudes muito “espertas”, mas que no decorrer e no final da mesma ele pagou caro por querer ser espertalhão.

Além disso acredito que por eu ter também gostado da obra, na hora em que contei esta tenha atraído a atenção deles, pois acredito que para a história ser atrativa o contador precisa ter escolhido ela e ter gostado, o contar por contar, não atrai pois fica solto sem gosto.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Contos africanos

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Os alunos ficaram bastante concentrados ouvindo com atenção a narração feita pela professora.

No final da leitura, os alunos comentaram sobre a criatividade do livro, a imaginação e surpresa do desfecho.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Quem decifrou o código Leonardo?

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Essa obra foi contada para os alunos em partes (capítulos). A cada aula eu lia uma parte da obra e os alunos participavam efetivamente da leitura, decifrando os códigos, realizando as descobertas e interferindo na solução do caso.

Esse trabalho foi realizado ao longo de uns dois meses, mesmo assim, continuava despertando o interesse dos alunos até a sua conclusão.

É importante ressaltar que a obra não foi simplesmente lida pela professora e ouvida pelos alunos. Ora era lida, ora contada, ora apresentada por imagens, ora decifrada pelos alunos. Enfim, foi realizada de forma interativa.

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Não foi a obra que mais gostaram, e sim uma das que mais gostaram; Ovelha negra, eu? – Liliane Silva Greuner

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Por conhecerem a autora já que ela já fez uma hora do conto na escola;

Devido a autora ter comentado desta obra;

Pelo conteúdo da narrativa; a mensagem que passa é muito importante e muito comentada atualmente.

É uma literatura bem acessível, fácil de se entender, eles logo captaram a mensagem e adoraram as imagens.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Coleção Monteiro Lobato / Sítio do Picapau Amarelo e seus personagens.

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

- histórias criativas que estimulam a imaginação;

- as crianças se identificam com os personagens;

- linguagem simples, acessível, de fácil entendimento;

- histórias que “prendem” a atenção;

- a obra envolve assuntos como: a fantasia, os medos infantis, ética e valores, amizade, família, diversão, cultura geral...

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

O Rei Maluco e a Rainha Mais Ainda de Fernanda Lopes de Almeida.

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
- Personagens: uma menina e uma formiga falante e intrometida
- Apresentação gráfica e ilustrações do livro
- Conteúdo da história propriamente dita (embora o livro não tenha sido contado na sua totalidade ainda).

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
A obra não li de um livro, pois era muito extenso e fiz um resumo foi o Pequeno Príncipe, mas um livro que os alunos gostaram muito foi “Ovelha negra, eu?”, de Liliane Silva Greuner.
- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
O Pequeno Príncipe pelo álbum seriado que estava muito chamativo, colorido, pela história tratar de assuntos como: amizade, morte, viagem pelos planetas.
Já no livro “Ovelha negra, eu?” tratamos sobre a fofoca, a interpretação errônea do que ouvimos, os apelidos que os colegas colocam uns nos outros, deu bastante base para estas discussões. Também realizamos um trabalho de construir uma maquete do Sítio do Seu Aristides com todas as ovelhas e outros animais.

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
O catador de pensamentos (Monika Feth – Antoni Boratynski)
- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
- Ser uma história que brinca, que usa muito da imaginação.
- O tema da história ser diferente, mas ao mesmo tempo que faz parte do dia-a-dia de todos.
- O colorido do livro.
- O fato da história ter me encantado, então você conta com um empolgação diferente.
- Foi uma história que permitiu uma pré-leitura, leitura descoberta e um pós leitura muito gostoso de fazer com eles.
- Ser uma história com acontecimentos bem narrados e bem ilustrados.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
Nós – autora Eva Furnari
- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
Os motivos que me chamaram a atenção pela preferência das crianças foram:
Na história a menina, personagem principal, era muito atrapalhada. E cada vez que algo acontecia aparecia um nó em um das partes de seu corpo. Percebi que isso causava nas crianças bastante expectativas e curiosidade de como acabaria a história.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*
Lobo negro (Antoine Sinlloppé)
- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*
É um livro de imagens com o qual trabalhei até a 8ª série, nas séries finais.
Os alunos compunham a leitura junto comigo e meu enfoque era a estrutura narrativa. Creio que, em primeiro lugar, a clareza das imagens, só num jogo branco e preto chamou muito a atenção dos alunos, recalçado pelo mistério e terror que foram “induzidos” a vivenciar diante da expectativa que as imagens sugerem. Entre o branco e preto também, lê-se claro/escuro, ou o que aparece e o que não aparece, aumentando o suspense.
Outro motivo muito importante foi a novidade do livro sem escrita gráfica, onde as páginas eram viradas lentamente e as hipóteses de leitura eram confirmadas ou não, divertindo “cada leitor” num desafio de erro e acerto pessoal e coletivo.
Quis também fazer relações com jogo mental que se monta quando se lê, segundo Kaufmann.

Outra coisa que lhes ficou bem marcada foi a importância da antecipação de detalhes que vão culminar em fatos que vão redirecionar o enredo.

A surpresa do final acaba por não ser tão inusitada, pois todos já faziam uma pré-leitura de que a professora do conto não traria uma história sangrenta e cruel!!

Gostaria de ressaltar as imagens como verdadeiras obras de arte, onde se explora a imagem cinematográfica.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Os Três porquinhos (contos fantásticos das trigêmeas).

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

- Por ser uma versão um pouco diferente da tradicional (que eles conheciam).

- Por ser uma versão moderna. Mais próxima da realidade que eles vivem.

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Como nasceu a alegria, de Rubem Alves.

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Em primeiro lugar, destaco a história em si, que traz o tema INCLUSÃO; (... Num lindo e grande jardim, onde todas flores são igualmente belas, porém muito vaidosas e por isso infelizes, nasce FLORINHA, que, ao nascer, rasga uma de suas pétalas em um espinho tornando-se “diferente”.) é uma história muito linda, vale conferir!

Outro motivo que prendeu a atenção do grupo foi a forma de apresentação que fiz utilizando avental e figuras em e.v.a., bem como, a própria ilustração do livro, que é rica em detalhes e cores.

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Viviana – Rainha do Pijama (Steve Webb) – Salamandra.

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

- É um livro para ler e brincar;

- Livro colorido;

- Têm surpresas;

- Trabalha a curiosidade das crianças;

- Fala de animais;

- Tem questionamentos;

- Trabalha mapas, localização – Geografia

- Correspondências;

- Pode ser dramatizado;

* Enfim, é um livro muito bacana e faz com que as crianças fiquem totalmente ligados na história.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

Uma história que as crianças e os adolescentes, gostam muito de ouvir é “O dragão que era lagarto”, de Flávio de Souza.

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Esta história é um conto de fadas muito moderno e divertido, por esse motivo desperta a imaginação do aluno. Além de que, a obra tem poucas Figuras, ou seja, ilustrações, e assim, precisam imaginar, criar tanto as personagens quanto o ambiente em que ocorre a narrativa.

Vários aspectos da história remetem o leitor para a sua realidade, o que aproxima-o mais ainda com o conto. Principalmente, o adolescente.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

O homem que amava caixas

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

Essa obra foi uma das que mais eles gostaram, ouve outras também, mas eu escolhi esta por ter causado neles muita reflexão sobre os sentimentos e o podemos fazer para conseguir demonstrá-los. Após confeccionamos coisas com caixas, observamos o que poderíamos guardar nelas, para quem dá-las. Foi muito produtivo, após trabalhei a poesia “Caixinha mágica”, da Roseana Murray.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

- *Qual a obra que as crianças mais gostaram de ouvir na hora do conto?*

A velhinha maluquete (Ana Maria Machado)

- *Quais motivos que você destacaria para as crianças terem gostado de ouvir essa obra?*

A história – enredo;

As ilustrações;

Quanto a fala dos animais, fiz a imitação, dei vida a cada personagem;

E o principal, o que a história ensina (o que se promete se deve cumprir); procuro sempre dialogar com os alunos do que fala a história, fazendo relação com nossas ações no dia-a-dia.

ANEXO H –

Respostas da produção textual “Participando deste Curso, eu busco...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

Participando deste Curso, eu busco...

- adquirir novos conhecimentos
- melhorar minha prática
- sugestões de Literatura Infantil para serem trabalhadas na hora do conto (novidades)
- despertar no aluno o gosto e o interesse pela leitura.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

Participando deste Curso, eu busco...

Enriquecer o meu trabalho na biblioteca através das sugestões de atividades e técnicas trabalhadas, levando o educando a tornar-se mais participativo, curioso, questionador frente ao “mundo da leitura”.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

Participando deste Curso, eu busco...

Um maior conhecimento para trabalhar com os alunos na biblioteca.

Acredito que este trabalho deve ser feito com respeito, compromisso e carinho, para podermos passar a importância da leitura na vida das pessoas.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

Participando deste Curso, eu busco...

Aprimorar o meu conhecimento na literatura infantil para poder tornar a biblioteca um espaço ainda mais interessante e agradável.

Tenho formação em Letras e sempre gostei muito de brincar com a literatura infantil com meus alunos. Mas, refletindo sobre as ações em sala de aula e, atualmente, na biblioteca, sei que é necessário renovar e buscar “novidades” sempre.

Busco: * sugestões de trabalho;
* técnicas de contação de histórias;
* renovação do conhecimento;
* prazer na participação.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

Participando deste Curso, eu busco...

- Aprender novas técnicas de contar.
- Maneiras ou outras maneiras de incentivar à leitura.
- * Como ensinar os alunos:
 - manusear os livros
 - escolher conforme os gostos
 - conhecer novos autores, novos livros, revistas, ...
 - gostar de ler.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

Participando deste Curso, eu busco...

Informações a respeito de coisas novas e ou já esquecidas.

Motivação para continuar o trabalho e, principalmente, aprender, através do próprio curso, como transmitir o que estou fazendo para o meu grupo da escola. Preciso motivar o corpo docente para que os professores estimulem e deem a atenção devida à leitura, na biblioteca.

Quero conhecer, saber e vivenciar coisas referentes à literatura (de novo: motivação infantil e pré-adolescente)

Já estou entusiasmada com os passeios, pois não conheço nenhum deles. Só vou à Feira do Livro (P.A.)

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

Participando deste Curso, eu busco...

Venho buscar novas ideias para que eu possa usar em sala de aula e na biblioteca, pois tenho turmas de Hora do Conto de 5ª a 8ª séries e às vezes me sinto perdida, pois, minha área é currículo, onde me sinto mais à vontade, mas tento improvisar e a maioria das vezes me saio bem.

A troca de experiências é muito bom, temos aberto novos horizontes, aperfeiçoando nossos conhecimentos e enriquecendo a aprendizagem do educando.

Estes encontros devem ter sempre, em todas as disciplinas, pois pouco se reúnem para trocar ideias nas escolas.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

Participando deste Curso, eu busco...

Ajuda para deixar a biblioteca mais interessante. Busco conhecimento para entender a real função de um bibliotecário de escola pública. Enfim, quero que o espaço e o tempo da biblioteca sejam úteis para o aluno e prazeroso também. Gostaria de estar refletindo sobre as minhas ações e enriquecendo minha experiência.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

Participando deste Curso, eu busco...

Melhorar o meu trabalho na biblioteca, fazendo com que os alunos participem efetivamente. Quero também, aprender mais sobre contação de histórias e formação de leitores.

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

Participando deste Curso, eu busco...

Ampliar minha visão na contação de histórias, formas de trabalhar outras leituras e um melhor aproveitamento da hora do conto.

As trocas que ocorrem nestes encontros são muito importantes, pois só vem enriquecer o nosso trabalho.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

Participando deste Curso, eu busco...

Participando deste curso eu busco aprender mais sobre mundo maravilhosa da literatura.

Desejo me atualizar, conhecendo “dicas” de novos autores e livros.

Solicito uma listagem de novos livros para orientar os alunos quando da escolha feita por eles, assim sugerir algo que desperte a imaginação, criatividade, prazer, valores...

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

Participando deste Curso, eu busco...

Conhecimento.

A oportunidade de participar de um curso específico para a área da biblioteca me deixa muito feliz, pois valoriza o nosso trabalho e nos qualifica para tal.

Já que todas somos professoras de escola, estar na biblioteca, aos olhos de alguns colegas, é não estar exercendo a função de educar, simplesmente estar ocupando um cargo temporário e de menor valor. Eu me orgulho de poder exercer essa função e levar aos alunos o valor da leitura e dos livros, que muitos não tem acesso em casa.

Acredito que com o curso estarei melhor preparada para exercer meu trabalho e, dessa forma, envolver ainda mais meus colegas e os alunos da escola.

Parabéns pela iniciativa!

Tomara que possamos contribuir com a tua formação no mestrado também. Conta comigo!

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

Participando deste Curso, eu busco...

Aperfeiçoamento para o meu trabalho, sugestões de atividades, sugestões de literatura. Troca de experiência entre colegas.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

Participando deste Curso, eu busco...

O aperfeiçoamento, o conhecimento de novas técnicas, novas formas de trabalhar e envolver o leitor no mundo mágico e prazeroso da leitura.

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

Participando deste Curso, eu busco...

A cada dia, aprender algo mais para poder oferecer àqueles com os quais trabalho e que desse trabalho dependem para desenvolver suas aptidões a fim de construírem seu próprio destino e, sempre que possível, melhorar o daqueles que o rodeiam.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

Participando deste Curso, eu busco...

Embasmamento teórico, novas ideias, sugestões de atividades, reflexão da minha prática, contribuir para disseminar o gosto pela leitura nos alunos, ampliar minha visão sobre a leitura e a importância da contação de histórias.

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

Participando deste Curso, eu busco...

Renovar ideias, sugestões de atividades, um maior conhecimento sobre como trabalhar com os alunos o gosto pela leitura.

Melhor conhecimento sobre as diferentes literaturas.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

Participando deste Curso, eu busco...

Trocas de ideias, experiências vivenciadas por meus colegas.

Busco também adquirir novos conhecimentos no campo da literatura para poder depois transmitir para meus alunos este conhecimento adquirido.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

Participando deste Curso, eu busco...

Aprofundar os conhecimentos sobre as leituras que podem dar subsídios a um melhor assessoramento de nosso “leitor em construção (que somos todos também... sempre).

... Buscar formas de organizar este espaço de leitura para que seja bem estimulante e tenha um significado na vida do aluno e da escola.

Pensar a escola – biblioteca / Língua Portuguesa – linguagens culturais, visuais, auditivas?

Criança escreve? Criança lê?

Como não ter medo dos livros?

Libertar as amarras de leitura com intenção didática-pedagógica.

Melhorar o acervo com novas sugestões...

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

Participando deste Curso, eu busco...

Novas ideias, alternativas. Tornar a hora do conto um momento de prazer onde a criança tenha participação ativa.

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

Participando deste Curso, eu busco...

Ampliar conhecimentos sobre literatura, organização de bibliotecas escolares e, principalmente, sobre técnicas de narrativas e contação de histórias, para “prender” e encantar meus alunos.

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

Participando deste Curso, eu busco...

- * Conhecer mais sobre literatura;
- * Conhecer mais autores;
- * Manusear livros;
- * Ouvir histórias;
- * Tirar o máximo proveito dos passeios;
- * Subsídios para o meu trabalho na Biblioteca;
- * Informações sobre como fazer o meu aluno gostar de ler e apreciar mais a Hora do Conto;
- * APRENDER MUITO!

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

Participando deste Curso, eu busco...

Um maior conhecimento teórico e prático dentro desta área que deve ser tão criativa, pois o bibliotecário deve estar em constante atualização e reflexão de sua atuação junto aos educandos e aos educadores também.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

Participando deste Curso, eu busco...

Eu busco o aperfeiçoamento do meu trabalho, acho que a troca entre colegas é muito rica também, e com certeza quero continuar trabalhando com biblioteca e vai ser muito importante esses momentos de estudo.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

Participando deste Curso, eu busco...

Conhecimentos, técnicas e sugestões de leituras específicas para o desenvolvimento do trabalho na biblioteca da escola.

Busco no entanto, o saber fazer para aplicar adequadamente no dia-a-dia com os alunos. Que se torne um trabalho prazeroso para ambas as partes – aluno – professor – bibliotecária...

ANEXO I –

Respostas da produção textual “O que mais me marcou no Curso foi...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

O que mais me marcou no Curso foi...

O curso como um todo. Todas as aulas foram bastante produtivas, consegui aproveitar muitas coisas que aprendi aqui no Curso, na minha prática em sala de aula.

Gostei muito também da organização e do planejamento da professora, penso que isso contribuiu bastante para o sucesso do trabalho.

Sinto que a todo momento houve uma preocupação com a teoria, estabelecendo relação com a prática.

Gostei muito da contação de histórias e da nossa visita à PUC. Enfim, tudo.

Parabéns! Obrigado pelo esforço e dedicação! Sucesso!

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

O que mais me marcou no Curso foi...

Basicamente, todos os encontros do curso foram bastante proveitosos. Desde os encontros c/ mais teorias, e principalmente, as oficinas práticas e os passeios realizados.

Gostei muito das atividades práticas de narrativas (lendas, contos populares e de fadas), histórias em quadrinhos, poesia... As atividades em grupos e posteriores apresentações nos presentearam com uma, infinidade de sugestões de atividades e histórias que podem ser trabalhadas na biblioteca.

Adorei os passeios que realizamos; o encontro com a Paula e o Celso foi maravilhoso; o passeio à Feira do Livro (onde fiz um “rancho” de livros) e a contação de história das contadoras da Cataventus foi ótimo.

Foi muito válida também a troca de experiência com as colegas do curso.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

O que mais me marcou no Curso foi...

As diferentes maneiras e hipóteses para se trabalhar com o aluno.

Um acervo muito grande de livros e sugestões.

Demonstrou muita segurança e conhecimento em apresentar este Curso de Formação.

Katiane, parabéns, pelo teu trabalho, tenho certeza que tive um grande crescimento em relação ao meu trabalho. Te agradeço de coração.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

O que mais me marcou no Curso foi...

Em primeiro lugar, amei as contações de histórias. Passei a conhecer alguns livros que eu não conhecia, ideias e sugestões que eu pudesse usar na minha escola... enfim, adorei estes momentos.

A troca de ideias entre o grupo de colegas também foi muito interessante. Acho que devemos nos organizar para continuarmos com alguns encontros no próximo ano.

Retomar e relembrar textos teóricos sobre a leitura e contação de histórias também foi muito interessante, tanto que, hoje estou com um outro olhar em relação a poesia, pois eu tinha dificuldades de fazer uso dela nas minhas Horas do conto. Hoje já simpatizo mais com elas. Todo curso foi maravilhoso!

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

O que mais me marcou no Curso foi...

- maneiras diferentes de “contar”.

- utilização de histórias em quadrinhos.

- trocas de materiais (histórias, técnicas,...)

- dedicação da Prof^a Katiane, tom de voz, calma,...

Obrigada por tudo.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

O que mais me marcou no Curso foi...

Descobrir a importância que a bibliotecária pode ter na formação de leitores.

“Adorei” o curso, não faltei a nenhum dia.

Gostei muito do que “aprendi” sobre histórias infantis, coisas que não sabia sobre os textos originais.

Acredito que cresci muito durante o curso e mais importante: pretendo levar estes conhecimentos para a “contação de histórias”. As oficinas me ajudaram muito.

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

O que mais me marcou no Curso foi...

Pra mim este curso foi muito importante. Um momento de troca de experiências ajuda no nosso dia-a-dia em sala de aula, enriquece a nossa prática e convivência com os alunos.

Gostaria que para o próximo ano, tivesse continuidade, com esses encontros e também algumas oficinas de hora do conto.

O que mais me marcou neste curso com certeza, foi a dedicação e paciência da Katiane, dando abertura e tirando dúvidas que antes me deixava insegura.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

O que mais me marcou no Curso foi...

Que a formação continuada em serviço nos ajuda a (re) pensar sobre nossa prática e buscar novas ações, enfim é aquele movimento de ação-reflexão-ação.

Através deste curso pude em vários momentos fazer esta conexão teoria e prática e constatar ou reforçar a importância do meu trabalho na escola.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

O que mais me marcou no Curso foi...

A seriedade e envolvimento da Katiane. Em todos os momentos se dispôs a nos ajudar, pontuando o que era mais importante, trazendo informações – leituras necessárias e muitas sugestões pro nosso dia-a-dia.

Parabéns pelo teu trabalho, amiga! É de pessoas assim que as nossas escolas precisam.

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

O que mais me marcou no Curso foi...

A vivência e a troca de experiências, as histórias contadas, as diferentes formas de fazer a contação. Gostei muito de voltar a ouvir histórias, ser apenas a ouvinte foi muito bom me trouxe um pouco de nostalgia as lembranças de infância quando sentava na frente de meu avô com meu irmão e ficávamos ouvindo as histórias que ele nos contava.

Saber que muitas pessoas comungam com a gente sobre a importância do ler, de contar histórias e valorizam as pessoas que estão nas escolas fazendo isto, pois muitas vezes nos sentimos desvalorizadas até pelas próprias colegas que acham que bibliotecária não faz nada.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

O que mais me marcou no Curso foi...

A forma criativa da contação de histórias. Tudo foi um riquíssimo aprendizado para mim. Foi um curso agradável e prazeroso.

Se houver outro, com certeza farei porque aprendi muito neste ano, tudo foi valioso, maravilhoso, excelente, etc.

Agradeço a você por tudo.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

O que mais me marcou no Curso foi...

O envolvimento e o conhecimento da Katiane, sempre muito interessada e preocupada em ensinar tudo (e não é pouco) o que sabe e aprender sempre mais.

O curso foi ótimo, muito enriquecedor, repleto de novidades, principalmente práticas e com um gostinho de quero mais no acréscimo da bibliografia.

Esse curso foi muito marcante e inovador, por sua base teórica e envolvimento prático nas atividades. Parabéns pela iniciativa! Quero mais...!

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

O que mais me marcou no Curso foi...

O planejamento, o domínio do conteúdo e a didática da professora. Adorei todas as histórias que foram contadas e a maneira que foram trabalhadas. Ampliei meus conhecimentos, principalmente nos contos de fadas.

Teve várias sugestões de atividades, todas muito bem boladas e interessantes.

A maneira que foi conduzido o curso pela ministrante (professora Katiane) foi ótima. O domínio do conteúdo e a maneira que nos foi passado me instigou a procurar atividades e leituras sobre o assunto tratado. Estava ótimo o curso!
Iniciativas como esta deveriam ser “sempre” propiciadas a nós.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

O que mais me marcou no Curso foi...

... a interação do grupo durante as trocas de experiências, bem como as atividades propostas e realizadas que vieram de encontro às minhas expectativas, acrescentando aquele algo a mais que faz a diferença.

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

O que mais me marcou no Curso foi...

A alegria e descontração com que foram realizadas todas as atividades e, especialmente, saber que o ato de ler já não é mais considerado uma “mania”, como muitas vezes ouvi dizer, mas um verdadeiro prazer, que encanta e enleva os seres, proporcionando alegria e bem-estar.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

O que mais me marcou no Curso foi...

TUDO!

A teoria foi muito proveitosa, me deu novas ideias e me animou para caprichar mais.

As visitas serviram para ampliar meus conhecimentos e fugir da rotina.

As trocas de experiência foram valiosas.

Todo o curso para mim foi ótimo.

Parabéns Katiane, és uma pessoa muito competente. Espero sempre manter contato contigo. Obrigado.

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

O que mais me marcou no Curso foi...

- Momentos de reflexão sobre a minha atuação enquanto formadora de leitores.

- A participação das oficinas em Porto Alegre, aprendi muito.

- Todos os momentos, as sugestões trazidas, as discussões de teorias, as falas das colegas, me proporcionaram aprendizado.

-Saio do curso com muita vontade de aprender mais sobre como ajudar a tornar os alunos leitores de verdade (críticos), penso que cada etapa do meu aprendizado me faz uma pessoa melhor e por consequência uma professora muito mais preocupada com a minha atuação junto aos alunos da escola em que trabalho.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

O que mais me marcou no Curso foi...

A troca de experiências com as demais colegas. Mas principalmente a parte teórica que foi apresentada durante todo o curso, pois muitos assuntos eu desconhecia.

O curso fez com que eu revisse, a importância do contador de histórias, do sonhador, de sua importância junto aos alunos.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

O que mais me marcou no Curso foi...

Entre muitas coisas foi a seriedade de enfoque em todas as suas partes: tanto de embasar no teórico, como mostrar a prática, permitir a troca entre os diversos trabalhos de cada participante e de acreditar na função pedagógica destes trabalhos, realizando o curso com muita organização, compromisso e alegria afetiva. Parabéns! Adorei.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

O que mais me marcou no Curso foi...

A simplicidade que os temas foram tratados e a diversidade de atividades que podem ser exploradas a partir de uma contação de histórias. Me surpreendi, pois geralmente os cursos fogem da realidade das nossas escolas, e este curso foi muito proveitoso do início ao fim e com materiais acessíveis.

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

O que mais me marcou no Curso foi...

A qualidade apresentada pela ministrante e o comprometimento da mesma para com o que foi proposto. Katiane “TRANSPIRA” o amor pela leitura e dessa forma, contagia a todos.

Cada encontro acrescentou muito; os passeios de estudos (PUC/ CASA MARIO QUINTANA) foram verdadeiros PRESENTES para a alma de quem participou.

Só tenho a dizer, MIL VEZES:

MUITO OBRIGADA!

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

O que mais me marcou no Curso foi...

A simplicidade da Katiane.

O que mais me marcou, foi o aprendizado que levarei comigo para toda a vida.

A cumplicidade entre as colegas.

Os momentos de integração.

Que me marcou foram as reflexões que fizemos, as histórias que ouvimos, os passeios que fizemos, as ideias que trocamos, os livros que conhecemos.

O que me marcou em cada encontro foi a calma da Katiane.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

O que mais me marcou no Curso foi...

O comprometimento da cursista em nos trazer subsídios para o nosso trabalho diário. Além de que, prática e teoria andaram juntas durante todo o curso, o que é muito importante, pois muitas vezes, não temos tempo para a nossa formação.

Gostei muito do grupo também, que mostrou estar interessado na busca de melhorias no seu trabalho.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

O que mais me marcou no Curso foi...

Os agradáveis momentos de troca, que com certeza enriqueceram o meu trabalho.

Acho que a parte teórica foi muito importante, pois teoria e prática tem que andar juntas para podermos saber o que queremos fazer e onde chegar.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

O que mais me marcou no Curso foi...

A interação com colegas, as histórias que ainda não conhecia, as maneiras que se tem de trabalhar a mesma história, indicações bibliográficas e os “passeios” em que conheci autores e contadores de história.

Enfim o curso foi muito interessante e importante para repensar e planejar a biblioteca para 2009.

ANEXO J –

Respostas da produção textual inicial “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Adoram ler os mais variados livros, frequentam a biblioteca não só no turno que estudam mas também no contraturno. A Biblioteca é bem ampla e possui um acervo de livros riquíssimo. Os alunos além de ler costumam criar histórias.

Os professores também costumam retirar livros para ler e frequentemente sugerem livros para serem adquiridos.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Tem a oportunidade de manusear os livrinhos, escolhê-los nas estantes, tendo um espaço bem convidativo, aconchegante (com tapete, almofadas, com poucas classes e cadeiras) para a leitura.

E além do momento da “contação de histórias” pelo professor, a criança teria um momento para as suas leituras pessoais, onde em algumas oportunidades ela também contasse ou fizesse a leitura de alguma história.

Acredito que o ambiente da biblioteca deveria ser “um mundo de faz-de-conta”, um lugar que levasse os leitores a uma viagem, com ilustrações, personagens pintados nas paredes, ou seja, um ambiente motivador/convidativo a leitura.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Vivenciam momentos mágicos de sonhos, pois ao entrarem em contato com os livros, histórias, filmes que são oportunizados e compartilhados vivenciam novos valores para sua formação.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Leem, brincam, escrevem, produzem, sonham.

No espaço da biblioteca elas ficam descontraídas para viajarem no mundo encantado das fantasias que encontram nas histórias e contos. A cada nova página, os olhinhos brilham, encantados com as histórias que ouvem ou encontram nas estantes.

A biblioteca deve ser um espaço descontraído, porém, com uma magia que envolva a criança para um mundo diferente. Um ambiente motivador à leitura, diferente da sala de aula, diferente do quarto de casa, diferente ... Para isso devemos nós, ser responsáveis por esse “diferente”.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Quando escutam as histórias:

- Entram num mundo de imaginação, de sonhos;
- Representam personagens;
- Mostram seu “eu” interior;
- Contam “problemas” relacionados com as histórias;
- Gostam desses momentos;
- Interagem nas histórias por meio de gestos, cantos, imitações, vozes,...
- Manifestam sua criatividade através de diversas técnicas;
- Retiram livros, semanalmente, com isto estimulando a leitura dos mesmos.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Teriam um espaço aconchegante, sem interrupção, principalmente, na hora da contação de histórias.

Haveria livros para todas as faixas etárias, livros que pudessem ser retirados pelas 4ª e 5ª séries, livros para leitura livre e acima de tudo que as professoras responsáveis gostassem realmente do trabalho.

Que professoras de classe e da administração dessem ou reconhecessem a importância da biblioteca dentro da escola e, principalmente, para os alunos.

Mas como, na realidade, não é bem assim espero através da formação criar algumas alternativas que possam melhorar meu trabalho.

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Gostam de estar lá, inclusive na hora do recreio sempre está lotada.

Procuro deixá-los livros para pesquisar e atividades junto à seus professores titulares, orientando na medida do possível e sugerindo ideias de leitura e na hora do Conto participam com muito entusiasmo, até mesmo os alunos de 5ª a 8ª séries.

Espero estar contribuindo para o aprendizado dos alunos em suas pesquisas, refletindo posteriormente nas atividades em sala de aula no dia-a-dia.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Estão rodeadas de livros de todos os tamanhos, também têm muitas fantasias para vestir, fantoches, folhas, tintas, lápis de cor... Há muitos CDs e DVDs de histórias e músicas e também microfone para poder falar. Mas há também uma professora com vontade de fazê-las felizes neste espaço.

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Entram e são livres para ler, contar e ouvir histórias, assistir filmes (desenhos).

É um lugar que elas devem ficar à vontade para criar, discutir assuntos de seu interesse e se informar.

Deve ser um momento prazeroso, onde elas se sintam bem e queiram voltar sempre.

Nesta biblioteca, as crianças podem escolher um livro pra levar emprestado e ficar com ele durante duas semanas, quando será devolvido pra escolher outro.

Esta biblioteca não é a dos meus sonhos, ela existe. É a biblioteca José Bento Monteiro Lobato, no Rui.

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Deveriam demonstrar o gosto pela leitura, apreciar as histórias contadas, ter prazer em ocupar um espaço tão importante da escola que lhes é oportunizado.

Que eles retirassem os livros por conta própria e não por que foram mandados pela professora.

Apenas no olhar dos pequenos podemos observar a delícia que é contar uma história pois eles vivem e se deliciam com ela, pena é que com o passar dos anos isso se perca e para os alunos ler torna-se um tormento.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Deveriam ter um espaço só para si. Atualmente, o espaço da biblioteca está dividido em reforço escolar (2ª, 3ª, 4ª, 5ª), nas sextas-feiras ocorrem a hora do vídeo.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Sonham!

Com essa palavra eu poderia encerrar minha resposta, pois quando as crianças conseguem abrir um livro e com sua leitura sonhar eu acredito que a principal função da leitura consegue se realizar.

Os alunos que frequentam a biblioteca procuram nela algo diferente do que veem no seu dia-a-dia familiar e escolar, portanto elas precisam encontrar livros que a enriqueçam e que a motivem à leitura, além disso, elas querem explorar suas novas ideias e viajar para um mundo às vezes mágico, às vezes real.

Outro interesse que as crianças procuram a biblioteca é para nela encontrar um espaço onde possam estudar, pesquisar e sentir que ali também encontram o conhecimento, pois, para eles, os livros contém aquilo que eles buscam. Em suas casas, muitas vezes, não há livros, ou estes não são valorizados.

Enfim, a criança precisa poder sonhar com o que conhece ou não!

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Têm livros com temas atuais à disposição, em grande quantidade (à vontade), tem literaturas clássicas à sua escolha e estas são trabalhadas em sala de aula, portanto deve haver um número bom de livros de cada tema.

Também tem literaturas simples, fáceis, gostosas de se ler, para simplesmente lerem, sem compromisso nenhum, apenas para adquirir o hábito da leitura.

Os livros infantis são bons, mágicos, de boa qualidade para que não estraguem logo nas mãos dos pimpolhos.

Livros classificados para cada faixa etária, porém à escolha de cada aluno. Cada aluno sabe o tipo de livro que quer ler, que mais chame a sua atenção, que desenvolva a imaginação.

Tem material de pesquisa para os alunos poderem fazer seus trabalhos de aula.

Um espaço com tapete e almofadas para a hora do conto.

Uma biblioteca que nunca feche, nem na hora do recreio, nem no planejamento da professora responsável, para que os alunos sempre que queiram possam ir até lá.

Enfim, um ambiente gostoso, mágico e agradável para todos.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Mergulham no mundo da fantasia, do faz-de-conta, deixando aflorar os sentimentos mais secretos, envolvendo-se na magia e no prazer da leitura.

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Vão à procura de histórias que alimentem seus sonhos infantis.

Lá, cada qual com a sua fantasia, alimenta-se dos sonhos que lhes ofereço. Não importa seu tamanho, nível cognitivo ou classe cultural – uma biblioteca é, para mim, uma grande fábrica de fantasias, destinada a suprir tudo o que uma criança precisa para construir o adulto que ela um dia será.

A biblioteca dos meus sonhos é uma fábrica de felicidade que tem por matéria-prima a alegria que os livros podem oferecer, os ideais que eles podem alicerçar e as bases éticas e morais que podem construir.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Vão retirar livros toda a semana e levam pra casa e devolvem os livros lidos em ótimo estado na data marcada, empolgados para comentar a leitura.

Têm uma vez por semana a hora da leitura em que eles sentam-se em círculo para ler por aproximadamente 30 minutos.

Encontram nas estantes todos os livros que desejam para ler.

O ambiente é amplo, colorido, enfeitado e acolhedor.

Todos têm prazer de ler e pedem mais e mais livros novos.

Tem vários recursos multimídia (tv, vídeo, telão, dvd, rádio, projetor de slides, flanelógrafo, avental, tapete de contação, fantoches, álbuns seriados, rádios, cds, etc)

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Leem, ouvem histórias, contam histórias, inventam histórias, reinventam, tem variados materiais a sua disposição – tem espaço físico e materiais adequados.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Têm a liberdade de criar; de se expressar; de questionar; de argumentar e principalmente de sonhar. De levar a imaginação a todos os cantos do seu mundo real, onde poderá concluir que o sonho possa se tornar realidade.

Através dos diferentes tipos de leitura, na biblioteca dos meus sonhos, eu como educador posso conduzir as minhas crianças a serem cidadãos críticos e conscientes do papel que têm dentro da sociedade.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

E os adolescentes constroem um espaço de aconchego e alegria onde se encontram com o mundo das ideias ricas, grandes, inesperadas, surpreendentes, fortes, emocionantes, divertidas, irônicas, cativantes... É um lugar de mistério e descoberta, sempre aberta, onde nos encontramos também, alunos, monitores, professores, onde procuramos as respostas de nossas perguntas que nos levarão a cada vez mais perguntas e a possíveis criações. É um lugar para desenvolver aspectos que a comunidade escolar cultua com objetivo de ajudar na formação leitora de nossas crianças e adolescentes.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Teriam todos os livros que pudessem imaginar, materiais para confecção de trabalhos, cadeiras confortáveis, um ambiente colorido, aconchegante, estimulante, roupas e fantoches para apresentação de teatros...

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Leem por prazer buscam o conhecimento, a magia e o encanto neste mundo maravilhoso da literatura. Os livros são tratados com respeito e com carinho, manuseados por mãos delicadas, de crianças curiosas que buscam poesias, lendas, contos de fadas!

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Tem que sentir-se à vontade, felizes, descontraídas...

A professora deve receber as crianças com entusiasmo e alegria.

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças devem viajar no mundo encantado dos contos de fadas; devem interagir, devem falar, sugerir e até contar histórias...

As crianças precisam sair satisfeitas e entrar sempre com uma expectativa diferente.

Na biblioteca dos meus sonhos, minhas crianças me fazem virar criança também!

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças devem levar esse “encantamento” para a sala de aula.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Têm espaço para interagir com a mesma, lendo, jogando, pesquisando, participando de atividades diversificadas, como a Hora do Conto, além de terem acesso à uma diversidade de livros e de gêneros literários.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Deveriam ter oportunidade de não só ouvir histórias, mas também de participar delas, criar suas próprias histórias e fazer deste espaço um lugar onde elas pudessem viver um mundo de magia, encantamento e que a criança que existe em cada um deixasse para trás a dor e sofrimento que vivem no seu cotidiano. Ou p/ alguns ser ainda mais feliz.

Gostaria que neste espaço as crianças encontrassem suporte para todas as suas dúvidas, conhecessem o mundo e o acontece nele e isto só seria possível se tivéssemos bibliotecas bem equipadas.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Gostam muito de ler, observar as gravuras (ilustrações) e reinventar a história.

Existe muitos exemplares para que todos tenham acesso.

Uma permanente atualização de livros, tanto infantil, como infanto-juvenil; pesquisa...

A biblioteca deve ser um lugar de trocas de ideias de alunos e professores...

Um lugar mágico onde a imaginação prevalece.

ANEXO K –

Respostas da produção textual final “Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...”

1. Escola de Ensino Fundamental – Barão do Rio Branco

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

São apaixonadas pela leitura, a todo momento são instigadas pelos professores da importância da leitura na vida delas. Visitam a biblioteca sempre que tiverem desejo. Assistem a hora do conto e também tem espaço para contar suas histórias. A biblioteca também é um espaço de reflexão e produção de textos, poesias, letras de música, teatro, etc.

2. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Borges de Medeiros

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Interagem e mergulham com voracidade no mundo da leitura. Viajam na imaginação, na fantasia, no faz-de-conta e estão abertos a novas descobertas.

Demonstram respeito e valorização pelo espaço da biblioteca e pelos livros.

Evidenciam gosto e prazer na leitura de todos os gêneros literários.

3. Escola de Ensino Fundamental – Castro Alves

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Assistem a hora do conto, participam da retirada e troca de livros, assistem filmes, também fazem pesquisa, às vezes, vão ensaiar alguma peça de teatro, ou música.

Auxílio os professores em dispor o material para pesquisa dos alunos.

Passar aos alunos e professores a importância da conservação e cuidados que devemos ter com a biblioteca.

4. Escola de Ensino Fundamental – Henrique Maximiliano Coelho Neto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Viajam, brincam, se divertem e riem. Lá elas discutem, se distraem, contam experiências... são autoras, fazem produções, criam artes.

O local da biblioteca é um espaço onde acontecem muitas atividades diferentes. Como professora desta biblioteca quero que as crianças que frequentam este espaço, sejam leitores frequentes, curiosos, alegres, encantados.

Vou procurar fazer com que este espaço seja cada vez mais valorizado.

5. Escola de Ensino Fundamental – Franz Louis Weinmann

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

- usam a imaginação entrando num mundo de sonhos.

- dramatizam as histórias.

- conseguem desabafar seus problemas.

- fogem da realidade, por alguns momentos.

- leem livros escolhidos de acordo com seus gostos.

- “aprendem” a “gostar” de ler.

6. Escola de Ensino Fundamental – Irmão Weibert

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Possuem uma professora que gosta de livros, de contar histórias e, principalmente, gosta do que faz.

Podem ter acesso (mexer) no acervo literário para escolher o livro (livre) e levá-lo para casa. Esta interação com os livros deverá ajudá-los, certamente, a que venham a gostar de ler.

Tem um acervo razoável para seu uso. Encontram um ambiente alegre, favorável à imaginação e à criatividade. Devem encontrar (ter) momentos prazerosos.

7. Escola de Ensino Fundamental – Prof. José Grimberg

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Os alunos sentem-se à vontade, interagindo na Hora do Conto com prazer. Aumentou o interesse pela leitura após algumas indicações, vejo que é um lugar em que os alunos gostam de estar, mesmo no recreio, recebo bastante alunos interessados em pesquisas e outras leituras.

8. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Osvaldo Aranha

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Continuam sendo o centro de minhas atenções. Lá é o nosso ponto de encontro, mas nem sempre ficamos nela, pois exploramos outros espaços e nem sempre trabalhamos só com livros. Porém, sempre os interesses e necessidades da faixa etária e da cultura do grupo, do contexto é que conduzem as aulas. Tudo isto para que possamos formar leitores e adeptos ao vasto mundo da leitura. Para tanto nesta biblioteca também deverá ter nas prateleiras bons livros p/ que os alunos encontrem ali o que desejam levar p/ casa e quem sabe seduzir outros leitores na família, entre amigos,...

9. Escola de Ensino Fundamental – Rui Barbosa

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Entram e ficam à vontade, contam histórias, criam histórias, leem, escutam as histórias que são contadas, participam com alegria das atividades que são propostas naquele momento e saem falando: - Até a próxima, professora!

10. Escola de Ensino Fundamental – Senador Salgado Filho

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Ouviriam as histórias e também participariam das mesmas, partindo delas o entusiasmo da interação, ao meu ver e falando em relação à minha realidade, os alunos maiores da minha escola que participam da hora do conto dão pouco valor a este momento.

Portanto meu maior sonho seria receber na biblioteca crianças curiosas e felizes por poder usufruir deste espaço, tão especial.

11. Escola de Ensino Fundamental – Zaira Hauschild

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Possam ouvir muitas histórias e imaginá-las. Ler maravilhosos livros (acervo riquíssimo). Que as crianças possam adquirir bons livros de baixo custo. Ter um espaço só seu confortável com sofá, tapete e não ter que dividi-lo com reforço escolar, pesquisa, hora do vídeo e com as crianças que perturbam a aula e são colocadas lá para trabalharem conteúdos.

12. Escola de Ensino Fundamental – Dr. Paulo da Silva Couto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Sonham!

Nos meus sonhos a biblioteca é um lugar encantador, mágico. Lá as crianças entram e viajam na imaginação, encantam-se com os livros e com o que elas podem “ver” através deles.

Da boca das crianças sai um “oh” suspirado, nos olhos brilha uma estrela e na mente “voam” e “povoam” seres reais e imaginários, lugares reais e encantados, além da vida deles que se reinventa.

Nessa biblioteca não precisa haver horários, nem regras, somente a vontade de estar na presença do livro preferido ou daquele no qual a curiosidade fala mais alto.

Enfim, sentir-se à vontade...

13. Escola de Ensino Fundamental – Prof. João Carlos Hohendorff

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Podem ir e vir à vontade, pois a biblioteca está sempre aberta, é um ambiente agradável, amplo, colorido, limpo e com tapetes e almofadas para a hora do conto. A hora do conto é muito legal, as histórias são maravilhosas e a professora é muito criativa. As crianças adoram ouvir as histórias, participar das atividades e trocar os livros.

O acervo da biblioteca é imenso, tem livros para todos os gostos, os lançamentos que estão sendo falados na mídia já estão lá, e vários exemplares, para que todos tenham acesso.

Tem até Internet, para a pesquisa dos alunos, sem contar que todo o acervo está catalogado, em um programa no computador que quando um aluno pede um livro específico, o professor sabe achá-lo facilmente ou dizer se está ou não retirado.

A bibliotecária é simpática, disposta a ajudar e principalmente leitora, que possa indicar livros e trocar experiências com os alunos.

14. Escola de Ensino Fundamental – General Mário Fonseca

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

... tem a oportunidade de fazer parte de um ambiente prazeroso, envolto de criatividade, ludicidade e liberdade de expressão, que estimula a imaginação e incentiva a formação de leitores e apreciadores do mundo literário.

15. Escola de Ensino Fundamental – João Belchior Marques Goulart

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Adoram esse local, retiram muitos livros e apreciam a Hora do Conto. Os pequenos trocam os livros infantis quase que diariamente. Os grandes (da 6ª série em diante) não só retiram e leem, como também pedem sugestões de leitura e gostam de saber que eu conheço a história, para trocarem ideias a respeito do mesmo.

Os pequenos escolhem livros com muita gravura; os maiores escolhem os de suspense, mistério ou terror. Mas sempre, quando devolvem os livros (especialmente os maiores), eles gostam de tecer algum comentário sobre o tema lido, e demonstram seu fascínio pela leitura.

Mas, o melhor de tudo, é que esse sonho já é uma realidade. A grande maioria dos alunos gosta mesmo de ler.

16. Escola de Ensino Fundamental – Arthur Ostermann

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Chegam no espaço que é amplo, arejado, bem iluminado, sentam-se no tapete, pegam as almofadas e ouvem com toda a atenção as histórias que conto para elas. Depois, num outro dia eles vão, passeiam entre as estantes dos livros e escolhem aquele que levarão para ler em casa. E, pontualmente na data marcada, devolvem muito empolgados “loucos” para pegar mais um livro.

Nesta biblioteca há muitos recursos: álbuns seriados, rádio, fantoches, para enriquecer as horas do conto.

E durante as horas do conto os alunos conseguem “viajar” num mundo de imaginação e fantasia, refletindo e aproveitando este momento ao máximo.

17. Escola de Ensino Fundamental – Clodomir Vianna Moog

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Ouvem história, contam histórias, leem, participam de histórias, interagem com autores, sonham, imaginam outros mundos, reinventam e inventam histórias, brincam riem,...

Aprendem a fazer do livro um amigo para a vida toda.

18. Escola de Ensino Fundamental – Senador Alberto Pasqualini

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Possam ter um espaço de troca de experiências.

Na biblioteca dos meus sonhos quero um lugar, onde o aluno venha sonhar e se possível tornar realidade suas esperanças.

Para ser a Biblioteca dos meus sonhos, ela necessariamente não precisa ter toda uma infraestrutura “sonhada é claro”. Quero com certeza na Biblioteca dos meus sonhos ajudar na formação de pessoas conscientes de suas decisões.

19. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Dilza Flores Albrecht

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

E os adolescentes se encontram com um prazer tão humano: o gosto pela narrativa ou “antinarrativa”, querem englobar “tudo” o que trata de livros e que versa a relações entre eles. Um espaço aberto em todos os momentos de onde parte uma “doença” que se espalha por toda a escola: relação livre com livros, entre livros, entre leitores, entre “não-leitores” e/ou ouvintes.

Cantos e recantos com suas especificidades, necessidades, ideias novas: relaxar no tapete, pesquisar nas enciclopédias, percorrer uma organização que permita encontrar o que se deseja, encontrando-se também em si, na escola, no mundo.

O conhecimento através desta forma tão humana e por isso, principalmente, tão prazerosa: relação de ideias que prendam à sua liberdade, autonomia e livre iniciativa na construção do seu conhecimento.

A biblioteca dos meus sonhos é aquela que consegue incentivar esta autonomia, fazendo tentativas a partir dos desejos e expectativas da comunidade que atende.

Ah! Nossa vitória: na biblioteca dos meus sonhos os professores também se sentem atraídos como as crianças e os adolescentes.

Também é um espaço dentro da escola que pode seguir atendendo quem já da escola sair ou quem não conseguiu entrar.

Na biblioteca dos meus sonhos até bibliotecário tem tempo de ler para si.

20. Escola de Ensino Fundamental – Edgard Coelho

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Teriam a disposição materiais para transportar para a realidade o mundo de imaginação que vivem no momento em que ouvem a história. Que os livros nela existentes tivessem “qualidade” e variedade para atender todos os tipos de leitores.

21. Escola de Ensino Fundamental – Maria Edila da Silva Schmidt

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Chegam em busca de livros para ler, pesquisar; para deleitar-se nas horas de folga. A leitura não é obrigação, dever... é PRAZER.

É LÁ nessa biblioteca, que pedem para ouvir histórias para contar suas histórias e “mergulhar” nesse mundo, onde o imaginário é de extrema importância para a formação do SER HUMANO.

22. Escola de Ensino Fundamental – Prof. Álvaro Luís Nunes

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Devem sentir-se bem à vontade.

As crianças vão ouvir, contar e ler muitas histórias.

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças sempre irão me encontrar pronta a levá-los na viagem dos contos de fadas.

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças encontrarão livros de todos os tipos e histórias variadas.

Na biblioteca dos meus sonhos vou ter um espaço para retirada de livros, um espaço para pesquisa e um espaço para contação de histórias.

23. Escola de Ensino Fundamental – Santa Marta

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Interagem com o espaço e suas atividades num todo. A biblioteca deveria ser um lugar onde educando e professor pudessem ter acesso e disponibilidade de descobrir “novos mundos”.

24. Escola de Ensino Fundamental – Loteamento Tancredo Neves

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Terão momentos agradáveis de descobertas, de valorização do imaginário, onde poderão criar, ouvir, contar histórias (histórias escritas e vividas).

Eles estarão em um ambiente agradável, rico em materiais, onde poderão procurar o que é de seu interesse.

Que a biblioteca seja um local de livre acesso para que o aluno possa criar e recriar.

25. Escola de Ensino Fundamental – Padre Orestes Stragliotto

Na biblioteca dos meus sonhos, as crianças...

Adoram ler e criar novas histórias, tem acesso as diversas histórias, das mais antigas as mais modernas, compreendem e interagem com as histórias lidas, valorizam os autores e são incentivadas a serem autores.

São visitadas por autores de histórias que já conhecem e de outras que não conhecem.

Respeitam e conservam o acervo existente.

Aquisição periódica de atualização de acervo tanto para o infantil até ao auxílio do professor.